ALMANAQUE
d'O TICO-TICO
1953
Cr$ 20,00
00001

ALBUM N. 6

Com interessantes desenhos nas dimensões de execução é este album, repleto de idéias para aplicações, tapetes, peneiraus, guarnições. Um tesouro para trabalhos em casa!

PREÇO Cr$ 20,00

ALBUM N. 2

Também podem ser executados em crochê os delicados e lindos motivos oferecidos por este album, para centros de mesa, adôrno de colchas, barras para toalhas de jantar, panos para móveis . . . e tudo mis do gênero!

PREÇO Cr$ 15,00

ALBUM N.° 2

Qualquer que seja o tipo, o estilo, o feitio da blusa bordada... é encontrada nas belíssimas páginas dêste album. Grande variedade de elegantes desenhos, ideais para meninas, mocinhas e senhoras.

PREÇO Cr$ 20,00

ALBUM N.° 1

Para a vivacidade e alegria da roupa de seus filhos, a senhora tem centenas de sugestões neste album. Todos os bichinhos são desenhados em vários tamanhos, facilitando sua aplicação também em toalhas, panos, enfeites...

Cr$ 20,00

INEDITA!
LUXUOSA
DESLUMBRANTE!
VARIADISSIMA!

Preço Cr$ 20,00
Album 230

A mais bela e sugestiva coleção de VESTIDOS DE NOIVA, em páginas que oferecem oportunidade de uma escolha demorada, atenta e consciencioso.

O melhor mentor que possa desejar uma noiva no período inesquecível do preparo do enxoval para o grande dia.

Pormenores de elegância, etiqueta e distinção social da cerimônia. Modêlos de todos os complementos do enxoval, em suas maiores minúcias.

ALBUM N. 233

O bom gôsto, a simplicidade e o aspecto saudável dos desenhos, variados e bonitos, fazem dêste album um guia para as copas e as cozinhas de hoje. Em grande formato, dois magníficos suplementos, utilíssimos!

PREÇO Cr$ 25,00

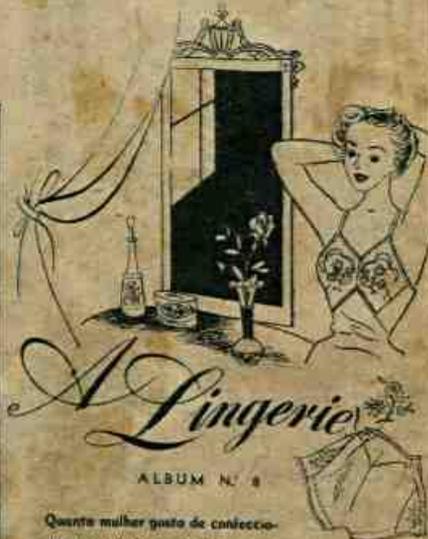
ALBUM N. 6

Realize seus sonhos, encantadora jovem... sendo, ao mesmo tempo, feliz e elegante! Êste album incomparável, sugere, ensina tudo quanto deve figurar em seu enxoval... e tudo quanto deve enfeitar seu lar, como ninho de ventura e distinção.

PREÇO Cr$ 25,00

ALBUM N. 9

Em qualquer lar o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seu espôso com uma linda toalha ou uma formosa colcha que a senhora mesma executará com as facilidades e belezas dos modêlos dêste album, tão prático e distinto.

Cr$ 25,00

ALBUM N.° 8

Quanta mulher gosta de confeccionar sua própria roupa íntima, economizando... e aperfeiçoando seus conhecimentos? Este album orienta o corte, a costura e o bordado de modêlos muito finos e atraentes, duma elegância irrepreensível.

PREÇO CR$ 25,00

ALBUM N. 3

Cheio de motivos graciosos, êste album proporciona a confecção de adoráveis bordados para aventais, vestidos de bonecas, enfeites do lar... desenvolvendo o gôsto da garotada e dando-lhes imagens felizes em modelos que encantam o ambiente.

Estes albuns são editados pela Biblioteca de "Arte de Bordar". Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia. Aceitamos encomendas pelo serviço de reembolso postal. — Pedidos à S. A. MALHO — Rua Senador Dantas, 15-5.° and. Caixa Postal, 880 — Rio — A venda nas livrarias.

ALBUM N. 229

Nunca se reuniu tanta cousa bonita em matéria de riscos e modêlos — para adôrno do lar; para beleza e confôrto da mesa e da cama; para uso pessoal. Apresentando tudo em dimensões para execução. Album que é grande pelo formato e pela utilidade!

PREÇO Cr$ 20,00

ALBUM N. 4

PREÇO Cr$ 25,00

O título diz bem o que é êste deslumbrante álbum da Biblioteca de Arte de Bordar! Todos os riscos — em desenhos modernos, elegantes e atraentes — são apresentados com as mais claras explicações, tornando-os de execução muito simples.

ALBUM N. 9

A graça, a delicadeza, o bem estar do "principezinho" do lar exigem (e merecem...) todos os cuidados! Colaborando com as mães, êste album facilita a confecção, através de riscos admiráveis, de enxovais práticos e lindos para o recem-nascido.

PREÇO Cr$ 25,00

Toalhas Artisticas

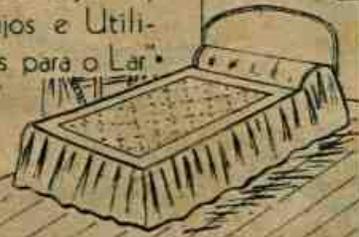
ALBUM N.º 2

Explicações ao alcance de todos transformam em verdadeiro prazer da dona de casa a confecção de encantadoras toalhas — das mais simples às mais luxuosas. Mas todas de muito gôsto. Riscos para bordar na medida da execução.

PREÇO Cr$ 25,00

Album que resolve os problemas das mães que apreciam executar as roupinhas de seus filhos. Modêlos de corte e realização muito facilitados e em grande variedade de estilos e ornamentos.

Não há moça, não há senhora que não encontre tempo para um bordado. E a coletânea da Biblioteca de Arte de Bordar é uma auxiliar preciosa, conforme se vê, mais uma vez, pelos modêlos e explicações dêste valioso album!

PREÇO Cr$ 20,00

ALBUM N.º 232
PREÇO CR$ 25,00

A Mulher moderna terá nêste lindo Album um auxiliar valioso e insubstituivel para tornar o Lar acolhedor e encantador! As mais felizes sugestões para quartos; quartos do Bêbê; salas de refeições; salas de estar! A disposição dos moveis; colocação dos quadros; sofás; poltronas! Cortinas maravilhosas; "abat-jours" encantadores; penteadeiras práticas, bonitas, modernas! O Album que estava faltando, para dar alegria e beleza ao Lar!

Roupinhas do Nênê

ALBUM N. 231

PREÇO Cr$ 25,00

Muito útil e prático, êste album é insubstituivel na confecção do enxoval do jovenzinho que por aí... Poupando tempo, faz que a futura mãe tenha a alegria de, ela mesma, preparar todo o vestuário de seu bebê. Modêlos belissimos!

O LAR A MULHER E A CRIANÇA

PREÇO Cr$ 25,00

ALBUM N. 7

Blusas, camisolas, saias, casaquinhos, pijamas, toalhas, lençóis, guardanapos, barras, monogramas... em riscos de aspecto encantador, fáceis de bordar e muito práticos. Para o bem estar e a beleza do lar, da mulher e da criança!

EDIÇÕES DA BIBLIOTECA "ARTE DE BORDAR"

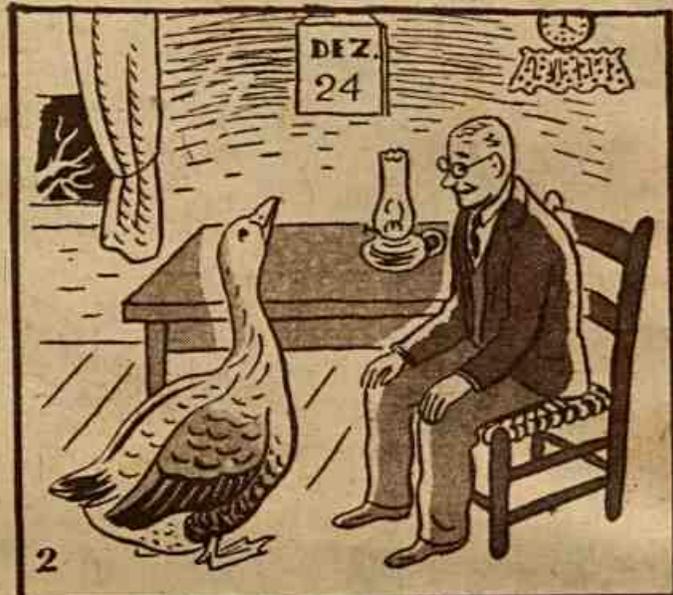
ESTES albuns estão à venda em toda a parte. Não os encontrando na sua livraria ou agencia de revistas, peça-os — fazendo a encomenda com a respectiva importancia, ou pelo Reembolso — à S. A. "O MALHO" — R. Senador Dantas, 15-5.º — RIO DE JANEIRO.

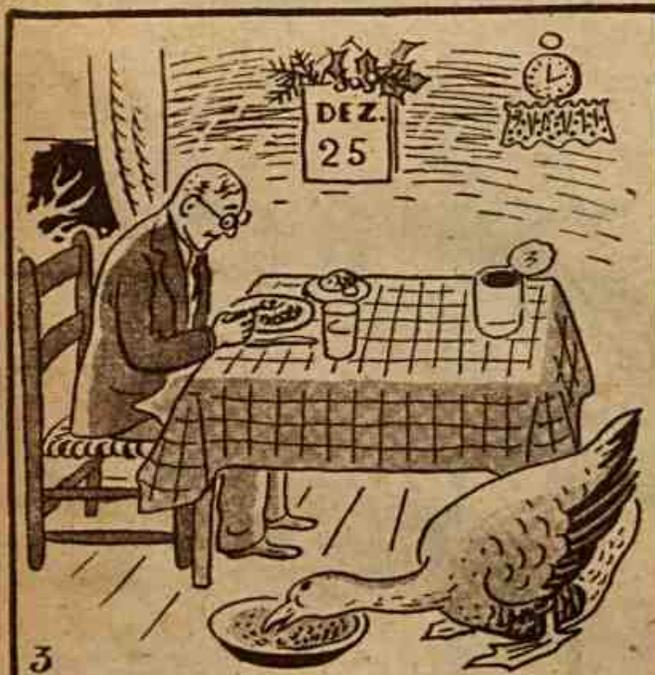
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A EDITORA { S. A. "O MALHO" — RIO DE JANEIRO
RUA SENADOR DANTAS, 15 — 5º ANDAR

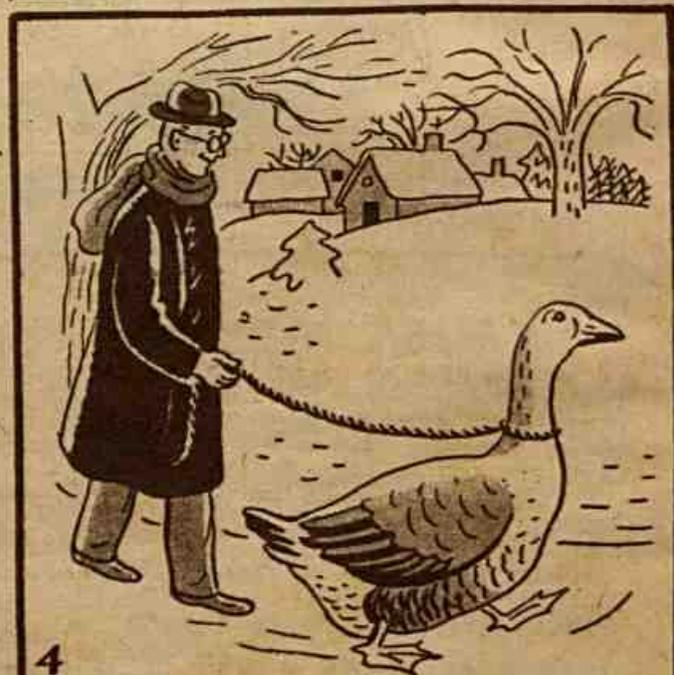
O MELHOR Presente
O BICHO DO CIRCO
UMA COLEÇÃO DE LIVROS DA
BIBLIOTECA INFANTIL d'O TICO-TICO
PREÇO DO
LINDO ESTOJO
COM OS OITO
LIVROS: CR$ 45,00
★
VOLUME
AVULSO
CR$ 5,00
O BICHO DO CIRCO - de Josué Montello
A MULETA DE OURO - de Leonor Posada
AVENTURAS DE RÉCO-RÉCO, BOLÃO E AZEITONA — de Luiz Sá
NO PAÍS DA FANTASIA - de Carlos Manhães
O CIRCO DOS ANIMAIS - de Gaspar Coelho
PINGA FOGO, O DETETIVE ERRADO — de Luiz Sá
AVENTURAS DE CHIQUINHO — de Paulo Affonso
MINHA BABÁ — de J. Carlos
AVENTURAS DE CHIQUINHO
Pedidos à
S. A. "O MALHO"
Senador Dantas, 15-5.° and. - Rio
★★★★★★ ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL ★★★★★★

O GANSO do NATAL

1

Sêo Barnabé comprou um ganso,
gordo, bonito, sem igual,
ave escolhida com carinho
para uma ceia de Natal.

2

Chegando em casa, longo tempo
esteve olhando o animal.
Como era belo! Que plumagem!
Que olhar tão doce e fraternal!

3

Seu coração se encheu de pena
e êle pensou: "Mas, afinal,
por que matar o pobre ganso?
Matá-lo, só porque é Natal?"

4

Deu-lhe um bom prato de comida,
fez-lhe uma casa, no quintal,
e foi passear, levando o ganso...
Sêo Barnabé... é mesmo o tal!

SÃO TÃO BONS QUE NÃO SEI COMO ESCOLHER!
Uma galeria à sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.
125
126
127
128
insinuante
125 — Ordem 64 Suzette. Linda creação de "Mister James" em todas as côrês. Ns. 20 a 27 Cr$ 75,00
126 — Ordem 274 Perfex "Mucasin", UMA MARAVILHA, em superior bezerro vinho ou em verniz solado de borracha. Ns. de 20 a 27. Cr$ 98,00
127 — Ordem 270 Perfex. Magnífico sapato solado de borracha tipo "Airline" em todas as côres. Ns. de 20 a 27. Cr$ 98,00.
128 — Ordem 63 Suzette. Um sapatinho que é um encanto, em todas as côres. Ns. de 20 a 27. Cr$ 75,00.
insinuante
A Sapataria mais querida da Cidade
CARIOCA, 46-48 – SETE DE SETEMBRO, 199-201

Desenhando com a corrente

RECORTE o retângulo onde está a cabeça, em perfil inacabado, do rapaz, e cole-o sôbre papelão. Depois cuidadosamente, perfure com um preguinho os pontos A e B, fazendo passar pelos orifícios uma correntinha fina, de uns 18 centímetros de tamanho, no máximo, fixando seus dois extremos pelo lado de trás, com fita durex (fig. 1).

Deixe sempre o papelão em posição horizontal e, com a ponta de um lápis, ou um estilete qualquer (palito, caneta) vá movendo a corrente (sem riscar o papel) e formando os mais engraçados e variadíssimos perfís que você imaginar (fig. 2).

MOEDAS RARAS

A mais pequena moeda existente nos Estados Unidos é a moeda de prata de três centavos do dólar. Essa moeda foi autorizada em 1851 e desde então cunhou-se todos os anos em Filadelfia, até 1873. Também em 1851, se emitiu em Nova Orleans. No anverso desta pequena moeda vê-se uma estrela de seis pontas com um escudo ao centro com a legenda: "United States of América". A data em baixo. O reverso apresenta um "C" ornamental, onde está incluido o número três em caracteres romanos. A volta, um círculo de treze minusculas estrelas.

Estas moedas,, principalmente a de 1851, e até a de 1862, são consideradas rarissimas.

BOTE AQUI O SEU PÈZINHO,
BOTE AQUI, AO PÉ DO MEU,
PARA VER SE VOCÊ USA
BOM CALÇADO, COMO EU...
A CASA
QUE CALÇA
A ELITE
CARIOCA
Casa do
BASTOS
Rua Uruguaiana 19, esq. com Setè de Setembro,
FONES:
43-5537 e 43 5547
FILIAL
Av. N. S. de Copacabana, 884
Fone: 43-5730

Curiosidades

Certo dia contaram a D. Pedro I que, quando Júlio Cesar entrou triunfante em Roma, o seu carro era puxado por quarenta elefantes; a seguir ia o carro de Marco Aurélio arrastado por leões, e finalmente o de Aureliano, com elegantes veados aos varais.

D. Pedro ouviu sorrindo. Por fim, teve este comentário: "Das duas uma: se foi no Verão, houve muita poeira; se no Inverno, muita lama. Tais são as vaidades do mundo: ou, muito pó, ou muito lodo!".

●

Shamisen é uma palvra japonesa, dada como nome a um instrumento musical de três cordas apenas, sôbre uma caixa quadrada de longo braço, o qual é tangido por meio de plectro de marfim ou então por um anel protetor do dedo indicador. De todos os variados instrumentos de música japonesa, o "shamisen" é o mais vulgar e usado pelas "geishas" de todos os tempos.

●

Francisco I, de França, Henrique IV, de Navarra, adotaram durante a sua vida de reis, lemas cheios de beleza, que por tal motivo se tornaram célebres. Foram êles: De Francisco I: "Nutrisco et extinguo" (Alimento o bom, destruo o mau). De Henrique IV: "In via virtuti nulla est via. (Não há obstáculos para o valor).

Os maometanos de tôdas as seitas jejuavam durante a lua do mês de Ramadan, porque, diziam êles, o "Alcorão" fôra ditado nessa quadra do ano. Brilhantes ornamentações ostentavam os minaretes das mesquitas misteriosas durante tôdas as noi-

— Esqueceste a gravata?!
— Não. Esqueci foi a corrente do cachorro . . .

tes dessa lua. Diz-se mesmo que o imperador Carlos Magno, em 1789, pronunciou a pena de morte contra quantos não observassem rigorosamente as austeridades prescritas para o Ramadan.

●

A mosca vulgar, produz, quando voa, o tom da nota musical "fá"; isto é, as suas minúsculas asas vibram 335 vezes por segundo...

Já as abelhas, nos dão o som da nota "lá" ou o que é bem parecido, efetuando, nessa altura, as suas douradas asas, 440 vibrações, no mesmo espaço de tempo da mosca...

●

As nuvens consideradas mais altas atingem uma elevação de dezesseis quilômetros acima das nossas cabeças. Estas nuvens são brancas, em forma de algodão esfarrapado e costumam ver-se em dias claros. Embora nos pareçam imóveis, caminham com uma velocidade superior a cento e cinquenta quilômetros por hora...

●

A prata e o chumbo encontram-se geralmente juntos, e alguns cientistas crêem, mesmo, que o chumbo se desintegra em prata. Há anos existiu, na Nova Gales do Sul, uma afamadissima mina de cobre que chegou a contar quatro onças de ouro em cada tonelada daquele metal...

Abalizados homens de ciência, que à floricultura dedicam todo o seu saber, dizem-nos que mais de trinta por cento de tôdas as flôres são brancas...

Dorly
é o sabonete
de que as
crianças gostam!
SABONETE
Dorly
PARA O TOUCADOR
SUAVEMENTE PERFUMADO
PREÇO POR PREÇO,
E' O MELHOR!
Sabonete DORLY

BUCÓLICA

Venus brilha. O painel comove a gente.
Como é linda no campo a luz da aurora!
Nuvens rosadas vagam lentamente
O Céu no cálice das flores chora.

O Sol vem dardejando sôbre a Terra,
dourando as plantas, aquecendo os ninhos.
Estão em chama os píncaros da serra.
Raios violáceos ferem os caminhos.

Os ares o arvoredo purifica.
Num vale anda a correr selvagem anta.
A ovelha bala. O galo cocorica.
A vaca muge. O passaredo canta.

Gruguleja o perú. Grassita o pato.
Arrulha o pombo. O pintainho pia.
A rola geme. Berra o boi pacato.
Faz éco a voz da saracura esguia.

Zurra o burro. O cavalo já relincha.
Cacareja a galinha. Ladra o cão.
O inseto zumbe. A macacada guincha.
Parece em festa o singular rincão.

....

Mas surge o Céu azul das fantasias.
E finda a orquestração do alvor dos dias.

HORMINO LYRA

CERTO dia em que um religioso, desejando brincar com S. Tomás de Aquino, lhe disse que chegasse à janela para ver um boi voando, o santo, admirado, correu logo. A meio do caminho, porém, grita-lhe o religioso brincando: "Como acreditaste que um boi podia voar ?" — Ao que S. Tomás respondeu: — "Eu acreditava mais que um boi voasse, do que um religioso, como vós, mentisse !"

GOUNOD E A SUA DISTRAÇÃO

CHARLES Gounod, autor do "Fausto", o extraordinário compositor de fama universal, era imensamente distraído.

Conta-se acerca dessa sua "doença o seguinte: Dando-se Gounod intimamente com Eduard Lockroy, então ministro, certo dia vai à casa deste, e, com o aspecto duma pessoa altamente preocupada, entra como um furacão no gabinete onde o estadista se encontrava.

— Meu caro amigo — diz sem qualquer preâmbulo — venho falar-lhe num assunto de grande importância que muito me preocupa. Por isso, vim tão cedo procurá-lo, pedir-lhe auxílio... Calcule, não dormi nada em toda a noite; estive a ler Platão. Toda a noite a ler Platão. Ah! que extraordinário e admirável é Platão!

Entusiasmou-se de tal modo que começou a proferir uma espécie de conferência, ácerca do famoso filósofo grêgo.

O ministro, claro, não compreendia a que propósito vinha tão larga dissertação. Assim que lhe foi possível interrompeu Gounod, perguntando-lhe:

— Mas, afinal, qual é êsse grave assunto que o trouxe por aqui tão cedo ?

O músico insigne, surpreendido, olhou muito espantado para Lockroy. Ao cabo duns minutos de silêncio, disse:

— Ah! sim, é verdade... Mas, de que se trata afinal ? Veja lá, de todo me passou da idéia... Bem, voltarei cá outra vez. Convenço-me agora de que certamente era assunto sem importância... Mas o meu caro não imagina! Aquele Platão...

SORRISOS E FELICIDADES PARA VOCÊ
VENHA VER A NOSSA SEÇÃO FESTIVAL
E ESCOLHA ENFEITES DE MESA PARA SUAS FESTAS DE ANIVERSARIOS – BATISADOS – COMUNHÃO – CASAMENTOS, ETC... VARIADO SORTIMENTO DE ARTIGOS DE NATAL: PRESÉPIOS, CABANAS E MIUDEZAS.
Casa Mattos
ARTIGOS PARA DESENHO E PINTURA
A AMIGA NUMERO UM DOS ESTUDANTES DO BRASIL
Filial : R. MARIZ E BARROS, 210 Tels. 28-0722 e 48-9228
Matriz : R. RAMALHO ORTIGÃO, 24 Tel. 43-4925 Rêde interna
Filial : R. VISC. DE PIRAJÁ, 84-A IPANEMA—Tel. 27-8292

A CORRENTE DO GOLFO

O "Gulf Stream" é aquele "rio de água quente, correndo entre margens de água fria" que sái do Golfo do México e atravessa o Atlântico para suavizar o clima das regiões que ficam próximas ao seu trajeto.

No inverno, por exemplo, enquanto as águas do Tejo são de temperatura normal, o porto de Nova York, embora à mesma latitude, coalha gelado — e isto apenas por que ali não se sente a benéfica influência da famosa corrente do Golfo.

Enquanto atravessa o oceano, esse caudal de água tépida mantém uma temperatura sempre superior a oito ou dez graus à das águas entre as quais vai correndo, sem que baixe a temperatura, antes pelo contrário, visto que quando chega às paragens frias da Terra Nova vê-se até a água da corrente muito mais azul e fumegante, por se tornar ali mais quente.

Todos os dias, a corrente do Golfo transporta uma quantidade de calor que, avaliada em calorias, se exprime por um número fantástico: 395.000.000.000.000.000.

PENICILINA

O homem entrou na farmácia e pediu ao farmacêutico:

— Faz favor; quero quinhentas mil unidades de penicilina.

— Aqui estão! — respondeu o farmacêutico, tirando uma caixinha da prateleira.

— São quinhentas mil unidades?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Quer fazer o favor de as contar?

RODIN

UMA senhora que, um dia, visitou o "atelier" do grande escultor Rodin, perguntou-lhe como conseguia êle fazer tantas obras-primas.

— E' muito fácil! — exclamou Rodin — Eu agarro uma pedra grande, trago-a para aqui e, depois, tiro-lhe tudo o que ela tem a mais...

TINHA RAZÃO!

UM individuo, recém-saido de um manicômio, discutia com outro.

A certa altura, azedou-se a discussão e o outro disse ao ex-internado:

— Você não tem razão!

— Perdão! Quem não tem razão é o senhor! Ora siga o meu raciocínio, que eu me prezo de raciocinar bem!

— Como pretende o senhor raciocinar bem se acaba de sair de um manicômio?

— Claro! — respondeu êle muito calmo — De nós dois, o único que tem atestado de estar no seu juizo, sou eu!

O ENIGMA...

O médico-assistente do Manicômio estava à janela. Viu abrir-se uma porta e um dos internados sair a correr, em direção ao pau da bandeira. Cuspiu nas mãos e, com uma agilidade verdadeiramente notável, pôs-se a escalar o pau. Chegado em cima, tirou um papel do bolso e fixou-o na ponta do mastro. Desceu e entrou para o pavilhão de onde saíra.

Aquilo fez uma confusão diabólica ao médico. E' que êle observava, de há muito, aquele doente, que sempre se encerrava num mutismo feroz. Talvez, pensava o médico — a explicação daquele complicado caso clínico estivesse naquele pequeno papel branco que o vento agitava na extremidade do pau da bandeira.

Verdadeiro homem de ciência, dos que não desprezam nenhum elemento que possa contribuir para a cura de um doente, o médico deixou que chegasse a noite enquanto ia pensando no assunto....

Então, quando teve a certeza de que ninguém o veria, arranjou uma escada, subiu ao topo do pau e, lá em cima, encontrou um papel que dizia assim:

"FIM DO MASTRO"

OSTRACISMO

Na Grécia antiga, quando um cidadão se tornava demasiado poderoso, e havia perigo de que êle pudesse subverter o govêrno e a ordem pública, o senado e a assembléia popular condenavam-no ao ostracismo. Cada indivíduo depositava numa urna uma concha de ostra com o nome do suspeito, e, se a votação atingisse a mais de 6.000, êle devia desterrar-se voluntariamente da cidade por um prazo determinado, que era geralmente de dez anos, e que tinha por finalidade fazer com que o seu nome fosse esquecido por aqueles que pretendessem apoiá-lo.

No tempo de César, "estádio" significava uma medida itinerária, com a oitava parte de uma milha, ou fosse cento e vinte e cinco passos geométricos. Estes passos equivaliam a duzentos e oito metros e três decímetros.

ALUNO ESPERTO

O professor diz ao aluno:

— Ouve bem o que te digo: Vou fazer duas perguntas difíceis. Se tu me responderes bem à primeira, ficas dispensado de responder à segunda. Ora, então, diz-me lá: quantos cabelos há na cabeça de um adulto?

— 4.987.536.

O professor abre a bôca de espanto.

E pergunta:

— Mas, como é que tu sabes isso?

— Perdão, isso é a segunda pergunta, da qual estou dispensado!

Para fazer na PAREDE

EXEMPLO REAL

QUANDO Carlos V abdicou a coroa, teve, antes de se recolher ao mosteiro, uma conferência com Séldio, embaixador de seu irmão, o imperador Fernando. Essa conferência durou até a meia-noite.

Séldio despediu-se de Carlos, que tocou a campainha para que um criado acompanhasse o embaixador à escada. Ninguem atendeu ao chamado. Carlos pegou então numa vela para acompanhar o embaixador. Este quis impedi-lo, alegando que não era próprio que um monarca tão poderoso tivesse para com êle condescendencias, que até um igual recusaria.

— Séldio, não te esqueças de contar, quando eu partir dêste mundo, que houve um imperador a quem conheceste cercado por exércitos poderosos, servido por nobres e acompanhado por brilhantes guardas. Mas apenas renunciou ao poder, viu-se abandonado até por seus criados, sendo obrigado a acompanhar um amigo até à porta da rua. Reconheço que esta mudança de fortuna procede da divina providência, que quer experimentar-me. Espero poder continuar a resignar-me à vontade de Deus.

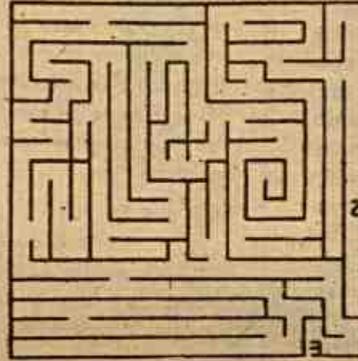
O Oceano Pacífico, chamou-se inicialmente Mar do Sul, nome que lhe foi posto em 1513 pelo espanhol Nunes Balboa. Mais tarde, porém, Fernão de Maganhães atravessando pela primeira vez o Mar do Sul, e achando-o doce e calmo, batizou-o com o nome de Oceano Pacífico.

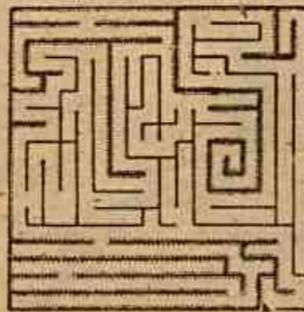
QUANDO alguém se engasga, estando comendo, deve levantar imediatamente o braço esquerdo. O incômodo passa, devido à disposição que dessa forma tomam determinados músculos da garganta.

CABECEAR COM SONO...

TALVEZ o leitor não saiba, mas fica sabendo agora, que a causa de cabecearmos sentados, quando o sono, êsse Deus supremo do esquecimento, quer tomar-nos em seus braços, é devida a uma diminuição de tonicidade dos músculos que sustentam a cabeça. Esta perda de poder voluntário nas pessoas é gradual. Se se tiver um objeto nas mãos, este só se desprenderá dos dedos, caindo, quando o sono nos invadir completamente. A cabeça duma pessoa que adormeça sentada perde gradualmente o esteio dos músculos que a mantêm direita e, a pouco e pouco, vai-se inclinando, com estremeções sacudidos e curtos, até dar por vezes com o queixo no peito. Êsse choque, porém, desperta com fantástica rapidez o poder muscular e faz com que num instante nos indireitemos, muito embora a esse rápido ímpeto de fôrça, suceda o irritante cabecear, que é exatamente o retornar do império do sono, que nos deseja domi-

COMO SAIR DO LABIRINTO?

Não é qualquer pessoa que sabe sair de um labirinto, embora muitas se considerem especialistas em entrar nêles. Imagine, por exemplo, que você tivesse de atravessar um subterrâneo com o traçado da figura, onde os traços representam paredes e as partes em branco corredores de metros e metros de extensão. Como sairia você de lá?

Imagine que tenha de entrar por e E e sair por S. Qual o meio mais fácil para consegui-lo?

A figura inferior mostra qual o melhor recurso a adotar. Basta você se colar a uma das paredes, a da direita, por exemplo, a continuar sempre, sempre e sempre a andar colado a ela. Desse modo, embora faça muitas voltas, e penetre em corredores aparentemente sem resultado, acabará por chegar à saida. Veja a linha de pontinhos e compreenderá isso melhor.

O FUTEBOL

O jogo do futebol, esse desporto favorito da atual geração, já foi quatro vezes proibido, por lei, dentro do seu próprio berço que é a Inglaterra. As datas da proibição foram: 1365, 1471 e 1491. Nessa altura, este desporto, embora na sua fase mais que primitiva, que hoje tanto se aprecia, foi considerado como exercicio brutal, perigoso, causador de desastres e mortes...

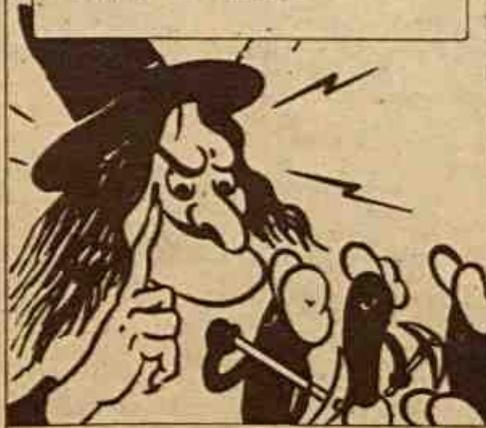
Aprenda isto

Muita gente confunde casamento com esponsais. Esponsais significa apenas noivado, ou melhor, contrato de casamento, a cerimonia desse contrato.

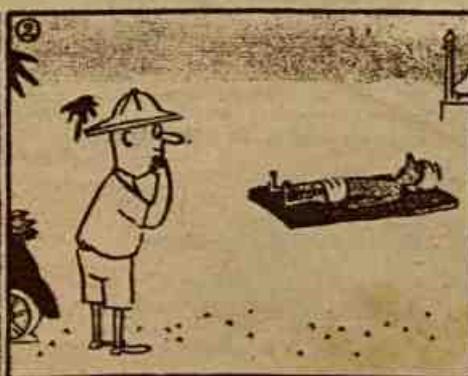
Os musgos e as algas não possuem folhas, embora tenham orgãos que se pareçam com elas. Tais orgãos são chamados "filoides", o que quer, justamente, dizer: "parecido com a folha", "que tem forma de folha".

O horror, a aversão ao sangue, chama-se "hemofobia" ou também "hematofobia".

Hendecagno é o nome que se dá aos polígomos que têm onze lados e onze ângulos. Os versos que têm onze sílabas são chamados hendecassílabos.

Os bufões, ou bobos, que na época feudal serviam nas casas reais e nobres, divertindo os cortesãos, chamam-se "jograis". Usavam êles roupas fortemente coloridas e um barrete com guisos e orelhas de burro. Na mão levavam uma espécie de cétro, para indicar a sua falsa soberania, uma vez que os jograis podiam fazer ou dizer o que bem entendessem, desde, é claro, que o fizessem em tom de pilheria...

O CUCO

O cuco é um pássaro da Europa, cuja fêmea não choca os ovos que põe. Quando chega a época da postura, êle procura os ninhos alheios e neles deposita os seus ovos, deixando aos outros o cuidado de chocá-los e criar depois os filhotes. Uma vez nascidos, os pequenos cucos se desenvolvem ràpidamente e destroem os ovos dos donos do ninho ou atiram fora os seus filhotes tornando-se senhores absolutos da situação. Quinze a vinte dias depois estão completamente desenvolvidos e vão-se embora, dando assim um raro exemplo de ingratidão e egoismo.

A GRANDE IDÉIA SALVOU O EXPLORADOR...

A RAZÃO DE TUDO

(MONÓLOGO)

Há quem viva neste mundo
A gritar, num vozeirão,
Protestando contra tudo,
Muito embora sem razão.

E, no entanto, em silêncio,
Um pacato cidadão
Pode lavrar seu protesto
E tendo toda a razão.

●

Menino muito vadío,
Que não estuda a lição,
Quando, enfim, é reprovado,
O foi com justa razão.

Enquanto um outro, aplicado,
Merecendo distinção
Nos seus exames, é o caso
De lh'a darem, com razão.

Operário que trabalha
Bem, na sua profissão,
Se lhe pagam bom salário
E' com justiça e razão.

Mas a um outro, desleixado,
Que em nada tem perfeição,
Se o despedem do serviço
O fizeram com razão.

A pessoa previdente
Não gasta atôa um tostão;
Pensa bem no seu futuro
E o faz com toda razão.

Mas um tipo gastador
Que do que é seu abre mão,
Se vem se queixar da sorte,
Não, senhor, não tem razão!

Os poetas e sonhadores
Vivem sempre na ilusão...
Porém chega a realidade
E os chamam logo à razão.

Os homens que são mais práticos
Não se iludem assim, não...
Buscam os casos concretos
E eles é que têm razão.

Com sonhos e fantasias
Não se compra mais o pão
E os vendeiros não mais fiam
Fecham o "Caixa" e o "Razão"...

Não nos devemos levar
Por qualquer opinião,
Sem primeiro ver se nela
Existe plena razão.

Assim tambem quando temos
De tomar resolução
E' justo que se procure
Saber se há nisto razão.

Em tudo existe um motivo,
Ou seja uma convenção,
Só no cérebro dos loucos
Não se encontra mais razão.

Mas entre quem tem juizo
E se julga muito são,
Acontece, quase sempre,
Haver doidos, com razão.

— "A razão dá-se a quem tem",
Diz um antigo rifão.
Mas quem tem já não precisa...
Dê-se a quem não tem... razão.

Dizendo aquí estes versos
Estudados de ante-mão,
Não n'o faço sem motivo,
Nem tampouco sem razão.

Tive o intúito de agradar,
Ou por méra distração,
E me esfôrço a fim de que haja
Quem me dê sua razão...

●

Porém, se, ao contrario disto,
Causo grande amolação,
Ao verem que vou saíndo
Todos vão me dar razão...

DOIS MONÓLOGOS de EUSTÓRGIO WANDERLEY

O MELHOR DA FESTA

(MONÓLOGO)

(Entra com a cabeça cheia de ataduras de gaze e "pontos falsos", uma das pálpebras arroxeada, o braço esquerdo em talas, como se estivesse fraturado, e prêso ao peito por uma faixa. Na mão direita uma bengala, à qual se arrima, e anda claudicando de uma perna).

Diz o povo, e com razão,
Na sua infinda loquela,
Que sempre "o melhor da festa
E' a gente esperar por ela".

Sou louco por Carnaval
Pra brincar, me disfarçando,
E, por essa festa alegre,
Eu passo um ano esperando.

Desta vez, que grande pândega!
Vocês nem queiram saber...
Passei quatro dias cheios
E divertí-me a valer.

Quebrei a cabeça, é certo,
Porém não ligo importância;
Pior podia ter sido
Se eu não tivesse elegância...

(Passeia, arrastando uma perna)

Por ela ganhei três premios,
Também pela minha graça:
Duas medalhas de bronze
E de prata linda taça.

Parti um braço no baile,
Porém foi cousa ligeira;
Veio a Assistencia depressa
E encanou desta maneira:

(Mostra o braço)

Quando danso, pulo ou salto,
Onde pisar não escôlho,
Por isso bati no chão
E avariei este ôlho:

(Mostra a pálpebra roxa)

Porém ninguém deu por isso...
Eu estava mascarado
Não se reparou, portanto,
Que eu fiquei de rosto inchado.

Desloquei mais uma perna
Ao dar um pulo sem jeito,
Mas neste mundo não há
Nada que seja perfeito...

Depois tive a "fantasia"
De num café ir jogar.
Arranjei um bom parceiro
Para jôgo do bilhar.

Vi logo que êle era esperto,
E um sujeito descarado:
Ia aumentando seus pontos
Porque marcava "enfestado"...

A cada um seu ponto feito,
Marcava mais dois ou três,
De sorte que, em pouco tempo,
Tinha mais de cento e seis.

Protestei. Êle zangou-se,
E, estando de "dominó",
Meteu-me o taco no "côco",
Sem ter pena nem ter dó.

Dei nele também e o caso
E' que o jôgo, desta vez,
Começando por bilhar
Foi acabar em "xadrez".

O delegado, um velhote,
Daqueles tipos "ranzinzas",
Só nos deu a liberdade
Na quarta-feira de Cinzas...

Bem diz o povo na sua
Loquacidade singela
Que "o melhor sempre da festa
E' a gente esperar por ela".

Eu esperei apanhando,
Dei pancada, sem querer;
Mas o caso é que tambem
Me diverti a valer...

(Sai coxeando)

Almanaque D'O TICO-TICO

CADA edição do Almanaque d'O Tico-Tico que é entregue às crianças brasileiras, representa um conjunto de esforços e trabalhos realizados com uma única finalidade: agradar.

Êste Almanaque, o mais antigo dos que se editam no país, não pode deixar desmerecer a sua tradição. Os êxitos que alcançou no passado, e que cada ano se repetem, são sempre outras tantas razões para que os seus organizadores o procurem cada vez mais aprimorar e fazer bonito e melhor.

Nosso fito é fazer dêle um lindo brinquedo, o mais lindo brinquedo infantil de cada festa de fim de ano. Mas um brinquedo que ensine às crianças boas coisas, que ministre noções sadias, que alegrando e divertindo seja bem um amigo cujo convívio e intimidade sejam bem vistos, aprovados e até desejados pelos educadores e pelos pais.

A edição dêste ano, como as anteriores, tem êste elevado objetivo.

E é entregue aos milhares de leitores com os mais sinceros votos de um feliz 1953.

O GIGANTE e

Tradução de
MARIA MATILDE

EM certo país, cujo nome não me recordo, vivia um gigante que não era mau como os que há nos contos, e sim bom, gostando até das crianças, às quais presenteava com frutas e flores do seu jardim, brincando muitas vezes com as mais pequeninas.

Um dia, ao começar a primavera, quando as plantas floresciam, Pisa-Forte — era o nome do gigante — andando pelo jardim, viu que as plantas tinham sido cortadas pelas formigas que queriam, naturalmente, fazer suas provisões para o inverno.

Pela primeira vez na sua vida o gigante ficou zangado. E, por isso, saiu em busca do formigueiro, olhando aqui e alí, onde percebia um montinho de terra. Mas não encontrou nada. Com certeza as bichinhas vinham da casa do vizinho.

As plantas e as árvores tornaram a se cobrir de folhas e o gigante passou noites e mais noites em vigilia, passeando pelo jardim para ver se aparecia alguma formiga. Uma tarde viu aproximar-se uma formiguinha, muito escurinha e gordinha, com a cinturinha mui-

A FORMIGA

to fina. Tomou-a, então, entre os dedos dizendo

— Formiguinha, por que tu e tuas companheiras levaram os primeiros brotos das minhas plantas? Não sabes que isto é muito feio? Que todos devem respeitar a propriedade alheia?

— Eu — disse a formiga — fiz o que me ensinaram os meus pais: a ser econômica, a guardar para as épocas más. Se causo dano a alguém, não sei... Nunca me disseram que não devia fazer isto... Tu és o primeiro!

O gigante ficou muito comovido com a sinceridade da formiguinha, tão humilde e sabendo se defender tão direitinho e pensou:

— Por acaso nós também não costumamos destruir o que está feito? Não botamos abaixo frondosas árvores para utilizar sua madeira, sem respeitar seus anos? Não cortamos as flores, sabendo que ao fazê-lo estamos ferindo a planta de onde a tiramos? Planta essa que sofre e não pode se queixar?

E, depois dessas reflexões, soltou a formiga no chão, dizendo-lhe

— Vai em paz. És melhor do que nós, porque não praticas o mal conscientemente, como nós, humanos. Vai tranquila, boa formiguinha!... Nem tu nem tuas companheiras sofrerão por minha mão qualquer castigo!

E o gigante cumpriu sua palavra. E as formigas, agradecidas, nunca mais voltaram e destruir as plantas do seu jardim!

As Orelhas do Coelho

Erica Mayer

FAZIA tempos que na floresta só se falava do próximo casamento da senhorita Ratoca com o senhor Rato Preto. Com tôda razão, aliás; o pai de Ratoca era o rato mais rico da redondeza. Para a festa do casamento da filha prometeu oferecer tantas guloseimas aos numerosos convidados, que êstes já lambiam os beiços.

Na verdade, o pai de Ratoca não poupou esforços a fim de que a festa fosse mesmo "de primeira"! Contratou vinte e quatro grilos para tocar na hora do baile, e vários pássaros para cantarem. E, ainda, centenas de vagalumes para iluminarem o salão.

De manhã, cedinho, borboletas multicôres foram encarregadas de lembrar aos convidados a hora exata da festa: o sapo, o macaco, a lagartixa, o papagaio — enfim todos os animais amigos.

Isto, é, . . . todos, não! Não se aproximaram da toca do coelho. Êle não foi convidado.

Por que motivo? Era um animal roedor como os ratos e completamente inofensivo com suas pernas ágeis, bigode comprido e orelhas enormes. Pais foi justamente por causa das orelhas! Todos os animais zombavam delas, achavam-nas grotescas. O pai da noiva era daqueles que mais caçoavam do pobrezinho. Não o convidou, sòmente por causa de seu aspecto feio e ridículo.

OCULTO atrás de um arbusto, o coelho assistia de longe à festa animadíssima. Os pares dansavam alegremente ao som da banda dos grilos, os pássaros cantavam, todos tagarelavam e comiam e bebiam à vontade. O coelho olhava tristemente e, mais do que nunca, amaldiçoou o tamanho das suas orelhas. Em dado instante, porém, ouviu atrás de sí um ruido. No meio da algazarra geral teria certamente passado despercebido — se não fosse tão fino o ouvido do coelho. Não havia a mínima dúvida — eram passos. Passos furtivos, de quem está com mas intenções... Só podia ser a rapesa, inimiga declarada dos ratos e outros pequenos animais da floresta.

A raposa também queria tomar parte na festa, à sua maneira, devorando ao mesmo tempo noivos e convidados. Mas o coelho era mais ligeiro. De um pulo caiu bem no meio do grupo alegre, e bradou

— A raposa vem aí ! !

E, depois, correu para sua toca.

Dado o alarme, todos trataram de fugir. Foram-se tão depressa que a raposa, chegando ao lugar do festim, só encontrou mesas e cadeiras viradas na hora do pânico e alguns restos de doces, pouco interessantes para ela. Esperava carne macia de rato ou de pássaro ! Cheia de raiva, virou as costas e foi procurar outro jantar.

No dia seguinte, ao raiar do sol, o coelho recebeu a visita de muitos animais. A delegação era chefiada pelo pai da noiva, que se inclinou diante dele e lhe disse:

— Peço-lhe humildemente perdão, em meu nome como em nome de todos êstes meus amigos. Compreendemos que foi uma injustiça o que fizemos. Graças às suas orelhas, estamos todos aquí, sãos e salvos ! Restam-me ainda nove filhas solteiras. Seria uma honra e um prazer para mim se o senhor quisesse assistir ao casamento de cada uma delas.

O coelho, comovido, abanou as orelhas, em sinal de afirmação. Não podia falar porque estava chorando de emoção e felicidade...

Os povos antigos não conheceram o uso das meias Usavam sandálias amarradas por tiras de um tecido qualquer, em volta das pernas. Tendo grande cuidado com os pés, banhavam-nos com água perfumada, fricionando-os depois com óleo fino e trescalante.

As damas romanas, porém, para se protegerem do frio, e mesmo para conservar os pés macios, usavam uma faixa de lã ou seda, com que enrolavam as pernas e os pés.

Êsse hábito foi, em pouco, imitado pelos homens nobres e elegantes daquela época e em breve se estendeu a todos o uso de faixas de pano grosso ajustadas nas pernas por meio de cordões ou de finas tiras de couro. Mas, os pés ficavam à mostra, nas sandálias abertas.

Na Idade Média, como abrigo do frio, usavam os homens uma espécie de ceroula com pés, incômoda, na maioria das vêzes. Um dia teve alguém a idéia de separar o pé da perna, e essa separação, pode-se dizer, veio a constituir a primeira meia, que, como se vê, era feita de pano ou de qualquer estôfo em que entrava a lã. O progresso, e o bom-gôsto abriram novos horizontes para as meias. Um inglês, Guilherme Rider, teve a idéia de confeccionar meias com agulha, como se faziam, então, os bordados e as rendas E, conforme documentos, Rider fez dois pares de meias de tricô de seda, que ofereceu ao rei Eduardo I e ao conde de Rembrock. Dizem outros pesquizadores que foi o rei Henrique III, quem teve a idéia de mandar fazer meias de seda para seu uso, com tricô e à agulha, encomendando-as a Rider. Mas,

Fig. a — escosês do século XVII; b — meia dos desportistas da Inglaterra.
1 — grego; 2 — romano; 3 — gaulês.

segundo consta, os barretinos (artífices que trabalhavam artigos de feltro, pano etc) de Paris, temendo a concorrência dessa nova invenção, fizeram com que o criado de quarto do rei cortasse várias malhas das meias antes de apresentá-las ao soberano que, ao calçá-las teve o desgôsto de vê-las se desfiarem.

Decepcionado, Rider deixou a França, passando-se para a Inglaterra, onde foi muito bem acolhido, e onde estabeleceu a primeira indústria de meias. Isto se deu em 1514.

Em 1609, outro inglês, Guilherme Lee, inventou a primeira máquina de fazer meias.

Com êsse tear, tiveram os ingleses tão grandes proventos que tudo fizeram para que o privilégio não saisse da Inglaterra.

Sucedeu, porém, que Jean Hundres, operário da fábrica de Lee, voltou à França e, lá, por uma fidelidade extraordinária de memória, pôde reconstituir todo o modêlo de Lee, sendo montado um grande tear para meias, em Bois de Boulogne.

E êsse tear foi o ponto de partida de todos os outros que se criaram nos países adiantados da Europa.

Em 1720, Senart, artífice francês, estabeleceu em Santerre a primeira fiação de lã penteada para meias de estamenha, destinadas aos sacerdotes, frades, freiras, etc.

Só em 1745 é que se fundou a primeira fábrica de meias ao tear, na França.

Em 1770, Sarrazin criou, em Paris, e depois em Lião, as fábricas de meias de algodão, à ma-

neira das inglesas, tecendo todos os pontos de tricô sôbre cadeia.

Daí se originou a fabricação mecânica das chamadas meias francesas, duradouras e bonitas a que o povo, tendo em vista a procedência do fio usado, c h a m o u mais tarde, "fio de Escóssia", pois era de lá que vinha o fio de algodão empregado.

A princípio as meias eram lisas.

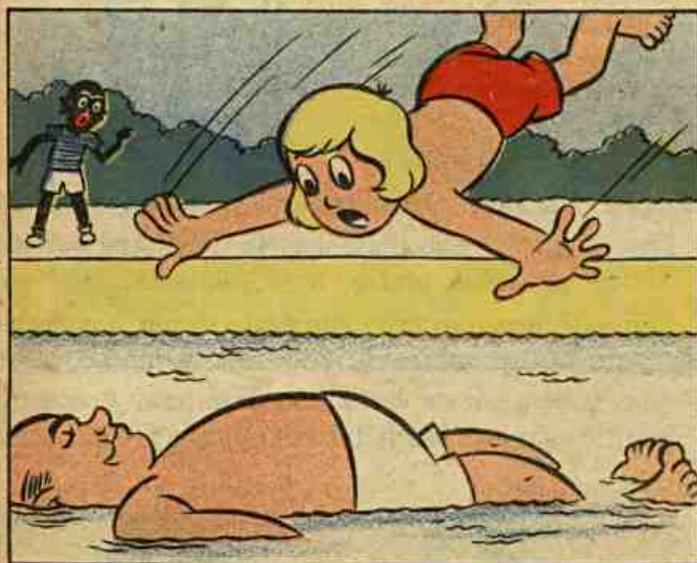
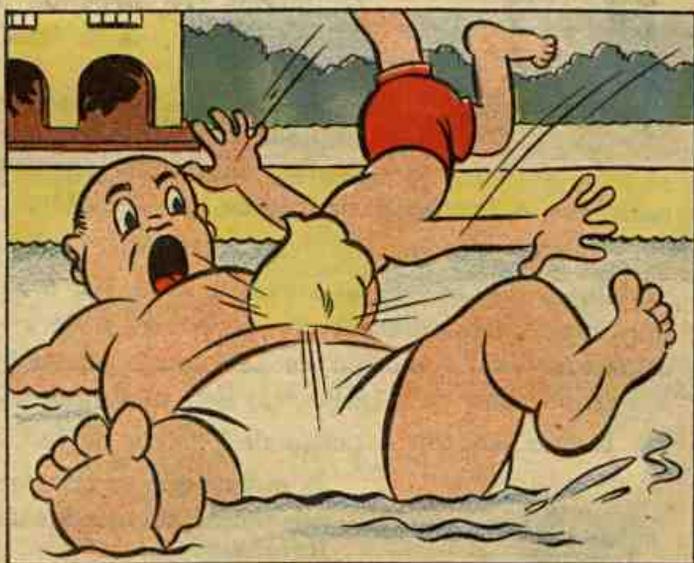
Depois, com o aperfeiçoamento da maquinária e o gôsto do artífice, surgiram as bordadas, rendadas, com flôres, e desenhos vários, etc.

De vez em quando a moda faz valer essas ou aquelas meias, havendo épocas em que são mais usadas umas que outras. Assim, as meias pretas, hoje completamente em desuso, foram, em princípio dêste século, o complemento indispensável do vestuário feminino, fôsse qual fosse a côr do vestido ou do sapato. Presentemente, as meias são feitas em nylon e até de vidro.

4 — Meias da Idade Média. 5 — Meias do século XVI. 6 — Fins do século XVI. 7 — século XVII. 8 - século XVIII e princípio do século XIX.

Chiquinho amanheceu com vontade de nadar. Arrumou seu calção de banho e já ia saindo quando apareceu Benjamim, querendo lhe dizer qualquer coisa.

— Agora, não, Benja. Agora eu vou sair. Vou ao clube. A piscina deve estar ótima, hoje... Não, não... Não posso esperar, filhote... Depois você me conta essa lorota...

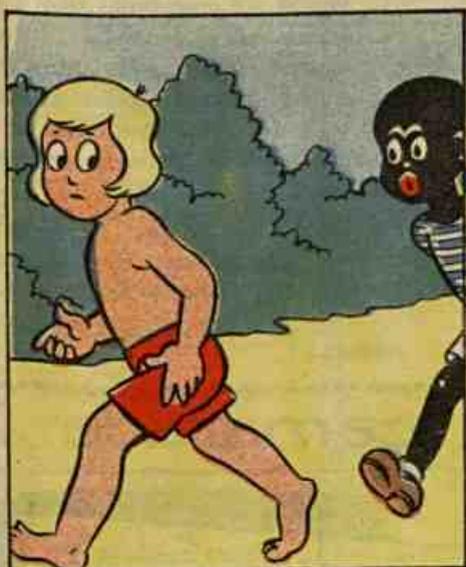
Chegado que foi ao Clube, preparou-se para uns saltos, do alto do trampolim. Apertou o nariz, disse "se Deus quiser", contou um, dois, três... e lá se foi!

Foi mas foi cair em cima da vastíssima barriga do nosso já conhecido e apreciado senhor Juca Morrinhento, que também é sócio do clube, adora a piscina e dá um dêdo para ficar boiando, como jacaré sonolento...

Com a queda de Chiquinho em cima de sua pança, sêo Morrinhento deu um berro do tamanho de um bonde. E, enquanto isso, à beira da piscina, Benjamim continuava a querer dizer qualquer coisa a Chiquinho.

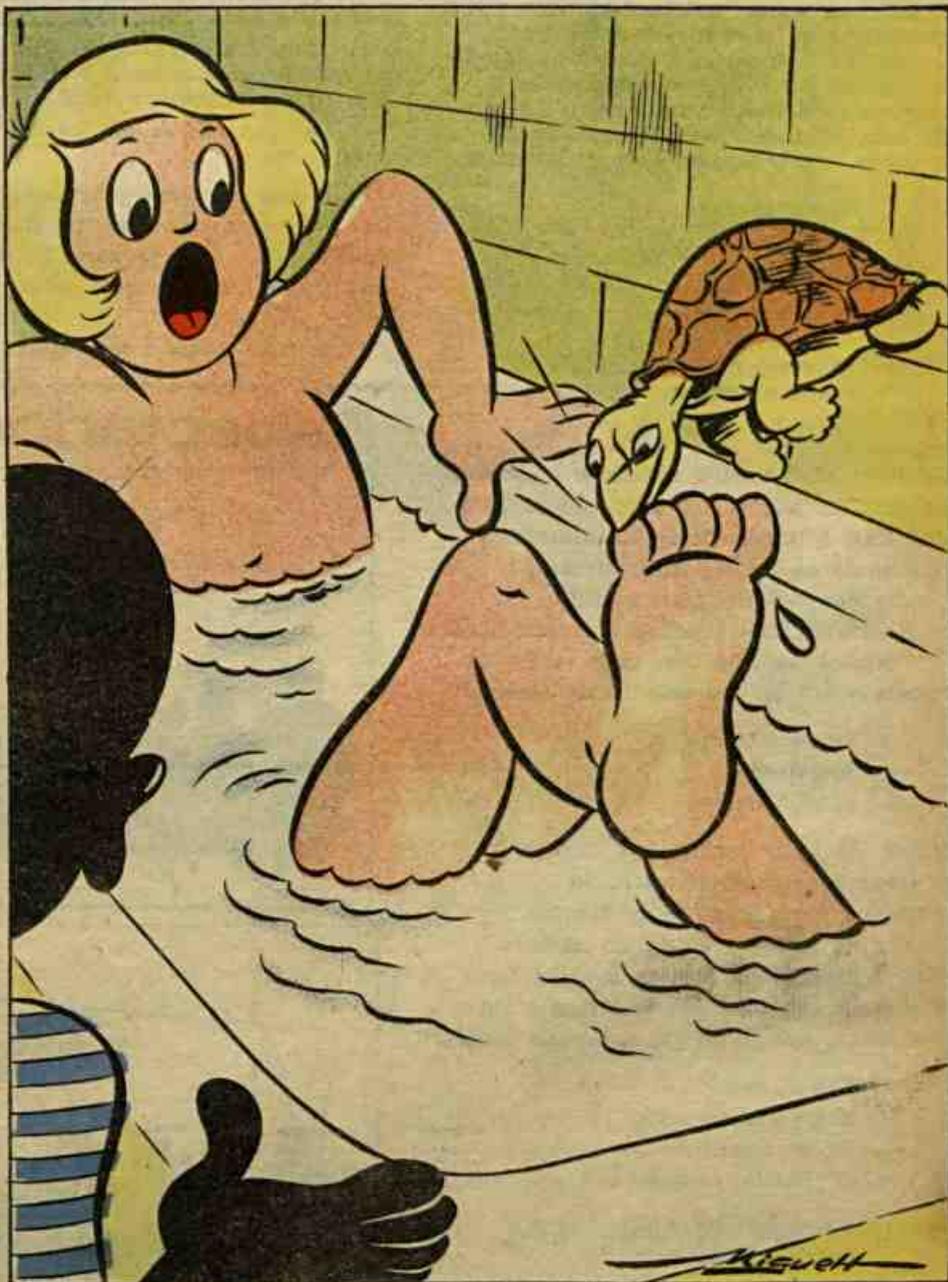
Desapontado com o insucesso na piscina, o nosso amigo decidiu ir para a praia, que era alí perto. Benjamin foi atrás...

... mas não conseguiu dizer a Chiquinho o que queria, porque êle não lhe deu ouvidos. — Agora, não, filhote! Logo mais...

E entrou na água. Tão distraído estava, porém, que não viu a enorme onda que se formava às suas costas, e que onda, meninos!

Foi uma onda tão forte, que chegou a fazer "plaf !" nas costas dele. Vocês sabem lá o que é uma onda capaz de fazer "plaf !" nas costas da gente ? ! Ao impacto da onda violenta, Chiquinho levou um susto e caiu. Chegou até a ficar tonto !

Na areia, ainda com a cabeça à roda, viu chegar Benjamim, que lhe queria contar uma coisa. E mais uma vez êle...

... disse que deixasse para depois: — Agora, não, filhote ! Vou desistir de banho de piscina e de praia. Vou para casa !

E foi, mesmo. Mal, porém, meteu o pé na banheira, que estava cheia, sentiu qualquer coisa exquisita...

E foi quando apareceu Benjamim e lhe disse: — Pois é, sêo compadre ! Era isto o que eu lhe queria dizer ! Ganhei um jabotí e botei na banheira... Você não quís ouvir ! Mas... agora já ficou sabendo...

HINO Nacional Brasileiro

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da pátria nêsse instante
Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

O' Pátria amada.
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce.
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.
Gigante pela própria natureza,
És belo, és grande, impávido colôsso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil.
O' Patria amada,

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!
Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres,
"Nossos bosques têm mais vida,"
"Nossa vida" no teu seio "mais amores"

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde louro desta flâmula:
— Paz no futuro e glória no passado.
Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, que te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil.
O' Patria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil.

OSÓRIO DUQUE ESTRADA

O leão e o ratinho

Era uma vez um leão. Um leãozão, forte, decidido, valente. Encontrando um tigre, na selva, perguntou-lhe, feroz:

— Por que não és tão forte como eu?

E sem lhe dar tempo a uma resposta, o matou. Seguiu seu caminho e encontrou uma hiena. E disse, indignado:

— Por que não és tão forte como eu?

E, sem lhe dar tempo para responder, matou-a também.

Seguiu seu caminho e, logo adiante, encontrou um jaguar.

— Por que não és tão forte como eu? — perguntou. E fez a mesma coisa que com os outros. E o mesmo sucedeu a uma onça, logo adiante.

Por fim, a uma curva do caminho, encontrou um ratinho. E o leão sempre feroz, perguntou também:

— Por que não és tão forte como eu?!

— E' que eu andei adoentado, sabe? Tenho passado meio mal últimamente . . . — foi a resposta do ratinho. — Ih! Nem queira saber, sêo Leão! Ih!

Pigarreou, tossiu e foi andando.

O TERNO

Há dias fui a uma alfaiataria comprar um terno dêsses que já estão prontos, esperando o dono. O vendedor me fez experimentar diversos. Eu, colocado diante de um desses espêlhos de três faces, que deixam o freguês se vêr por todos os lados, só fazia olhar. Notei, então, que cada vez que eu vestia um terno, o vendedor me fazia dar voltas, girando em torno de mim mesmo, para que pudesse ver bem.

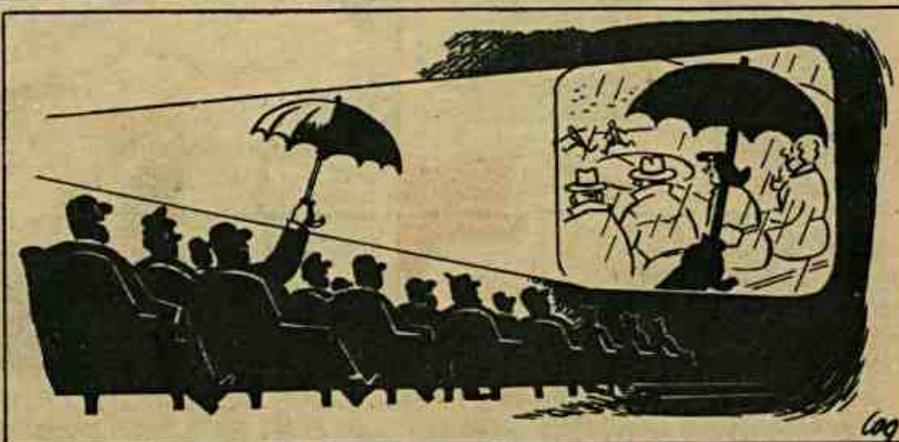
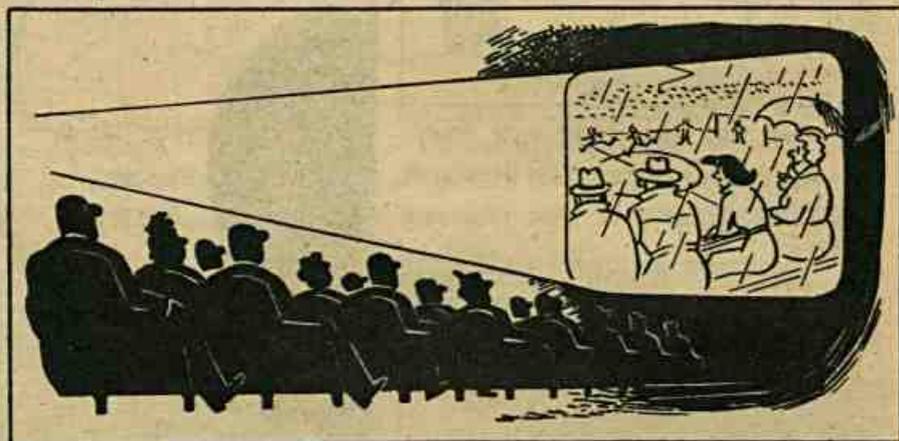
Apesar disso, não me agradou nenhum. Então o rapaz me pôs a mão no ombro e disse:

— Espere um pouquinho. Vem agora mesmo outro vendedor... Chegou o outro, mostrou-me outro terno, experimentei-o, gostei e comprei-o. E foi então que ouvi, esperando o trôco, a conversa dos dois vendedores:

— Viste como foi fácil? O primeiro terno que mostrei, êle comprou...

E o outro, cheio, aliás, de razão:

— E'? E quem foi que tonteou o freguês?!

Espectador camarada...

PÁGINA DE QUEBRA CABEÇAS

OFERTA DO

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA

EXTRAIDOS DA COLEÇÃO DE CADERNOS EDITADOS PELA: "REFINAÇÕES DE MILHO, BRAZIL."

ZÉ FIO DE OVO PEDE QUE SE DESEMBARALHE CADA GRUPO DE LETRAS, A FIM DE SEREM SOLETRADOS OS NOMES DOS PÁSSAROS CITADOS NOS OVOS.

Eu

SOU A CAPITAL DE UM DOS ESTADOS. QUAL É O MEU NOME?

ON POLO
ILARF
SI

ARRUME AS LETRAS PARA ME CONHECER.

EO MARUJO FOLGAZÃO

QUER TROCAR APENAS UMA LETRA EM CADA PALAVRA, PARA TRANSFORMÁ-LA EM OUTRA, RELATIVA AO NAVIO.

E LEMBRE-SE DE QUE ÊSTE NÃO É UM PROBLEMA, MAS SIM UMA AFIRMAÇÃO:

1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

A LENDA dos

FAZ muitos anos, no distante Oriente, vivia um imperador que tinha um único filho, o qual era grande apreciador da arte do canto. Por isso, seu pai contratou uma das mais notáveis cantoras para ser sua aia, a fim de que cantasse para êle as suas músicas favoritas.

O pequeno príncipe era muito exigente e quase não deixava a artista descansar. Em pouco tempo a cantora enfraqueceu e perdeu completamente a voz. Foram baldados todos os tratamentos médicos. Sua voz não tornou a ser o que era antes.

Um dia, o imperador disse a Luz - da Aurora — que assim se chamava a cantora:

— Se dentro de um mês você não recobrar a voz, ou não arranjar outra cantora para substituí-la, eu a prenderei e a mandarei matar. Em seguida, encerrou-a numa torre do palácio. Luz-da-Aurora tinha uma filha que se chamava Flôr de Lotus, a qual, ao saber da triste sorte de sua mãe, ficou muito triste. Sem perda de tempo, foi ao palácio e quando se viu diante do imperador ajoelhou-se aos seus pés.

— Quem é esta menina? — perguntou o soberano a um dos ministros.

— É a filha da cantora que foi condenada à morte.

— Oh ! príncipe bondoso ! Dê liberdade à minha boa mãezinha ! suplicou a menina.

— Perdoarei sua mae, porém você há de me prometer que cantará para meu filho em lugar dela. Está bem assim? Já ouviu cantar os passarinhos? Pois quero que você cante para meu filho as mesmas melodias. Está certo?

Flôr de Lotus não sabia cantar No entanto, inclinando a cabeça, murmurou: — Tratarei de fazer o que Vossa Majestade deseja. E, abatida sob tristes pensamentos, foi caminhando, caminhando, até que se encontrou em pleno bosque, enorme e tranquilo onde os perdais cantavam lindas melodias.

— Boa tarde para vocês, pequeninas criaturas ! — disse Flôr de Lotus.

— Boa tarde — responderam as avesinhas — Mas, por que estás triste?

— E não hei de estar triste?... — murmurou a menina. Um dos pardais, o mais atrevido, pousou no seu ombro, e disse: — Não queres contar o que houve? Póde ser que possamos te ajudar.

Então Flor de Lotus contou sua triste história e depois a completou, dizendo: — Vocês são muito bons, mas nada podem fazer. São tão pequeninos !...

PARDAIS

— Entretanto, nosso coração é grande — contestaram todos ao mesmo tempo. — Nós te garantimos que tua mãezinha viverá. Volta aqui, amanhã bem cêdo. Nós te daremos uma solução. A filha de Luz da Aurora voltou quase feliz para casa. Ainda ressoavam em seus ouvidos as palavras de consôlo dos pardais.

NO céu começavam a desaparecer as primeiras estrelas, quando Flôr de Lotus se levantou. Depois de fazer uma fervorosa oração, saiu apressadamente, em direção ao bosque. Uma borboleta anunciou que a menina tinha chegado e os pardais, num chilreio alegre e melodioso disseram:

— Flôr de Lotus, já te estávamos esperando!

O rosto da menina se iluminou de alegria.

Mil vozes se elevaram então numa linda melodia. Justamente naquela manhã os pássaros estavam com uma voz linda, clara e harmoniosa. Cantaram em homenagem ao céu, à terra, ao mar, às estrêlas, aos campos em flôr e à chuva bemfazeja. Terminada a exibição, Flôr de Lotus aplaudiu entusiasmada:

— Que belas melodias! Os homens têm voces na conta de prejudiciais e daninhos, mas eu os proclamo de grande utilidade para nós, sêres humanos.

— Obrigado! — disse o chefe dos pardais. Tu és boa e não nos persegues, por isso queremos oferecer-te um magnífico dom: dar-te-emos nossas vozes, para que tua mãezinha seja livre.

— Muito bem! — apoiaram os outros pardais. — Todos nós te daremos nossas vozes!

Flôr de Lotus ficou tão contente que quase chorou. Depois perguntou:

— E vocês? Não cantarão mais?

— Nós nos contentaremos em chilrear.

— Não posso aceitar tamanho sacrifício!

— Por que? Nós fazemos esta oferta de coração, Flôr de Lotus! Aceita! Queremos ver-te feliz...

— E vocês?...

— Nós temos o ar fresco e puro da manhã, o perfume das flores. Achas pouco? Agora, tira uma peninha do meu peito e engole-a. Em breve terás um variado repertório de canções.

Flôr de Lotus obedeceu. Os pardais a olhavam enternecidos. Depois a menina se aproximou de um por um e os beijou a todos. Em seguida correu ao palácio do Imperador. O soberano estava muito triste porque seu filho piorava cada vez mais. Ao ver a menina foi ao seu encontro, perguntando: — Trouxeste as canções?

Ao responder-lhe afirmativamente Flôr de Lotus, o monarca a conduziu aos aposentos do filho.

A mocinha fechou os olhos e começou a cantar. E cantou tanta coisa bonita!

O pequeno príncipe abriu lentamente os olhos, depois, sorrindo para o pai, murmurou:

— Como são lindas estas músicas! Quisera ouvi-las sempre!... São tão doces! Tão suaves! Caem em meu coração e afastam tôdas as tristezas! Oh! que infinita alegria sinto agora, meu pai! É como se todos os pássaros do bosque estivessem aqui à minha volta, saudando-me com seus trinados harmoniosos.

— Então, meu filho, sentes-te feliz? — perguntou o imperador que não cabia em si de contentamento.

— Oh! Muito! — respondeu o príncipe.

A menina ainda cantou mais algum tempo e sempre com a admiração do enfêrmo, que já agora estava outro. E foi assim que Flôr de Lotus salvou a mãe e se tornou, mais tarde, esposa de um dos príncipes mais belos que já existiram no fabuloso Oriente.

Todo SUCESSO tem seu fator!

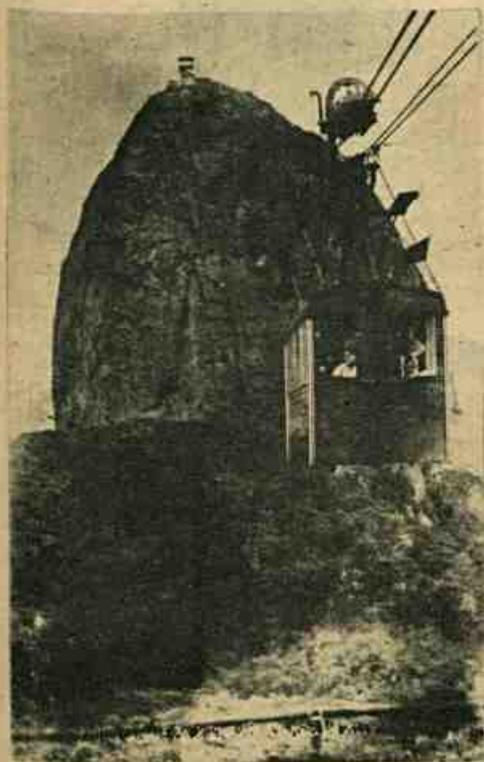
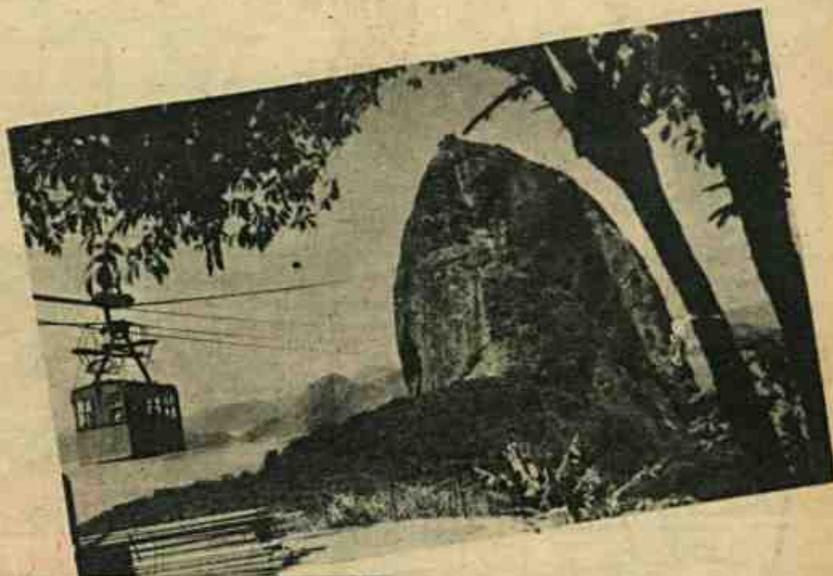
O crescimento e o estudo esgotam o organismo infantil! Compense, com o uso diário do BIOTONICO FONTOURA, o desgaste físico e mental de seu filho, proporcionando-lhe os elementos indispensáveis ao seu organismo.

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

Internacional

O RIO em 4 postais

O Morro do Pão de Açucar, à entrada da baía de Guanabara, é uma das belezas naturais do Rio de Janeiro e, também, um dos motivos de atração da nossa capital. Ele mede 390 metros acima do nível do mar e está ligado ao morro da Urca, e este à parte plana da cidade, no local chamado Praia Vermelha, por um "caminho aéreo". Um bonde de pequenas dimensões corre por um cabo, do morro da Babilônia à Urca, levando passageiros que, alí, se transferem para outro igual, que os leva ao pico do Pão de Açucar.

O primeiro trecho foi inaugurado a 27 de Outubro de 1912. O segundo, que mede 800 metros, o foi a 18 de Janeiro de 1913.

O contrato para instalação dêsse caminho aéreo foi assinado, com os concessionários, pelo Prefeito Serzedelo Correia, em 1909.

E' uma obra inteiramente nossa, produto do braço e do capital nacionais, que representa título de gloria para a engenharia brasileira. As fotografias que vocês estão vendo, mostram bem como o bondinho aéreo viaja dependurado aos cabos. O gigantesco penhasco, de cujo cimo se desfruta um panorama maravilhoso, que abrange toda a baía e parte da cidade, é visto aquí em três ângulos diferentes, e o quarto postal nos dá uma idéia da beleza noturna da paisagem carióca, destacando-se ao fundo o perfil da Urca e do Pão de Açucar.

Os preparativos para a festa estavam animados. Quem mais quisesse ajudar — O baile prometia ser daqueles que a gente nunca mais esquece, não só porque o salão era enorme, como porque contrataram dois regionais, e tinham sido distribuidos convites e mais convites... Ia ser um baile de deixar saudades ! !

Findos os preparativos, reuniram-se Celina, Glorinha, Alaíde e Alzira, e começaram a conversar. — "Eu só quero ver é a Zizi — disse uma delas. — Coitada ! Ela vem hoje à tarde, da Ilha... Deve estar queimada, com a pele horrivel, tôda descascada... Desta vez, não vai fazer sucesso... Nem vai tirar os pares da gente... E tôdas riram, riram, muito satisfeitas...

Chegou a hora do caile. E Zizi, de quem as outras tinham certa inveja, como sempre foi quem deu a nota, no salão. Pele horrivel? Descascando? Pois sim ! Nada disso !

E quando as outras estranharam aquele mistério, a própria Zizi explicou:

— Agradeço apenas ao uso constante do miraculoso Leite de Colonia, de que levei um vidro para o veraneio. Protegi com o seu uso a minha pele que, apesar de sol e do vento, está como vocês vêem... O "Leite de Colonia", de fabricação de Studart & Cia. é incomparável para a proteção da pele !

Curiosidades

OS cavalos de cabeça larga são os mais inteligentes. Nos regimentos de cavalaria tem-se notado que os cavalos de cabeça larga aprendem o exercício mais depressa que os outros.

— + —

OS naturalistas observam que quando um colibri encontra uma flôr, da qual não consegue extrair alimento, se excita a ponto de fazer em pedaços a pobre florinha.

— + —

O cangurú, quando está irritado, corre dando saltos com mais de seis metros de comprido por três de altura.

— + —

São bem raros os cegos de nascença que fumam, e os fumadores que perdem a vista continúam fumando por algum tempo, mas por fim deixam o vício, porque, dizem eles, não acham gosto no tabaco, não vendo as espirais do fumo.

— + —

OS mouros não fabricam campainhas porque pensam que os seus sons atraem os maus espíritos.

— + —

OS calvos norte-americanos, para dar a entender que só são desprovidos de cabelo os homens de grande atividade intelectual, costumam dizer que "o capim não cresce nas ruas de muito movimento".

— + —

PARADOXALMENTE, as focas e os leões-marinhos, apesar de viverem no gelo, podem também sofrer e morrer de pneumonia.

— + —

OS cabelos humanos, em contacto constante com determinados vapores, adquirem matizes os mais variados. Por exemplo, os trabalhadores nas minas de cobre ficam com a cabeleira esverdeada os mineiros de cobalto têm-na levemente tingida de azul.

— + —

AS abelhas trabalham, de preferência, de noite, porque a luz solar sôbre o mel produz a granulação do açucar e, portanto, a solidificação de toda a massa, que em tal estado deixa de ter interesse para os insetos produtores.

As mais célebres quedas de água do mundo

A QUEDA VITÓRIA

AS quedas Vitória tiveram a glória de destronar a catarata de Niagara. Esta passava por ser a maior do Mundo quando há três quartos de século o explorador Livingstone descobriu, no curso do Zambeze, as quedas a que deu o nome da sua soberana.

As *Victoria-Falls* medem 1.900 metros de largura e as de Niagara 1.700. As águas despenham-se da altura de 115 metros. O ruido é tal que se ouve a vários quilômetros. A espuma produz uma neblina tão fina que os indígenas chamam-lhe "o fumo roncador"

A via férrea que atravessa toda a África austral permite, hoje, chegar facilmente às quedas. Realmente, estão situadas a poucos quilômetros da estação que tem o seu nome.

A QUEDA DO NIAGARA

AS quedas do Niagara foram, durante muito tempo, consideradas como uma das maravilhas no Mundo. Sempre merecem, no entanto, o qualificativo.

O espetáculo dessas enormes massas de água rolando bruscamente de 57 metros, é um dos mais grandiosos e aterradores que se podem contemplar.

Entre o lago Erié que atravessa o rio S. Lourenço e o Ontário, em que se arroja depois, a diferença de nível é de uns 60 metros. Ela é, em parte, compensada pela queda do Niagara, que tem de largura mais de um quilômetro e meio, exatamente 1.700 metros.

A fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos interrompe a queda, uma de cujas partes é chamada queda canadense e a outra queda norte-americana.

As quedas do Niagara não são sómente notáveis pela sua beleza mas também por serem umas prodigiosas reservas de energia hidro-elétrica, já utilizada em parte.

A QUEDA DO PARQUE GLACIAL

O Parque Glacia, está situado no extremo norte dos Estados Unidos, sôbre a fronteira canadense. É admirável, não sómente pelas inúmeras geleiras que lhe deram o nome, como também pelas suas formosas cascatas.

A brancura espumosa das águas contrasta de um modo magnífico com o colorido vermelho das rochas, sôbre as quais se precipitam, e com o verde intenso dos bosques que as rodeiam.

A QUEDA DO MULTUOMAH

É o Oregon uma das regiões mais pitorescas do Oeste dos Estados Unidos. Na sua maior parte está coberto de elevadas montanhas vulcânicas; os rios precipitam-se tumultuosos e os seus desníveis estão marcados pelas quedas.

A mais notável, destas quedas é a do rio Multuomah que desce de cêrca de 300 metros. É, porém, apertada, pertence à categoria das chamadas cascatas "rabo de cavalo".

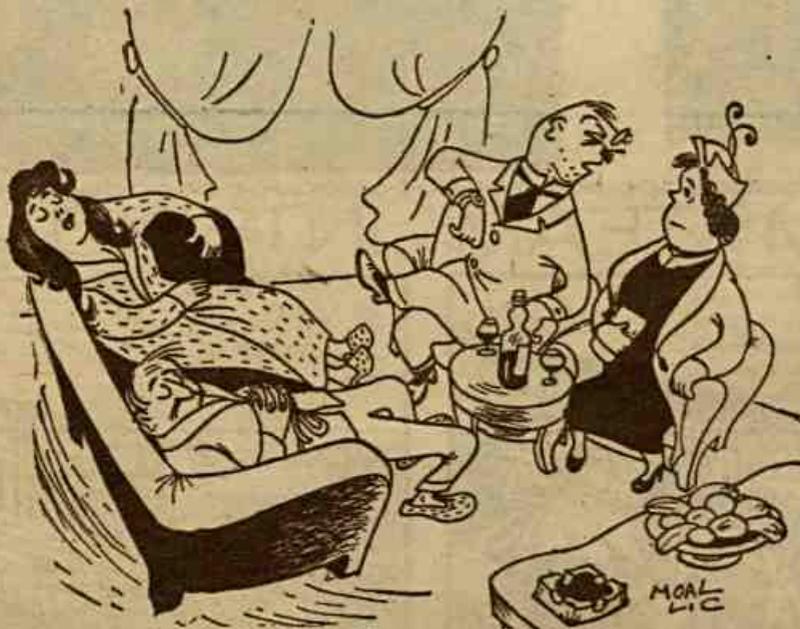
A QUEDA DO GALDSTEIN

GALDSTEIN, na Áustria, situada no coração do elevado massiço de Tapiern, é uma das cidades balneárias mais frequentadas do país. É um grande centro de excursões às montanhas próximas, que formam em sua volta um anel verdoso.

O seu parque está valorizado com uma queda de água que se lança de mais de 90 metros, no meio de um bosque de abetos.

A QUEDA DO TOKKAKAW

O Canadá rivaliza com os Estados Unidos pela beleza dos espetáculos naturais que oferece aos turistas. As montanhas rochosas canadenses que se encontram nas montanhas rochosas norte-americanas, elevam a mais de 4 mil metros os seus cimos recortados. Os vales descem a profundidades vertiginosas; os rios realizam saltos fantásticos para alcançá-los.

Um dêles, o rio Tokkakaw despenha-se de cêrca de 400 metros por uma pendente escarpada e desnuda, que parece uma muralha cortada a prumo.

— *Maricota, os donos da casa devem estar com sono. Vamos saindo...*

LUZES DENTRO DA NOITE

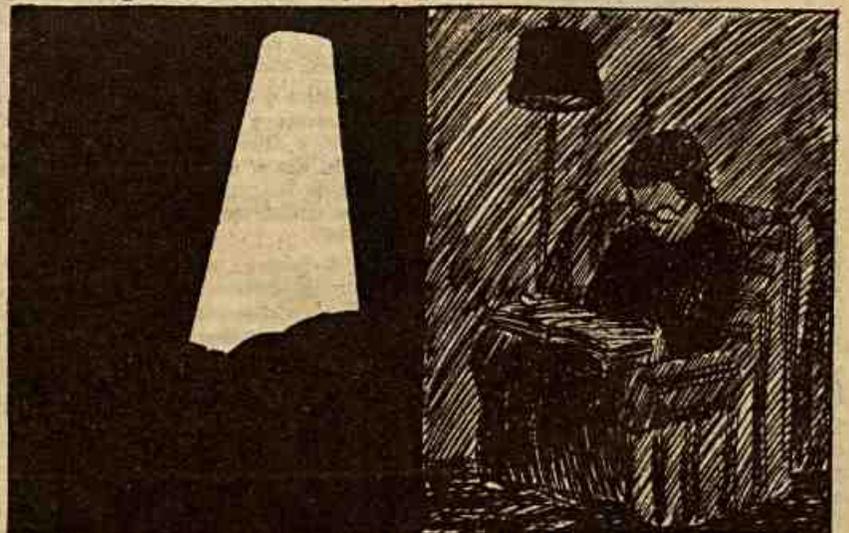
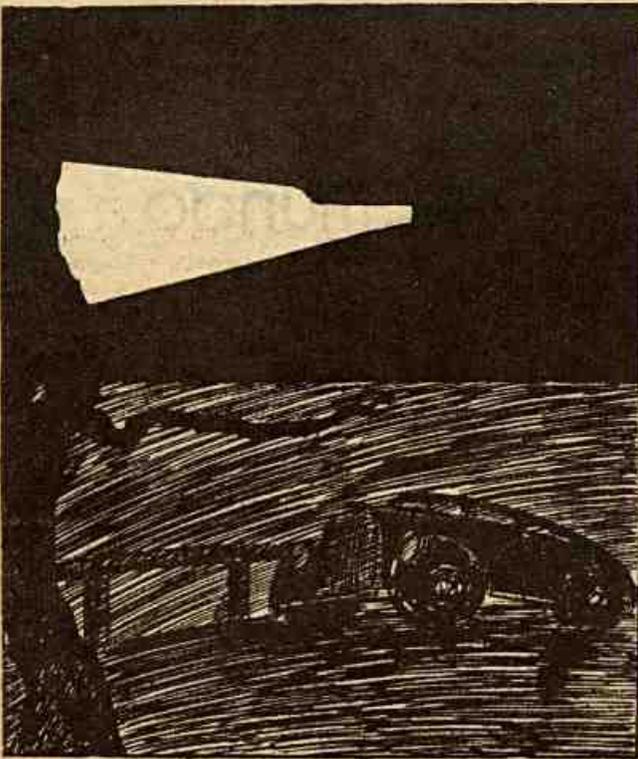
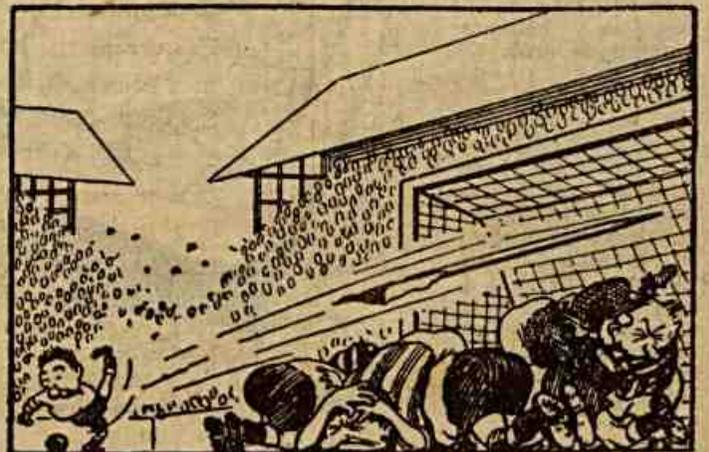
ESTES três quadros são cenas noturnas. Duas de rua e uma de interior.

— Mas a gente não vê nada ! — dirá você.

— Calma, amigo ! Calma ! Vamos ensinar o que você deve fazer, para apreciar o que chamaremos "o caso das luzes misteriosas".

Vamos lá. Primeiro que tudo, recorte os três quadros, inteiros.

Agora, dobre os dois da esquerda ao meio, no sentido horizontal e o outro no sentido vertical.

Depois, leve-os à altura dos olhos, contra a luz, e verá como os faróis do auto, a lanterna do homem e o quebra-luz da Vovó estão acesos .. E sabe que êste é um brinquedo fácil de fazer, quando se tem jeito para desenho?

COM UM "TEAM" INTEIRO ASSIM...

JANEIRO

1 — Quinta-feira	FRATERNIDADE UNIVERSAL
2 — Sexta-feira	S. Isidoro
3 — Sábado	Santa Genoveva
4 — Domingo	S. Tito
5 — Segunda-feira	S. Simeão
6 — Terça-feira	SANTOS REIS
7 — Quarta-feira	S. Teodoro, Monge
8 — Quinta-feira	S. Lourenço Justiniano
9 — Sexta-feira	S. Julião
10 — Sábado	S. Paulo I, Eremita
11 — Domingo	S. Hignio
12 — Segunda-feira	S. Sátiro
13 — Terça-feira	S. Hilário
14 — Quarta-feira	S. Felix
15 — Quinta-feira	S. Amaro
16 — Sexta-feira	S. Vidal
17 — Sábado	S. Antão
18 — Domingo	Santa Prisca
19 — Segunda-feira	S. Canuto
20 — Terça-feira	S. Sebastião
21 — Quarta-feira	Santa Inez
22 — Quinta-feira	S. Vicente
23 — Sexta-feira	Santa Emerenciana
24 — Sábado	S. Timóteo
25 — Domingo	Conversão de São Paulo, Ap.
26 — Segunda-feira	S. Policarpo
27 — Terça-feira	S. João Crisóstomo
28 — Quarta-feira	S. Cirilo
29 — Quinta-feira	S. Francisco de Sales
30 — Sexta-feira	S. Martinho
31 — Sábado	S. Pedro Nolasco

Recorda-se êste mês

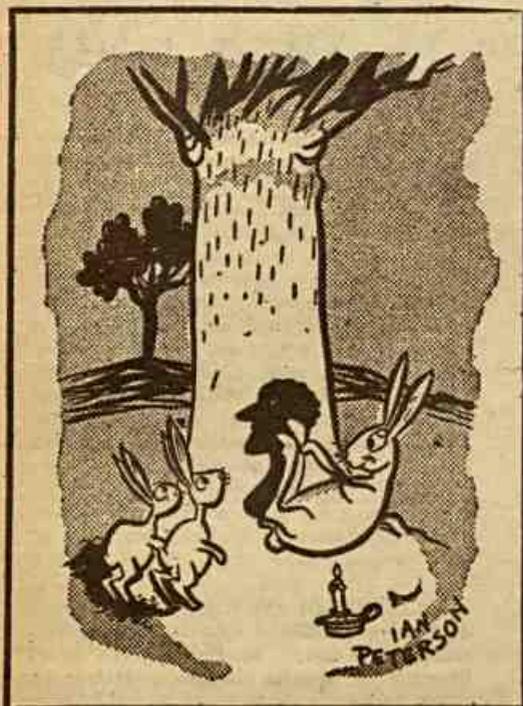
A TOMADA DE PAISSANDU — As tropas brasileiras, comandadas, em terra pelo general João Propicio Mena Barreto e, no mar, pelo almirante Tamandaré, deram o assalto final a 2 de Janeiro de 1864, à cidade de Paissandú, no Uruguai. O Brasil estava em guerra com esse país, presidido por Aguirre. Os uruguaios, comandados por Leandro Gomes, defenderam heroicamente a praça. A luta, por vezes, assumiu proporções épicas. De parte a parte, lances extraordinários de bravura. Afinal, os uruguaios foram forçados a se entregar, sendo preso Leandro Gomes. Os brasileiros contaram com o auxílio de forças uruguaias, contrárias a Aguirre, e que obedeciam à chefia de Venancio Flores. Coube ao nosso intrépido Marcilio Dias, hastear o pavilhão brasileiro na torre da Igreja local.

A LIBERDADE DE ESCRAVOS — A 1.º de Janeiro de 1883, a Câmara Municipal da cidade de Acarape, na Província do Ceará libertava os escravos daquela localidade. A cidade passou a se chamar Redenção. Um ano depois, toda a Província estava isenta da mancha da escravidão .Na luta pela liberdade dos escravos no Ceará destacou-se um jangadeiro que passou à história com o nome de "Dragão do Mar".

O FUSILAMENTO DE FREI CANECA — Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, um dos chefes da Revolução republicana de 1824, era fusilado no Recife, a 13 de janeiro de 1825. Havia sido condenado à forca. Mas ninguém quis executá-lo, nem mesmo com promessas, ameaças e atrocidades .Frei Caneca era um vulto de grande relevo. Sacerdote ilustre, culto, orador, filósofo, professor, jornalista, tudo êle sacrificou pelos ideais de liberdade. Professou na Ordem dos Carmelitas, em cujo convento foi sepultado, depois da execução.

A RENDIÇÃO DOS HOLANDESES — A 26 de janeiro de 1654, era assinada no Recife, na Campina do Taborda a capitulação dos holandeses. Depois de uma luta memorável contra os dominadores batavos, depois das duas batalhas dos Guararapes, os pernambucanos tiveram vitória completa. A capitulação, pelas condições do tratado, veio mostrar a superioridade moral dos heróis da resistência.

Ficou estabelecido o esquecimento da guerra, com anistia ampla a todos, mesmo aos portuguêses que, de qualquer modo, auxiliaram os holandeses; os vencidos sairiam com armas e bagagens, ficando as armas sob o controle do govêrno até o momento do embarque para a Holanda; todo e qualquer súdito da Holanda poderia ficar vivendo no Brasil desde que acatasse a autoridade do govêrno português. Com a capitulação feita na Campina do Taborda terminou essa luta heróica, que só por si nobilitaria a história de um povo e foi o primeiro assomo de independência em terras brasileiras. Vidal de Negreiros, presente ao ato, exigiu que os holandeses entregassem, não sòmente Pernambuco, mas também Paraiba, Rio Grande do Norte, Ceará e as ilhas de Itamaracá e Fernando de Noronha.

FIGURINHAS CHINESAS

SALÁRIO MÍNIMO

O chefe da firma passou pela seção de embalagem e, de repente, viu um rapaz recostado a uma pilha de caixas, assobiando despreocupadamente.

— Quanto ganhas por mês? — perguntou, parando ao seu lado.

— O salário mínimo... Uma miséria... — respondeu o rapazinho.

— Aqui tens o salário de um mês... e estás despedido! — explicou o chefe. — Pódes ir embora!! Vai assobiar no inferno!

Encontrando, depois, o chefe do pessoal, indagou, nervoso:

— Quando começou a trabalhar aquêle menino nesta Companhia?

— Nesta Companhia? Nunca! Aquêle menino veio trazer uns rótulos. É o entregador da tipografia...

*

DOIS malucos resolveram ir à caça.

Saem às seis horas da madrugada e combinam ir cada um para seu lado, a fim de não prejudicarem a caçada um do outro.

Ao cair da noite, voltaram.

— Então, quantos caracóis caçaste? — pergunta um dêles.

— Dois! E tu?

— Eu só cacei um.

— Só um?

— Pois só! Vi dois, mais um dêles conseguiu fugir!

CONVERSAS MALUCAS

O visitante repara em dois relógios que há na sala de entrada do Hospício: um marca 12 e 30 e o outro 12 e 10. Volta-se para um sujeito de aspecto tranquilo que anda por ali a passear e pergunta-lhe:

— Mas porque estão estes dois relógios ao lado um do outro e marcam horas diferentes?

— Meu senhor — respondeu o sujeito — se os dois relógios marcassem a mesma hora, um deles seria de mais!

•

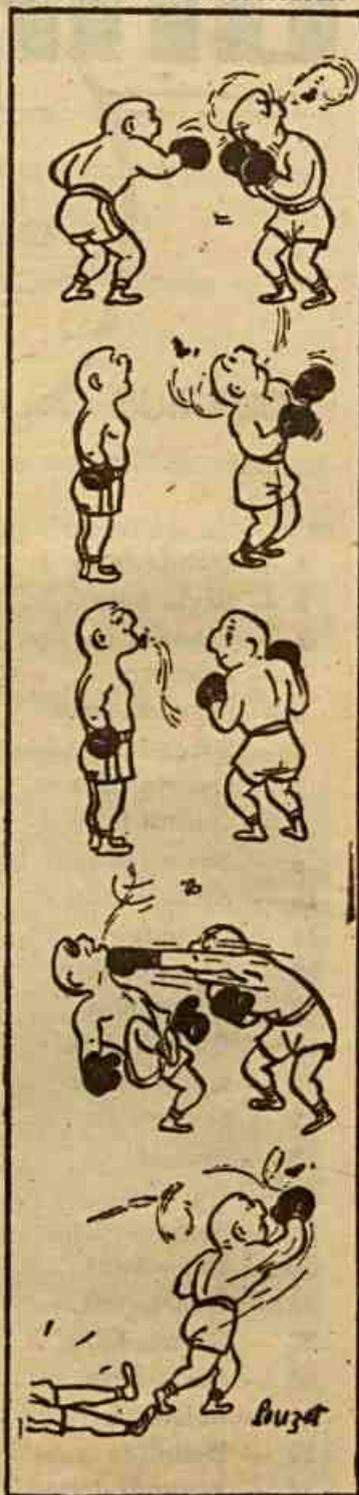
O médico do Hospício atende a um doente que sofre de terriveis insônias.

— Então, que temos?

— Não faz idéia, doutor! Passo as noites às voltas na cama, viro-me e torno-me a virar, e não consigo dormir!

— Isso não é nada! — tranquilizou-o o médico — Se eu passasse as noites a me virar e a revirar, também não conseguiria dormir!

— Você disse sim? Sinto que vou perder os sentidos, querida!

QUERIA ERA MATAR A MOSCA

INVENTOR

— Então que é que fazes agora?

— Eu, agora, sou inventor!

— E que é que inventaste?

— Um novo tipo de fósforos.

— Ah sim? E como são êles?

— São como os outros. mas têm a cabeça de outro lado!

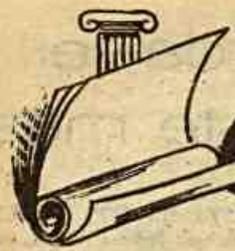
1 — Domingo	S. Inácio
2 — Segunda-feira	Pur. de Nossa Senhora
3 — Terça-feira	S. Braz
4 — Quarta-feira	S. André Cassiano
5 — Quinta-feira	Santa Agueda
6 — Sexta-feira	S. Marcelo
7 — Sábado	S. Romualdo
8 — Domingo	S. João da Mata
9 — Segunda-feira	Santa Apolonia
10 — Terça-feira	Santa Escolástica
11 — Quarta-feira	S. Ildefonso
12 — Quinta-feira	Santa Eulália
13 — Sexta-feira	Santa Catarina de Rici
14 — Sábado	S. Valentim
15 — Domingo	CARNAVAL
16 — Segunda-feira	CARNAVAL
17 — Terça-feira	CARNAVAL
18 — Quarta-feira	CINZAS
19 — Quinta-feira	S. Conrado
20 — Sexta-feira	S. Eleutério
21 — Sábado	S. Maximiano
22 — Domingo	S. Faustino
23 — Segunda-feira	Santa Margarida de Cortona
24 — Terça-feira	S. Matias
25 — Quarta-feira	S. Cesário
26 — Quinta-feira	S. Torquato
27 — Sexta-feira	S. Leandro
28 — Sábado	S. Romão

Recorda-se êste mês

A SEGUNDA BATALHA DOS GUARARAPES — Travou-se essa famosa batalha em Pernambuco a 19 de fevereiro de 1649. Os holandêses resolveram pôr um fim ao sítio que lhes era imposto pelos insurrectos. E, sob o comando do coronel Brinck, saiu o exército batavo em direção do sul do Recife, indo acampar nos montes Guararapes. Na manhã de 19 de fevereiro travou-se a batalha. A vitória foi definitiva para os pernambucanos. O inimigo ficou completamente destroçado. Eram cinco os regimentos do capitão Temberg. A nossa cavalaria realizava prodígios. Os holandêses começaram a fugir por todos os lados, numa tremenda confusão. Ninguém os podia mais deter. Nessa batalha memorável, Henrique Dias, o bravo comandante dos negros foi ferido. Os holandêses perderam, entre mortos e prisioneiros, 1.045 homens. O número de mortos dos nossos foi de 45 e os feridos cêrca de 200. No local dessa batalha, o general Barreto de Menezes mandou erguer em 1654 uma igreja, que ainda existe, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, por ter sido ganha a primeira daquelas lutas no dia consagrado à Mãe de Deus.

A CONQUISTA DE MONTE CASTELO — 21 de fevereiro de 1945. Os soldados brasileiros enviados aos campos da Itália, comandados pelo general Mascarenhas de Morais, assaltam e tomam o reduto nazi-fascista de Monte Castelo. Foi uma vitória que consagrou o heroismo dos nossos "pracinhas". "Com a captura de tal elevação, escrevêra a Fôrça Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida. Monte Castelo resistindo durante 3 meses às investidas das armas aliadas, erigira-se a cidade de presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representará um símbolo e um marco na vida de nossa tropa de ultramar. Sumidouro de centenas de vidas patrícias, a sua captura pelas nossas fôrças constituiu um dever de consciência e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias esplêndidas para as nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército" (Mal. Mascarenhas de Moraes — "A FEB e o Seu Comandante", 141-/2).

A PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DE 1891 — O Congresso Nacional em sessão solene promulgou a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, a primeira Constituição da República. A assembléia foi presidida por Prudente de Morais. Em seguida foi eleito presidente da República, pelo voto do Parlamento, o marechal Deodoro da Fonseca que proclamára o novo regime e era o chefe do Govêrno Provisório. A Constituição de 91 foi toda escrita pelo conselheiro Rui Barbosa, sofrendo o seu original várias modificações nos debates parlamentares. Vigorou a primeira Carta da República até 1930, quando foi revogada pela Revolução.

A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO PASTEUR — A 25 de fevereiro de 1888 era fundado no Rio de Janeiro o Instituto Pasteur, por iniciativa da Santa Casa de Misericórdia. O Instituto tem prestado serviços relevantes no combate à raiva.

Aristóteles

O MAIOR GÊNIO DO MUNDO

ARISTOTELES foi, na idade média, o maior oráculo dos filósofos e dos teólogos escolásticos. As suas obras principais são: **Organon, Retórica, Poética,** os tratados de **Moral, Política, História dos Animais, Física, Meteoros, Céu** e **Metafísica.**

Havia vinte anos que Platão, o seu divino mestre, não existia, quando o ambicioso Filipe, rei da Macedônia, encarregou o "Filósofo" (como se chamava a Aristóteles) da educação de seu filho Alexandre Magno. O pai deste soberano, apesar de se ter apoderado de algumas cidades gregas, reorganizou, contudo, as finanças e o exército da Macedônia. Demóstenes, o arrogante orador ateniense, entendeu que Filipe queria reduzir a Grécia à escravidão e pronunciou uma série de extraordinários discursos que ficaram conhecidos sob o nome de **Filípicas** e **Olintianas.** Entretanto, os gregos foram vencidos em 338, depois da violenta batalha de Cheronea, Filipe tomara o título de generalíssimo dos exércitos helênicos e preparava-se para ir contra os persas, quando foi assassinado por Pausânias, um jovem nobre da Macedônia.

Aristóteles acompanhou Alexandre Magno até a Ásia, onde se esmerou na sua educação. Alexandre, educado por Aristóteles, só poderá ser mais tarde um grande espírito, como de fato o revelou na difusão das civilizações helénica e asiática. Foi em Alexandria, cidade fundada por êle, que aninhou toda a cultura artística, filosófica e literária do Oriente. A biblioteca de Alexandria, queimada pela vesania dos soldados de César, era tão rica e importante como a de Pérgano, na Ásia Menor. O filho de Felipe na administração, na cogem e no tino, não desmereceu o mestre.

Aristóteles desenvolvia os espíritos cientificamente.

ARISTÓTELES

Fez, por conseguinte, de Alexandre, um administrador e um rei.

O que Filipe não conseguira fê-lo êle, Alexandre, com extraordinária inteligência e serenidade.

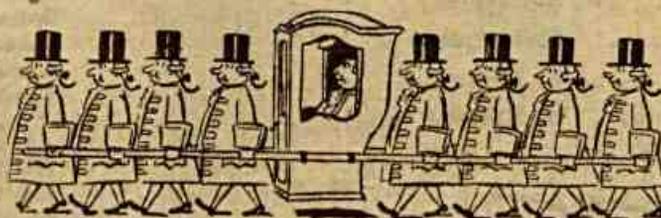
Aos 33 anos, pode dizer-se que vencera o Mundo. Com o título de generalíssimo, muito jovem ainda, submeteu a Grécia ao seu domínio, venceu os exércitos de Dario, conquistou o Egito, ficou vitorioso na batalha de Arbelles (331) contra os persas, apoderou-se de Babilônia e Susa, mandou incendiar Persepolis e venceu Porus.

Recusando-se, porém, os macedônios a prosseguirem nas conquistas, tornou o jovem guerreiro à Babilônia, onde foi vitimado por uma febre aguda.

Posto isto, falemos sobre o mais célebre filósofo e sábio da Macedônia. Aristóteles, depois de acompanhar o seu discípulo à Ásia, voltou a Atenas, onde fixou residência e fundou a memorável escola filosófica que tomou o nome de **peripatética**, isto é, que ensinava passeando.

Aristóteles, que aprendera todo o seu saber com seu mestre Platão (e bem assim do mestre do seu mestre — Sócrates), foi o gênio mais vasto da antiguidade, tendo adquirido uma cultura espantosa sobre todas as ciências da sua época e criando, até, muitas que não existiam. Tão grande e profunda influência exerceu no mundo intelectual, que a sua filosófia se arraigou no espírito europeu durante dois mil anos.

Nenhum outro gênio da Idade Média, parece-nos, teve tamanha glória.

Aristóteles, sem querer, criou a palavra **metafísica.** Conta-se que usara a expressão "primeira filosofia" e que o seu editor pôs a sua dissertação sôbre o assunto **depois** (em grego: meta) do seu tratado de física, donde se generalizou o nome de **metafísica.**

UM OITO CILINDROS DO SÉCULO XVII...

MARÇO

1 — Domingo	**S. Adrião**
2 — Segunda-feira	**S. Simplicio**
3 — Terça-feira	**S. Conegundes**
4 — Quarta-feira	**S. Casemiro**
5 — Quinta-feira	**S. Teófilo**
6 — Sexta-feira	**Santa Coleta**
7 — Sábado	**S. Tomaz de Aquino**
8 — Domingo	**S. João de Deus**
9 — Segunda-feira	**S. Francisco Romano**
10 — Terça-feira	**S. Militão**
11 — Quarta-feira	**S. Candido**
12 — Quinta-feira	**S. Gregório**
13 — Sexta-feira	**Santa Sancha**
14 — Sábado	**Santa Matilde**
15 — Domingo	**S. Henrique**
16 — Segunda-feira	**S. Ciriaco**
17 — Terça-feira	**S. Patrício**
18 — Quarta-feira	**S. Gabriel**
19 — Quinta-feira	**S. José**
20 — Sexta-feira	**S. Martinho**
21 — Sábado	**S. Bento**
22 — Domingo	**DOMINGO DA PAIXAO**
23 — Segunda-feira	**S. Felix**
24 — Terça-feira	**Instituição do SS. Sacramento**
25 — Quarta-feira	**Anunciação de N. Senhora**
26 — Quinta-feira	**S. Braulio**
27 — Sexta-feira	**S. Roberto**
28 — Sábado	**S. Alexandre**
29 — Domingo	**S. Bertoldo**
30 — Segunda-feira	**S. João Climaco**
31 — Terça-feira	**Santa Balbina**

Recorda-se êste mês

A PAZ NOS FARRAPOS — O barão de Caxias, comandante em chefe das operações contra os rebeldes do Rio Grande do Sul, assina com o general "farroupilha" David Canabarro, o tratado de paz que pôs fim ao movimento, em 1 de março de 1845. Vencidos em Porongos — último combate que se travou — os rebeldes, por intermédio do seu bravo chefe, depõem as armas. Caxias não se aproveitou da vitória para humilhar os vencidos. Tratou-os como brasileiros, dignos de admiração, pelo heroismo e coragem nos campos da luta. O tratado de paz assegurava anistia geral e ampla para todas as pessoas envolvidas na rebelião, garantia as honras dos postos aos chefes rebeldes e liberdade dos prisioneiros de guerra.

MORTE DE LOPEZ — Francisco Solano Lopez, ditador paraguaio encontra a morte a 1.º de março de 1870, às margens do riacho Aquidabã. Vencidos os remanescentes do exército paraguaio nos combates de Peribebuí, Caraguataí e Campo Grande, Lopez é surpreendido pelo general Camara, que o persegue através dos matos. Lopez "exausto e ferido, apeou-se do cavalo e tentou transpor o riacho Aquidabã; mas, caindo de joelhos na barranca, aí exalou o último suspiro". Com a morte de Lopez estava terminado o episódio histórico da Guerra do Paraguai.

FALECIMENTO DE RUI BARBOSA — A 1.º de março de 1923 falecia em Petrópolis o conselheiro Rui Barbosa. Figura altamente representativa do gênio latino, jurista, advogado, diplomata, jornalista, orador parlamentar, estadista do Império e da República, escritor e estilista excepcional, Rui Barbosa é uma das mais altas glórias da humanidade. Toda a sua vida foi consumida na defesa da Liberdade, da Justiça e dos Direitos do homem. Rui elevou o nome do Brasil, impondo-o ao respeito do mundo, na Conferência de Paz em Haia, em 1907, quando defendeu a igualdade jurídica das nações.

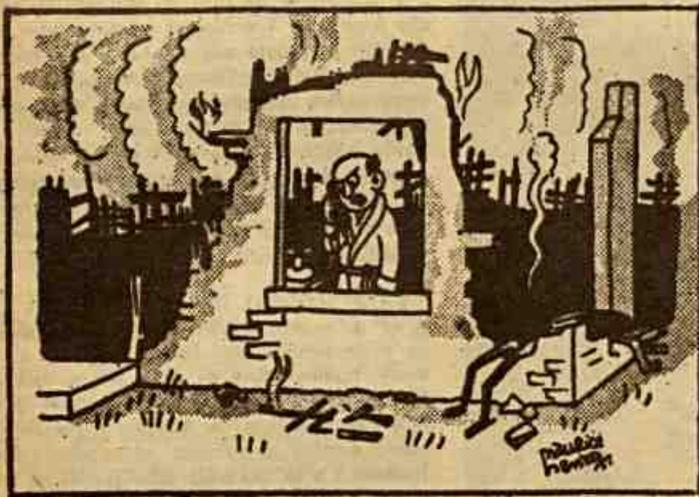
A REVOLUÇÃO DE 1817 — A 6 de março de 1817, rompe em Pernambuco a revolução republicana. Entre as figuras envolvidas nesse movimento destacam-se Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, Frei Caneca, José de Barros Lima (o Leão Coroado), padre Abreu e Lima (o padre Roma), padres João Ribeiro e Miguelinho, Domingos Teotonio Jorge, e muitos outros. Era governador de Pernambuco, Caetano Pinto Miranda Montenegro. A revolução estendeu-se ao Ceará, Rio Grande do Norte, Paraiba e Alagoas. "Dura e implacável foi a reação contra os revolucionários, homens de grande pureza de intenções. Basta lembrar que os fundos e valôres do govêrno republicano, levados para fora do Recife, na retirada das tropas revolucionárias, foram depois escrupulosamente devolvidos."

LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS NO CEARÁ — A 25 de março de 1884 eram decretada na Província do Ceará a libertação total dos escravos, quatro anos antes da lei nacional de 13 de maio.

LOCUÇÕES FAMOSAS

LANÇAR UM ANÁTEMA

E' o mesmo que amaldiçoar ou declarar uma pessoa indigna, ou merecedora de repúdio das demais. A etimologia da palavra "anátema" não indica claramente o sentido de maldição com que se a aplica desde muito tempo. Ela se origina, de fato da palavra grega "anatithemi", que significa pôr no alto, suspender. A explicação está no que se segue:

O que se "suspendia", ou era colocado "no alto", era uma oferenda ou ex-voto que os gregos colocavam na parte superior da parede dos templos ou de outros lugares, e que dedicavam a certas divindades, especialmente às infernais, com caracter de maldição, por alguma desgraça pública ou privada que se lhes atribuia. Mais tarde, a palavra passou a outras religiões mas, sempre com o significado de maldição, excomunhão, repúdio, etc.

— E' do Corpo de Bombeiros? Como é? Vocês vêm ou não vêm? !

A ESCADA

Aconteceu na Espanha. Pepe vive numa quinta isolada e, há dias, quando estava em cima da escada a podar uma parreira, a escada partiu-se. Pepe ficou arreliado, tanto mais que a queria acabar de podar.

E resolveu ir ao vizinho mais próximo, outro agricultor chamado Manolo, e pedir-lhe a escada emprestada.

Montou na bicicleta — e foi.

Já tinha pedalado um bom pedaço, quando se pôs a pensar: "O Manolo será homem para me emprestar a escada?..."

Dez minutos mais tarde, dizia com os seus botões: "Tenho cá as minhas dúvidas de que o Manolo me empreste a escada..."

Ao chegar às imediações da herdade já afirmava: "Não, com certeza o Manolo não me empresta a escada!"

Quando bateu a porta do outro, a sua certeza era já inabalável: "Diabos me levem se não é certo que o Manolo não me empresta a escada!"

Ouvindo-o bater, Manolo veio à porta, com o melhor dos seus sorrisos:

— Olá, vizinho! Folgo muito em vê-lo! Então, em que lhe posso ser útil?

E o Pepe, já fora de si:

— Vim cá só para lhe dizer que pode guardar a porcaria da sua escada, que eu não preciso dela para nada!

O DE BAIXO: — Continuo a dizer: a vez era minha ! !

UM ACÔRDO TÁCITO

E' o que se estabelece entre duas ou mais pessoas sem que seja expressado em forma verbal ou escrita, quer dizer, que existe entre âmbas as partes uma conformidade subentendia. No direito antigo existia o que se chamava de "tácita recondução", segundo a qual nos contratos de arrendamento, quando se vencia o prazo fixado e decorria uma dilação de três dias, sem que nenhuma das partes o desse por caduco (sem valor) ficava entendido que tal contrato subsistia por um novo prazo igual ao anterior. Tácito provém do latim "tacere", calar. Acôrdo tácito é, portanto, acôrdo sem palavras, silencioso. E Tácita era justamente, a deusa latina do silêncio.

RIR SARDONICAMENTE

O riso sardônico é uma explosão de hilariedade convulsiva, porém reprimida, que dá às feições um ritus especial, de ironia ou desdem. Uma versão antiga faz derivar o nome deste riso da ilha de Sardenha, na qual existe uma planta, espécie de rainunculo, cujo suco produz uma intoxicação que dá por resultado o rítus e as convulsões do riso sardônico.

— Papai saiu atrazado para a missa e levou meu chapéu de escoteiro . . .

Recorda-se êste mês

A ABDICAÇÃO DE PEDRO I — A 7 de abril de 1831, o imperador Pedro I abdica a favor do seu filho o príncipe D. Pedro de Alcantara. O gesto do monarca foi em consequência do movimento chefiado pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva, no terreno militar, e por Evaristo da Veiga, Odorico Mendes, Vergueiro, padre Alencar e outros no terreno político. Havendo o imperador se unido aos elementos portuguêses e sem ouvir os clamores dos brasileiros, o povo exigia a restauração do Ministério dissolvido pelo monarca. Foi portador da mensagem popular o major Miguel de Frias. Não querendo ceder às imposições do sentimento nacional, preferiu Pedro I renunciar o poder. Sendo o novo rei ainda menor, pois contava cinco anos, estabeleceu-se uma Regência trina composta de Lima e Silva, Braulio Moniz e Costa Carvalho.

O HINO NACIONAL — O Hino Nacional brasileiro, música de Francisco Manoel da Silva foi executado pela primeira vez a 13 de abril de 1831. "Na monarquia não houve ato algum que oficializasse a composição de Francisco Manoel como Hino Nacional, tendo sido adotado pelo consenso comum. Na república, é que foi êle oficializado. "Quando se proclamou a República, houve a tendência de mudar o hino. Abriu-se um concurso, tendo sido escolhido o trabalho de Leopoldo Miguez. Mas Deodoro preferiu o antigo. E este foi executado pelas bandas militares entre o delírio da multidão. E alí mesmo, foi assinado o Decreto 171, de 1920, no qual se declara no artgio 1.º ser considerada a partitura de Francisco Manoel o Hino da Pátria.

A EXECUÇÃO DE TIRADENTES — A 21 de abril de 1792 era executado no Rio de Janeiro o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Foi de todos os implicados na Inconfidência Mineira o unico que sofreu a pena de morte. O glorioso martir da nossa liberdade política enfrentou o martírio com admirável altivez e dignidade. Após a execução de Tiradentes, os dominadores fizerem cantar um solene TE DEUM, na Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Tiradentes passou à história cercada da admiração e do respeito dos brasileiros, que nêle vêem um símbolo luminoso. Sua figura exemplar é um estímulo a todos que amam a liberdade e o direito. Os demais implicados na Inconfidência tiveram suas penas comutadas em prisão ou desterro.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL — Pedro Alvares Cabral descobre o Brasil a 22 de abril de 1500. Pedro Vaz Caminha, escrivão da frota de Cabral, participando ao rei D. Manoel o feito do navegante lusitano dizia: "A terra é de tal modo graciosa que dará tudo, mas o melhor fruto que neles se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar..."

A PRIMEIRA MISSA — Frei Henrique de Coimbra, no ilheu da Corôa Vermelha celebra a primeira Missa em território brasileiro.

1 — Quarta-feira .... TREVAS
2 — Quinta-feira .... ENDOENÇAS
3 — Sexta-feira .... PAIXÃO
4 — Sábado .... ALELUIA
5 — Domingo .... PÁSCOA
6 — Segunda-feira .... S. Vicente Ferrer
7 — Terça-feira .... S. Epifanio
8 — Quarta-feira .... S. Amancio
9 — Quinta-feira .... S. Procópio
10 — Sexta-feira .... S. Apolonio
11 — Sábado .... S. Leão
12 — Domingo .... PASCOELA
13 — Segunda-feira .... S. Hermenegildo
14 — Terça-feira .... S. Tiburcio
15 — Quarta-feira .... S. Lucio
16 — Quinta-feira .... Santa Engracia
17 — Sexta-feira .... S. Aniceto
18 — Sábado .... S. Galdino
19 — Domingo .... S. Hermogenes
20 — Segunda-feira .... Santa Ignez
21 — Terça-feira .... TIRADENTES
22 — Quarta-feira .... S. Solter
23 — Quinta-feira .... S. Jorge
24 — Sexta-feira .... S. Fidelis
25 — Sábado .... S. Marcos
26 — Domingo .... S. Cleto
27 — Segunda-feira .... S. Tertuliano
28 — Terça-feira .... S. Vital
29 — Quarta-feira .... S. Pedro
30 — Quinta-feira .... Santa Catarina de Sena

Há tantos assim...

O filho do grande industrial — filho único e de pai riquíssimo — fora criado com tantos mimos que até metia raiva . . . Primeiro o menino quis estudar. Os pais meteram-lhe uma legião de professores em casa e o menino, muito burrinho, nunca aprendeu nada!

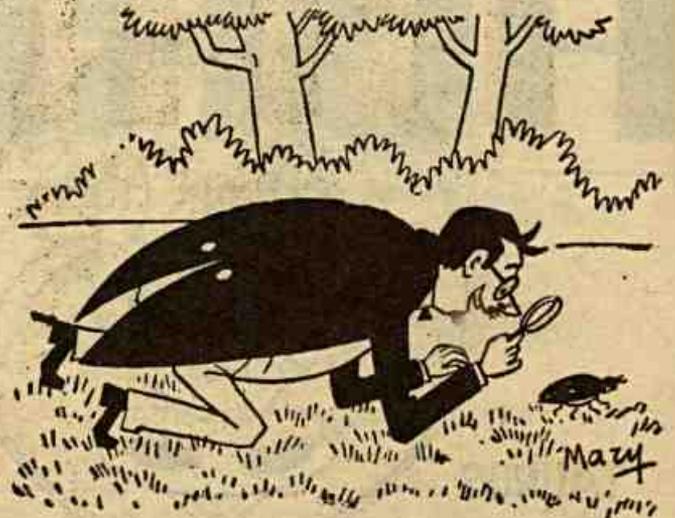
O pai acabou por pô-lo no escritório e, há dias, encarregou-o de uma missão a tratar em São Paulo. E disse-lhe:

— Metes-te no trem e viajas. Amanhã pela manhã tomas café com leite, no restaurante. Chegado a São Paulo, almoças e vais visitar a fábrica . . . Depois . . .

E explicou-lhe tudo.

Na manhã seguinte o pai recebeu no escritório, um telegrama que dizia assim:

"No restaurante do trem não há café com leite ponto. Que devo fazer?"

Macaco não olha o próprio rabo...

— Puxa! Nunca vi bicho tão exquisito!

— O Juca está limpando o caldeirão. Sái já de dentro.

A BICICLETA

O policia olhou a bicicleta encostada a um lampeão daquela rua de Milão. Aproximou-se do individuo que estava junto dela, e, apontou a máquina:

— Não tem matrícula!

— Não, não tem!

— Mas devia ter!

— Devia!

— Primeira multa!

Mas há mais: a máquina não tem campainha.

— Não tem!

— Segunda multa! Mas há uma coisa mais grave ainda do que tudo isto... A bicicleta não tem luz!

— Pois é!

— Mas se você concorda que uma bicicleta não deve andar sem matrícula, sem campainha e sem luz por que é que veio com ela para a rua?

— Eu? Mas a bicicleta não é minha!

— Não precisa empurrar! Você sai, no Almanaque, e todos vão ver a sua cara.

A EXPLICAÇÃO

Estava um homenzinho, a tomar fresco da tarde sentado no banco de um jardim, quando, a correr, passou por êle um guarda. Voltou, parou diante do homenzinho e perguntou-lhe:

— O senhor não viu passar por aqui um maluco que fugiu?

— Um maluco? — perguntou o outro, com certa ansiedade.

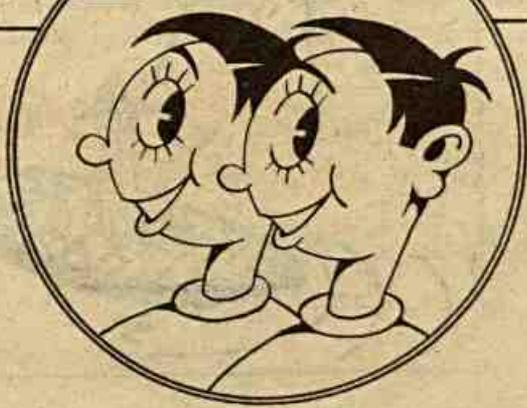
— Fugiu ainda não há dez minutos e deve ter passado por aqui. O senhor não o viu?

— Não sei, por aqui tem passado tanta gente... Como é êle?

— E' um homem baixinho, muito magrinho, de cara ossuda e que pesa cento e dez quilos...

O homem deu sinais de grande admiração:

— Mas se o homem é baixinho e magrinho como é que o senhor diz que êle pesa cento e dez quilos?

— Ora! Eu não lhe disse que êle é maluco?! Maluco não liga pra isso!

1 — Sexta-feira	S. Felipe
2 — Sábado	Santa Mafalda
3 — Domingo	S. Isidoro
4 — Segunda-feira	Santa Monica
5 — Terça-feira	Conv. S. Agostinho
6 — Quarta-feira	S. Ricardo
7 — Quinta-feira	S. Estanisláo
8 — Sexta-feira	Aparição de S. Miguel
9 — Sábado	S. Gregório
10 — Domingo	S. Antonio de Pádua
11 — Segunda-feira	S. João Damasceno
12 — Terça-feira	S. Joana
13 — Quarta-feira	Ascenção do Senhor
14 — Quinta-feira	S. Atanasio
15 — Sexta-feira	S. Nereu
16 — Sábado	S. João Nepomuceno
17 — Domingo	S. Pascoal
18 — Segunda-feira	S. Venancio
19 — Terça-feira	S. Pedro Celestino
20 — Quarta-feira	S. Bernardino de Sena
21 — Quinta-feira	S. Ubaldo
22 — Sexta-feira	S. Rita de Cassia
23 — Sábado	S. Desiderio
24 — Domingo	PENTECOSTES
25 — Segunda-feira	S. Gregório VII
26 — Terça-feira	S. Felipe Neri
27 — Quarta-feira	Santa Maria Madalena
28 — Quinta-feira	S. Germano
29 — Sexta-feira	S. Máximo
30 — Sábado	S. Fernando
31 — Domingo	Santa Petronila

Recorda-se êsta mês

A RETIRADA DA LAGUNA — A 8 de maio de 1876 inicia-se a trágica Retirada da Laguna, que tão caro custou aos brasileiros, na luta contra o ditador Solano Lopez, do Paraguai. A coluna sob o comando do Cel. Camisão atinge o povoado de Laguna. Mas não pôde avançar mais. Ali começam a faltar víveres e munições. E inicia-se a retirada. "E que retirada! Os paraguaios atacavam pelos flancos, impiedosamente. Punham fogo nas matas para dificultar a marcha e tornar mais dolorosa a retirada. Caiam chuvas, transbordavam rios, havia fome, desânimo e cansaço. E a cavalaria inimiga a fustigar os retirantes. Inda mais: epidemia do "cólera-morbus". Eram acometidas dezenas de soldados por dia. O coronel Camisão e o tte. coronel Juvêncio são vítimas da doença. O guia Lopes sucumbe do mal. São obrigados a deixar pelo caminho os doentes. E os paraguaios não os poupam. Quando, afinal a coluna atinge o Aquidauana estava reduzida a 700 homens"

A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS — A 13 de maio de 1888, a princesa Isabel, Condessa d'Eu, Regente do Império, assinava a Lei que abolia definitivamente no Brasil a escravidão. Foi um dia de festa nacional, pois o Brasil integrava-se definitivamente no seio das nações civilizadas sem aquela nódoa infamante. A campanha abolicionista foi uma das mais belas que registra a nossa história. Nela se destacaram, pelo talento e pelo arrojo, Castro Alves, o poeta do "Navio Negreiro", Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Joaquim Serra, João Clapp, José Mariano, André Rebouças, Rodolfo Dantas, Rui Barbosa, Gusmão Lobo, Luis Gama e muitos outros. A 13 de maio ainda havia no Brasil mais de 700.000 escravos.

A BATALHA DE TUIUTI — O general Osório, a 24 de maio de 1866, ganha a batalha de Tuiuti. "Esta batalha de 24 de maio teria sido para o ditador um desastre irremediável e talvez a mais decisiva da guerra, se a cavalaria dos aliados fosse, ao menos tão poderosa como a paraguaia e pudesse ter perseguido o inimigo em debandada. Lopez, que desde 11 de maio do ano precedente não tinha esquadra, teria ficado agora provavelmente sem exército. Foi isso o que calculou o general Osório quando insistiu por que se tirasse todo o partido da vitória levando o inimigo de tropel até os seus entrincheiramentos. Ainda assim, foi esta a de mais notáveis proporções entre as batalhas campais que se feriram durante a guerra; e não se lhe poderia diminuir a influência que teve no curso ulterior das operações" (Rocha Pombo — Hist. do Brasil, IX, 199/200).

O CASAMENTO DO IMPERADOR — Realizou-se a 30 de maio de 1843, na cidade de Nápoles, Itália, o casamento do imperador Pedro II com a princêsa Teresa Cristina Maria de Bourbon. O casamento foi feito por procuração, representando o imperador o príncipe Leopoldo de Bourbon, conde de Siracusa.

PASSATEMPOS

QUANTO ANDOU O CACHORRINHO?

Quem partiu primeiro foi a dona, e andava a uma velocidade de 4 quilômetros à hora. Tinha já percorrido 8 quilômetros quando saiu o dono, para encontrá-la. Levava uma velocidade de 6 quilômetros à hora. Entre os dois ia o cachorrinho, com uma velocidade de 16 quilômetros horários, e, como uma lançadeira, ia de um ao outro, à medida que a distância entre os dois diminuía.

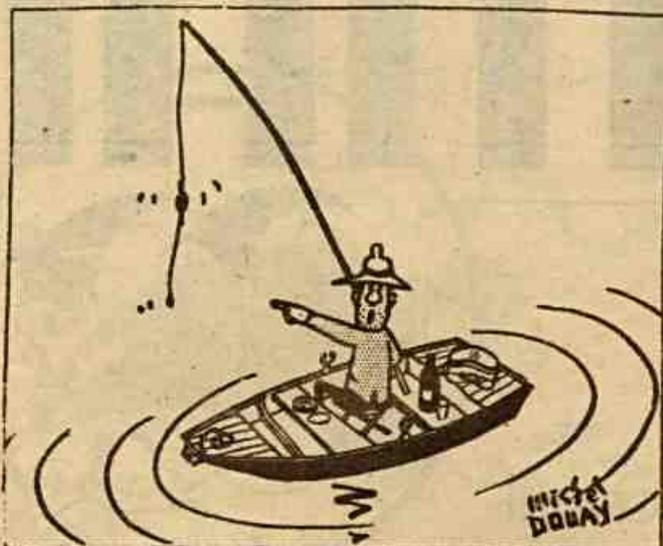
Quando, afinal, o dono encontrou a dona, o pobre cãozinho estava fatigadíssimo. Mas você saberá dizer quantos quilômetros êle andou, indo e vindo?

PERGUNTAS DE BRINQUEDO

- Que é que se põe à mesa, corta-se e não se come nunca?
- Qual o animal que não pode morrer afogado?
- Qual o globo que não serve para estudar Geografia?
- Qual a pergunta que nunca póde ser respondida afirmativamente?
- Qual é o santo que é sempre bem recebido?

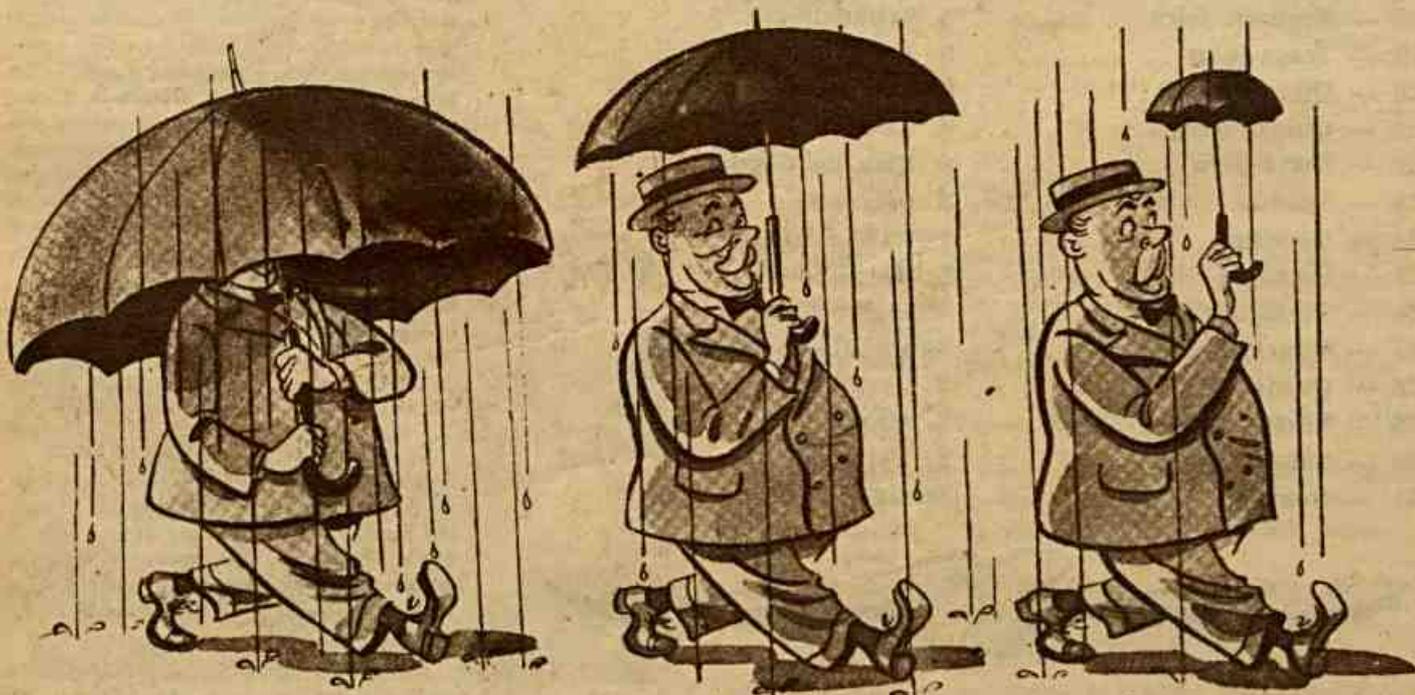
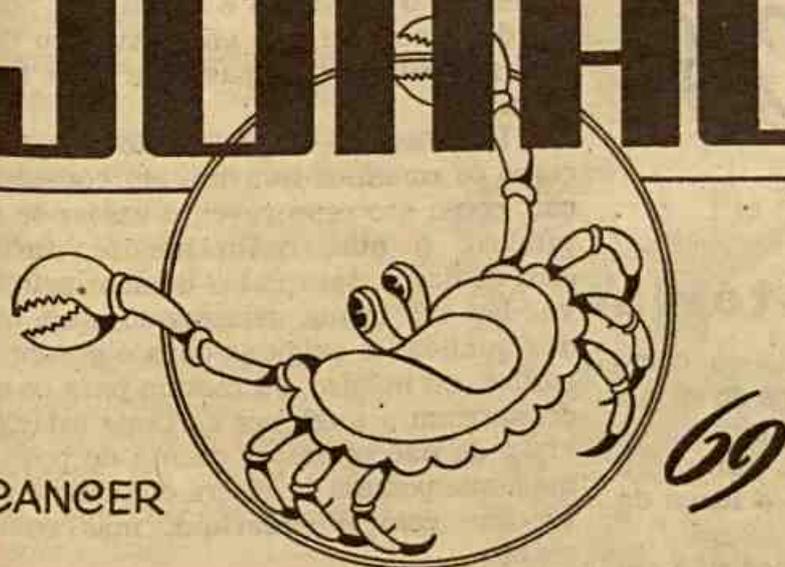
PERGUNTAS A SÉRIO

- Qual é o animal que não póde fechar os olhos?
- Quem inventou o ascensor, ou elevador?
- De onde foi tirado o libreto da ópera "Rigoletto", de Verdi?
- Quem tinha o cognome de "doutor Angélico"?
- De que era feito o sapatinho de Cinderela?

(Veja as soluções no fim do Almanaque)

— Não haverá uma alma caridosa que desenhe um peixe aqui? Estou cansado de esperar e não pego nenhum . . .

COMO SE USA O LENÇO

O método mais comum de usar um lenço, quando se está com um "resfriado" de cabeça, é encher os pulmões com ar e, apertando as narinas firmemente, com os lábios bem premidos, soprar vigorosamente enquanto, aos poucos, se diminue a pressão nas narinas. Tal método não é apenas ineficiente, mas positivamente perigoso, porque o mucus e o pus infectados que se acham no nariz são forçados a recuar para os seios, e especialmente para dentro das trompas de Eustáquio, que ligam os ouvidos internos com a garganta, propagando desta maneira a infecção e redundando numa doença dos ouvidos. O modo correto de "assoar o nariz" é apertar uma narina de cada vez, e, enquanto a boca é conservada aberta, soprar o mais vigorosamente possivel pela narina que estiver livre. Desta maneira, os condutos aéreos nasais ficam limpos, e não há perigo de complicações.

Foi minguando, foi minguando...

1 — Segunda-feira .. .. S. Firmo
2 — Terça-feira .. .. S. Marcelino
3 — Quarta-feira .. .. Santa Paula
4 — Quinta-feira .. .. S. Francisco Cavaciole
5 — Sexta-feira .. .. S. Marciano
6 — Sábado .. .. S. Norberto
7 — Domingo .. .. S. Roberto
8 — Segunda-feira .. .. S. Severino
9 — Terça-feira .. .. S. Feliciano
10 — Quarta-feira .. .. Santa Margarida
11 — Quinta-feira .. .. S. Barnabé
12 — Sexta-feira .. .. S. João Facundo
13 — Sábado .. .. S. Antonio de Lisboa
14 — Domingo .. .. S. Basílio
15 — Segunda-feira .. .. S. Vito
16 — Terça-feira .. .. S. Aureliano
17 — Quarta-feira .. .. Santa Teresa
18 — Quinta-feira .. .. S. Marcos
19 — Sexta-feira .. .. S. Juliana de Falconieri
20 — Sábado .. .. S. Silvério
21 — Domingo .. .. S. Luiz Gonzaga
22 — Segunda-feira .. .. S. Paulino
23 — Terça-feira .. .. Santa Edeltrudes
24 — Quarta-feira .. .. S. João Batista
25 — Quinta-feira .. .. S. Guilherme
26 — Sexta-feira .. .. Santa Clara
27 — Sábado .. .. S. Ladislau
28 — Domingo .. .. S. Leão II
29 — Segunda-feira .. .. S. Pedro e S. Paulo
30 — Terça-feira S. Marçal

Recorda-se êste mês

A BATALHA DO RIACHUELO — A batalha naval de Riachuelo, travada com os paraguaios a 11 de junho de 1865, é um dos mais notáveis feitos da guerra que sustentámos com o ditador Solano Lopez. A esquadra brasileira obedecia ao supremo comando de Francisco Manoel Barroso, depois Barão de Amazonas. "Riachuelo foi um fato culminante na guerra provocada pelo ditador do Paraguai. A vitória que ali ganhou o Brasil, graças à inexcedível bravura de seus marinheiros e à perícia do denodado comandante, influiu decididamente na sorte de toda a campanha." Nessa batalha foi ferido gravemente, defendendo o pavilhão nacional, o intrépido marinheiro Marcílio Dias, que morreu em consequência dos ferimentos. Morreu também nesse combate o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh.

OS MARTIRES DE 1817 — Na cidade de Salvador, onde governava o Conde dos Arcos, são fusilados a 12 de junho de 1817, os patriotas Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça e o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro (padre Miguelinho), figuras de maior projeção do movimento republicano de Pernambuco. O primeiro foi o chefe da Revolução. O segundo era um notável jurista e advogado. O padre Miguelinho era um sacerdote culto e brilhante. Todos três enfrentaram a morte com a maior serenidade e coragem. O ideal pelo qual eles se sacrificaram foi vitorioso, setenta e dois anos depois, a 15 de novembro de 1889.

A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA — A 13 de junho de 1645 inicia-se no Recife a guerra contra os holandêses. Com a partida de Mauricio de Nassau para a Europa, instalou-se em Pernambuco um govêrno de tirania e de violência. O povo rebelou-se contra os batavos e começou a insurreição "que era o sentimento de liberdade e de autonomia que irrompia, era o espírito nacional que surgia, pela primeira vez no Brasil... Era a consciência da raça." Nessa luta destacaram-se Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Felipe Camarão e Henrique Dias, que representavam as três raças: o branco, o índio e o negro.

A INSURREIÇÃO DE FELIPE DOS SANTOS — Rompe em Vila Rica, Minas Gerais, a 28 de junho, a insurreição de Felipe dos Santos. Motivou o levante a Lei de 11 de fevereiro de 1719 que instituia no Brasil as chamadas "Casas de Fundição", de onde saia o ouro para Lisbôa. Enquanto isso, a miséria lavrava na colônia. O povo estava cançado de suportar o peso dos impostos e a tirania do Conde de Assumar, governador da capitania. Para debelar o movimento, o Conde de Assumar usou de um processo vergonhoso. Concedeu anistia aos revoltosos e depois que êles depuzeram as armas foram prêsos. Felipe dos Santos, foi condenado à morte, tendo sido esquartejado na presença do bárbaro governador, no dia 18 de julho de 1720. A revolta de Felipe dos Santos não pode ser considerada como precursora da independência. Em todo caso, foi uma demonstração de caráter e de dignidade dos brasileiros.

O Lenço

e tôda a sua história

MUITO embora se tenha dito que o lenço, como é atualmente, apareceu em meiados do século XV, pesquisas recentes dizem ser êle originário da China, pois há cêrca de três mil anos, durante o reinado do imperador Hwang, existia o lenço de seda.

Da mesma forma, sabe-se que o lenço não era desconhecido no antigo Egito, onde o usavam como uma espécie de talismã.

É preciso que se diga, porém, que a utilidade primitiva do lenço não era a que hoje tem: a de assoar! Era para enxugar o suor das faces e das mãos. A Grécia antiga, no século de Péricles, não o conhecia, pois as pessoas de distinção enxugavam os olhos com o próprio manto. Entretanto, os gregos do baixo Império usaram, primitivamente, com o nome de **facíolas**, peças de tecidos especiais com que enxugavam o rosto.

Só muito mais tarde, os romanos conheceram o **sudarium** e o **orarium**, pedaços de pano com que enxugavam o suor (daí **sudarium**) e limpavam a bôca (orarium).

Interessante é que, tanto os gregos como os romanos levavam em consideração, como ato reprovável, o assoar-se em público, o que, naturalmente, faziam com os dedos, tal qual o homem primitivo. De tal forma reparavam, que, uma das qualidades exigidas para o orador ou cantor, ou músico, ou mesmo para os que concorriam a qualquer certame artístico, era o de não se assoar diante do povo. O mais que podiam fazer era enxugar o rosto, não com o **sudarium**, mas com o manto.

Nessa época havia o uso de dois panos, um para a mão, o **orarium**, outro para a cinta, o **sudarium**. Trocá-los era motivo de censuras ásperas e de menosprêzo.

Mais tarde, durante a ocupação moura, **sudarium** e **orarium** confundiram-se e acabaram servindo para limpar o nariz, isto é, tornando-se verdadeiramente no lenço de hoje.

E teve, então a sua evolução. Nos meiados do século XV uma dama da alta linhagem de Veneza, cortou, de um pedaço de linho, uma forma ovalada que guarneceu de renda. Era o chamado **lenço veneziano** que surgia. E todos os países civilizados o adotaram. E o lenço se foi aprimorando e tomando formas bizarras, como no tempo de Henrique II, em que havia lenços bordados, mas de formato hexagonal. E essa forma continuaria se os tecelões não protestassem junto de Luís XVI, alegando o desperdício de fios.

Luís XVI atendendo-os, assinou em janeiro de 1875 uma lei ordenando que: "o comprimento dos lenços fabricados no reino será, de ora em diante, igual à largura."

E surgiu o lenço quadrado, formato êsse que o distingue e caracteriza ainda hoje.

Mas o uso do lenço em público nem sempre foi sinal de distinção. Até o ano de 100, em certas partes da Europa, as pessôas de condição plebéia não tinha o direito de assoar o nariz em lenços, chegandose, na França, ao exagêro de ser considerada uma vulgaridade a simples referência

à palavra lenço. Daí o receio, a vergonha de se servir de um lenço em público.

Deve-se à imperatriz Josefina acabar com semelhante e tolo preconceito. A famosa espôsa de Napoleão Bonaparte, não tendo bons dentes, servia-se de lencinhos rendados, para levá-los à bôca, quando ria, encobrindo assim, a sua imperfeição.

Não é preciso dizer que seu gesto foi imitado, e os lenços entraram em moda, cada qual mais rico em bordados e rendas finas.

Contam que, antes disso, houve na Europa uma época em que só aos padres era permitido o uso de lenços em público.

Também se diz que a Inglaterra conheceu o lenço no tempo de Eduardo IV, em 1480, sabendo-se que esse monarca possuia em seu guarda-roupas cêrca de cinco dúzias de lenços!

Dama do Século XVI

Imperatriz Josefina, esposa de Napoleão Bonaparte

E o lenço entrou em moda até mesmo para escôlha das noivas. Assim, era uso dos persas: quando queriam mostrar a preferência por uma jovem de desejavam para espôsa, jogavam o lenço diante dela.

Os turcos, em lugar de fazer a escolha dessa forma, enviavam às suas noivas no dia do casamento um anel, uma moeda e um lenço bordado.

E assim, o lenço tornou-se indispensável tanto ao homem como à mulher, não só como peça necessária, como também para manifestação de seus sentimentos. Basta que recordemos a chamada "linguagem do lenço", tão usada pelos nossos antepassados: sacudir um lenço branco queria dizer: Quero falar-te:

Limpar o rosto com um lenço: Adoro-te!

Deixar cair o lenço: Cumpre o que prometeste!

As crianças também se servem dos lenços para seus brinquedos. É o chicote queimado... É a cabra-cega... É quem primeiro chegar!...

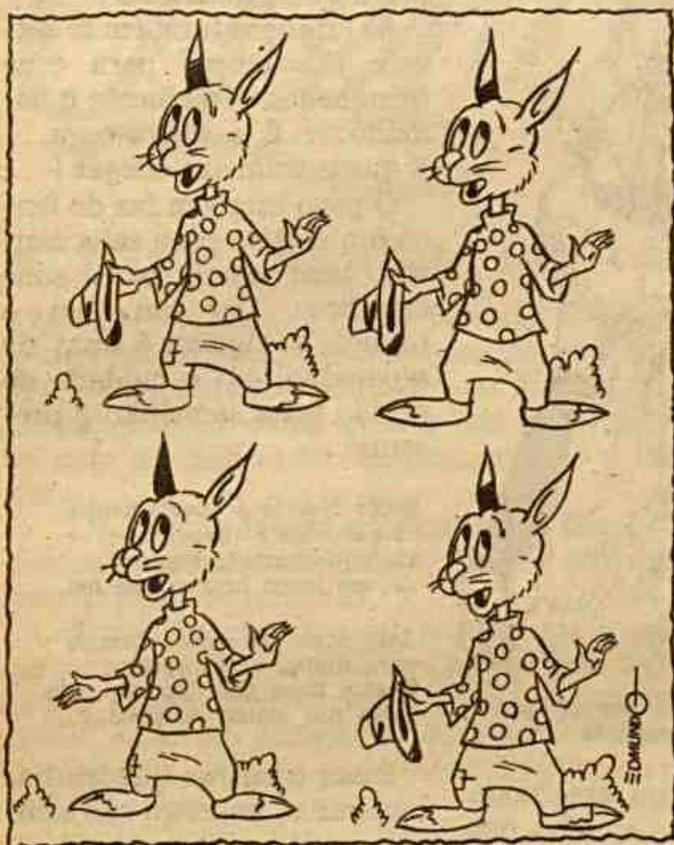
O povo também faz do lenço um motivo para seus cantos, bem como para suas crendices. Dar um lenço branco a alguém é sinal de separação, daí o cuidado de se não fazer semelhante presente:

Lenço branco é apartamento;
eu que digo é porque sei;
me vejo apartado hoje
de um lenço branco que dei.

Aqui tens um lenço branco
para limpar o teu rosto.
Queira Deus que isto não seja
entre nós algum desgosto.

Essas e outras quadrinhas inspiradas no lenço são sempre repetidas com encanto.

Polonês do Século XV, com o lenço no cinto.

QUAIS SÃO OS IGUAIS?

Dois, apenas dois, desses coelhinhos, são iguais, embora todos se pareçam muito. Você é capaz de descobrir quais são êles? Prestando atenção . . . é fácil.

PÁGINA DE UM "DIÁRIO"

"Tudo começou assim: Em minha casa, havia muitos ratos. Depois de ter experimentado muitas coisas, asseguraram-me que para destruir ratos, ainda não havia como um gato. Adquiri um gato. Em três dias, os ratos desapareceram como por encanto. Mas, em compensação, o gato era um porcalhão que não ia ao quintal e rasgava, os cortinados todos. Como me ver livre do gato? Aconselharam-me um cão como o mais eficaz para afugentar gatos. Adquiri um cão. Na realidade o gato desapareceu lá de casa. Mas... e o cão? O cão era insuportável, infernal. Mordia tôda a gente e passava as noites a ladrar. Punha-o na rua e êle voltava para casa. Um amigo informou-me, então, de que não há nada para espantar um cão como um tigre. Adquiri um tigre. O tigre comeu o cão. Mas... e o tigre? Ora, a melhor maneira de a gente se ver livre de um tigre é arranjar um elefante. Adquiri o elefante. O tigre fugiu e eu fiquei com o elefante. Como desembaraçar-me dele? Então aconselharam-me os ratos, por serem os únicos animais que conseguem fazer um elefante perder a paciência. Não tive outro remédio senão adquirir ratos. O elefante, muito trombudo, foi-se embora. E assim voltei ao princípio do assunto. Tenho outra vez ratos em casa...

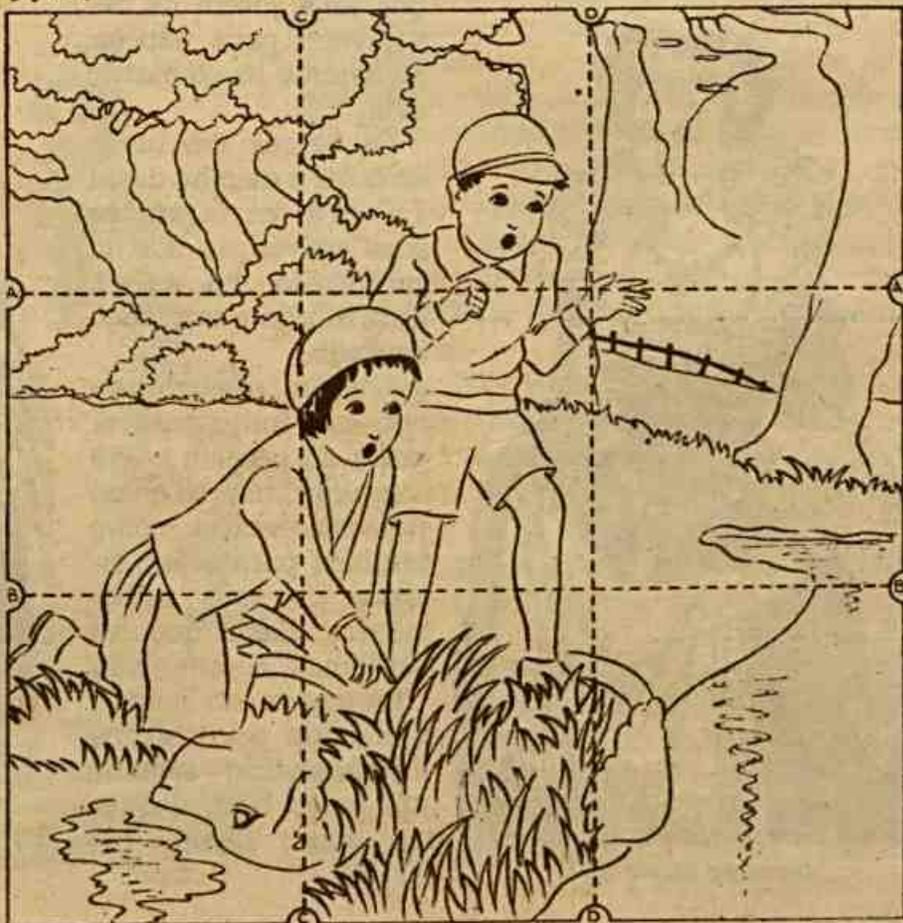
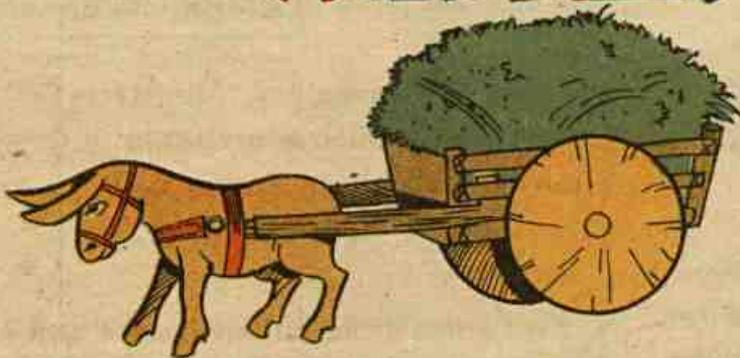
VAMOS VER ONDE ESTÁ O SULTÃO?

O Sultão desapareceu, gente! Agora seus donos estão à sua procura. Corte o quadro, dobrando-o depois, de modo que a linha de pontos "a" fique sôbre a linha "b", e a linha "c" sôbre a linha "d".

Aí, aparecerá o Sultão.

Discutem um otimista e um pessimista.

— Se isto assim continua, não temos outro remédio senão pedir esmola!

— Mas a quem? — pergunta o pessimista.

Para sua mesa de ANIVERSÁRIO

1 - MODÊLO ARMADO

A fig. 1 é o modêlo armado. Coladas as peças em cartolina, são recortadas. As figs. 2 e 3 mostram como se prendem os varais ao carrinho. A fig. deste deve ser dobrada nas linhas interrompidas, e as aletas brancas devem ser coladas. As rodas são presas com alfinetes. A palha é de celofane. Dentro dela vão as balas.

A mesa de aniversário, em que oferecemos dôces aos amigos, deve ser sempre enfeitada. As clássicas "balas", que são dadas como recordação, convém que sejam apresentadas de modo original.

Às leitoras do "Almanaque" oferecemos, aquí, um modêlo interessante de enfeite, para êsse fim.

H G B' H' C G' E' D' F' A' E F

B B' B

2 3

B A

EDMUNDO

AMÉRICO PALHA

O imperador Pedro I, depois de proclamar a nossa independência, num gesto tão fidalgo e tão nobre, não soube compreender a sensibilidade e o afeto do coração brasileiro. Possuidor de qualidades de primeira ordem, o monarca era, porém, impetuoso e voluntarioso. Assim, tornou-se em pouco tempo impopular. Os brasileiros queriam o seu monarca ligado à nova pátria, sem nenhum élo com a antiga metrópole. D. Pedro, entretanto, dando mão forte aos portugueses, cavou uma situação difícil para o seu trono. Portugueses e brasileiros desavinham-se na capital do Império. Chegou-se mesmo a fundar um partido português, intitulado "Colunas do Trono". O imperador não tinha a necessária coragem para se pôr ao lado do povo da nação que ajudara a fundar.

Resolve o monarca ir a Minas. A grande Província dá ao rei uma demonstração de repúdio. Por onde quer que êle passava os sinos das igrejas dobrava a finados! Os chefes da reação brasileira estão a postos, prontos para qualquer emergência. Evaristo da Veiga, o grande jornalista da Regência, Carneiro Leão, Odorico Mendes, o ilustre poeta e político, o padre Alencar, o senador Vergueiro e outros. Reunidos, assentam a decisão revolucionária. Era o desfecho supremo, para o qual concorreu a política de indecisão e de fraqueza de Pedro I. Tentam ainda os brasileiros demover o monarca. Êste, porém, replica demitindo o Ministério, a 5 de abril de 1831, e organizando um novo, conhecido por "Ministério dos Marqueses". Os brasileiros aceitaram o desafio. E a Revolução foi para a rua.

* * *

NO Campo de Santana — hoje Praça da República — reúne-se o povo exaltado. Chegam os chefes do movimento. O Exército é aclamado pela massa popular. A tropa, comandada pelo brigadeiro Lima e Silva, pai de Caxias, põe-se à disposição do Brasil. Nem poderia ser outra a sua atitude.

Lima e Silva, amigo do monarca, ainda procura dar uma solução pacífica ao caso. Vai êle mesmo conversar com Pedro I. Encontra o imperador de mau humor. Irritado, zangado, Pedro I não quer ceder. Com um simples gesto seu tudo estaria terminado. Estava nas suas mãos serenar a tempestade. Não quis ouvir as reclamações do povo. O brigadeiro diz ao monarca:

"Majestade, os corpos de artilharia de posição acabam de marchar para o Campo de Santana, confraternizando com o povo".

Ao que respondeu Pedro I:

— "Ainda tenho o Batalhão do Imperador".

Este batalhão era a tropa de elite. Comandava-o o coronel Manuel de Lima e Silva, irmão do brigadeiro. Mas, nem com essa tropa pôde contar o rei agitado. Estava tudo perdido para a Coroa.

O brigadeiro Lima e Silva regressa ao Campo, onde a tropa está reunida. Lá resolvem os chefes do movimento enviar Miguel de Frias ao imperador como portador de um "ultimatum", em nome do povo. O monarca quer ceder. Manda procurar Vergueiro para

organizar um Ministério que satisfaça o povo. E a noite se vai passando. Ninguém encontra o senador Vergueiro.

Sete de abril.

Pedro I, olhos macerados, exausto pela vigília e pela fôrça dos acontecimentos, toma uma deliberação: abdica em favor do seu filho d. Pedro. Miguel de Frias é o portador do documento histórico.

Subia, assim, ao trono do Brasil, o joven príncipe d. Pedro de Alcântara, contando apenas seis anos. O Brasil entrava na posse dos seus destinos. Era uma nova independência. D. Pedro II foi aclamado pelo povo, como um alvo de todas as esperanças dos brasileiros, esperanças que êle não desmentiu no futuro, sabendo honrar, como honrou, a dignidade do seu cargo.

O 7 de abril de 1831, como era natural, foi um dia de festas no Rio de Janeiro. Êle representa, na história brasileira, uma vitória esmagadora da opinião pública.

* * *

APOS a abdicação Pedro I embarcou para Portugal a bordo da "Warspite". Formou-se uma Regência trina, composta de Lima e Silva, Costa Carvalho e Braulio Moniz. O imperador-menino foi entregue à tutela de José Bonifácio. Começa então a influência de Caxias na obra da pacificação do Brasil, como a única figura capaz de resolver situações difíceis. Coube ao glorioso soldado passar à história como o esteio da ordem e a segurança do Império, assegurando a unidade espirital e política do Brasil.

BITUCA

Conto de
ELOS SAND

ERA uma vez um macaco muito travesso, chamado Bituca.

Vivia numa floresta e morava em cima de uma árvore à beira de um rio.

Bituca era um macaco exatamente igual aos outros: possuía duas orelhinhas levantadas, pêlo negro e macío, dois olhinhos redondos muito brilhantes e irriquietos, e uma cauda bem comprida, da qual êle muito se orgulhava.

Passava o dia inteiro pulando de um lado para outro, brincando com os companheiros e, a todo instante, mirava-se todo faceiro, nas águas límpidas do rio.

— Há muitos macacos — pensava êle, enamorado de si mesmo, admirando a sua cara, mas... nenhum possui uma cauda tão bonita como eu.

Bituca, apesar de ser muito convencido, tinha bom coração, e por isso era querido por todos os companheiros. Só uma coisa o impedia de ser completamente feliz: era muito curioso e, por vezes, ficava horas e horas olhando para a outra margem do rio, louco de vontade de conhecê-la.

Mas... o coitado não sabia nadar, e o rio era muito largo e só habitado por jacarés.

— Se êsses jacarés fossem mais camaradas — pensava êle, com tristeza — bem que eu poderia atravessar o rio nas costas de um dêles e, assim, visitar a mata do outro lado. Mas, nem é bom sonhar com uma coisa dessas, porque eu iria parar direitinho na barriga de um dêles.

Só em pensar nisso, o pobre macaco arrepiava-se todo, encolhendo-se de mêdo.

Certa manhã êle estava todo entretido em descascar uma castanha, quando ouviu um barulho forte, nágua. Olhou para vêr o que acontecera, e viu um enorme jacaré, nadando em direção à sua árvore. Quando êle chegou bem pertinho, levantou a cabeça e, olhando para o macaco disse-lhe com toda a polidez:

— Bom dia, compadre Bituca, como vai?

— Vou bem — respondeu êle, desconfiado. — E você?

— Eu preciso muito falar-lhe — tornou o Jacaré, adoçando a voz. Venha aquí.

— Fale daí mesmo — replicou o Jacaré, todo ressabiado. Pensa que eu

sou bôbo ? Se chegar perto de você serei comido ! Não é de hoje que o conheço...

— Juro que não o comerei — disse o Jacaré. Não sinto a menor vontade. Estou completamente sem apetite, pois acabei de almoçar agorinha mesmo. Eu só quero é lhe contar um segredo.

Bituca, como todo macaco, era muito novidadeiro, e ficou louco para saber o que era. Começava a descer da árvore, mas logo depois se arrependia, e subia outra vez. Finalmente, não podendo vencer a curiosidade, perguntou ao Jacaré, todo cheio de mesuras:

— Escute, compadre, você promete mesmo que não me come ?

— Prometo — respondeu o Jacaré, fazendo cara de santo. — Pois eu não lhe disse que já almocei ?

— Se é assim — tornou o Macaco, na sua boa fé — eu vou até aí.

Dizendo isso, colheu um galhinho da árvore à guisa de bengala, e desceu ràpidamente. Dando dois saltos, chegou bem perto do Jacaré.

— Qual é o segredo ? — perguntou ancioso, piscando os olhinhos travessos.

— Do outro lado do rio — explicou o Jacaré — há uma bananeira com um cacho tão maduro, tão amarelinho, que até parece feito de ouro ! Você não pode imaginar como os sabiás e os sanhaços se deliciam quando as comem — continuou êle, procurando fazer inveja ao pobre Macaco.

— Deve ser uma gostosura — exclamou Bituca, lambendo os beiços. — Mas... eu não posso comê-las porque não sei nadar — continuou com tristeza.

— Isso não tem a menor importância — tornou o Jacaré. — Eu o levarei às minhas costas. Você pesa tão pouco !

— Que bom ! — exclamou o Macaco, pulando e batendo palmas de contentamento. — Mas... você promete que se portará bem durante a travessia ?

— Claro — respondeu o Jacaré, sentindo-se ofendido. — Você não tem confiança em mim ?

— Tenho — disse o Bituca; e, sentindo-se mais tranquilo, deu um salto e acomodou-se às costas do bicho.

O Jacaré, mais que depressa começou a nadar Quando alcançou o meio do rio, fitou o Macaco com um olhar ameaçador e perguntou-lhe, cheio de ironia:

— Então, compadre Bituca, está gostando do passeio ?

— Estou — respondeu o pobre mono, tremendo de mêdo, pois compreendera que o perverso Jacaré o havia enganado.

— Você pensa que eu vou levá-lo à outra margem do rio para comer bananas ? — tornou o Jacaré, com maldade. Pois está muito enganado ! Há quanto tempo eu venho imaginando um meio de atraí-lo, e só agora o encontrei — continuou êle, todo satisfeito. — Você vai é direitinho para a minha barriga...

— Mas compadre, isso não é direito, não é coisa que se faça, você prometeu levar-me à outra margem — disse o Macaco, todo aflito, com um olhar de súplica.

— Ora, meu caro Bituca; não é coisa que se faça — repetiu êle, zombando do pobre coitado. Você não é um petisco que se perca sem mais nem menos. Não, isso é que não.

O pobre Macaco, não conseguindo dissuadir o Jacaré da sua idéia sinistra, pôs-se a imaginar um meio para se livrar das suas garras.

Muito astucioso, resolveu pregar-lhe uma mentira:

— Você sabe que perto da minha árvore mora uma grande família de macaquinhos todos novinhos, novinhos ?... O compadre não pode imaginar como a carne deles é tenra e macia...

— Você não está mentindo ? — perguntou o Jacaré, tão alto, que quase o Macaco caíu nágua, de susto.

— Claro que não ! Eu até ando aborrecido com esses macaquinhos insuportáveis, pois todas as manhãs, antes mesmo do sol nascer, êles começam a gritar e não posso dormir sossegado.

— Então vamos buscá-los — propôs o Jacaré.

(Conclue no fim do Almanaque)

A breve HISTÓRIA da BARBA

NOS dias que correm os homens barbados são exceção. A regra é o homem raspar os pêlos do rosto.

Nem sempre, porém, foi assim. Há muitos anos, cortar a barba era sinal de luto, para uns, e para outros era uma injúria. O rei dos amonitas sofreu as consequências disso, por ter mandado cortar a barba aos embaixadores do rei David, depois de haver tido com os mesmos um violento debate. E sentindo-se grosseiramente injuriado, na pessoa dos seus enviados, o rei David declarou guerra a seu primo, guerra que custou a êste a perda do trono dos seus avós.

Miguel Angelo

Os heróis de Homero usavam longas barbas, mas parece que raspavam apuradamente os bigodes, como nos confirmam as máscaras daquela época histórica e também o fato de se falar frequentemente, no poema imortal, de barbas e nunca de bigodes.

Os espartamos atribuiam à barba sinal de virilidade e de coragem; usá-la densa e toda, era prova de valôr e de audácia. Tanto assim, que aos vis e aos desertores, se impunha deixá-la crescer sómente na metade da cara — regra que se fazia muito observar pela bem conhecida severidade espartana.

O sistema de raspar a barba pela metade, de preferência a raspá-la totalmente, deveria ser motivado provàvelmente pelo risco de se fazer passar um tipo vil, totalmente raspado, por um herói imberbe, quer a ausência da barba deste fosse causada pela idade ou por mau funcionamento das glândulas.

Leonardo da Vinci

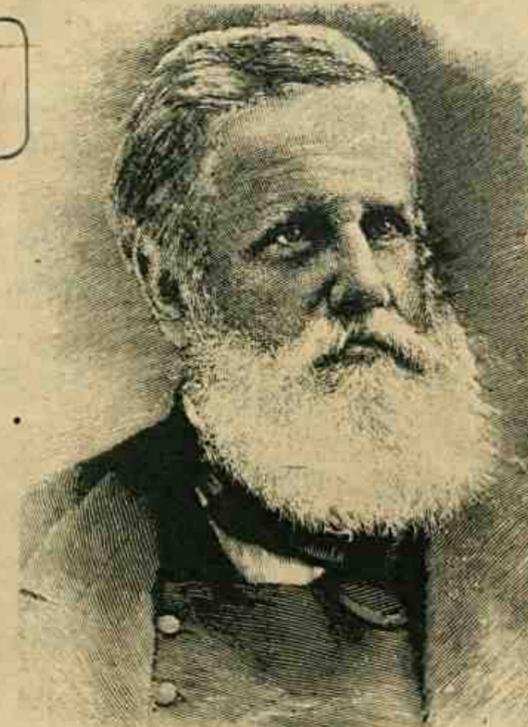
Os romanos, dos tempos antigos, que, quanto à coragem, nada tinham a invejar dos espartanos, eram também barbados. E o uso de raspar a barba não se difundiu entre eles senão pelos fins do terceiro século, antes de Cristo, ao tempo da segunda guerra punica, sem que, contudo, isso tivesse influido sobre as suas virtudes guerreiras.

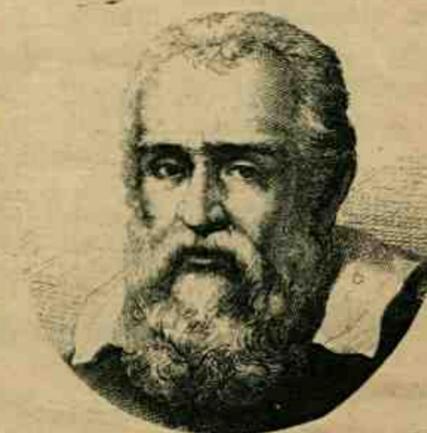
Com efeito, segundo o que nos conta Plinio, foi Scipião, o Africano, o primeiro que se fez barbear, todas as manhãs. E êsse hábito matutino era rigidamente seguido, também, por Júlio Cesar. Foi exatamente quando Cesar se estava barbeando, que lhe trouxeram a notícia de que tinham trucidado uma guarnição romana.

Depois disso, Júlio Cesar não quis continuar mais a barbear-se e, tendo vestido uma toga preta, jurou que recomeçaria a fazer a barba sómente quando tivesse vingado o ultraje sofrido pelas suas legiões. Alguns meses mais tarde, depois de terminada a campanha vitoriosa, quando no país dos revoltosos não restava mais ninguém vivo, Júlio Cesar consentiu que o escravo o barbeasse de novo.

Mas, à parte esse célebre exemplo, nos quais a barba representou um papel importantissimo, houve também casos em que a barba se prestou a ser motivo de escárneo e mofa. Basta pensar no incendiário Nero e em Juliano, o Apóstata.

Na Lombardia, deram à barba uma importância social e afetiva. Tanto assim que costumavam entrelaçarem-nas, reciprocamente, nos abraços fraternais. E chegou até a promulgar-se um édito, segundo o qual era condenado a uma multa de seis soldos-ouro, quem quer que, numa rixa, tocasse nos cabelos ou na barba de outrem.

Na Idade Média, continuou-se a honrar a barba e no século XV a moda difundiu-se tanto, que mesmo os Papas a usavam. Basta-nos recordar a barba curta e enérgica de Júlio II e a barba majestosa e copiosa de Paulo III.

As venerandas barbas do Imperador Pedro II

Os artistas tinham predileção pela barba; há um retrato de Rafael, em que o célebre pintor é representado com a barba toda. Miguel Angelo aumentava a severidade do seu rosto pela abundante barba grisalha que lhe adornava o mento e a face, copiosamente.

Galileu Galilei

Também os poetas e os literatos seguiram a moda. Ariosto usava uma barbicha aristocrática, enquanto a barba subtil de Tasso acentuava o langor do seu pálido rosto. Aretino usava uma barba de satiro, que lhe fez o Tiziano, que, como os muitos nobres venezianos por êle retratados, usava a barba longa e abundante. Luís XIV, o Rei Sol, usava mosca.

No tempo de Luís XVI e sob a República, usou-se muito da navalha, tanto que, sob a Restauração, só era permitido usar bigodes aos militares. Por 1830 a barba e os bigodes voltaram a ser usados, a ser moda, adquirindo, ao mesmo tempo, um significado político.

A moda de usar a barba ou, pelo menos, uns grandes bigodes, caidos ou bem torcidos, bem cofiados, durou até o princípio do nosso século.

De fato, hoje em dia, usar uma barba mais ou menos longa, considera-se uma coisa um pouco fora dos tempos.

Personalidades importantes usaram longas barbas, como Leonardo da Vinci, Darwin, o nosso d. Pedro II, Bernard Shaw, Guerra Junqueiro, e tantos outros.

A mãe de Sergio tinha muito o que fazer, então o chamou e disse:

— Preciso que me ajudes um pouco. Quero que limpes estas ervilhas. Tens aquí a tigela para colocares as de que tiveres tirado o fiapo.

Sergio não gostou muito da incumbência. Franziu a testa e fez biquinho.

Ora veja ! Ele, um menino, fazer um serviço que devia ser feito pela mamãe ou então por uma menina ! Mas é que o nosso amigo não tinha irmãzinha, por isso êle mesmo é que auxiliava a mamãe.

Fingiu, então, que não ouviu o que dizia sua mãe, porém ela voltou e repetiu:

— Serginho, não ouviste ? Tens que limpar as ervilhas.

— Sim, mamãe... Sim, mamãe...

O menino senta-se num banco, põe a cesta com as ervilhas no colo e ao lado põe a tigela onde vai colocando as que já estiverem limpas.

Olha desanimado para a tarefa.

— Ih ! que quantidade ! Não terminarei isto hoje...

Só agora êle pode avaliar o trabalho que sua mãe tem para preparar as refeições.

Depois de limpar uma porção, Sergio descança um pouco. Os dedos já estão escuros e ásperos como a lingua do gato.

Quanto trabalho ! Que aborrecimento !... Acho melhor lavar as mãos e descançar um pouco no jardim.

Lembra-se da colmeia que está no jardim e que há muito tempo vem desejando ver de perto. Sua mãe sempre está recomendando que não se aproxime da colmeia porque as abe-

Tradução de Maria Matilde

lhas picam. Mas êle, cheio de curiosidade, quer saber como é que as abelhas fazem o mel.

Por isso, deixa o serviço e, devagarinho, vai até onde está a colmeia.

Como será por dentro? Serginho abaixa-se para ver melhor. Ouve o zumbido das abelhas trabalhando.

Fica a pensar de que modo poderá tirar o mel e eis que lhe ocorre uma idéia. Apanha um galho de árvore e mete na entrada da colmeia, julgando que quando o retirar de lá, virá cheio de mel.

E fica tão distraído agitando o galho na colmeia que nem percebe quando sái a primeira abelha e logo a seguir a segunda e a terceira...

Serginho põe-se a correr como louco, mas as abelhas o perseguem e o mordem no rosto, uma no nariz, outra na orelha... Sente dores horríveis!

E quanto mais corre mais rápidas vão as abelhas no seu encalço. Sente muito ardor e muita quentura. Seu rosto está coberto de calombos vermelhos. Não resiste mais e sái gritando:

— Mamãe!... Minha mãezizinha!...

Ao ouvir a voz do filho a senhora corre aflita.

— O que é, Sergio? O que te aconteceu, hein?

As abelhas te morderam?

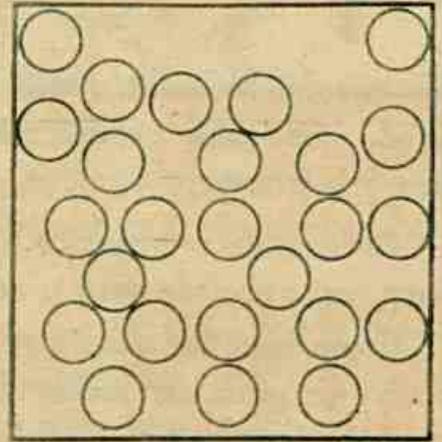
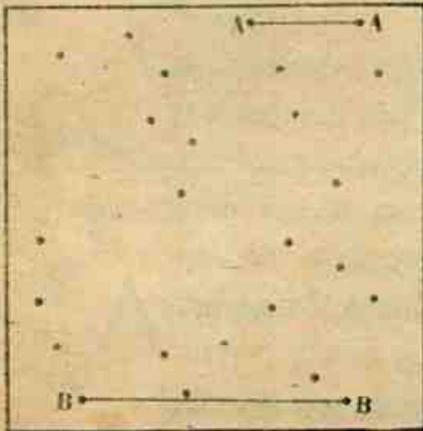
Isto aconteceu porque és desobediente. Já tinha te prevenido que não mexesses com as abelhas, mas não quiseste ouvir os conselhos de tua mãe...

Sergio fica muito envergonhado e, enquanto sua mãe lhe põe compressas de água fria no rosto para fazer baixar a inchação, êle promete a si mesmo nunca mais se aproximar da colméia e nem desobedecer às ordens dela.

Ao passar defronte de um espelho Sergio fica horrizado com o seu rosto. Está enorme! Inchado! Quase não pode abrir os olhos!...

Depois, chegaram os amigos de Sergio, que ao vê-lo deram risadas.

Suas faces estavam tão empoladas que se assemelhavam a essas bolas de ar coloridas, dando desejos de estourá-las... Mas, decorridos os primeiros minutos, sentiram até pena do companheiro de folguedos. Iam ficar muitos dias sem o seu amigo! Sergio, entretanto, não revelou aos companheiros por que razão se encontrava naquele estado. Não queria que soubessem que êle fôra um menino desobediente e que o que estava passando nada mais era do que um castigo bem merecido.

QUEBRA-CABEÇAS

AS SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DESTA PAGINA ESTÃO TÔDAS EM UMA PAGINA NO FIM DO ALMANAQUE

DE LINHA EM LINHA...

UNINDO estes pontos, você deverá traçar 18 linhas. Mas de modo a observar a seguinte condição: cada linha que fôr sendo traçada deve ser sempre maior que a anterior.

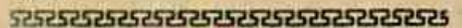
A linha AA representa a mais curta, e BB é a maior que será traçada. Inicie agora mesmo. Mas não esqueça que as linhas a traçar devem ser cada vez maiores.

AS BOLINHAS

DONA Zuzú deu às sobrinhas umas bolas de gude. Cada uma ganhou 18 bolinhas. Mas a mais velha, já crescida, achou que era melhor distribuir as suas com as irmãs, e agora cada uma das crianças tem 22 bolinhas, a não ser a menor, que tem 24, por ser a preferida da irmã mais velha.

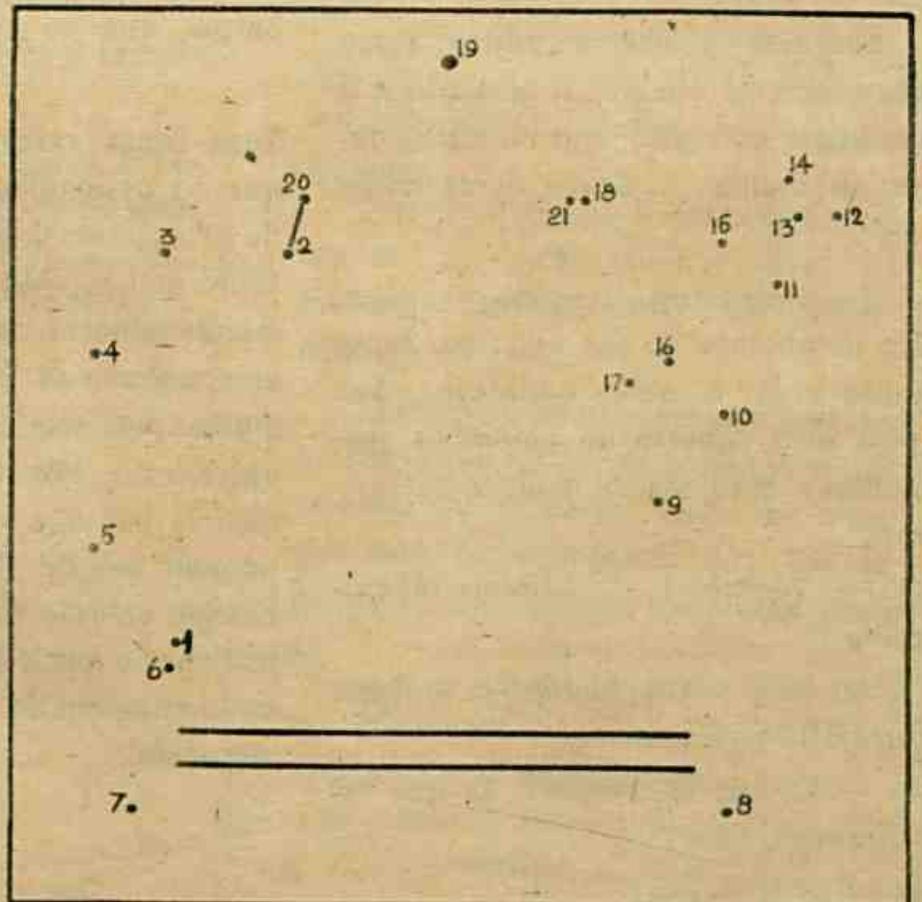
Você saberá dizer quantas sobrinhas tem dona Zuzú?

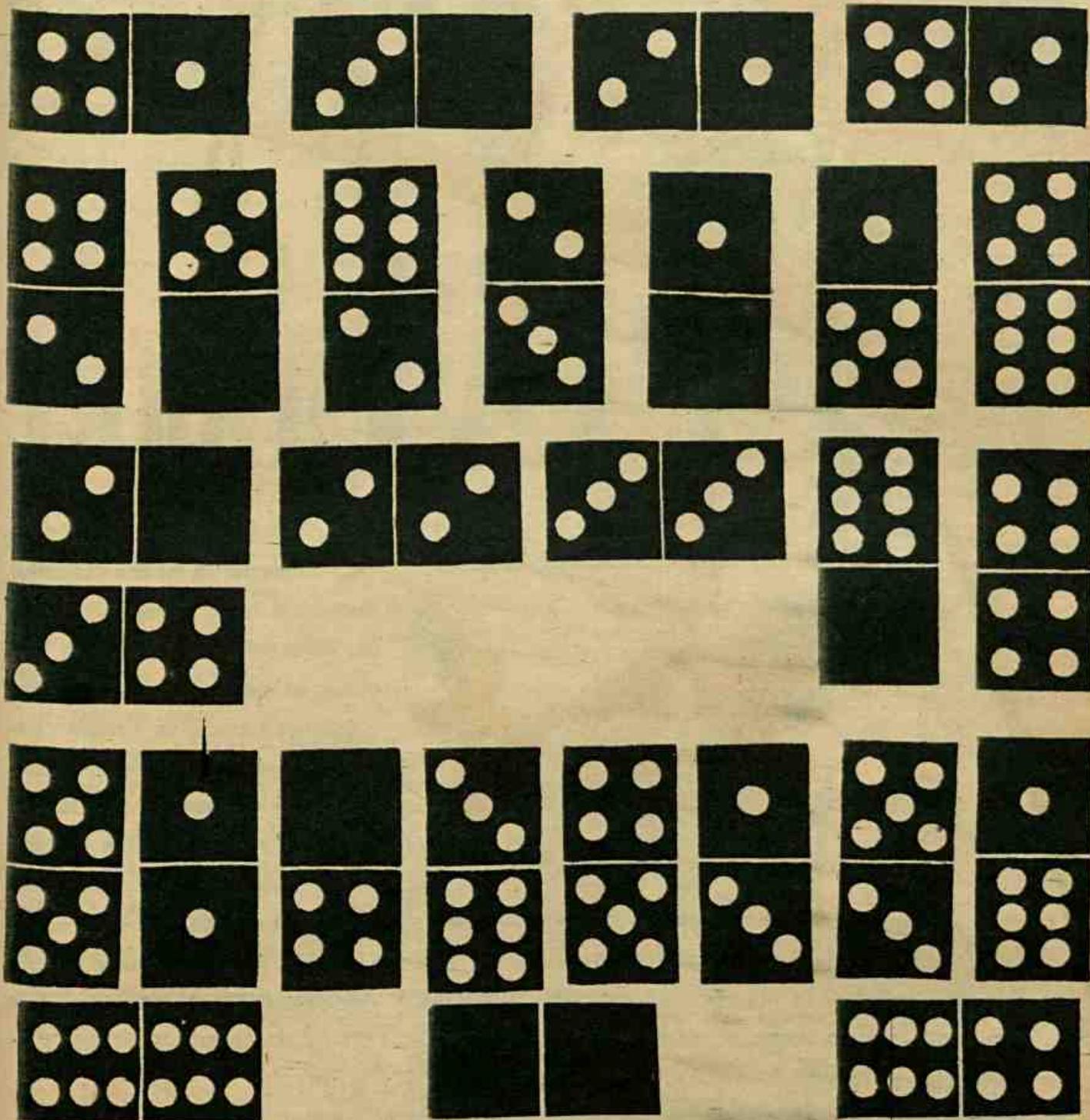
COMO DOBRAR?

DENTRO deste quadrado estão vinte e cinco pequenos circulos. Veja se descobre a maneira de dobrar o quadrado, hàbilmente, de modo que se reduza a um quadrado menor, contendo no interior 14 circulos.

O SAPO

UM sapo está no fundo de um poço de 10 metros de altura. E quer sair. Dá um salto de 3 metros cada dia e se agarra à parede. Mas como esta é escorregadia, retrocede 2 metros. Quantos dias leva para sair do poço?

ESTE E' DIFERENTE

QUARENTA pontos negros estão espalhados neste espaço. Trata-se de reunir os pontos, dois a dois, por linhas retas do tamanho da linha AB. Mas só as extremidades de cada linha são consideradas como ponto de contacto, isto é, cada dois pontos devem formar uma linha, ficando estas separadas.

LIGANDO os pontos, na ordem em que estão numerados, você fará um desenho. Que será? Ah! Só vendo, e com o auxílio do lapis. Por que não vai buscar o lapis e não descobre logo o que é?

VAMOS JOGAR DOMINÓS

O jogo de dominós comporta, além da forma costumeira que todos conhecem, isto é, ir colocando as pedras sempre de modo a que se siga um 3 a outro 3, um quatro a outro quatro, etc., outras modalidades interessantes.

Uma delas é a "dos sete". As pedras devem ser postas sempre de modo a que a extremidade da que foi jogada e a da que se joga, somem sete. Se, por exemplo, a "ponta" é um 5, deve-se colocar ao seu lado um 2; se fôr um 3, joga-se um 4, e assim por diante.

No caso do jogador não possuir pedra que faça a soma 7 com uma das pontas, poderá jogar as "barras" de 7, isto é, 6 x 1, 5 x 2, 4 x 3, ou 0 x 0.

Esta modalidade é muito mais interessante que a comum. Recortando-se as pedras acima, depois de coladas em papelão grosso, tem-se um bom jôgo de dominós, com o qual se poderá experimentar a modalidade de jogo que foi aqui ensinada.

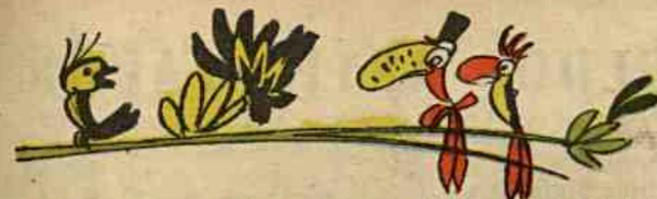
QUEM QUER, VAI. QUEM NÃO QUER, MANDA.

A Lenda do Beija-Flôr

CELEBRAVA-SE a festa da primavera no mundo das aves. Acorreram todos os representantes do reino alado. Em pouco, enchiam os salões as mais elegantes e graciosas aves. Já haviam chegado: a Araponga, conhecida como o ferreiro das selvas, o Alfaiate, isto é, o Serra-Serra, todo garboso na sua roupa bem talhada; o Capitão de Bigode, passeando a beleza dos seus bigodes; o Cardeal, merecendo a reverência das aves, com sua roupagem vermelha; o Forneiro, ou melhor, o João de barro, mostrando as vantagens de construir a própria casa etc., etc. Cantores, os mais afamados, palestravam sôbre a companhia lírica a chegar; ouvia-se a risada alegre do Canário da terra; os cochichos do Gaturamo; as volatas do Azulão; o chilreio encantador da Cigarra...

E os dançarinos? Todos estavam a postos, elegantes, leves, ansiosos por mostrar os seus conhecimentos de coreografia. Dentre muitos podiam-se citar: o Tico-Tico, movimentando-se, risonho; a Viuvinha, abrindo as asas para mostrar a beleza dos braços; mas, chamava a atenção de todos, pela bizarria das vestes e pela harmonia do conjunto, o grupo dos Tangarás, sempre em roda, leves, ativos, encantadores...

Oradores dispunham-se a fazer discursos: o Papagaio pigarreava; a Arara procurava a frase mais bela; o Periquito, engrossando a voz, queria imitar o papagaio; poetas, como o Curiango; pintores, como o Flamingo; atores, como o Corrupião, tudo era visto no suntuoso palácio das aves.

A um canto, o Uirapurú lia a sorte de umas graciosas avesinhas e, à porta, o Bem-te-vi ia anunciando a chegada de mais um distinto conviva. Dentro e fora do palácio, uma nuvem de penas, um pipilar sem fim... Quem estava encarregada de fazer as honras da festa era o Beija-flor.

A esposa da linda avesinha, com sua clâmide de côres a todos recebia alegremente e todos lhe entregavam um tributo para a festa, como goiabas, maracujás, pitangas e flores delicadíssimas...

Mas, no meio da festa procuravam os filhos do beija-flor.

Onde estariam? Ninguém o sabia.

Mas, a mamãe atenta foi achá-los comendo tôda a sobremesa, isto é, o nectar delicioso que estava reservado aos convidados e que fôra tirado das flores selvagens e raras, na região.

Pilhando-os, severa, resolveu puni-los e mandou que buscassem mais nectar.

E êles saíram apressados e... até hoje andam, de flor em flor, buscando o nectar, que, num momento de gulodice, furtaram do banquete.

E' por isso que se vêem beija-flores, insaciáveis, sem mesmo pousar sôbre as flores, apressados, com o bico longo a lhes tirar o mel...

BRINQUEDOS ARTICULADOS

CORTE em madeira fina (caixa de charutos ou de lança-perfume) uma silhueta grotesca, como, por exemplo as dos modelos que lhe oferecemos nestas páginas. Querendo aumentá-las, faça as ampliações quadriculando a madeira com quadros maiores e transportando os riscos na devida proporção, pelo método usual.

Cortadas as peças, serão elas devidamente pintadas, para causar o efeito mais agradável. Corta-se apenas um corpo, e duas pernas e dois braços. Fazendo as perfurações A, B e D, trate de unir as peças, observando o que está escrito no quadro em baixo da figura do macaquinho. Para isso, use arame. Mas repare bem que só a articulação da perna é móvel. Só a perna deve mover-se: os braços são fixos. As mãos são unidas com arame também, deixando entre elas um pedacinho de fêltro, por dentro do qual passará depois o cordão pelo qual trepará o boneco, de modo que o cordão deslize sem oferecer certa resistência.

Braços e pernas se unem por meio de um pedaço de elástico.

Esse elástico deverá manter braços e pernas em posição horizontal, perpendiculares ao eixo do corpo.

PRESTE ATENÇÃO A ISTO

A — articulações fixas
B — articulações livres
D — orifícios por onde passam os elásticos.

Vale para as duas figuras.

OS DRAMAS DA ESPIONAGEM...

NA Coreia, um oficial americano dos serviços secretos tem um encontro marcado, à noite, com um espião, na terra-de-ninguém.

A hora aprazada, rastejam os dois, um de encontro ao outro, até que ficam rosto com rosto.

— Tem alguma informação? — pergunta o americano.

O outro respondeu, em voz muito baixa: — Tenho...

O americano também baixou a voz e perguntou:

— Que armas são estas que eles estão a disparar atrás da colina?

O outro baixou ainda mais a voz:

— Canhões de 75 milímetros...

O americano também foi baixando a voz:

— E a que distância estão eles?

— A mais de dez quilômetros.

— Todos?

— Sim...

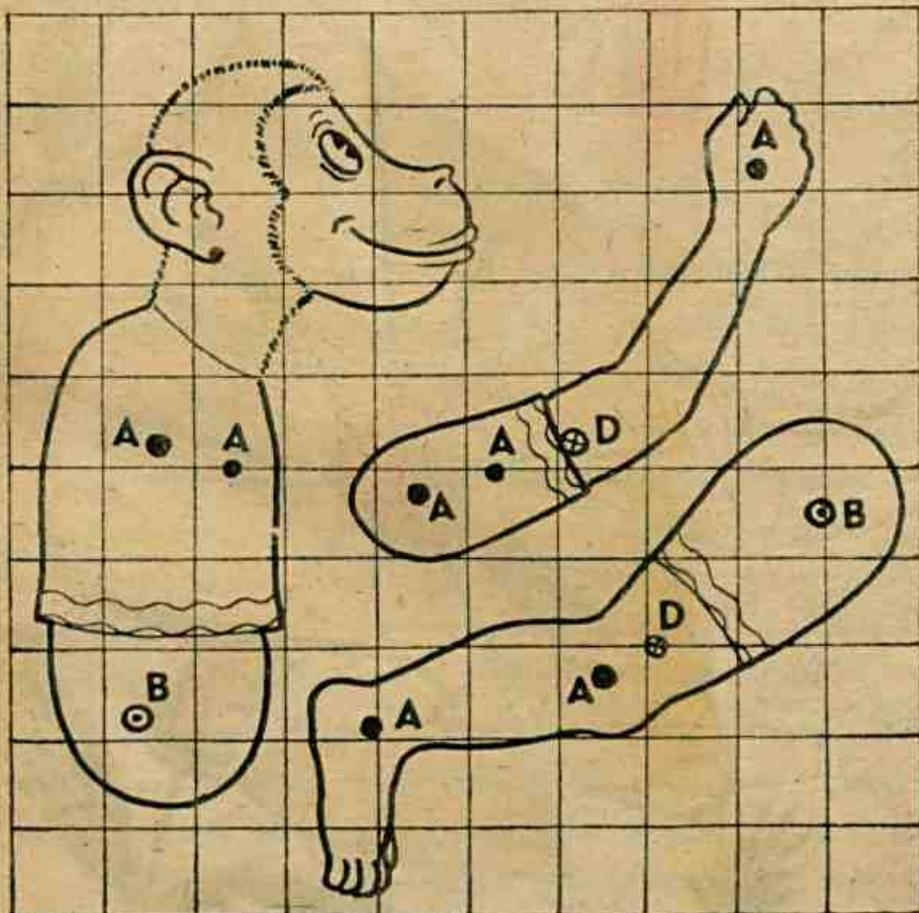
— Mais perto não há tropas?

— Não... — respondeu num sôpro inaudível.

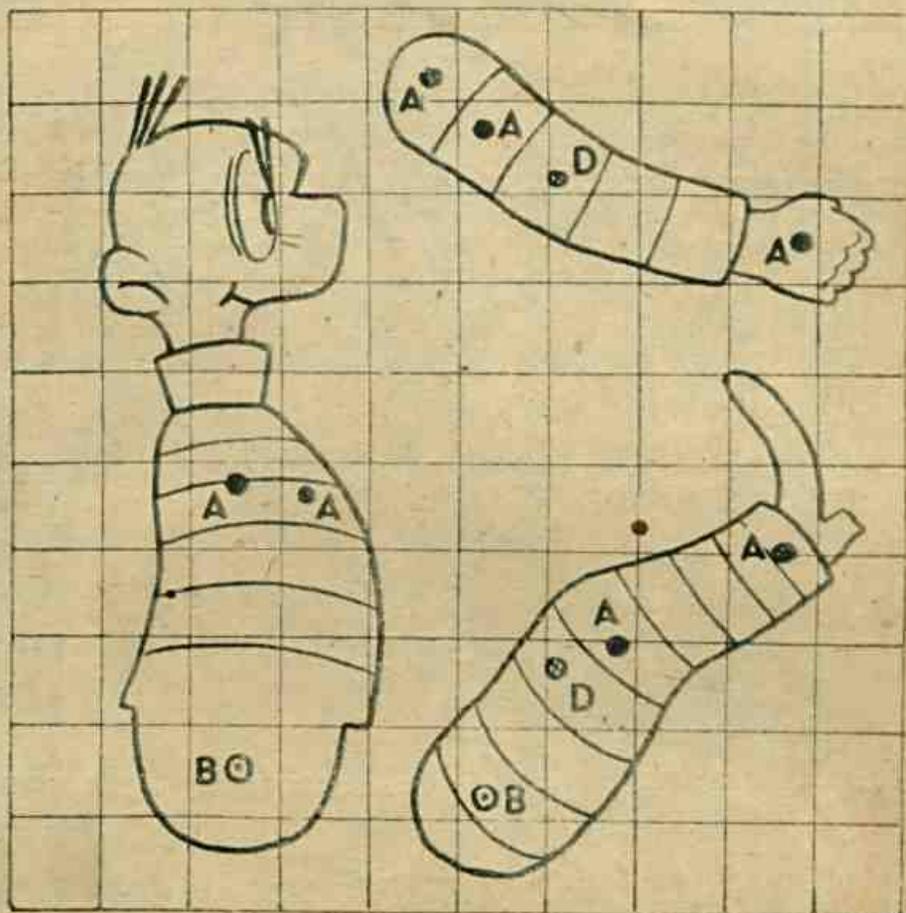
O americano perguntou também num murmúrio:

— Mas, neste caso, posso saber por que estamos falando tão baixo, se o inimigo está a dez quilômetros e por perto não há ninguém que nos possa ouvir?!

E o outro, com a voz ainda mais sumida:

— E' que eu estou muito rouco! Estou com "coreana"...

As duas pernas são unidas entre si nos dois pontos A, com pedacinhos de arame, de modo que, embora tenham movimentos independentes do busto, devem ser solidárias entre si. Quer dizer: as duas ficam presas uma à outra, com um pequeno espaço entre ambas, onde haverá um arame (A e A).

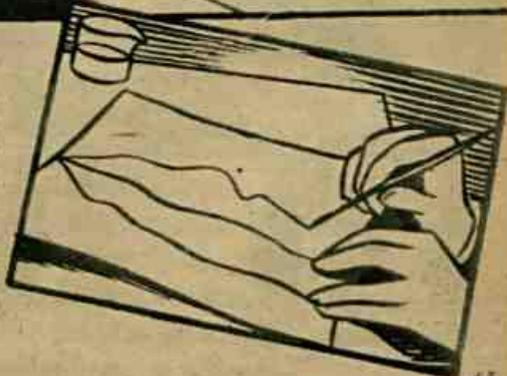
O cordão usado deve ser fino e liso. Enfia-se o cordel por dentro do fêltro e por entre as duas peças das pernas e dos pés, como vai claramente mostrado nos modelos. Segura-se o cordão na vertical, puxa-se a ponta inferior, o que faz com que o elástico seja esticado. Soltando-se um pouco, o elástico puxa para cima, para voltar à posição natural e o boneco dá uma subidinha. Novo puxão, e nova subidinha. Assim, as pessoas terão a impressão exata de que o boneco está subindo no fio, por esfôrço próprio.

Repetindo os movimentos, o boneco percorrerá o fio em toda a sua extensão, obtendo-se, assim, um brinquedo muito engraçado.

APOSTADOR DIVERTIDO

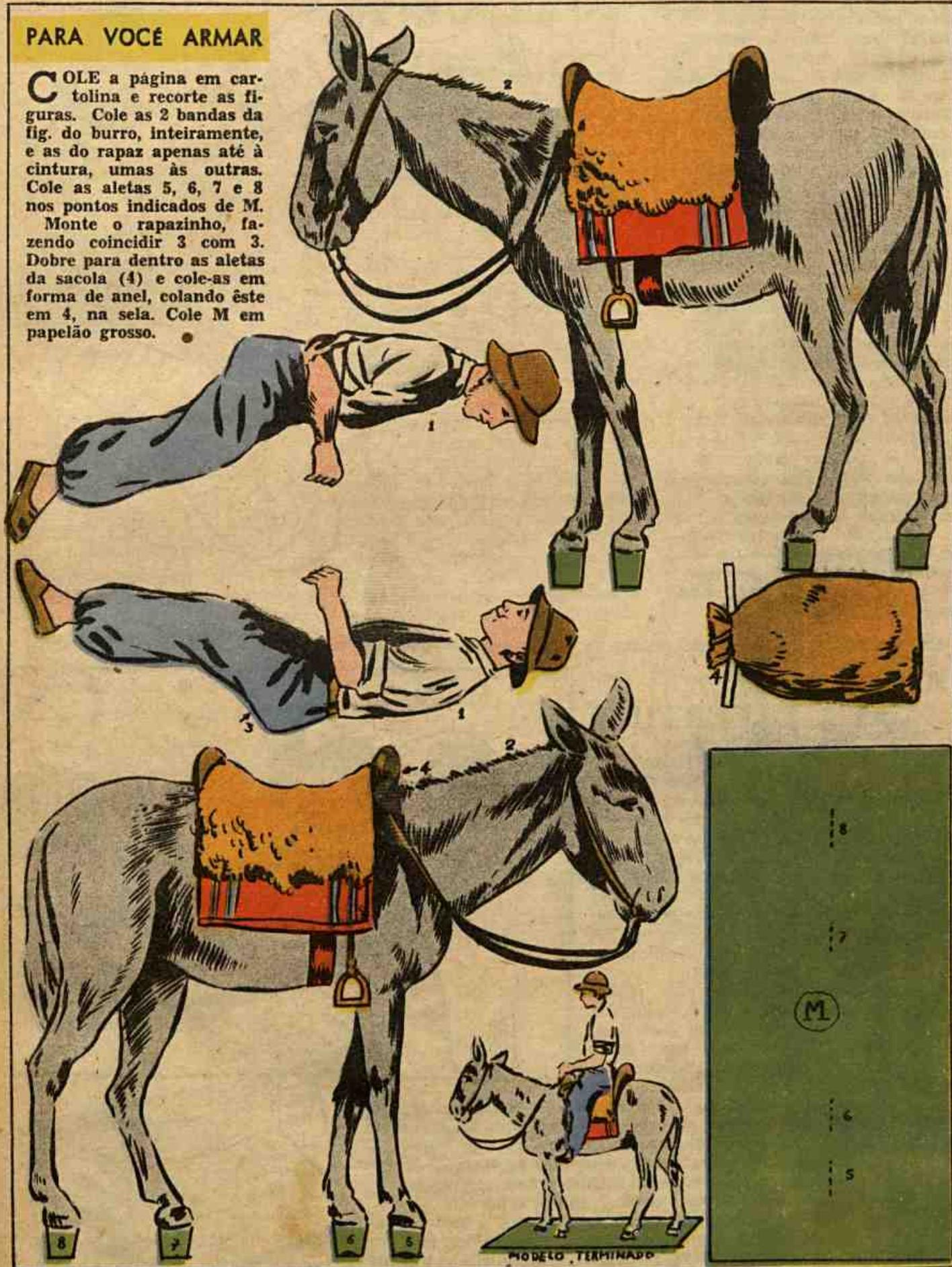
PEÇA ao papai para dissolver uma pitada de nitrato de potassio em uma colherinha de água. Com esta solução êle (ou você, se já é crescido) trace sôbre papel fino, dêsse usado para segundas-vias de cartas, ou, melhor ainda, papel de correspondência aérea, algumas linhas, seguindo várias direções mas indo tôdas convergir num determinado ponto, no qual se escreverá, a tinta: "Chegada". A ilustração menor dá uma idéia de como se deve fazer.

Quando o papel estiver sêco, você e amigos seus apostam cada qual num dos números colocados ao lado de cada uma das linhas, "fingindo" que cada linha daquelas correspondem à trajetória de um imaginário cavalo de corrida.

Então o papai encostará o seu cigarro no ponto que se convencionou ser o de largada, ou partida. A parte que foi embebida naquela solução irá sendo queimada, aos poucos, sem chama. O foguinho irá avançando, avançando, e tomará as diversas linhas traçadas. Uma, na certa, queimará mais depressa que as outras, e o que tiver apostado naquêle "cavalo", será o vencedor.

Preparando-se de antemão várias folhas, com a solução, podem-se promover várias corridas de cavalo, constituindo êsse um jogo de apostas muito atraente... desde que ninguém se queime, nem sejam estragadas as toalhas de mesa da Mamãe.

PARA VOCÊ ARMAR

COLE a página em cartolina e recorte as figuras. Cole as 2 bandas da fig. do burro, inteiramente, e as do rapaz apenas até à cintura, umas às outras. Cole as aletas 5, 6, 7 e 8 nos pontos indicados de M.

Monte o rapazinho, fazendo coincidir 3 com 3. Dobre para dentro as aletas da sacola (4) e cole-as em forma de anel, colando êste em 4, na sela. Cole M em papelão grosso.

Natal

Ante esta cêna, que representa o inicio de uma nova éra para a Humanidade, qual o coração que não se enternece e qual a cabeça que não se curva, reverente? Passam os séculos, avança em progresso o Mundo, sucedem-se gerações e gerações e a beleza simples do Presépio de Belém há de perdurar sempre, emocionando os homens

UM GRANDE AMIGO do HOMEM

Pela sua inteligência e bondade, rivaliza o cavalo com o cão e o elefante. A quem quer que o trate com doçura, não deixa nunca de obedecer.

Conhece a voz, compreende as palavras de quem lhe fala. Ouça o chamado, e ei-lo que larga a manjedoura e sai da estrebaria para deixar-se lavar, selar ou atrelar.

E' dócil. Aprende o que se lhe ensina. E' como somos. Teremos nele um bom discipulo se o tratamos com humanidade, se o levamos com bons modos, se o não aturdimos com pancadas.

Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és. Lidem com o cavalo com bondade, mostrar-se-á manso e bondoso. Ao contrário, tomem conta dele pessoas grosseiras e deshumanas, tornar-se-á manhoso, arisco, e passarinheiro. Morde, corcoveia e escouceia.

Vêde, porém, o bom ferreiro. Acaricia-o, afaga-o, dá-lhe alguma coisa para comer. Foi-se a resistência! Deixa o cavalo que lhe batam os cravos na ferradura.

O cavalo aprende a marchar a passo, a trote e a galope. Vêde-o nas paradas. Qual o mais garboso, o cavaleiro ou êle?

Corre, brioso, para o combate ao clangor dos clarins, que o alegra e entusiasma. Vibra, nos hipódromos, às aclamações da multidão e, por elas excitado, nada mais belo do que êle a medir-se com os seus êmulos na corrida.

O cavalo é reconhecido. Passado a outro dono, festeja o antigo, ainda que seja o encontro após muitos anos.

Venha um estranho montar um cavalo particular, não passará a mudança despercebida à cavalgadura, e às vezes o cavaleiro será cuspido da sela.

Possue o cavalo em alto grau a memória dos lugares em que já andou e viveu. Melhor do que o guia conhece a palmos o

caminho. Basta percorrê-lo uma vez.

De quanta errada êle não livra o viajante!

Atento ao caminho, orelhas fitas, mostra o cavalo como tem o ouvido delicado. Estaca a êste ou àquele rumor insólito, revelando, bem vezes, ao cavaleiro distraido, algum encontro perigoso, um salteador de tocaia, ou uma féra já de bote levantado.

Fino de ouvido, não o é menos de olfato. Já de longe, pelo murmúrio distante que as orelhas apanham e pelo cheiro da boa relva que lhe chega às narinas, relincha de alegria, acelera o passo. E o rio não tarda a aparecer com as suas águas rebrilhante ao sol.

Venha a transpor uma velha porteira conhecida, a passar, decorridos muitos anos, por uma antiga pastagem, ou pelos campos em que, ainda poldro, correu e brincou, e como êle sabe sentir, dí-lo-á, na sua ternura, aquele relincho de saudade!

Um velho sacerdote muito caritativo tinha um cavalo de sela. Tôdas as manhãs, costumava sair nele a passeio.

Uma vez, desejando mandar um cesto de frutas a um amigo, que morava fora da cidade, disse ao criado que não fôsse a pé. Selasse o cavalo.

Ao voltar, deu o rapaz conta da incumbência e, a sorrir, disse ao patrão:

— De outra feita, sr. vigário, deixe-me que vá a pé.

— E por que?!... Então, você não gostou do alazão, tão bom marchador?...

— Não é isso, sr. vigário. O caso foi que o cavalo me deixou em apuros... Mal via um pobre, no caminho, estacava e não continuava a andar senão depois que eu, sem vintém, pedindo ao mendigo que perdoasse, fazia como que lhe dava esmola.

Duram muito os cavalos?

Os mais robustos e vigorosos podem atingir os trinta e cinco anos.

JULHO

1 — Quarta-feira	S. Teodorico
2 — Quinta-feira	Visitação de Nossa Senhora
3 — Sexta-feira	S. Jacinto
4 — Sábado	Santa Isabel
5 — Domingo	S. Atanásio
6 — Seguda-feira	S. Domingos
7 — Terça-feira	Santa Pulquéria
8 — Quarta-feira	S. Procópio
9 — Quinta-feira	S. Cirilo
10 — Sexta-feira	S. Januário
11 — Sábado	S. Pio
12 — Domingo	S. João Gualberto
13 — Segunda-feira	S. Anacléto
14 — Terça-feira	S. Boaventura
15 — Quarta-feira	S. Henrique
16 — Quinta-feira	N. S. do Carmo
17 — Sexta-feira	S. Aleixo
18 — Sábado	S. Canulo de Lélis
19 — Domingo	S. Vicente de Paula
20 — Segunda-feira	S. Marcial
21 — Terça-feira	S. Praxedes
22 — Quarta-feira	Santa Maria Madalena
23 — Quinta-feira	S. Apolinário
24 — Sexta-feira	S. Jerônimo
25 — Sábado	S. Tiago
26 — Domingo	Santa Ana
27 — Segunda-feira	S. Pantaleão
28 — Terça-feira	S. Nazário
29 — Quarta-feira	Santa Marta
30 — Quinta-feira	S. Abdon
31 — Sexta-feira	S. Inácio de Loióla

Recorda-se êste mês

O 2 DE JULHO NA BAHIA — 1823 — Ano seguinte à independência. A Bahia é teatro de uma luta memorável ,que consolidará a nossa independência política. O general Madeira não aceita o fato do 7 de setembro. Luta-se em Coqueiro e Cabrita (3/11/22), em Pirajá (8/11/22), em Conceição e Itapoan (15/2 e 3/5/23. As tropas portuguêsas sobem a 8.000 homens e as brasileiras a 5.000. As nossas foram comandadas a princípio pelo general Labatut e depois pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva, depois visconde de Magé. Com a chegada da esquadra sob o comando de Cochrane, tornou-se insustentável a situação dos portuguêses. A 2 de julho, o general Madeira embarcou precipitadamente com as suas fôrças para Portugal e os brasileiros, à tarde, fizeram a sua entrada triunfal em Salvador.

FERNÃO DIAS PAIS LEME — A 21 de julho de 1674, Fernão Dias Pais Leme partiu de São Paulo, com a sua "bandeira", para o interior do Brasil, em busca de esmeraldas. Durante sete anos essa bandeira percorreu terras desconhecidas, inspirando mais tarde a Olavo Bilac o seu famoso poema "O Caçador de Esmeraldas". Os resultados da bandeira de Fernão Dias foram nulos quanto às riquezas que procurava. Entretanto, teve uma importância enorme no que se refere os frutos da penetração. O bravo bandeirante morreu vitimado pelas febres, à margem do Rio das Velhas, em 1681, "trazendo as pedras verdes que colhera tão longe, e supunha fossem esmeraldas.

A EXECUÇÃO DE CALABAR — Domingos Fernandes Calabar foi considerado um traidor pelos insurretos que lutavam contra os holandeses. Calabar passou-se para o inimigo. Antes, porém, havia combatido ao lado de Matias de Albuquerque, no Arraial de Bom Jesus e o fez com heroísmo, sendo ferido num dos encontros. Passando-se para os holandeses, Calabar assegurou várias vitórias aos inimigos, graças ao seu gênio militar. Matias de Albuquerque tudo fez para chamar novamente o transviado, com promessas sedutoras. Mas nada conseguiu. Caindo prisioneiro dos luso-brasileiros foi enforcado em Porto Calvo. A memória de Calabar tem sido reabilitada por vários historiadores, entre êles Assis Cintra e Craveiro da Costa.

A MAIORIDADE DE PEDRO II — Aos quinze anos de idade, o príncipe D. Pedro de Alcantara viu-se elevado ao poder, por um movimento parlamentar que lhe deu a maioridade antes do tempo. Essa precipitação foi o resultado da política errada das Regências.

SANTOS DUMONT — Alberto Santos Dumont, o nosso glorioso patrício, morre em Santos, Estado de São Paulo, a 23 de julho de 1932. O seu corpo repousa no Rio de Janeiro, no Cemitério de São João Batista, em tumulo que é uma cópia do manumento que os francêses lhe ergueram em Saint-Cloud.

VOCÊ SABE?

1.° — Em que ano atravessou Bleriot o Canal da Mancha, quanto tempo empregou para o fazer e com que espécie de aparêlho?

2.° — De que nação europeia depende o principado de Liechtenstein?

3.° — A torre de Piza é a única torre inclinada que há na Europa?

4.° — O que eram e onde estão as colunas de Hércules?

5.° — De onde vem a expressão: "Água de juventa"?

6.° — Em que ano de nossa éra se iniciou o calendário muçulmano?

7.° — Quem descobriu os raios X?

8.° — Em que ponto da América, desembarcou Cristóvão Colombo?

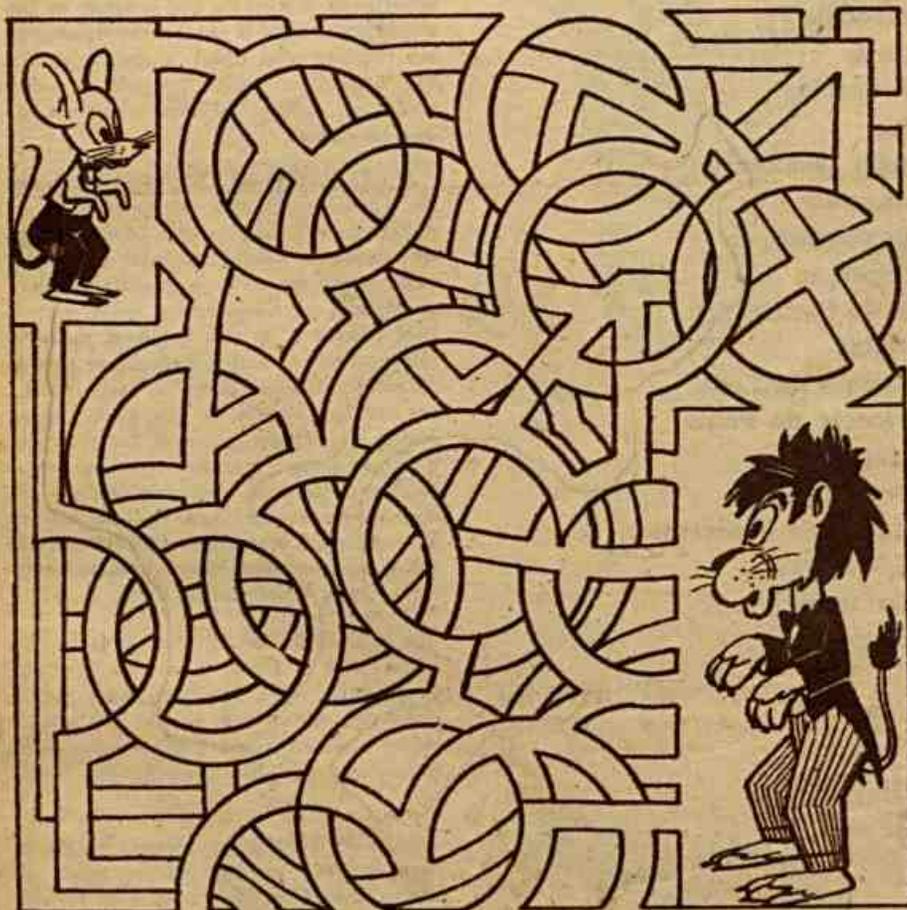
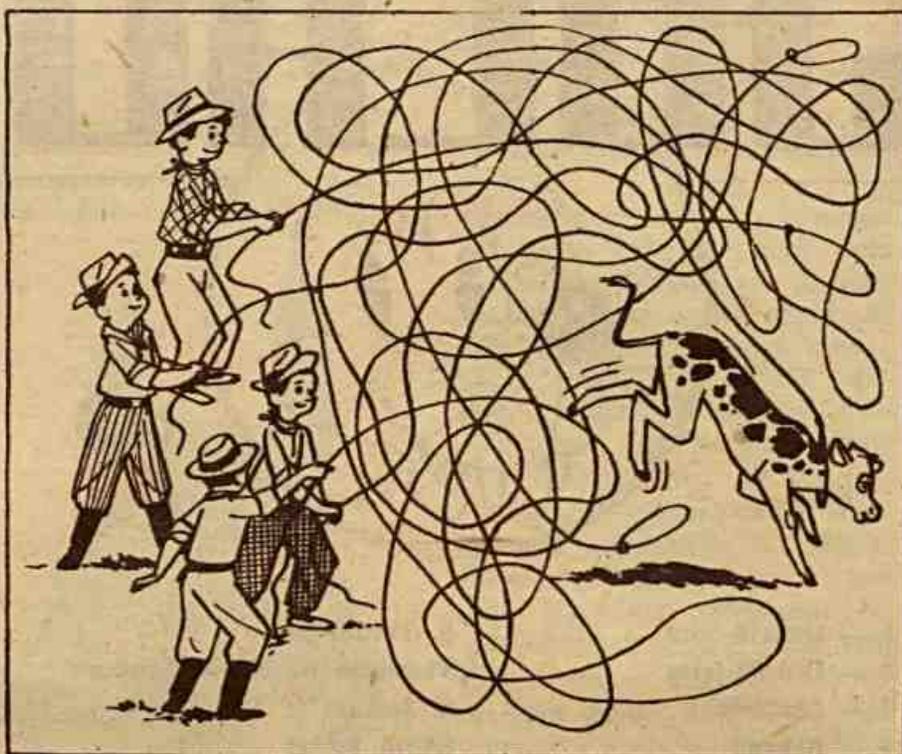
9.° — Qual foi a causa da guerra de Troia?

10.° — Onde teve origem o nosso sistema métrico decimal?

11.° — Porque foi que Josué ordenou ao Sol que suspendesse a sua rota?

(*Respostas na 3.ª coluna*)

QUEM LAÇOU?

Um desses meninos vaqueiros laçou o bezerrinho. Mas as cordas estão embaraçadas e nem êles mesmos sabem quem foi o que acertou a rez! Voce saberá?

O Leão e o ratinho são amigos. E Sua Majestade quer ir à casa do roedor. Até vestiu fatiota de gala . . Mas . . . por onde deve ir? Você vai ter que ensinar o caminho a êle . . .

VOCÊ SABE?

RESPOSTAS

1.ª — Luis Bleriot em um monoplano de sua invenção, provido de um motor de 25 cavalos, atravessou o Canal da Mancha (41 quilômetros) em 87 minutos, no dia 25 de Julho de 1909.

2.ª — O principado de Liechtenstein está situado no Alto Reno, entre a Austria e a Suiça. É este último país que administra as suas alfândegas, correios e telégrafos.

3.ª — Além da Torre de Piza, há outras torres, na Europa, que se acham em condições semelhantes: as de S. Moritz Ems, Ulm, Asinelli e Garisenda.

4.ª — O monte Abyla, em Africa, e o monte Calpé, em Espanha, situados ao Norte e ao Sul do Estreito de Gibraltar. Segundo a lenda, foi ali que Hércules terminou os seus trabalhos.

5.ª — Jupiter transformou uma ninfa na fonte de Juventa, que tinha a virtude de rejuvenescer aqueles que bebiam sua água.

6.ª — A era da Hegira começou em 16 de Julho do ano 622 depois de Cristo.

7.ª — Wilhelm Konrad Roengten.

8ª. — Na ilha de S. Salvador, nas Bahamas.

9.ª — Páris, filho de Priamo, raptou Helelena, esposa de Menelau, rei de Esparta. Os outros reis gregos uniram-se a Menelau para vingar o rapto e sitiaram Troia, aonde reinava o pai de Páris.

10.ª — Na Arábia.

11ª. — Para ganhar uma vitória decisiva sôbre os seus inimigos.

1 — Sábado	S. Leôncio
2 — Domingo	S. Pedro Advincula
3 — Segunda-feira	S. Estevão
4 — Terça-feira	S. Domingos
5 — Quarta-feira	Nossa Senhora das Neves
6 — Quinta-feira	Transfiguração do Senhor
7 — Sexta-feira	S. Caetano
8 — Sábado	S. Ciriaco
9 — Domingo	S. Afonso
10 — Segunda-feira	S. Lourenço
11 — Terça-feira	S. Tiburcio
12 — Quarta-feira	Santa Clara
13 — Quinta-feira	S. Hipólito
14 — Sexta-feira	S. Eusébio
15 — Sábado	Assunção de Nossa Senhora
16 — Domingo	S. Roque
17 — Segunda-feira	S. Mamede
18 — Terça-feira	S. Jacinto
19 — Quarta-feira	S. Luiz
20 — Quinta-feira	S. Bernardo
21 — Sexta-feira	Santa Joana Francisca
22 — Sábado	S. Timoteo
23 — Domingo	S. Felipe Benicio
24 — Segunda-feira	S. Bartolomeu
25 — Terça-feira	S. Luiz, Rei da França
26 — Quarta-feira	S. Zeferino
27 — Quinta-feira	S. José Calasans
28 — Sexta-feira	S. Agostinho
29 — Sábado	Degolação de São João Batista
30 — Domingo	Santa Rosa de Lima
31 — Segunda-feira	S. Raimundo Nonato

Recorda-se êste mês

UM ATO DE D. PEDRO — O príncipe D. Pedro, Regente do Brasil, declara, a 1 de Agôsto de 1822, consideradas inimigas e tratadas como tais todas as fôrças portuguêsas que desembarcassem no Brasil sem a sua licença. "D. Pedro confessou no ato real — porque já então, de fato, esse ato emanava de um rei — uma dupla confiança: a confiança na fôrça armada e a confiança no povo. "Que elas, dizia o decreto, as tropas portuguêsas, sejam rechassadas com as armas nas mãos por tôdas as fôrças da primeira e da segunda linha e até pelo povo em massa."

A BATALHA DOS MONTE DAS TABOCAS — A 3 de Agôsto de 1645 trava-se em Pernambuco o combate do monte das Tabocas, entre brasileiros e holandêses. "A Divisão dos Independentes, sob o comando de Dias Cardoso e Fernandes Vieira, resolvera abandonar o seu último acantonamento para ir esperar o inimigo numa posição que se conhecia ali perto, mais favorável à defesa, junto ao monte das Tabocas, assim denominado pela existência de taquarais em seu derredor e nas suas encostas. Os holandêses foram completamente destroçados nesse encontro sangrento.

DEODORO DA FONSECA — Manoel Deodoro da Fonseca, que seria mais tarde uma das mais gloriosas figuras do Exército brasileiro, nasceu a 5 de Agôsto de 1827, em Alagôas, na cidade deste mesmo nome. O grande soldado teve o papel histórico de proclamar a República a 15 de Novembro de 1889. "Na figura militar de Deodoro o que ressalta à primeira vista é a intrepidez do grande soldado nas guerras externas que alvoroçaram a nacionalidade na metade do século passado. Mas êsse traço do legendário cabo de guerra das lutas da Banda Oriental e da Tríplice Aliança não tem sido sobejamente explanado por quantos se ocupam da nossa história".

TOMAZ ANTONIO GONZAGA — Tomaz Antonio Gonzaga, o grande lírico da escola mineira, o poeta de Marília, nasceu a 11 de Agôsto de 1744, em Portugal. Seu pai era brasileiro. Veio para o Brasil aos 8 anos. Voltou a Portugal para cursar a Universidade de Coimbra, onde se formou. Nomeado Ouvidor e Procurador de defuntos e ausentes da comarca de Vila Rica, em Minas Gerais, esteve envolvido na Inconfidência Mineira. A sentença real condenou-o ao desterro em Moçambique, para onde seguiu em maio de 1792.

A CRIAÇÃO DOS CURSOS JURIDICOS — 11 de Agôsto de 1827, era assinada a Carta Régia criando os Cursos Jurídicos de Olinda e São Paulo. Era ministro do Império, José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo.

TEIXEIRA DE FREITAS — Augusto Teixeira de Freitas foi o nosso maior jurisconsulto. Nasceu na Bahia a 19 de Agôsto de 1816. Não teve os vôos do pensamento, que a visão filosófica impõe. Compensou, todavia, pela profundidade, o que, acaso, lhe faltou em altitule; e substituiu a orientação sociológica por uma excepcional acuidade do senso jurídico."

A ORIGEM DAS LETRAS

POR diversos caminhos, sem siquer se conhecerem, nem tão pouco terem conhecimento dos seus respectivos êxitos, chegaram os sábios que se têm ocupado da origem das letras, do valor e representação destas, a conclusões análogas e semelhantes, concordando, no seu conjunto, em que o homem, ao querer desenhar as suas idéias e fixar a dedução de razões do seu espírito, não fez outra coisa senão deixar nos seus idiomas os vestígios das criaturas e objetos a que primitivamente andava associado.

As primeiras exteriorizações do pensamento foram, portanto, hieroglíficas; multiplicadas porém, em seguida, foi necessário recorrer a simplificações, a sinais que, concretizando os grandes grupos, permitissem por leves alterações, indicar as variantes e desinências.

Que isto assim tem sido, provam-no os hieroglifos egípcios, os alfabetos orientais e até as nossas próprias letras, degenerações muito degeneradas e regeneradas dos primitivos hieroglifos.

O canto e a faculdade de palrar de algumas aves chamaram logo a atenção dos homens primitivos; e comprovam essa admiração, a exaltação e preponderância das aves nos hieroglifos e a nominação análoga, em muitos idiomas, das aves e das coisas sagradas, deuses, sacerdotes, etc.

Em algumas ilhas da Oceânia as de Harvey, chama-se aos sacerdotes os "pia-actua", isto é, as caixas dos deuses.

Os indigenas dizem que, precavidos os deuses contra a primitiva ignorância do homem relativamente às coisas sagradas, criaram os pássaros para que estes o iniciassem em tão sublime conhecimento; sendo, porém, inútil tal medida, porque os homens ouviam sem entender, os próprios deuses entraram, então, nos corpos das aves, para ensinar os homens na sua linguagem.

Evolução do K (davanagiri) O pavão

Evolução do Kh (davanagiri) O petrel

Evolução do Hhé hebreu — Uma ave e o seu pintainho

Evolução do P grego — A cegonha

M, U e Z, nos hieroglifos egípcios

O I do alfabeto zend.

Os caracteres aviformes são os mais persistentes e que mais aparecem, com efeito, em quase todos os alfabetos; e, examinando detidamente tais idiomas, vê-se que as letras que têm êsse caracter dão o nome à ave que representam.

A prova mais extraordinária desta verossimilíssima hipótese, deve-se todavia, não a um sábio, mas a uma criança de três anos, a qual, ao ver as cruzes svásticas que acompanhavam o trabalho do professor Carlos Von den Steinen sôbre os "Desenhos e Ornamentos Prehistóricos" (Prehistorisch Zeichen und Ornomente), não pôde deixar de exclamar: "Olha, que cegonhas!" O grito daquele petiz valeu por tôdas as razões, e, aceita a intuição infantil por suporte de tôda e qualquer investigação, a teoria da origem aviforme das letras ficou, se não firme, pelo menos bastante bem assente e, desde logo, como corroboração de que o desenho e a escrita primitiva foram apenas a expressão das primeiras associações do homem.

O "K" davanagiri é a evolução dum pavão; o "kn" reproduzido em caracteres latinos representa a evolução gráfica do petrel (ave palmípede aquática). O "Hhé" hebreu, a de um pintaínho com a galinha sua mãe, confirmando o valor alegórico da letra que lhe davam os antigos gramáticos cabalistas: o amor, o carinho. O "P" grego é a evolução duma cegonha; o "I" do alfabeto zend, a evolução dum pato, um pelicano, ou um cisne, talvez.

Será mentira ou verdade, tudo isto? Não o sabemos.

A hipótese tem verossimilhança, eis tudo. O que é evidente é que as formas animais serviram de modêlo e padrão para a ornamentação e que mil desenhos caprichosos e sem sentido à primeira vista, se podem reduzir a uma forma animal.

Dia	Santo / Data
1 — Terça-feira	S. Egidio
2 — Quarta-feira	S. Estevão
3 — Quinta-feira	Santa Eufemia
4 — Sexta-feira	Santa Rosa de Viterbo
5 — Sábado	S. Lourenço Justiniano
6 — Domingo	Santa Libania
7 — Segunda-feira	INDEPEND. DO BRASIL
8 — Terça-feira	Natividade de Nossa Senhora
9 — Quarta-feira	S. Gorgonio
10 — Quinta-feira	S. Nicolau Tolentino
11 — Sexta-feira	Santa Teodora
12 — Sábado	Santa Auta
13 — Domingo	S. Felipe
14 — Segunda-feira	Exaltação da Santa Cruz
15 — Terça-feira	S. Nicomédio
16 — Quarta-feira	S. Cornélio
17 — Quinta-feira	S. Pedro de Arbues
18 — Sexta-feira	S. José Cupertino
19 — Sábado	S. Januário
20 — Domingo	S. Eustáquio
21 — Segunda-feira	S. Mateus
22 — Terça-feira	S. Tomaz
23 — Quarta-feira	S. Lino
24 — Quinta-feira	Nossa Senhora das Mercês
25 — Sexta-feira	S. Firmino
26 — Sábado	S. Cipriano
27 — Domingo	S. Cosme e S. Damião
28 — Segunda-feira	S. Vencesláu
29 — Terça-feira	S. Miguel Arcanjo
30 — Quarta-feira	S. Jeronimo

Recorda-se êste mês

A TOMADA DE CURUZÚ — As fôrças brasileiras tomam aos paraguáios o Forte de Curuzú, no dia 3 de Setembro de 1866. Ao romper dêsse dia, o visconde de Tamandaré e o barão de Pôrto Alegre decidem-se a favor do bombardeio e êste general manda formar a artilharia em massa entrando em ação. A artilharia inimiga responde ao ataque, mas afinal cai em poder dos brasileiros, graças à bravura assombrosa da infantaria, comandada pelo general Gonçalves Fontes e brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho. O inimigo, aterrado, deixou-nos um despojo de 13 bôcas de fôgo,, 2 bandeiras, muito armamento e munição. e 30 prisioneiros. Ficaram no campo 852 cadáveres. As glórias desta jornada pertencem exclusivamente aos brasileiros, pois os nossos aliados não tomaram parte nela.

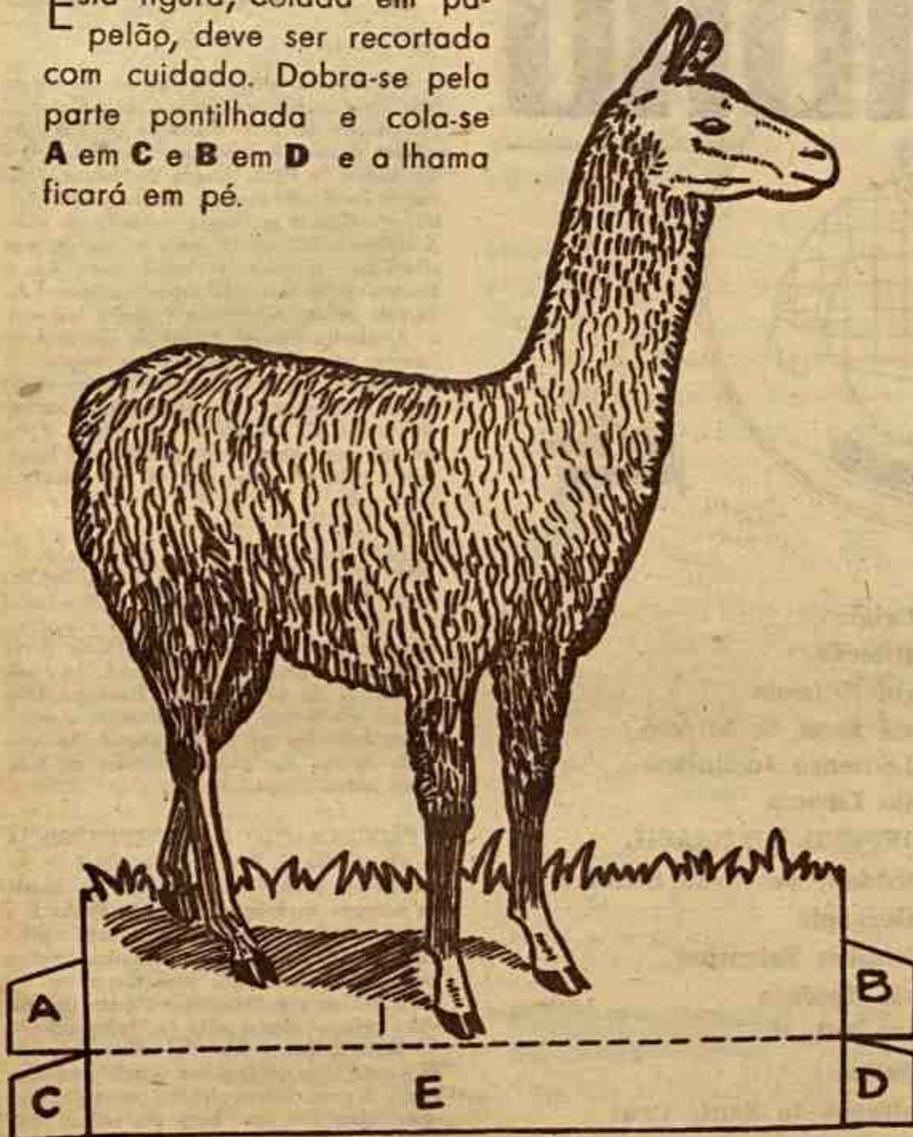
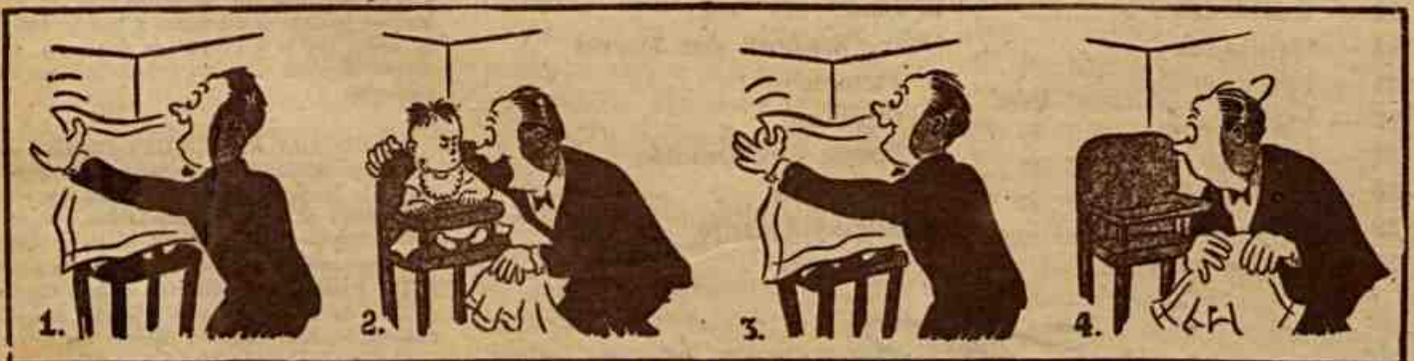
HENRIQUE DIAS — A 4 de Setembro de 1639, foi assinada a Carta Patente, pelo Conde da Torre, nomeando Henrique Dias "cabo e governador dos crioulos, negros e mulatos que servem e adiante servirem nesta gerra (*contra os holandêses*)" e marcando-lhe o soldo mensal de 40 cruzados." Henrique Dias foi um dos bravos da guerra contra o dominador holandês no Brasil cabendo-lhe uma parte vultosa das glórias colhidas na luta, pelos restauradores.

PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA — O príncipe D. Pedro proclama a 7 de Setembro de 1822 a independência do Brasil, às margens do Ipiranga, em São Paulo. É a maior data nacional do Brasil. Voltava o príncipe de São Paulo e, em caminho, recebeu notícias da Côrte, que importavam em humilhação para o Brasil. Num gesto impulsivo, o príncipe deu o grito de "Independência ou Morte". Estava desde tal momento a nossa pátria livre de qualquer ligação com Portugal. A nossa independência, entretanto, teve suas raízes históricas bem profundas. Mais cedo ou mais tarde nós a faríamos. Ela teve os seus mártires, que cultuamos de maneira inesquecível. Tiradentes, os sacrificados de 17, os bravos do Recôncavo baiano, deram a vida pela causa da nosa liberdade política.

A LIBERDADE DOS ÍNDIOS — O rei Felipe III da Espanha, a 10 de Setembro de 1611, promulga a lei que reconhece, em princípio a liberdade dos índios, mas declara legítimo o cativeiro dos que fossem aprisionados em justa guerra ou dos que fossem resgatados quando cativos de antropófagos. Os colonos deram-se por satisfeitos com esa lei. Mas os jesuítas continuaram a insistir junto ao poder real e à autoridade da Igreja, no sentido de obter completa jurisdição sôbre os selvícolas.

A CHEGADA DE DUGUAY-TROUIN — A França, abalada com o malogro da expedição de Duclerc, enviou nova esquadra, sob o comando de René Duguay-Trouin, um dos mais distintos oficiais da sua Marinha. Luiz XIV forneceu-lhe alguns navios e cêrca de 4.000 homens. A Inglaterra quís evitar a partida da expedição, mas o oficial francês conseguiu evitar contacto com os inglêses e a 12 de Setembro de 1711 transpunha a barra do Rio de Janeiro.

PARA VOCÊ SE DISTRAIR

Esta figura, colada em papelão, deve ser recortada com cuidado. Dobra-se pela parte pontilhada e cola-se **A** em **C** e **B** em **D** e a lhama ficará em pé.

Em 1770 o químico inglês Priestley recomendou o emprêgo da borracha para apagar os traços do lapis. Em 1775 foram postas à venda, em Paris gomas de apagar, do tamanho de moedas de 5 cêntimos, a 4 francos cada, sob o nome de "pele de negro". A borracha fôra introduzida na Europa pelo sábio francês La Condamine, cêrca de 1740, mas esta substância ficou longo tempo sem aplicação prática.

GANHOU!

TÔDA a gente escreve cartas e há mesmo quem tenha especial predileção pela epistologia ,como gênero literário, que, aliás, é dos mais dificeis, quando se pretende torná-lo modêlo de estilo elegante, de expressão superior de idéias e pensamentos na forma de breves sugestões e, sobretudo, de concisão, em que o autor revela um extraordinário poder de síntese.

Como exemplo desse laconismo epistolar que tornou célebre alguns dos raros cultivadores do gênero, serve de padrão a carta que o destemido Grillon escreveu, um dia, a Henrique IV, na qual tratava de um caso decisivo na sua brilhante carreira.

Dizia o bravo Louis de Grillon ao soberanoo, nessa missiva que ficou exarada na História como modêlo inigualável de síntese prodigiosa: "Majestade, três palavras: dinheiro ou demissão".

O rei respondeu ao "primeiro capitão do Mundo" com outra carta não menos impressionante pela sua brevidade: "Crillon, quatro palavras: nem um, nem outra".

UMA FRASE JUSTA...

O rei de Macedônia gostava imenso que todos os súditos e mesmo os amigos com quem privava lhe dissessem sempre a verdade; nua e crua. Filipe consentia, mesmo que o filósofo Aristóteles lhe desse, desassombradamente, lições precisas sôbre a arte de reinar.

Confessava o rei que se sentia profundamente agradecido aos oradores de Atenas, por o terem salvo, de certo modo, dos seus defeitos, mostrando-lhe, por meio da eloquencia da sua palavra, o caminho da retidão

Este lendário rei Filipe chegou mesmo a este excesso: ter um homem humilde ao seu serviço particular, simplesmente para lhe dizer todos os dias, antes de começar as audiencias, esta frase justa, e que a outro qualquer monarca soaria como terrivel apóstrofe: "Lembra-te de que és mortal".

A SURPRESA DO PAPAI...

— Cadê o nênê? — Está aqui! — Cadê o nênê? — Uê?! Cadê o nênê?!

1 — Quinta-feira	S. Serafim
2 — Sexta-feira	Stos. Anjos da Guarda
3 — Sábado	S. Maximino
4 — Domingo	S. Francisco de Assis
5 — Segunda-feira	S. Plácido
6 — Terça-feira	S. Bruno
7 — Quarta-feira	N. S. do Rosário
8 — Quinta-feira	Santa Brigida
9 — Sexta-feira	S. Dionisio
10 — Sábado	S. Francisco de Borja
11 — Domingo	S. Firmino
12 — Segunda-feira	DESC. DA AMÉRICA
13 — Terça-feira	S. Eduardo
14 — Quarta-feira	S. Calixto
15 — Quinta-feira	Santa-Tereza
16 — Sexta-feira	S. Martiniano
17 — Sábado	Santa Edwiges
18 — Domingo	S. Lucas
19 — Segunda-feira	S. Pedro de Alcantara
20 — Terça-feira	S. João Cancio
21 — Quarta-feira	Santa Ursula
22 — Quinta-feira	Santa Maria Salomé
23 — Sexta-feira	S. João Capistrano
24 — Sábado	S. Rafael Arcanjo
25 — Domingo	S. Crispim e S. Crispiniano
26 — Segunda-feira	S. Evaristo
27 — Terça-feira	S. Elesbão
28 — Quarta-feira	S. Simão e São Judas
29 — Quinta-feira	S. Luciano
30 — Sexta-feira	S. Serapião
31 — Sábado	S. Quintino

Recorda-se êste mês

A QUEDA DE CANUDOS — Um fanático de nome Antonio Mendes Maciel, vulgo Antonio Conselheiro, conseguiu reunir um número avultado de adeptos que, resistindo a todas as ordens das autordiades, constitui-se em núcleo poderoso de rebeldia. Contra êles o Govêrno enviou várias expedições, que malograram. Em vista dêsse fracasso, o Govêrno fez seguir para o local da luta, em Canudos, Estado da Bahia, uma nova fôrça sob às vistas do próprio ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt. Depois de extraordinária resistência dos sertanejos, fôram êles aniquilados pelas tropas comandadas pelos generais Artur Oscar e Claudio Savaget. A 5 de Janeiro de 1897 caia o último reduto dos fanáticos. Euclides da Cunha narra esse episódio: "Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do têrmo, caiu no dia 5 ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos moreram. Eram 4 apenas. Um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5.000 soldados."

O ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA DA PAZ — A 8 de Outubro de 1907, encerrava-se em Haia, capital da Holanda, a Conferência de Paz, na qual o Brasil esteve representado por uma brilhante embaixada, a cuja frente estava a figura imensa de Rui Barbosa. A delegaçoã brasileira conseguiu que o Brasil fosse considerado a 9.ª potência do mundo. Rui Barbosa tornou-se alvo da admiração de todo o mundo pelo papel admirável que desempenhou na Conferência. Foi alí a maior figura, classificado entre os seus sete sábios. Rui defendeu magistralmente o princípio da igualdade jurídica das nações, isto é, "não há nação grande, nem nação pequena diante do Direito." Êsse principio foi inscrito, muitos anos depois, na Carta do Atlântico, pacto firmado pelas nações aliadas que combateram o nazismo de Hitler.

A DESCOBERTA DA AMÉRICA — O navegante Cristovão Colombo, a serviço dos reis da Espanha, descobre a América, no dia 12 de Outubro de 1492.

SANTOS DUMONT — O nosso glorioso patrício Alberto Santos Dumont realiza em Paris, no dia 19 de Outubro de 1901, um vôo em balão, contornando a Torre Eiffel, ganhando o prêmio instituido pelo sr. Deutsch de la Meurte. Com êsse feito memorável, Santos Dumont resolvia definitivamente a dirigibilidade da navegação aérea. No mesmo mês, em 1906, a 23, Santos Dumont realizava em Bagatelle, também na França, o primeiro vôo em aeroplano, elevando-se aos ares no aparêlho "14-bis". O nome do nosso grande compatriota está, dessa forma, definitivamente ligado à história da aviação. A França ergueu-lhe um monumento em Saint-Cloud, do qual há uma cópia no Cemitério de São João Batista, onde repousa para sempre o genial brasileiro.

O Congresso nacional votou uma lei, sancionada pelo presidente da República em 4 de julho de 1936, considerando o 23 de Outubro como o "Dia do Aviador."

A 18 de Novembro de 1913, por entre manifestações festivas, o navio "Luiza" atravessou, inaugurando-o, o novo canal aberto no istmo do Panamá.

Foi o primeiro navio a fazer essa travessia.. Se não existisse aquela passagem artificial, teria a embarcação que viajar todo o Atlântico Sul, atravessar o Estreito de Magalhães, subir pelo Pacifico, e com essa longa viagem perder-se-iam dias e dias.

O "Canal do Panamá" obra monumental só comparável à da abertura do Canal de Suez, sobrepuja-a no que diz respeito à técnica, embora seja de menor extensão. Ligando os oceanos que banham as costas americanas, tem grande importância comercial e estratégica, isto é, para a navegação em tempo de paz, e para os movimentos de tropas em tempos de guerra.

Tem êle 50 milhas de comprimento. Seu funcionamento é curioso e o desenho desta página nos dá uma idéia de como correm as coisas, sempre que um navio vai atravessar de um lado para outro.

O canal não está todo êle no mesmo nivel. O navio penetra numa das suas seções, que têm o nome de eclusas, e que são fechadas por meio de comportas. A água da eclusa onde fica parado o navio vai, então, subindo ou descendo (conforme a embarcação esteja passando da parte elevada para a baixa, ou vice-versa).

Quando atinge o nivel da água na eclusa imediata, abrem-se as comportas e êle continúa a navegar até ficar dentro da outra eclusa.

Repete-se a operação e êle passa para outro compartimento, até chegar à eclusa que está ao nivel do oceano, num lado ou outro, e então êle abandona o Canal pròpriamente dito, saindo para mar alto.

A diferença de nivel entre uma extremidade e outra, do Canal, é de 87 pés. E a distância que um navio economisa, atravessando-o, é de 7.000 milhas maritimas.

Ao lado do Canal, sôbre as margens, forças militares norte-americanas montam guarda a essa genial obra de engenharia hidráulica, sempre visada pelos ataques dos inimigos dos povos americanos.

QUE PERGUNTA!

— O patrão mandou ver se os cães estavam soltos . .
— Mandei, sim, Luiz ! E . . . estavam ?

PREVENDO O TOMBO CERTO

— O final da história eu te conto no Hospital...

1 — Domingo	TODOS OS SANTOS
2 — Segunda-feira	FINADOS
3 — Terça-feira	S. Malaquias
4 — Quarta-feira	S. Carlos Borromeo
5 — Quinta-feira	S. Zacarias
6 — Sexta-feira	S. Sevéro
7 — Sábado	S. Florencia
8 — Domingo	S. Severiano
9 — Segunda-feira	S. Teodoro
10 — Terça-feira	S. André Avelino
11 — Quarta-feira	S. Martinho
12 — Quinta-feira	S. Neno
13 — Sexta-feira	S. Diogo
14 — Sábado	S. Clementino
15 — Domingo	PROCL. DA REPÚBLICA
16 — Segunda-feira	S. Gonçalo dos Lagos
17 — Terça-feira	S. Gregório Taumaturgo
18 — Quarta-feira	S. Custódio
19 — Quinta-feira	Santa Isabel, Rainha da Hungria
20 — Sexta-feira	S. Felix de Valois
21 — Sábado	Apresentação de Nossa Senhora
22 — Domingo	Santa Cecilia
23 — Segunda-feira	S. Clemente
24 — Terça-feira	S. João da Cruz
25 — Quarta-feira	Santa Catarina
26 — Quinta-feira	S. Gertrudes
27 — Sexta-feira	Santa Margarida de Saboia
28 — Sábado	S. Gregório
29 — Domingo	S. Saturnino
30 — Segunda-feira	S. André

Recorda-se êste mês

A DISSOLUÇÃO DO CONGRESSO — A 3 de Novembro de 1891, o marechal Deodoro da Fonseca, presidente da República, irritado com certas atitudes de oposição do Congresso Nacional, decretou a sua dissolução. O ato do marechal teve uma intensa repercussão em todo o país. Todos os governadores dos Estados aprovaram o golpe, exceto o Lauro Sodré, governador do Pará. Em consequência do ato de Deodoro rebentou uma revolta na Armada, chefiada pelo almirante Custódio José de Melo. O marechal Deodoro, entretanto, com um patriotismo exemplar, preferiu renunciar, a fim de evitar derramamento de sangue. Com a sua renúncia subiu ao poder o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da República.

O ATENTADO CONTRA PRUDENTE DE MORAIS — O presidente da República, Prudente de Morais, fôra assistir a 5 de Novembro de 1897, à chegada das tropas que regressavam de Canudos. Ao chegar ao Arsenal de Guerra, um soldado tentou matá-lo, no que foi obstado pelo Ministro da Guerra general Carlos Machado Bittencourt. Êste, entretanto, foi atingido pela arma do referido soldado, vindo a falecer. Foi também ferido o marechal Luiz Mendes de Morais.

O COMBATE DE PIRAJÁ — A 8 de Novembro de 1822 trava-se na Bahia, em Pirajá, o combate entre os brasileiros comandados pelo general Labatut e as tropas portuguêsas sob as ordens do general Madeira. A vitória dos nacionais deve-se a um erro do corneteiro. Tendo recebido ordens de tocar retirada, de propósito ou por engano deu o toque de avançar. E heròicamente os brasileiros puseram em fuga os lusitanos. Foi essa a primeira vitória dos brasileiros sôbre os remanescentes da metrópole que tentavam se opôr à independência do Brasil, proclamada a 7 de Setembro daquele ano.

O BAILE DA ILHA FISCAL — O govêrno imperial ofereceu na noite de 9 de Novembro de 1889 um suntuoso baile na Ilha Fiscal, à oficialidade do navio chilena "Almirante Cochrane". Enquanto se realizava essa festa, que foi a última da monarquia, o Club Militar, em sessão presidida por Benjamin Constant, lançava as bases da revolução que, seis dias depois, proclamaria a República.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA — O marechal Deodoro da Fonseca, à frente da tropa e com o apoio da Marinha de Guerra, proclamou a República no dia 15 de Novembro de 1889. O acontecimento foi o resultado de uma série de fatores sociais e políticos difíceis de afastar pelo govêrno imperial. A monarquia no Brasil era uma exceção no continente americano. Depois, certos atos da política dos gabinetes haviam desgostado profundamente as classes armadas, a que se veio juntar o descontentamento causado entre fazendeiros e agricultores pela abolição da escravatura. Deodoro foi um exemplar modêlo de lealdade aos anseios da sua classe. Não fugiu ao cumprimento do seu dever de soldado e de patriota. Instituído o novo regime, a família imperial foi desterrada e Deodoro assumiu o poder, na qualidade de chefe do Govêrno Provisório.

1
2.
3
4
5.
6

ENFEITE SUA ÁRVORE DE NATAL

AQUI estão alguns enfeites muito bons e fáceis de fazer, para enfeitar a árvore do próximo Natal. Vá observando a numeração dos desenhos.

1 — Estrêla feita em cartão e forrada com papel prateado, dêsse que envolve bombons de chocolate.

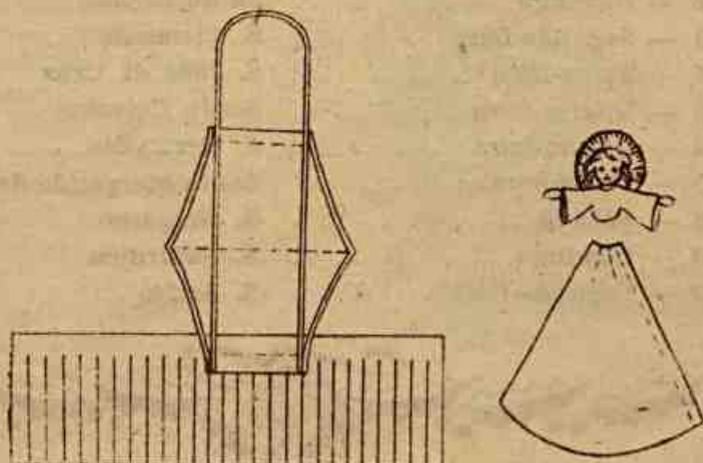
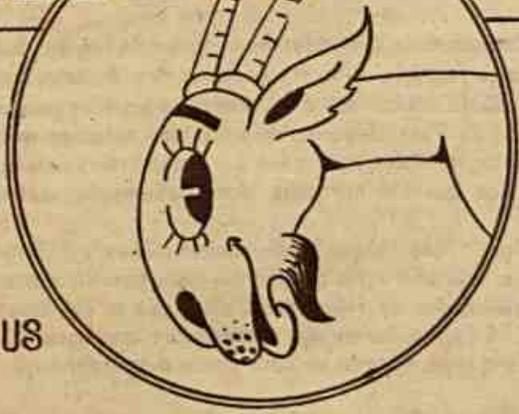
2 — Três cônes superpostos de cartão, decorados com vários motivos. Na extremidade do fio há uma conta de vidro que serve como adôrno e serve de peso para equilibrar o enfeite.

3 — Cône (funilzinho) de cartolina, cujo bordo superior, cortado em bicos, dobra-se para fóra. Dentro dêsse funil, que póde ter o tamanho que se desejar, podem-se colocar confeitos ou pequenos bombons, balas, etc.

4 — Círculo de Cartolina, recolhido para dentro de modo a formar três lóbulos. Essa forma se mantém com dois pontos de linha. Também póde servir para o fim anterior.

5 — Um anjinho. O busto e a cabeça se recortam de qualquer cromo, postal ou até revista. A parte inferior do vestido se faz com um funil de cartolina, a que se dá o colorido desejado. Veja a figura em baixo.

6 — Lanterninha com arame e papel celofane colorido que se recorta, como indica a figura 6 bis, que mostra ainda a maneira de fazer, com arame fino, o arcabouço, o qual, ainda, poderá ser feito apenas com cartolina, e encapado depois com o papel transparente.

E, agora, leitor ou leitora, feliz Natal para você !

1 — Terça-feira	S. Eloy
2 — Quarta-feira	Santa Bibiana
3 — Quinta-feira	S. Francisco Xavier
4 — Sexta-feira	Santa Barbara
5 — Sábado	S. Pedro Crisologo
6 — Domingo	S. Nicolau
7 — Segunda-feira	S. Ambrósio
8 — Terça-feira	Nossa Senhora da Conceição
9 — Quarta-feira	Santa Leocadia
10 — Quinta-feira	S. Melchiades
11 — Sexta-feira	S. Damaso
12 — Sábado	S. Justino
13 — Domingo	Santa Luzia
14 — Segunda-feira	S. Agnelo
15 — Terça-feira	S. Irinêo
16 — Quarta-feira	S. Eusébio
17 — Quinta-feira	S. Lázaro
18 — Sexta-feira	Nossa Senhora do Parto
19 — Sábado	Santa Fausta
20 — Domingo	S. Domingos de Lélos
21 — Segunda-feira	S. Tomé
22 — Terça-feira	S. Honorato
23 — Quarta-feira	S. Sérvulo
24 — Quinta-feira	S. Delfino
25 — Sexta-feira	NATAL
26 — Sábado	S. Estevão
27 — Domingo	S. João Evan.
28 — Segunda-feira	S.S. Inocentes
29 — Terça-feira	S. Tomaz
30 — Quarta-feira	S. Sabino
31 — Quinta-feira	S. Silvestre

Recorda-se êste mês

O IMPERADOR D. PEDRO II — A 2 de Dezembro de 1825 nascia no Rio de Janeiro o príncipe D. Pedro, que seria mais tarde o imperador Pedro II. Filho de Pedro I e da imperatriz D. Leopoldina, tinha êle, por extenso, o seguinte nome: Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga. Pedro II foi um grande monarca. Subindo ao trôno em 1840, tendo apenas 15 anos de idade, êle governou o Brasil durante mais de meio século, com a maior dignidade e patriotismo. No seu govêrno a Nação brasileira evoluiu e progrediu sensivelmente. Tolerante e liberal, Pedro II ouvia todas as críticas e sugestões e nunca procurou tirar vinganças dos insultos que recebia. A propaganda republicana fez-se livremente. O nome do Brasil êle sempre defendeu com tôdas as fôrças da sua alma. Foi um cidadão probo e digno do respeito de todos os seus compatriotas. Faleceu o nosso grande monarca, em Paris, a 5 de Dezembro de 1891.

A BATALHA DE ITORORÓ — A batalha de Itororó foi um dos grandes feitos das armas brasileiras na guerra do Paraguai. Travou-se a 6 de dezembro de 1868. Antes que os paraguaios tivessem tempo de destruir a ponte, contra ela avançou o general Argolo com o Segundo Corpo, levando na vanguarda as fôrçjas do coronel Fernando Machado de Sousa. A luta ali foi homérica: três vezes caiu a ponte em poder das armas aliadas e três vezes a retomou o inimigo. Até que, depois de um longo e mortífero combate, os paraguaios tiveram de entregá-la, fugindo em debandada.

GONÇALVES LEDO — Joaquim Gonçalves Ledo nasceu a 11 de Dezembro de 1781. Foi êle um dos mais ilustres pugnadores da nossa Independência. Jornalista vigoroso e brilhante pôs-se ao serviço da grande causa. Depois da independência, Ledo, inimizado com José Bonifácio, foi perseguido e exilado, regressando depois ao Brasil com a queda do seu rival. Apesar de separados por questões políticas, Ledo e José Bonifácio são duas figuras que devem estar colocadas no mesmo plano na história da independência brasileira.

A BATALHA DE AVAÍ — A 11 de Dezembro de 1868 travou-se a batalha de Avaí. Depois de quatro horas de fogo, o nimigo retirou-se, perdendo o campo. Mas, então estupendas cargas de cavalaria tornaram a retirada em destroço. O inimigo perdeu 3.000 homens, além de 800 prisioneiros e 600 feridos, e abandonando Vileta acolheu-se ao campo fortificado de Lomas Valentinas. A batalha de Avaí custou enormes sacrifícios aos vencedores. O legendário Osório, então Visconde de Herval, foi ferido gravemente no rosto por uma bala, sendo forçado a retirar-se da ação.

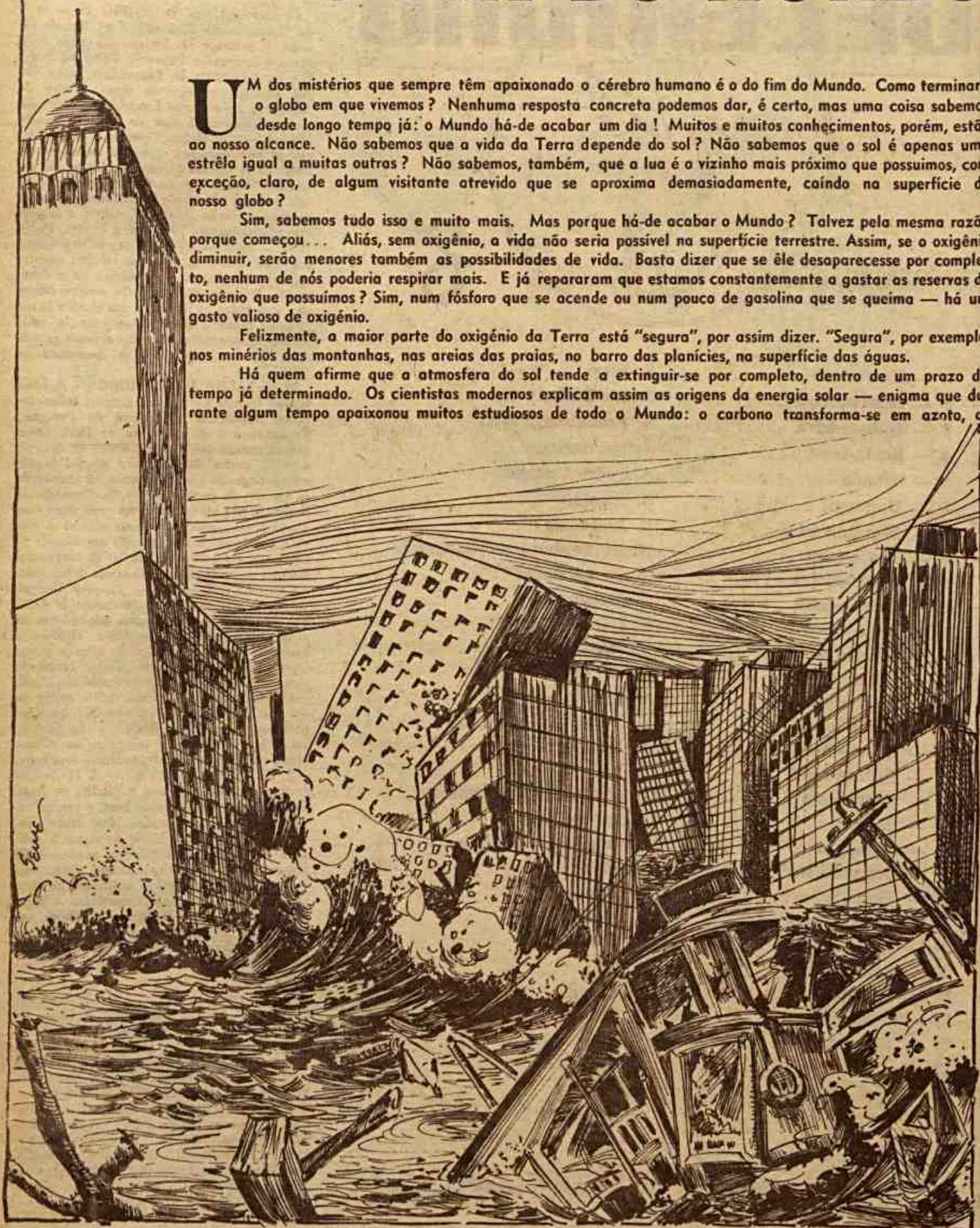
A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — A Academia Brasileira de Letras foi fundada a 15 de Dezembro de 1896. Seu verdadeiro fundador foi Lucio de Mendonça. Os primeiros membros desse sodalicio foram os seguintes: Machado de Assis (aclamado presidente), Artur Azevedo, Araripe Junior, Coelho Neto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Luis Murat, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Valentim Magalhães e o Visconde de Taunay.

DIVAGAÇÕES SÔBRE O FIM DO MUNDO

UM dos mistérios que sempre têm apaixonado o cérebro humano é o do fim do Mundo. Como terminará o globo em que vivemos? Nenhuma resposta concreta podemos dar, é certo, mas uma coisa sabemos desde longo tempo já: o Mundo há-de acabar um dia! Muitos e muitos conhecimentos, porém, estão ao nosso alcance. Não sabemos que a vida da Terra depende do sol? Não sabemos que o sol é apenas uma estrêla igual a muitas outras? Não sabemos, também, que a lua é o vizinho mais próximo que possuimos, com exceção, claro, de algum visitante atrevido que se aproxima demasiadamente, caindo na superfície do nosso globo?

Sim, sabemos tudo isso e muito mais. Mas porque há-de acabar o Mundo? Talvez pela mesma razão porque começou... Aliás, sem oxigênio, a vida não seria possível na superfície terrestre. Assim, se o oxigênio diminuir, serão menores também as possibilidades de vida. Basta dizer que se êle desaparecesse por completo, nenhum de nós poderia respirar mais. E já repararam que estamos constantemente a gastar as reservas de oxigênio que possuímos? Sim, num fósforo que se acende ou num pouco de gasolina que se queima — há um gasto valioso de oxigénio.

Felizmente, a maior parte do oxigénio da Terra está "segura", por assim dizer. "Segura", por exemplo, nos minérios das montanhas, nas areias das praias, no barro das planícies, na superfície das águas.

Há quem afirme que a atmosfera do sol tende a extinguir-se por completo, dentro de um prazo de tempo já determinado. Os cientistas modernos explicam assim as origens da energia solar — enigma que durante algum tempo apaixonou muitos estudiosos de todo o Mundo: o carbono transforma-se em azoto, os

num produto semelhante, à custa do hidrogênio solar. Depois, êsse azoto volta a transformar-se em carbono, oxigênio e hélio, à custa de mais hidrogênio. Então irradia-se uma energia maior até que o hidrogênio, convertido em energia, é irradiado através do próprio espaço.

Assim, segundo alguns cientistas, não devia dizer-se:

"Hoje faz muito calor" e, sim, afirmar-se mais pròpriamente: "Hoje há muito hidrogênio !"

O doutor George Gamow, no seu célebre livro "Nascimento e morte do Sol", revela-nos o que irá acontecer.

O sol, sem qualquer partícula mais de combustível, irá diminuindo, de tamanho e de luminosidade, até se transformar, por fim, como ele próprio diz: "num bocado gigantesco de matéria sem vida, coberto por uma camada de gelo eterno e cercado pelos seus fiéis planetas, gelados também para sempre".

Escusado será acrescentar, talvez, que um desses planetas gelados é a própria Terra — a Terra tão bela, agora, tão verdejante, tão poética, tão rica de colorido, que terá por futuro o "gelo eterno"...

Paradoxo terrivel, porém, é o de sabermos que, enquanto for diminuindo a reserva de hidrogênio do sol, a produção de energia solar irá aumentando, gradualmente. E isso, sem dúvida alguma, apressará o fim do Mundo.

O doutor George Gamow pensa mesmo que a temperatura da Terra irá crescendo e que perto do final o sol passará a brilhar cerca de cem vezes mais do que atualmente.

Claro, estamos a ouvir a sua pergunta ansiosa "mas quando será o fim do Mundo ?"

Descanse, por Deus. Gamow diz estar convencido de que o Mundo não acabará antes de uns dez biliões de anos — e essa revelação tranquiliza-nos um pouco. Não é verdade ?

E' certo, aliás, que surgem curiosas possibilidades de conservar a vida, mesmo debaixo do braseiro em que a Terra se transformará nesse período final. Como? Na opinião do sábio cientista norte-americano, os animais e as plantas do nosso globo poderão adaptar-se lentamente à mudança de ambiente. Quanto aos homens, ele sugere que exilem para o planeta Netuno, onde então não existirá tanto calor. "Nesse tempo, decerto, ter-se-ão já inventado novos processos e invenções na maneira de transporte, com ar condicionado, de modo que poderá haver até várias soluções".

Parece estranho, à primeira vista, a idéia de exilio para Netuno, quando tanto se tem falado sobre a vida e os habitantes de Marte. Porque não ser então Marte o planeta preferido ?

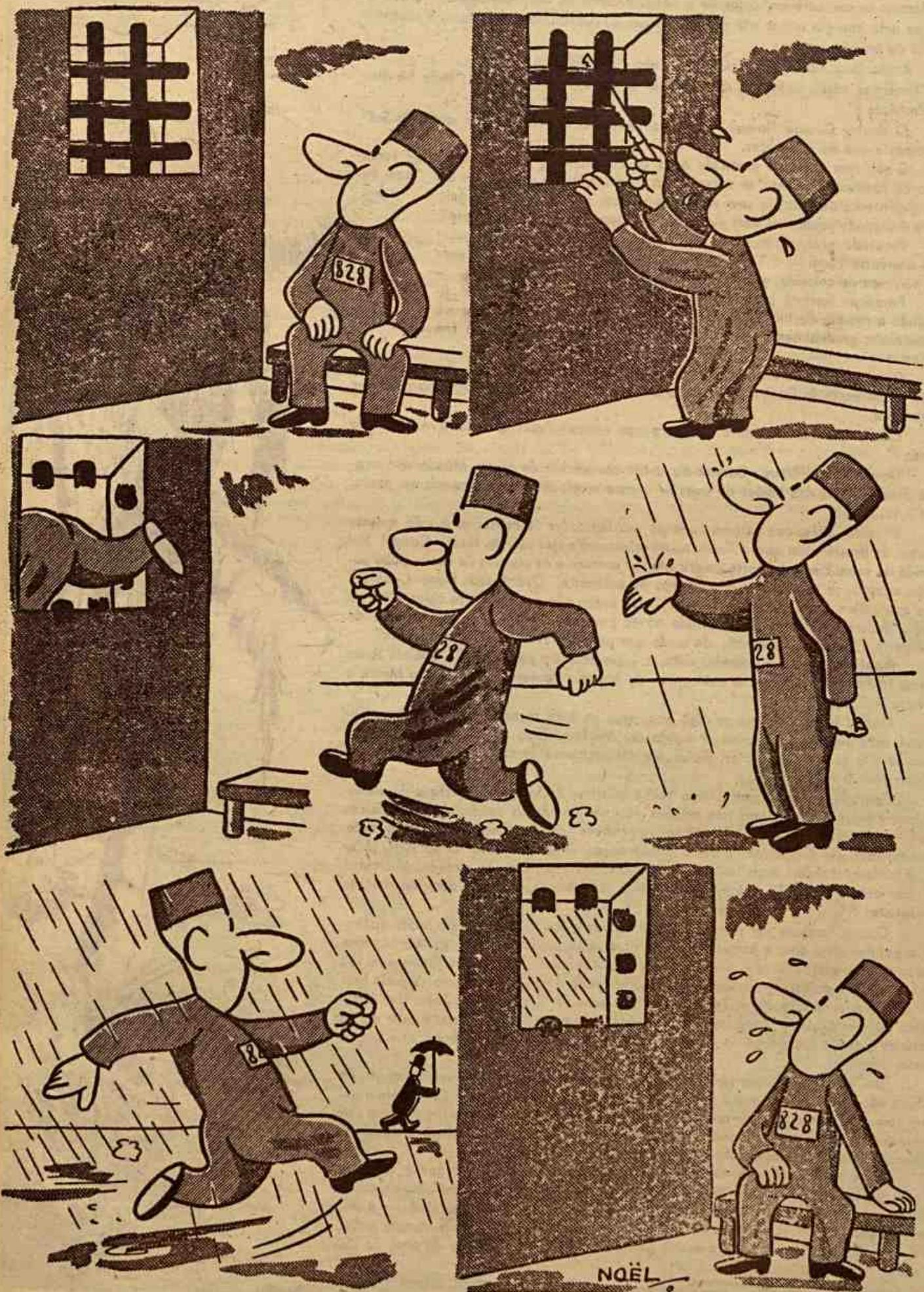
Manda a verdade que se diga que, após as mais recentes investigações científicas, está dada como impossível a vida em Marte — pois que ali não deve existir mais de 5% de umidade no ar. Assim, um tal ambiente de secura é totalmente impróprio para a vida animal.

Contudo, supõe-se que a vida tenha existido, de fato, na superfície do planeta Marte — mas isso há uns três milhões de anos,quando as condições atmosféricas eram muito menos severas. E os últimos românticos acreditam ainda, apesar de tudo, que existam uns sobreviventes desse tempo áureo — sobreviventes adaptados, já se vê, a um metabolismo mais lento de oxigênio e de água. Mas os verdadeiros cientistas não crêem, de modo algum, nessa teoria, que eles reputam de demasiadamente fantasista...

Correu também em tempos a idéia de que a lua será, em futuro muito distante, o paraíso ideal para o homem. Porém, essa idéia, aliás bastante quimérica, teve muito poucos admiradores e ruiu pela base desde o início. Mas já que falamos na lua não queremos deixar de revelar, àqueles que ainda o não saibam, uma verdade bem curiosa: nas suas origens, a Terra possuiunão uma só e, sim, várias luas. Um astrônomo julga até que a Terra era circundada por um anel muito semelhante ao de Saturno e que a lua definitiva se formara, afinal, da união dos meteoros que constituiam êsse anel.

Daí o ter-se arquitetado a hipótese espantosa de que o próprio continente da Africa não seria mais do que a massa achatada de uma lua caida na Terra. Hipótese que tem sido vigorosamente rebatida, pois que não é viável que uma lua pudesse cair sobre o corpo terrestre, formando qualquer massa compacta. Pelo contrário, devia estilhaçar-se bastante, reduzindo-se talvez a uma chuva de meteoros..

Hoje em dia, mesmo, certos astrólogos defendem a idéia de que à volta da Terra giram pequenas luas, mais ou menos com o tamanho de uma simples casa. Essas luas pequeninas seriam precisamente recordações das luas do passado — e servem de profecia ao que poderá acontecer ao sol e à Terra, e a todo o Mundo, enfim, nos dias de amanhã. De uma amanhã que ainda está a dez biliões de anos de distância, felizmente !

828
828
28
28
8
828
NOËL

DURANTE muitos e muitos anos os homens renderam culto a Deus, mas cada qual à sua maneira, porque não havia uma Lei escrita, um código que indicasse a cada um aquilo que podia ou não podia fazer, para continuar a merecer as graças da proteção divina.

As bases fundamentais do procedimento do bom cristão foram dadas por Deus aos homens por intermédio de um santo varão hebreu, que foi Moisés, sob a forma de dez mandamentos, e aquele eleito de Deus as recebeu no alto do monte Sinai. E' um dos episódios mais bonitos da História Bíblica, e vale a pena ser recordado aqui, para que vocês relembrem como nasceu no mundo o primeiro código moral, que, apesar de velhissimo, ainda hoje serve de orientação à humanidade tôda, tão grande era a sua sabedoria e tão completa a sua perfeição.

Naqueles tempos, os filhos de Israel — povo eleito de Deus — viviam tiranizados pelos egípcios, que eram fortes e dominavam grande região da terra. E o Faraó — o rei do Egito — para evitar que o número de israelitas aumentasse, e mais tarde se pudessem êles revoltar, ordenára que os filhos dos hebreus, sendo do sexo masculino, fossem mortos por afogamento, no rio Nilo.

Aconteceu que uma pobre mulher israelita teve um filho muito lindo, e como não o quizesse matar, colocou-o num cesto e soltou-o no rio, nas proximidades do lugar onde costumava banhar-se a filha do Faraó. Vindo esta para o seu banho, acompanhada de suas escravas, avistou a criança e ficou encantada com ela. Estava a olhá-la quando se aproximou sorrateiramente a própria mãe do menino achado, que se ofereceu para criá-lo, sob a proteção da princesa, o que foi aceito.

Poude, assim, escapar o menino à fúria assassina do Faraó. Por ter sido encontrado naquelas circunstâncias, a princesa deliberou que êle se chamasse Moisés, que significa "salvo das águas"

O menino cresceu e se fez homem, e sua mãe sempre procurou incutir no espírito a idéia de que êle, sendo israelita, estava fadado a defender o seu povo contra a tirania dos dominadores egípcios.

Moisés, sempre que havia ocasião, tomava a defesa dos fracos e por duas vezes teve de castigar duramente soldados egípcios que batiam em hebreus. Por causa disso começou a ser perseguido, mas seu nome alcançou popularidade entre os de sua raça, e começou a ser considerado pelos israelitas como um defensor, como alguém que se interessava pela sua sorte.

Moisés é salvo das águas

Tendo fugido, pela perseguição que lhe moviam, Moisés foi ter a Madian, e ali mal chegára, teve de intervir em defesa de umas raparigas que, estando à beira de um poço, foram brutalmente empurradas por alguns pastores egipcios, que pretendiam que seu gado devia beber antes delas apanharem a água que tinham vindo buscar.

As moças ficaram muito gratas e Moisés veio a saber que eram elas filhas de Jethro.

O pai das moças, sabendo que Moisés tomara a defesa delas, veio procurá-lo, e fizeram boa amisade, acabando Moisés por se casar com uma das raparigas, chamada Séfora.

Alguns anos mais tarde morreu o Faraó e subiu ao trono do Egito outro soberano ainda pior que o primeiro, mais violento e tirânico.

Um dia, em que Moisés foi com o gado do sogro para o monte de Horeb, viu, admirado, uma grande chama que saia do meio duma sarça, sem contudo a queimar. Aproximou-se e, estupefacto, ouviu uma voz que lhe dizia:

— "Os filhos de Israel sofrem a crueldade dos egípcios.

E'preciso livrá-los dessa opressão.

E's tu aquele que escolhi para os salvar.

Parte com êles para outra terra.

Aqueles que forem crentes, entrarão numa grande cidade, onde se estabelecerão.

Os que desdenharem da tua palavra, morrerão.

Não te detenhas, mesmo que o rei tente impedir a realização da tua obra."

— E se êles não me obedecerem ? — inqueriu Moisés, a mêdo.

— Estenderei a minha mão e ferirei o Egipto.

— Mas... mas... — disse o pastor, hesitante. — Não terei fôrças para os vencer.

— Que tens na tua mão ?

— Uma vara, Senhor.

— Deita-a ao chão.

Assim que o pastor a deixou cair, ela se transformou numa cobra, assustando tanto Moisés que êle quis fugir.

— Não a temas — tornou a voz — estende a tua mão e pega-lhe na cauda.

Assim que o marido de Séfora lhe pegou, ela transformou-se na vara que êle levava na mão para tocar o gado.

— Mete a tua mão no peito — ordenou de novo a voz.

Obediente, o pastor fez o que o Senhor lhe dizia

Ao tirá-la, viu, com espanto, que a lepra a corroia.

— Torna a metê-la no teu peito.

Voltou êle a fazer o que lhe mandava e ao tirar a mão do peito viu-a limpa, como a outra.

Se não te acreditarem no primeiro prodígio, crer-te-ão no segundo. E se ainda êstes dois não forem suficientes, toca com a tua vara no rio, que êle se transformará em sangue.

— Mas, Senhor — volveu Moisés — eu sou tartamudo e sem eloquência.

Como poderei convencer o povo de Israel a seguir-me ? Não o posso salvar, porque mal posso falar.

— Vai ter com Arão, êle é inteligente. Eu porei as minhas palavras na tua bôca, e tu as tuas na bôca dele. Eu te mostrarei o que deverás fazer.

A chama desapareceu lentamente, mas Moisés ficou ainda, durante muito tempo, a meditar.

Aquela voz misteriosa que ouvira seria a da sua consciência, revoltada contra a barbaridade dos egípcios, ou a voz de Deus que o escolhia, entre os seus servos, para ir salvar seus irmãos ?

Por fim, resoluto, levando os rebanhos, tomou o caminho de casa.

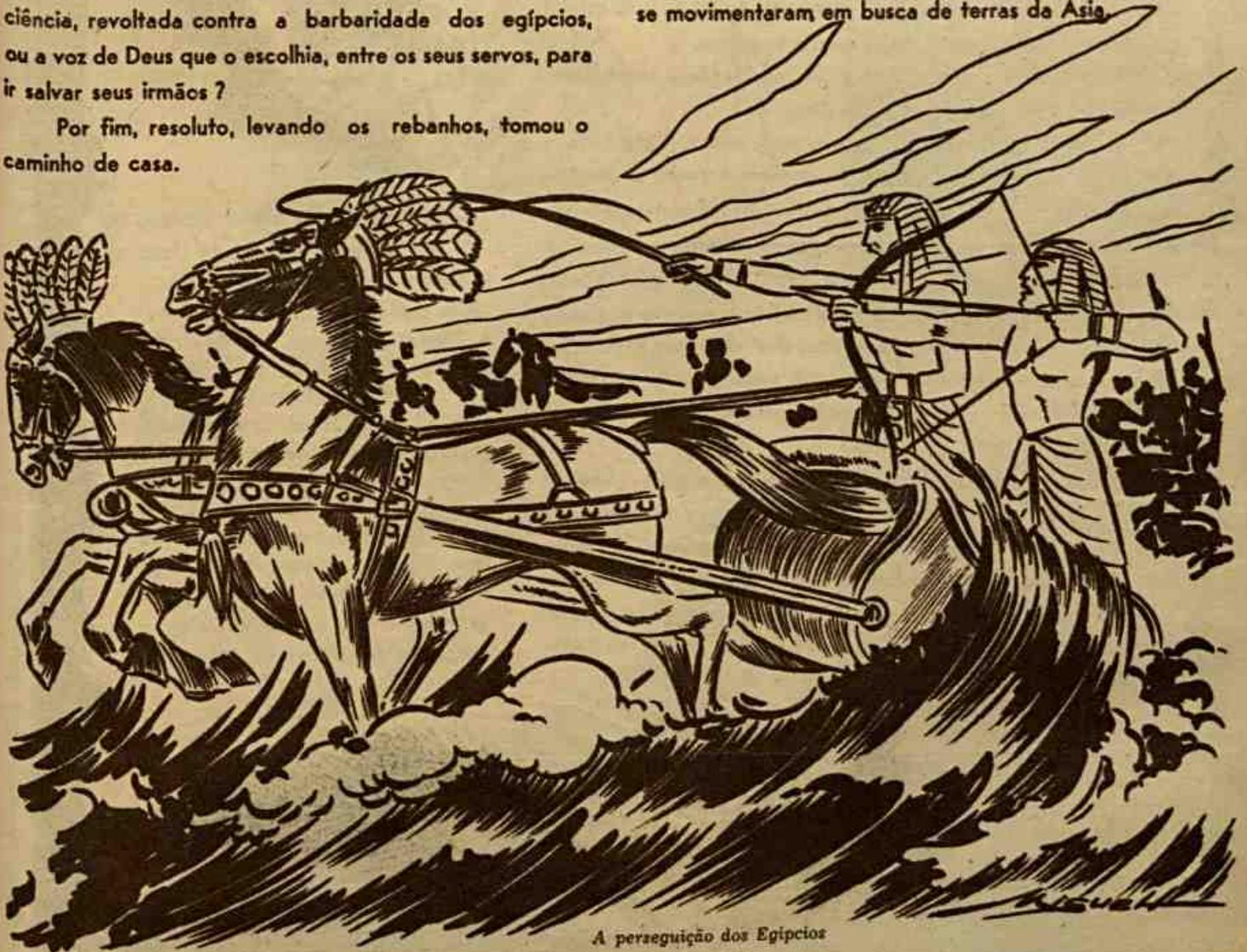
Contou a Jethro, seu sogro, o que se passara e declarou-lhe que desejava fazer o que a voz lhe dissera.

Jethro abraçou-o e disse-lhe:

— Vai em paz. Tomarei conta da tua mulher e dos teus dois filhos e iremos ter contigo quando Deus destinar.

INCUMBIDO por Deus de fazer com que o povo israelita deixasse o Egipto, foi Moisés ter com o novo Faraó, que não o quís ouvir.

Teve lugar, então, uma série de acontecimentos extraordinários, que foram as chamadas "Pragas do Egipto", mandadas por Deus para obrigar o Faraó a concordar com Moisés.

A água do rio Nilo se transformou num líquido sangrento, onde os peixes morriam; o país foi invadido por bandadas de rãs; em seguida, foram os mosquitos; as trevas invadiram os céus; epidemias mataram o gado; grandes abcessos apareceram na pele dos homens e, mais ainda, todos os filhos primogênitos — mais velhos — dos egípcios foram mortos em uma só noite pelo Anjo do Senhor. Então o Faraó compreendeu que devia deixar partir Moisés o seu povo. Reunindo o que era seu, os hebreus se movimentaram em busca de terras da Ásia.

A perseguição dos Egípcios

Aconteceu, porém, que o Faraó logo depois se arrependeu do consentimento dado e mandou tropas velozes em perseguição aos fugitivos. Foi nessa fuga, nesse êxodo, que os hebreus tiveram que atravessar o Mar Vermelho

Moisés tocou as águas com a sua vara e estas se abriram como por encanto. Quando êles acabavam de passar, as tropas egípcias iam chegando e se atiraram também pelo leito do mar a dentro. E as águas, nesse momento, se fecharam, e todos os perseguidores pereceram.

FORAM sem conta as dificuldades que Moisés encontrou na marcha em busca das terras de Canaã.

Tendo, afinal, chegado ao sopé do monte Sinai, o chefe dos fugitivos subiu a encosta, a chamado de Deus, e lá esteve pelo espaço de quarenta dias e quarenta noites.

Depois desse período de oração, meditação e recolhimento, um dia, ouviu uma voz que lhe dizia:

— Moisés, meu fiel, já viste o meu poder. Viste tudo o que eu fiz aos egípcios e também como vos tenho protegido até aqui, homens do meu povo. Deveis isto à antiga aliança que, há muito tempo, foi estabelecida entre Mim e Abraão. Conservai esta Aliança. Guardai-a bem. Sêde sempre obedientes ! E, agora, escuta: Toma duas pedras e escreve o que eu vou dizer: são os meus Mandamentos, dez leis a que todo o homem deverá obedecer na Terra, sob pena de ser castigado por Mim. Ensina-as a Israël, meu povo, para que seja o primeiro a aplicá-las

Todos conhecem êsses M a n d a m e n t o s. São os Mandamentos da Lei de Deus, que se ensinam nas aulas de catecismo. Tão simples e tão belos ! Adorar a Deus, o verdadeiro Deus; respeitar pai e mãe; não matar; não roubar; não mentir; não fazer mal a ninguém. Se todos os homens aplicassem êsses princípios, como iriam melhores as cousas, por este vasto mundo, meninos ! !

E foi assim, em breve resumo, que Moisés recebeu de Deus as tábuas sagradas do Decálogo.

Esta palavra vem de "deca", dez, e "logos", palavra. Moisés não chegou a levar o povo eleito até a prometida Canaã Essa tarefa coube a Josué, que também realisou milagres, como o conhecidíssimo, de fazer o sol se deter em sua marcha. A morte de Moisés teve lugar, provavelmente, 1.180 anos antes do nascimento de Jesús e conta a tradição hebraica que o próprio D e u s veiu buscar o corpo do seu fiel servo, levando-o para o Céu.

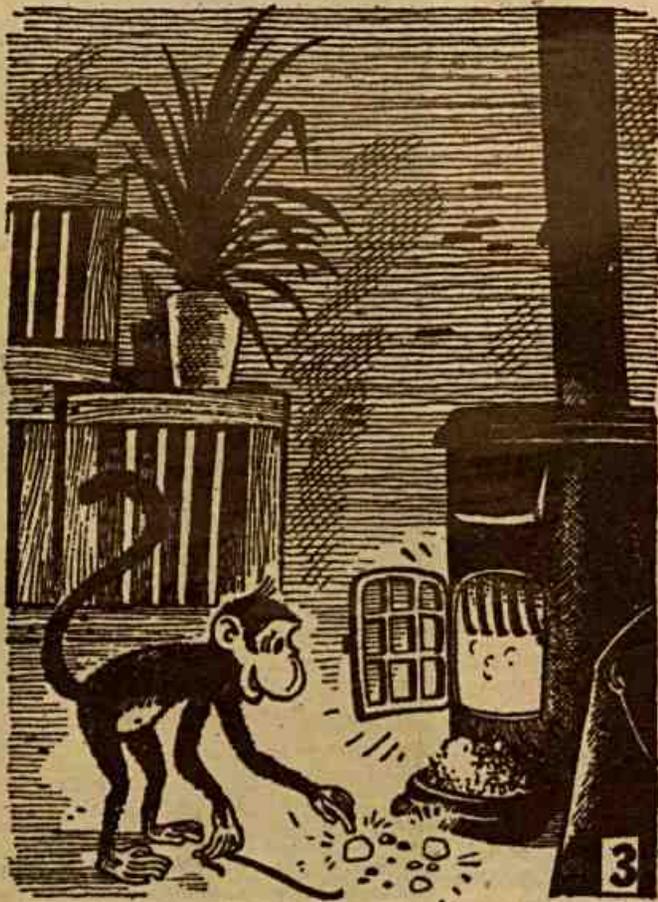
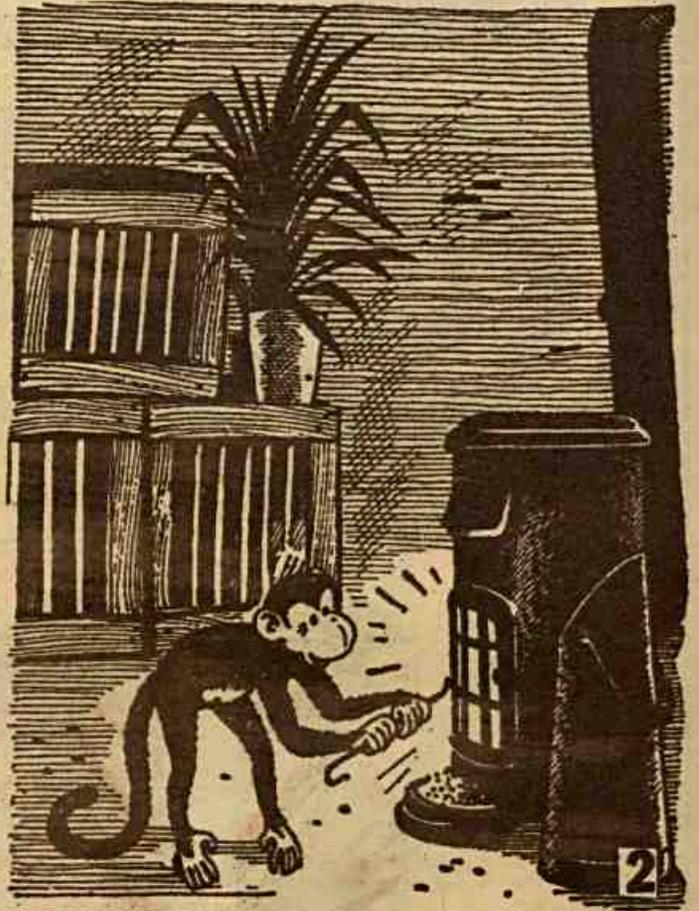
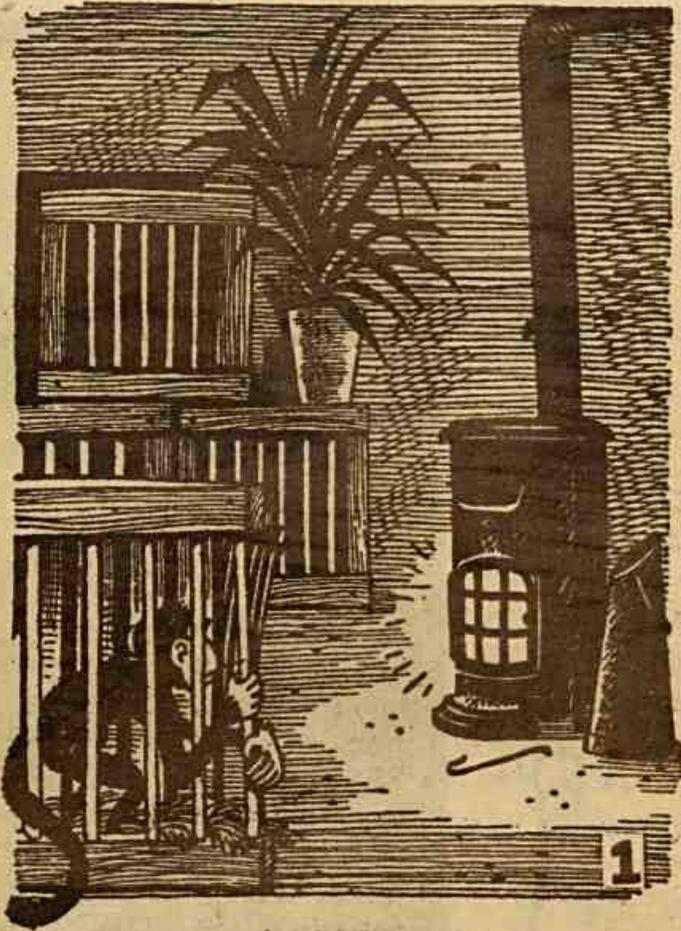
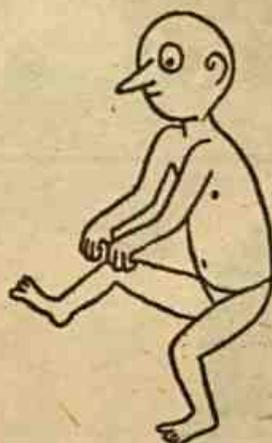
PARA RECORTAR E ARMAR

Cola-se a folha em cartolina, e recortam-se as peças.

As duas bandas do índio são coladas uma na outra, pegando-se depois o braço no ponto ED, fixando as aletas.

Fazem-se furos nos pontos negros, um em cada braço, por onde passarão as flechas. O braço oposto ao estendido, que mantém o arco, irá livre no extremo contrário às aletas. Põe-se um elástico no arco, para fazer de corda.

Arma-se o alvo dobrando as aletas para trás e colando-as na base, nos pontos negros, A coincidindo em A. Também B e C coincidem com B e C. Uma ponta de flecha é afilada, a outra cortada em V. Devem medir o tamanho do modêlo. Passando a flecha pelos orifícios feitos, estica-se a borracha depois de colocada a flecha e. . . e dispara-se contra o alvo.

O MACACO E AS BRASAS

Que será que êles estão fazendo?

Você será capaz de descobrir que é que esses bonecos estão fazendo? Suas atitudes indicam mais ou menos quais os atos que estão a executar. É questão, pois, de observar um pouco. Se não descobrir, procure a solução em uma das páginas da parte final deste Almanaque. Mas... só vá olhar depois de pensar um pouco. Está bem?

PRECISAVAM DE UMA COISA QUE DIFERENÇASSE OS CAVALOS...

DOIS amigos entraram para um centro de equitação e lhes foram confiados dois lindos cavalos. Eram eles, porém, homens desconfiados, e logo pensaram em arranjar um jeito de evitar confusões. Queriam um sinal, uma coisa qualquer que diferençasse um cavalo do outro.

— Eu corto as crinas do meu ! Assim ficará diferente... — sugeriu um deles.

Dito e feito. Cortou as crinas. Mas as crinas cresceram novamente, e o perigo de confusão reapareceu.

— Ah ! — disse o outro — Corto a cauda do meu ! Hein? Que tal?

Aprovada a idéia, foi cortada a cauda. Mas logo cresceu também, e a diferença desapareceu. Também aquele processo não era bom.

Pensaram, pensaram, e o primeiro sugeriu:

— E se a gente medisse a altura dos dois? Devem ser diferentes e logo a gente sabe quem é que tem o mais alto ou o mais baixo...

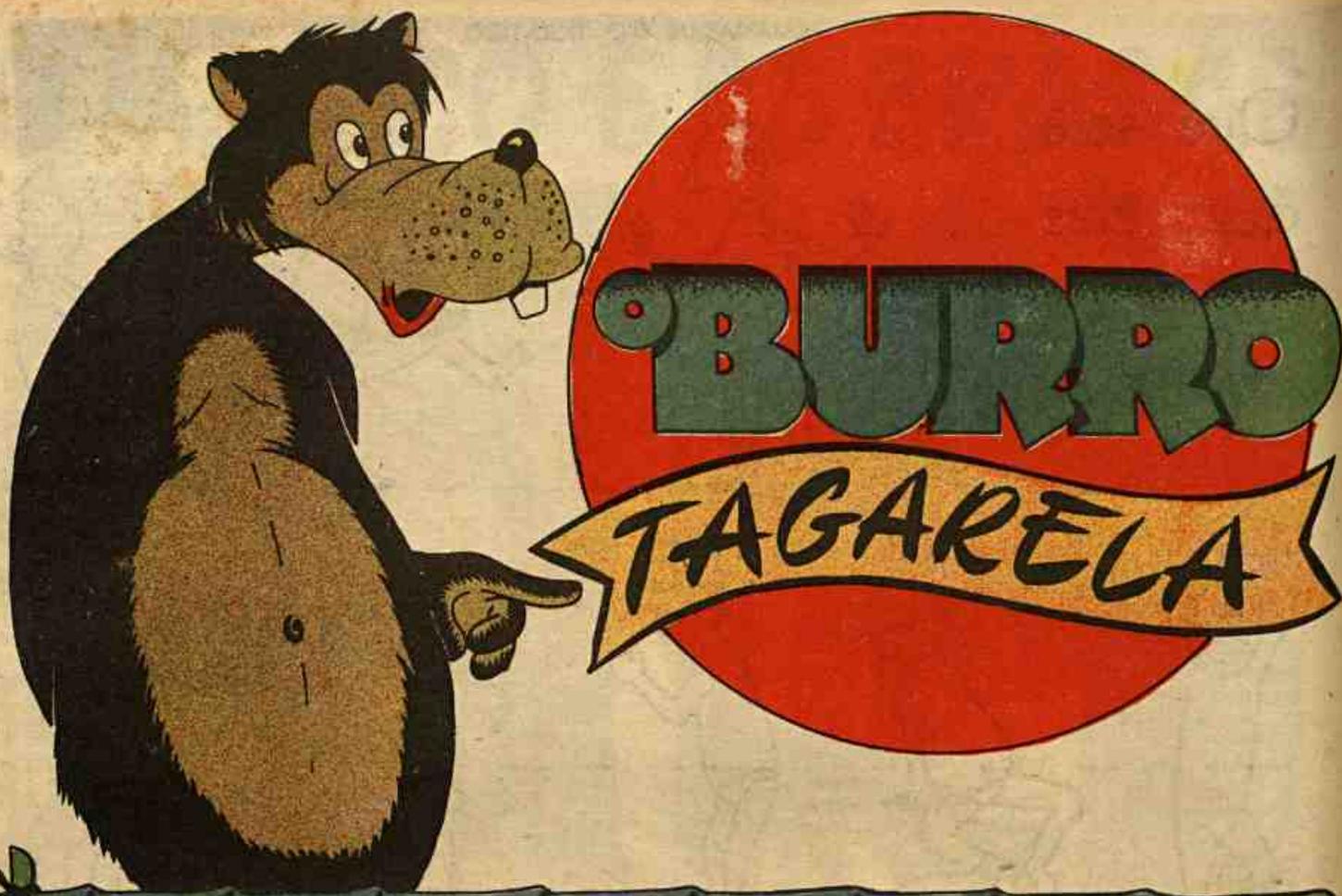
Apanharam uma trena e mediram os dois cavalos.

E ficaram muito contentes com a nova idéia, pois o cavalo preto, todo preto, era oito centímetros mais alto que o outro, todo branco...

QUER VER SANTA TERESINHA?

FIXE a vista, pelo espaço de meio minuto, nos três pontinhos brancos existentes no nariz da figura em negativo.

Decorrido êsse tempo, olhe para uma parede branca, à distancia, e verá nela, nitidamente, a imagem de Santa Teresinha do Menino Jesús.

É bom não fazer a experiência já com a idéia preconcebida de que "não vai ver nada", porque, então, não verá mesmo. Há pessoas que têm êsse mau veso: cismam que não vão ver, não vão acertar, e... nada feito ! Mas que se vê, vê !

ÊLE passava e todos os bichos o olhavam com respeito. Se penetrava na mata, procurando erva mais tenra e mais saborosa para comer, os animais que alí viviam se afastavam das trilhas, para o deixar passar. Tinha prestígio, um grande prestígio entre a bicharada — para simplificar a história. E êsse prestígio era consequência da sua convivência com o bicho-homem.

— Eles andam juntos — dizia o coelho, e o homem nunca lhe dá tiros. Devem ser amigos...

— Se são amigos ! — informava a raposa. — Eu até já vi o dono da fazenda a passar o pente nêle !

— E manda cortar comidinha pra êle, num caixote ! — comentava o jabotí.

— Quando o homem faz qualquer passeio, nunca vai sem êle...

Eram êsses, em geral, os comentários da bicharada. E o objeto dos comentários era o burro, um burro gordo, manso, um tanto caprichoso e às vezes empacador, que o dono da fazenda tratava bem porque era sua montada.

Vistas de longe, pelos outros animais, as relações entre o burro e o dono pareciam as mais amistosas, e isso fazia com que o prestígio do burro, entre êles, fosse cada vez maior.

Qual deles conseguia aquelas invejadas intimidades com o homem ? A raposa, o tatú, o gambá, a cotia, o macaco, o coelho, a paca, todos eram sempre perseguidos pelo homem, que lhes dava caça. Todos êles sabiam que, se fossem vistos pelo fazendeiro, teriam que correr. Com o burro, porém, as coisas eram diferentes. O homem o distinguia. Logo, era seu amigo. Logo, era diferente dêles. Era importante. Merecia respeito. E por isso era respeitado.

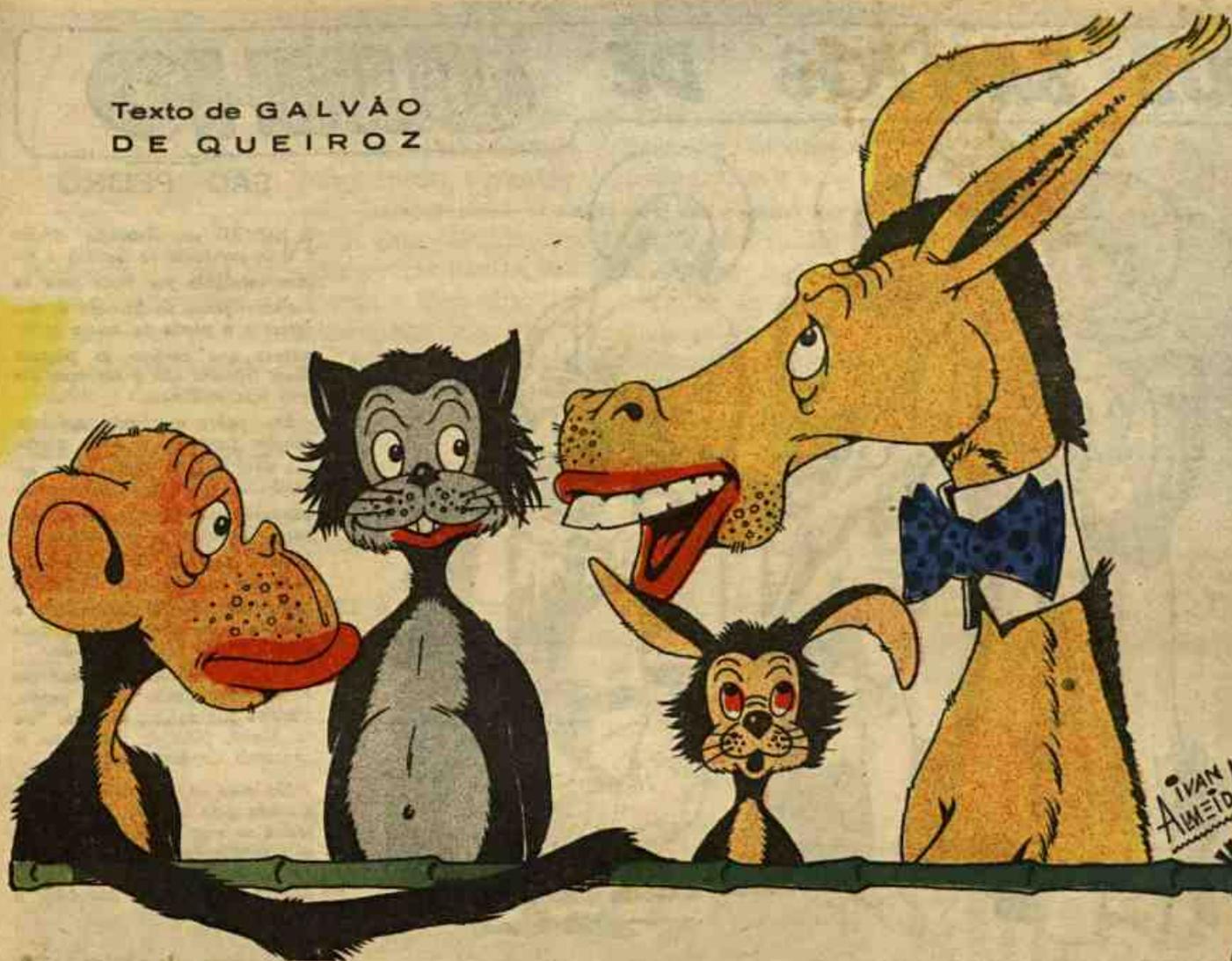
Aconteceu, porém, um dia, que o burro deu com a língua nos dentes. Estando a sestear, em baixo duma aroeira, começou uma conversa mole com o jabotí. Daí a pouco veio outro bicho. E outro, e outro, e outro. Ficou cercado deles.

— O doutor e o homem são muito amigos, não ? — perguntou a raposa.

— Bem... Nós nos conhecemos desde pequeninos... — respondeu o burro.

— Nós invejamos o doutor... O doutor leva um vidão ! — disse o coelho. Sentindo-se invejado, e admirado, o burro começou a perder a linha. E começou a falar a torto e a direito. A princípio quís fazer o modesto:

— Não é tanto assim... Eu trabalho um bocado... Vocês é porque não sabem...

Texto de GALVÃO DE QUEIROZ

E, por aí a fóra, foi contando, ora com jactância, ora com exagêro, humilhando-se agora para logo depois se exaltar sem nenhuma modéstia, a sua vida na Fazenda. Disse que sem êle a Fazenda não seria o que era, pois só êle trabalhava; que o homem era um explorador, que não lhe dava uma folga, que hoje o tratava bem para amanhã lhe dar verdadeiras surras de pau...

— O... senhor... apanha dele ? ! — estranhou a raposa.

— Se apanho ? E de cacête ! Aquele sujeito é um animal sem coração ! Eu só o suporto porque sou um moleirão, tenho um coração muito bondoso...

— Mas... Nós imaginávamos... — arriscou o coelho.

— Bem... As aparências enganam muito. Quando vamos viajar, êle leva farnel apenas para si. Eu que coma o que aparecer, e nem sempre aparece o que me sirva. Se eu ando devagar, esporeia-me a barriga. Ou me mete o chicote. Não sái comigo sem me enfiar um pedaço de ferro entre os dentes, e me aperta a barriga como se eu fosse dama dos tempos da Idade Média, espartilhada ...

— Mas, então, é assim ? ! — disseram todos. — Ora, vejam só, como a gente às vezes se engana !...

Pouco depois o burro deu a conversa por encerrada. Deixou o grupo e ainda não tinha desaparecido atrás de uma touceira, já ouvia as gargalhadas gostosas dos outros bichos.

E a partir daquele dia as coisas mudaram completamente. Acabou-se o respeito, acabou-se o prestígio, acabou-se a consideração. Agora êle passava e os outros animais... deixavam que passasse. Já não viam nêle o animal superior, a criatura de eleição. Era um bicho igual aos outros. Um coitado, que apanhava, que levava espora no ventre e usava até rabicho, coisa que nenhum deles conhecera até então...

E o pobre burro compreendeu que quem fala demais acaba se desprestigiando. Porque se é errado ostentar valor, fingindo ter o que não se tem, é êrro também desvalorizar-se a si próprio, para fazer os outros se encherem de dó e comiseração.

E o burro tagarela, fazendo ambas as coisas, errou duplamente.

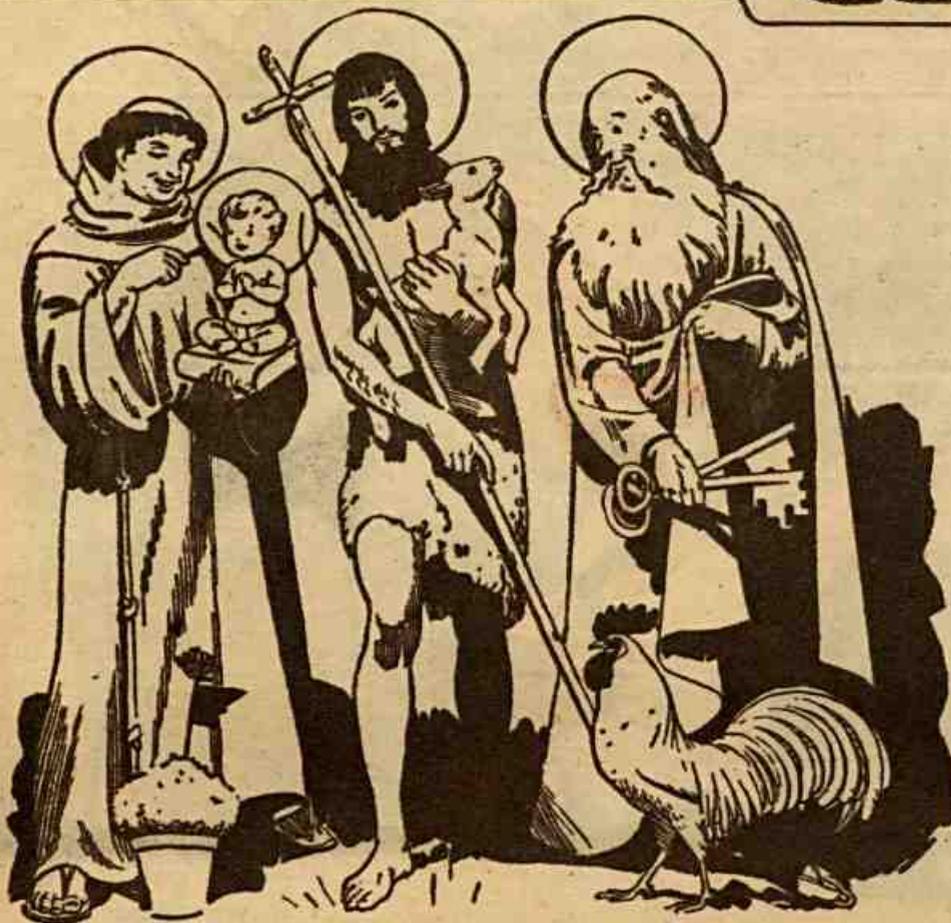
OS SANTOS DE

SÃO PEDRO

NASCEU em Betsaida, cidade da provincia de Galiléa, a região escolhida por Deus para os melhores feitos da História de sua Igreja e a pátria de tantos personagens que enchem as páginas dessa História com a narração dos seus atos sublimes.

Era pobre o grande apóstolo, simples pescador, e dessa profissão vivia, quando Jesús Cristo, começando a sua gloriosa peregrinação pelo mundo e preparando-se para disseminar a sua divina palavra e anunciar ao mundo uma nova era grandiosa de verdadeira transformação e de regeneração, o chamou para junto de si, para acompanhá-lo como discípulo.

O seu primitivo nome não era Pedro, mas Simão. Jesús, porém, trocou-o por aquêle, dizendo: "Tu és Simão, filho de João, que te chamarás Cephas: Pedro".

Em mais de uma ocasião de sua jornada pelo mundo, Jesús manifestou os seus sentimentos de afeto e predileção pelo discípulo, que tão pronto se dispusera a acompanhar e ouvir de sua bôca a Verdade.

SÃO JOÃO BATISTA

SÃO João Batista era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, sua esposa. Nasceu pouco mais ou menos seis meses antes de Jesús, de quem era primo. João viveu com seus pais até a idade viril e entrou depois no deserto, a fim de preparar seu espírito para a missão que ia empreender.

O seu único alimento foram gafanhotos, ervas silvestres e mel de abelhas bravas. Vestia um saco áspero, feito de lã de camelo e apertado por uma cinta rude e grosseira. A cama era o chão duro e nú. Com 30 anos apresentou-se pela primeira vez ao povo, e começou então a preparar os homens para receber o Messias, exortando a todos, com palavras e exemplos, para a penitência.

Foi à côrte de Herodes e censurou-lhe a sua torpe vida, sendo então preso e metido num cárcere, de onde nunca mais saiu, e depois de morto por ordem deste foi, a pedido de Salomé, filha de Herodiades, degolado, sendo trazida à presença desta a cabeça do santo, em um prato.

Já ao tempo em que S. João Batista realizava a sua missão no mundo, preparava-se Jesús para se desempenhar da sua grandiosa empresa.

João Batista não se limitava só à pregação e aos exemplos de penitência, mas batisava a quantos dele se aproximavam e penitenciando-se iam formando a côrte que devia receber a palavra do Divino Mestre.

Por êsse motivo recebeu S. João o nome de Batista, o batisador, isto é, o que purifica.

Jesús tinha tal afeto a S. João que não só dêle recebeu o batismo, nas águas do Jordão, como também, sempre que a êle se referia, dizia que era o maior dos filhos dos homens, e que era profeta e mais que profeta.

SANTO ANTONIO

SANTO Antonio era natural de Lisbôa e descendia de nobre família portuguêsa. Chamava-se Fernando.

Ao ingressar na vida religiosa, o que fez contra a vontade dos pais, abandonou o seu verdadeiro nome, e adotou quêle sob que hoje a humanidade o invoca nos seus momentos de angústia e aflição.

Santo Antonio era franciscano. Após ser ordenado partiu para a Africa, em missão de catequese, mas, adoecendo gravemente, foi forçado a regressar. Dedicou-se ao estudo da Teologia, tendo vivido na França e na Itália.

Foi o fundador de várias irmandades e confrarias, e nunca se negou a executar qualquer trabalho, por mais penoso que pudesse ser.

O glorioso monje realizou, em vida, inúmeros milagres, e ainda hoje a Fé cristã lhe atribui essa virtude, sendo elevadíssimo o número dos seus devotos.

Santo Antonio passou grande parte de sua existência em Pádua, na Itália, e ali veio a morrer, o que explica que, sendo embora português, seja conhecido como Santo Antônio de Pádua. Sua festa é a 13 de junho.

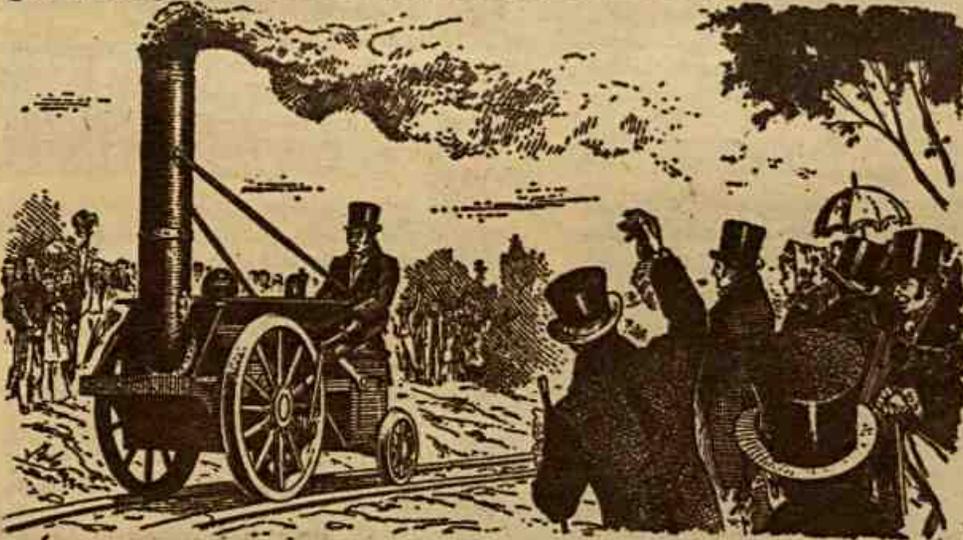
MAIS VALE UM "TOMA" QUE DOIS "TE DAREI"

A LOCOMOTIVA E O SEU INVENTOR

GEORGE STEPHENSON

EM 12 de Agôsto de 1848, morria em Tampton House, Inglaterra, George Stephenson, inventor da locomotiva a vapor. Nascera em Wylam a 8 de Junho de 1781. Sua família era de condição muito modesta e o pai trabalhava nas minas. Ao ficar este cego, George o substituiu na tarefa e logo chamou a atenção dos chefes por seus pequenos inventos para facilitar o trabalho. Sem outros mestres que não fôssem um agricultor das redondezas e os livros que lhe era possível ler, adquiriu Stephenson sólida cultura, e foi ascendendo em seus empregos até ocupar vários importantes.

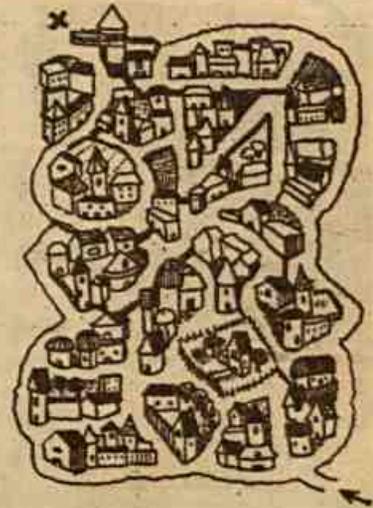
Preocupado em substituir a tração animal pela tração a vapor, realizou diversas experiências, que deram como resultado a construção da locomotiva, um dos inventos mais notáveis da época.

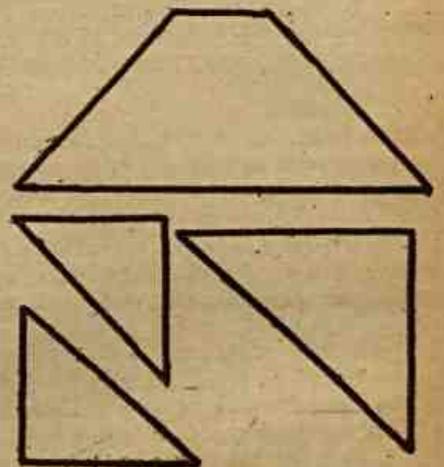
Como precisou ganhar a vida desde muito cedo, não pôde frequentar a escola. Foi sucessivamente cuidador de vacas, engraxate, aprendiz de alfaiate e relojoeiro. Diz-se que aos 18 anos

ainda não sabia ler, mas demonstrava contínuo afã de aprender, de preferência as artes mecânicas.

Pode, por fim, assistir a aulas três vezes por semana, e sua alegria foi imensa ao poder ler e escrever. Idealizou depois um dispositivo para os vagonetes que transportavam o minério nas minas, o qual reduzia o trabalho de homens e cavalos. Esse fato causou grande admiração a seus chefes, que resolveram ajudálo moral e financeiramente, instalando para êle uma oficina. A primeira locomotiva e vapor foi experimentada em 1814, e andava uns 5 quilômetros por hora. Chamava-se "My lord", e sua aparição provocou comentários jocosos. Em 1830 construiu outra máquina "The Rocket", (O foguete), com a qual inaugurou a primeira linha de estrada de ferro, entre Liverpool e Manchester. Já eram realidade os sonhos de Stephenson, que instalou uma grande fábrica.

Ali, com hábeis colaboradores, foi aperfeiçoando cada vez mais as locomotivas de sua invenção e obteve grandes lucros.

Da Inglaterra, onde se instalaram as primeiras linhas férreas, estas passaram para outros países, a serviço do progresso e da civilização.

PASSATEMPOS

Que ruas você tomaria, se tivesse que atravessar esta cidade, entrando por onde está a seta e saindo por onde está a cruz? Será capaz de encontrar a passagem?

A mesma dificuldade que você encontrou, teve minha tia, mas era numa salina, cuja planta aqui está. Quer ver se descobre que caminho ela seguiu? Comece pela seta, ao alto.

Zé Macaco estava em Roma, quando lhe deram êste problema: recortar (ou decalcar) as figuras geométricas acima, e formar, unindo-as, o número 50. E... sabem que êle acertou? Você acertará?

JORGINHO, muito ansioso, deu corda no automóvel que acabara de consertar. Era sua última tentativa. Andaria, desta vez? Ou não? Desejou ardentemente que sim. Depois de fazer um barulho exquisito o auto arrancou. O menino pulou de alegria e saiu do quarto correndo, para chamar a mãe:

— Mamãe! mamãe! Venha ver! Já consertei o meu automóvel. Papai disse que eu não conseguiria... e consegui! Venha vê-lo!

— Espera um pouco, querido, — respondeu a senhora calmamente, sem interromper a limpeza que estava fazendo na gaiola dos canários.

— Venha, mamãe!... — insistiu o menino puxando-a pelo vestido.

— Agora não posso. Estou ocupada — respondeu a mãe, já um tanto contrariada. E em seguida acrescentou:

— Daqui a pouco eu irei, meu filho. Tenho tanto que fazer nesta casa... Não posso estar parando a todo instante.

Jorginho, conciente da derrota, ainda puxou um pouco o vestido da mãe. Depois desistiu. Lembrou-se de que sempre que sua mãe estava cuidando dos pássaros não o atendia. Eles eram mais importantes para ela do que o filho. Seria possível que os canários fossem mais queridos do que êle?!

Jorge costumava deixar-se levar por estas idéias, e chegava sempre à mesma conclusão: sua mãe se dedicava mais aos pássaros, que nada faziam de útil, do que a êle. Os canários só cantavam, cantavam... Êle tinha consertado um automóvel que estava todo estragado e ninguém dava valôr a isso! Desiludido e vencido, soltou o vestido da mãe. Olhou com rancor para os canários, de que a senhora estava cuidando e foi embora. Atravessou o corredor da casa e foi sentar-se numa cadeirinha no quarto de costuras. O auto, que tinha disparado em grande velocidade, achava-se tombado no chão.

O menino olhou-o com indiferença e pensou que não valera a pena ter perdido tanto tempo em repará-lo.

Em meio dessa meditação apareceu o avô de Jorge, apoiado numa bengala. Levantara-se havia pouco de uma enfermidade e ainda estava enfraquecido. Vendo o neto tão quieto e preocupado, perguntou-lhe:

— Que tens?

— Nada...

— Nada, não é possível! Já sei. Ciúmes dos canários! Estive longo tempo a te apreciar... Jorge ainda quís negar, mas nada disse. De qualquer modo, tinha certeza de que todos viam que a mãe gostava mais dos canários do que dêle.

O avô, que já vivera tantos anos e conhecia muito bem o neto, disse:

— É que... casualmente, tôda vez que tens alguma coisa importante que dizer-lhe, tua mãe está atarefada... Também, esta casa é tão grande e ela tem tanto serviço!

Jorginho sentiu que o avô estava tomando a defesa da mãe.

— Vovô, — disse, de repente — não é um crime prender as aves? Se eu fosse Presidente, proibia isto. Então para que Deus lhes deu asas?

O avô pensou algum tempo antes de responder:

— Agrada-me bastante êste teu modo de pensar, Jorginho. Eu também, quando tinha a tua idade e, mesmo mais velho, pensava assim. É uma crueldade prender os pássaros em gaiolas.

— E então? — exclamou o menino com alegria.

— Espera... — interrompeu o ancião — Não penses que podes soltar os canários. Êles morreriam. Nasceram numa gaiola e não sabem voar, nem arranjar alimento, assim como não se podem defender dos inimigos. Além disso, se os soltasses tua mãe ficaria muito triste.

E o menino respondeu:

— Não, vovô; fique descançado. Não farei isto.

O ancião foi para a sua cadeira de balanço e Jorginho ficou andando pela casa, sem encontrar uma coisa para se distrair.

De repente ,sem saber como, viu-se defronte da gaióla dos canários. Sentiu crescer o ciúme dentro de si e, uma vontade de soltar os pássaros, superior à promessa feita ao avô, dominou-o por completo, impedindo-lhe de raciocinar.

Olhou para as portas da gaiola.

— São muito fortes — pensou.

E se tirasse alguns arames?

Assim simularia um acidente... Não tinha coragem de se tornar o responsável direto, mas queria agir...

Forçou um arame, forçou outro e... nada. Desistiu. A gaiola era muito nova para fazer constar que os arames tinham caido.

Nesse momento, o miado de um gato que descia do telhado da cozinha lhe dá uma idéia. Chama-o. O gato olha-o com atenção, pula para o telhado do corredor, depois vai descendo devagar e se dirige ao muro do fundo do quintal.

Jorginho não desanimou. Acompanhou-o com paciência e, depois de usar de todos os recursos, conseguiu atraí-lo. Segurou-o e, depois de certificar-se de que ninguém o via, encaminhou-se para o lugar onde se achava a gaiola.

Ao se aproximar, porém, para aterrorizado e quase solta um grito de angústia. A gaiola estava aberta e sem um único canário dentro! Teria sido êle, sem querer? Com certeza, quando forçara para tirar o arame...

Soltou o gato que trazia ao colo. Aproximou-se mais e, de olhos arregalados, fitava a gaiola, sem compreender como acontecera aquilo. Sua intenção tinha sido fazer voar os pássaros, mas agora, diante daquele quadro, sentia-se presa de um grande medo... E remorso! Seus olhos marejaram-se. Nunca mais os ouviria cantar! Compreendia agora que não só sua mãe estimava os canários, mas êle também! O castigo que o aguardava não o fazia sofrer tanto como aquela gaiola vazia...

Como o gato ficasse parado a seu lado, Jorge espantou-o com um grito, e o animal fugiu com rapidez.

Consciente de que era o único culpado do que acabava de acontecer, o menino pôs-se a chorar. E foi quando o avô, que sempre aparecia quando menos era esperado, o chamou:

— Vem aqui, Jorge. Que te aconteceu?

O menino atirou-se nos braços do ancião, querendo explicar o que se passara, porém não conseguia falar. E só a muito custo pôde dizer:

— Vovô, meu vovôzinho... Uma coisa horrivel...

— Sossega, meu filho. Eu falarei em teu lugar. Dize-me: por que tanto te interessaste em atrair o gato até a gaiola dos canários? Não quero que me expliques nada. Conta só a verdade. Quero sòmente que digas a verdade!

— Vovôzinho...

— Já sabes que detesto mentiras! Só me interessa a verdade:

— Queria assustar os canários, mas êles voaram... Abri a porta sem querer... Juro que foi sem querer

— Repara bem até onde te leva o teu ciume.

Mas, quero saber como abriste a gaiola, sem querer? Como foi isso?! Ela tem um trinco...

— É... que eu estive forçando a gaiola, isto é, sacudindo-a... e não sei como abri o trinco... Juro, vovô que não mexi na portinha!...

— Enquanto tentavas fazê-los voar...

— Meu avô!... — gemeu o menino, compreendendo que estava pagando bem caro as suas más intenções — Que podemos fazer? Diga-me, vôvô, que se pode fazer?

— A primeira coisa que tens a fazer é ir buscar tua mãe e contar-lhe tôda a verdade.

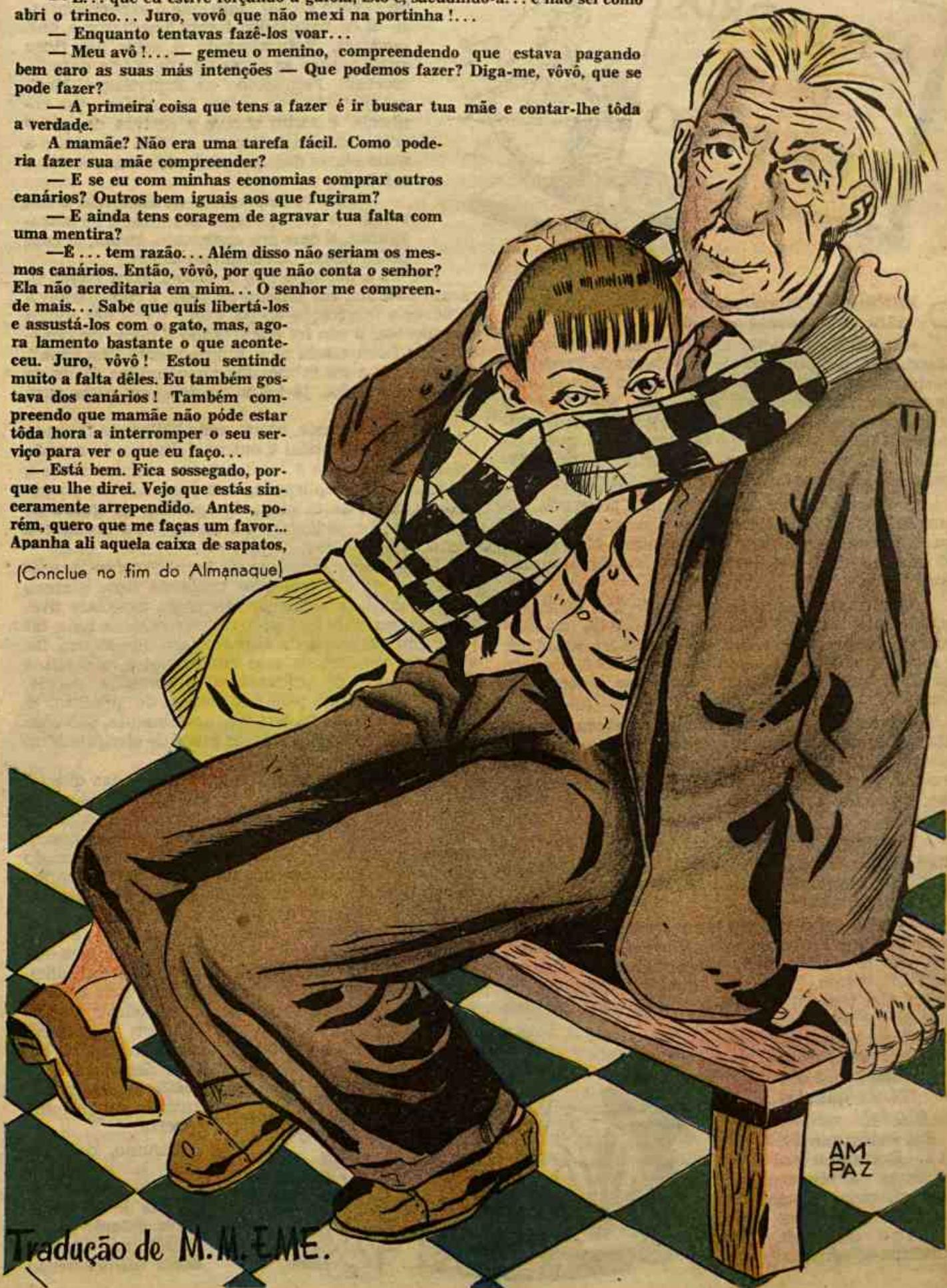
A mamãe? Não era uma tarefa fácil. Como poderia fazer sua mãe compreender?

— E se eu com minhas economias comprar outros canários? Outros bem iguais aos que fugiram?

— E ainda tens coragem de agravar tua falta com uma mentira?

—É ... tem razão... Além disso não seriam os mesmos canários. Então, vôvô, por que não conta o senhor? Ela não acreditaria em mim... O senhor me compreende mais... Sabe que quís libertá-los e assustá-los com o gato, mas, agora lamento bastante o que aconteceu. Juro, vôvô! Estou sentindo muito a falta dêles. Eu também gostava dos canários! Também compreendo que mamãe não póde estar tôda hora a interromper o seu serviço para ver o que eu faço...

— Está bem. Fica sossegado, porque eu lhe direi. Vejo que estás sinceramente arrependido. Antes, porém, quero que me faças um favor... Apanha ali aquela caixa de sapatos,

(Conclue no fim do Almanaque)

Tradução de M.M. EME.

DENTRO de um ano se comemorará um centenário interessante e curioso.

Naquêle longinqquo 1.º de Agôsto de 1853, em Strasburgo, um químico alemão chamado Frederico Gerhardt, que fazia em seu laboratório experiências de síntese, misturou, por acaso, dois ácidos: ácido salicílico com ácido anhídrico acético. Dessa mistura resultou um pó branco e também ácido, que o cientista batisou de ácido acetilsalicílico e cuja fórmula fez registrar na Academia de Ciências.

Gerhardt continuou com as suas pesquisas, esqueceu aquele ácido e três anos depois morreu sem que o tivesse usado para coisa alguma. Morreu aos 40 anos e deixou um nome respeitado de pesquizador.

Trinta anos decorreram desde que êle fizera aquela mistura, e só então as virtudes da sua descoberta foram conhecidas. Como sempre acontece, o Acaso, que vive metido nos Laboratórios, ajudando os estudiosos a fazer descobertas, entrou em cena.

Certa manhã, trabalhando num laboratório em Elberfeld, pertencente a célebre firma, o químico alemão Felix Hoffmann recebeu a visita de seu velho pai, ancião que sofria de artritismo e reumatismo, e que lhe vinha pedir um remédio para seus males.

Depois de ter espalhado sôbre a mesa do filho uma bonita coleção de receitas médicas, todas as quais já experimentára, sem resultado, o velho Hoffmann exclamou:

— Meu filho, eu não posso mais. Nenhum dos remédios que tenho tomado, a conselho dos médicos, tem produzido efeito sôbre meu reumatismo e meu artritismo. Penso, até, que me fazem piorar. Todos êles têm salicilato e o salicilato me faz mais mal do que bem. Não poderias aranjar para mim outra qualquer coisa? Que diabo! Tú és químico, ou não és?

Foi então que Felix Hoffmann se lembrou da fórmula registrada trinta anos antes por Frederico Gerhardt. Analizou-a, verificou a sua ausência de toxidez, isto é, viu que não era veneno aquele pó branco resultante da mistura dos dois ácidos, e deu um pouco do pó branco ao pai, para que o experimentasse. E os resultados foram imediatos e animadores. Naturalmente o velho não ficou curado, mas as dores de que sofria desapareceram. Persistindo na experiência, Hoffmann tratou de outros reumáticos que conhecia, e assim obteve a certeza de que o ácido acetilsalicílico era a mais simples e a mais eficaz das terapêuticas contra a dôr e a febre.

Todos os habitantes de Elberfeld e dos arredores começaram a procurar o pó maravilhoso. E êsse era conhecido, então, já com outro nome: acetilspirina-ácida.

Foi tal a procura, que os laboratórios Bayer tiraram patente, em janeiro de 1900, e começaram a explorar a fabricação do pó. Como todos nós somos preguiçosos, o uso foi encurtando o nome do remédio, que ficou sendo só e simplesmente "aspirina". Começaram a ser fabricados comprimidos, fáceis de ser transportados, já feitos na dosagem certa para ser tomados.

A aspirina fazia, assim, uma brilhante entrada no domínio industrial e outros químicos do mundo inteiro começaram a fazer estudos maiores sôbre a sua utilidade e aplicação, uns juntando ao pó pequenas doses de cafeína, de codeína, de guaraná, etc. para lhe reforçar, ou corrigir, ou precisar o efeito.

Na França, as usinas de Saint-Fons produzem hoje, *por minuto* tresentos tubos de vinte e cinco comprimidos de aspirina. Máquinas especiais tiveram de ser fabricadas, para dar vasão a uma tal produção. Os tubos de alumínio em que alguns fabricantes vendem os seus comprimidos, são feitos com extensões de quilômetros, e cortados, depois, na medida exigida pela embalagem do produto. E calcula-se que, só na França, anualmente, são consumidos sessenta milhões de tubos de comprimidos, cada um com 25.

Cada rotativa daquelas grandes usinas que citámos, fabrica, por hora, cem mil comprimidos. Essas rotativas se compõem de uma imensa extensão plana, à borda da qual são colocadas diversas matrizes. Essa superfície plana gira e move-se de modo que as matrizes baixam e sobem, e vão fabricando os comprimidos com a matéria prima que automáticamente vai sendo espalhada sôbre ela.

A aspirina entra, assim, na fabricação de muitos comprimidos em uso, e agora vocês já sabem que o seu nome "de batismo" é êste: ácido acetilsalicílico", e que ela resulta da mistura de dois ácidos: acético e salicílico. E sabem, igualmente, que foi também o Acaso, como em tantas outras descobertas científicas, um grande auxiliar da sua descoberta.

Quando, pois, em 1953, se comemorar o centenário da descoberta de Gerhardt, vocês estarão "doutores" na história dêsse medicamento.

QUE E' UMA SALAMANDRA? Você sabe?

ANFÍBIO é uma palavra de origem grega, composta de *anfi*, que significa "ambos", e *bios*, vida. São da mesma categoria, ou classe, a fóca e a salamandra, porém existe entre estas duas espécies, uma diferença. A fóca nasce com pulmões e a salamandra nasce com guelras e quando vai crescendo passa a respirar pelos pulmões. A fóca é um animal de costumes anfíbios, enquanto que a salamandra é um verdadeiro anfíbio. Em zoologia dá-se o nome de anfíbios ou batráquios a uma classe de animais que está colocada entre os peixes e os répteis

Há anfíbios "ápodos" (sem pés), bichos parecidos como as cobras, minhocas, e enguias; há anfíbios uródelos (*uros, cauda*). Os uródelos se parecem com os lagartos, salamandras e iguanas (uma espécie de lagarto), e outros répteis. Há anfíbios "anuros" (sem cauda) que são vulgarmente chamados de rãs e sapos.

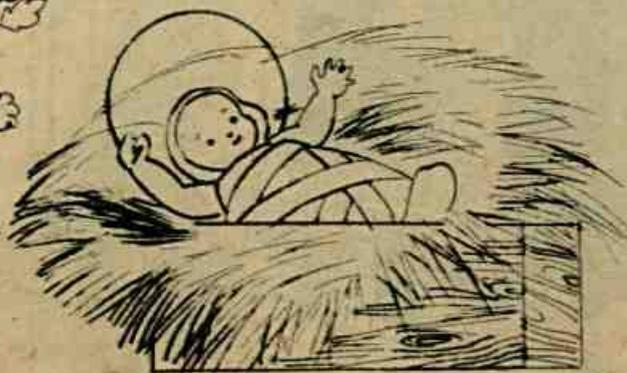
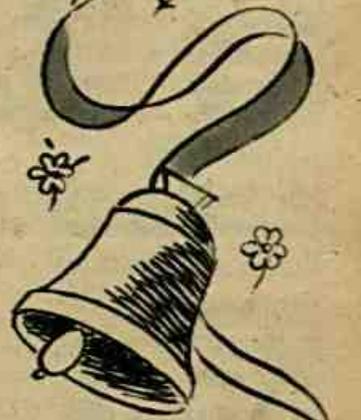
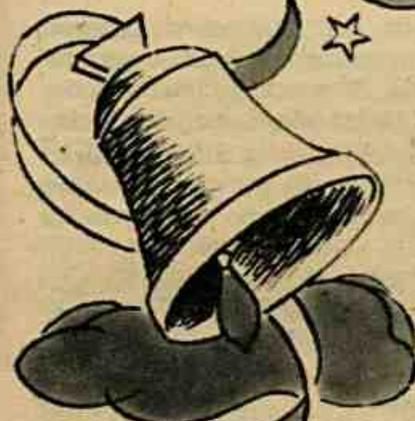
A salamandra é um uródelo. Se algumas pessoas a confundirem com um lagarto, vocês não devem ficar espantados. O próprio Linneo, sábio naturalista, também a confundiu, classificando-a no gênero "lacerta" a que pertencem os lagartos. Diz um grande naturalista que a semelhança entre os anfíbios e os répteis não é íntima e sim superficial, e que "são maiores a afinidades entre répteis e as aves", embora aparentemente sejam êstes completamente diferentes entre si. Ambos põem ovos envolvidos por casca, que se desenvolvem de maneira parecida, têm semelhança no esqueleto e na organização e têm sido descobertas formas fósseis que têm caractéres comuns a aves e rèpteis, o que nos faz acreditar em uma comum ascendência, tornando-se mais tarde diferentes; uns, arrastando-se pelo chão, enquanto que os outros adquiriram asas e passaram a voar.

Há duas espécies principais de salamandra: a salamandra malhada e a salamandra *atra*. A malhada tem 20 centímetros de comprimento e vive na Alemanha, Austria, Hungria, França. Itália, Espanha, Turquia e Argélia. Os antigos afirmavam que a salamandra podia viver dentro do fogo e outros a consideravam o espírito do fogo e com isto enganavam as pessoas menos instruidas. A verdade é que, se se colocar a salamandra entre carvões em braza, o bichinho expele pelos poros um liquido viscoso que faz as brasas ficarem negras, porém o fogo continúa e acaba queimando a salamandra. Ao contrário, a salamandra também pode viver muitos meses dentro de um bloco de gêlo ou enterrada na neve. De dia se oculta entre as rochas e sai de noite para pescar crustáceos ou caçar minhocas e insetos. Caminha lentamente. Colocando-se numa barrica rãs e salamandras, as primeiras morrem oito dias depois. Se injetarmos num pássaro o veneno que a salamandra guarda nas glândulas do pescoço e nas pústulas ou bexigas das costas, o animalzinho morrerá instantes depois. Uma rolinha dura vinte minutos. Se fizermos a mesma inoculação num cabrito, êle sofrerá muito mas se salvará.

A Salamandra é parente da lagartixa mas não deve ser confundida com ela.

— QUEM COM MUITAS PEDRAS BOLE, UMA LHE CÁI NA CABEÇA. —

PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA

NATAL
Bimbalham sinos festivamente !
—"Dizei, estrêlas, que aconteceu ?
Por que tão doce, grato sinal ?"
E as estrelinhas, em luz tremente,
respondem firmes:—"Jesús nasceu !"
E o eco repete, mais docemente:
—"Jesús nasceu ! Natal ! Natal !"

AS SOBRECASACAS

TRADUÇÃO DE ZÂMARA

"Sêo" Manoel não gostava de usar sobrecasaca e por isso ficou muito contrariado quando foi convidado a assisir ao casamento de sua sobrinha Rosinha. Soube que a bôda seria de luxo e que êle, como o médico, o juiz, o escrivão e outras pessoas, tinha que usar sobrecasaca. Havia já muitos anos que não vestia tal peça. Achava-a perfeitamente dispensável naquela cidadezinha do interior, onde se sentia muito bem vestido, quando estava em mangas de camisa, como era uso entre seus visinhos. Só mesmo em dias de grandes festas é que êles vestiam um paletó e um ou outro ostentava uma sobrecasaca de côr duvidosa, pois ninguém poderia garantir se era preta, verde ou morron, de tão antiga.

"Sêo" Manoel estava muito preocupado.

Tinha que ir ao casamento, pois fôra convidado para padrinho, e não possuia uma sobrecasaca!

Não queria mandar fazer uma, porque achava que era uma despêsa inútil. Só iria usá-la durante algumas horas!...

Resolveu, então, procurar um compadre seu, de nome Onofre e explicou o caso. O amigo respondeu solícito:

— Não te preocupes. Eu te emprestarei a que pertenceu ao meu avô.

— És um bom amigo — respondeu "sêo" Manoel. —E só mais um favor eu preciso de ti: que guardes segrêdo disto. Não desejo que outras pessoas saibam que me emprestaste a sobrecasaca... Está bem?

— Não tenhas receio! Vai descançado. Eu sei como são essas coisas — respondeu o compadre Onofre.

No dia da bôda "sêo" Manoel compareceu elegânte como um principe, metido na sobrecasaca emprestada. Teve oportunidade de ouvir vários comentários sôbre sua elegância. Infelizmente, porém, sua satisfação durou pouco, porque o Onofre, que também fôra convidado, chegava ao seu lado e dizia, de vez em quando:

— Cuidado, Manoel! Não movas os braços assim, porque pódes romper as mangas. Não te encostes na parede... podes sujar a casaca...

Tantas e tantas fez, que na hora da cerimônia já todos os convidados sabiam que a sobrecasaca não era de Manoel.

E antes mesmo de começar o baile, o padrinho se retirou e foi correndo devolvê-la.

Estava aborrecidissimo e não era para menos. Entregou-a com um sêco agradecimento.

Aconteceu que, tempos depois, — triste situação! — um sobrinho

do "sêo" Manoel o convida tambem para seu padrinho de casamento.

Escarmentado com o que lhe havia sucedido no casamento da Rosinha, êle foi procurar outro amigo, outro compadre, e lhe pediu emprestada a sua sobrecasaca, contando o vexame por que tinha passado da outra vez, quando fôra padrinho da sobrinha.

— Que falta de camaradagem ! — comentou "sêo" Tomáz, que assim, se chamava esse outro amigo — Não tenhas mêdo ! Eu não farei uma coisa dessas.

E "sêo" Manoel lá se foi, levando a sobrecasaca.

No dia do casamento compareceu muito elegânte e sorridente, com aspecto de pessoa abastada, fazendo honra à noiva que estava ricamente vestida.

A sua entrada todos os presentes cochicharam.

A sobrecasaca não era antiga como a que lhe havia emprestado o Onofre e sim bem preta e caia no corpo de "sêo" Manoel como se fôra feita para êle.

— Teria sido comprada ? — perguntavam uns convidados aos outros. E como era bem talhada !

Ainda desta vez, porém, não foi feliz.

Quando o amigo Tomaz o viu, aproximou-se dêle e disse, num tom de voz que todos os convidados ouviram:

— Sim, senhor ! Como te vai bem a sobrecasaca ! Cái-te como uma luva ! E pódes mexer-te à vontade, que não ficarei zangado se a sujares ! Sim ! Nós aqui somos amigos. E os amigos são feitos para os favores !...

Não sou como o Onofre, que te envergonhou em pleno casamento da Rosinha !...

E, assim, todos ficaram sabendo que a sobrecasaca do "sêo" Manoel era emprestada... Por isso é sempre mais conveniente nos privarmos de uma festa, a ter que recorrer a estranhos para aparentarmos uma situação que realmente não temos...

Na hora de pedir qualquer coisa emprestada, devemos nos lembrar da história das sobrecasacas.

Uma Receita para os cabêlos

A fórmula que vamos dar aqui, foi fornecida por um médico muito sabido às elegantes do seu consultório, nos velhos dias do Brasil Império. E... com enorme sucesso. As damas queriam ter cabeleiras bonitas, pois naqueles tempos as mulheres se diferençavam dos homens, entre outras coisas, porque usavam cabeças com bonitas cabeleiras.

O tal doutor, amolado com as solicitações das clientes, inventou então uma fórmula milagrosa, que elas levavam às farmácias para aviar, que custava baratissimo e que fazia um efeito maravilhoso.

A fórmula era esta:

Aqua stilaticia . .	20 g
Eadem repetita . .	10 g
Aqua fontis	20 g
Hidrolatum simplex.	30 g
Protoxydum hydrogeni	30 g
Nihil alihud . . ad	150 g

E sabem os leitores tudo isso, somado, metido num vidro, rotulado, embrulhado, a que se resume ?

— Água, pura...

Mas, como embelezava e fortalecia as cabeleiras das clientes do esperto doutor ! !

• • •

NUNCA ESQUEÇA ISTO !

Nunca se deve dar de beber a uma pessoa inconsciente: poderiamos matá-la por asfixia ! A traquéia é protegida por uma válvula, a epiglote, que se fecha automàticamente cada vez que a gente engole; ora, num estado de inconsciência, a epiglote pode recusar-se a funcionar, e daí a asfixia, pela entrada de liquido nas vias respiratórias.

Cousas Nossas

A HISTÓRIA da contagem do tempo

O ano é considerado astronômicamente de vários modos.

O Ano Anomalístico — A elipse traçada pela Terra no seu movimento em torno do Sol é regular e constante, como é regular e constante o movimento da Terra. O intervalo entre a passagem da Terra por um ponto dessa elipse, e sua volta a ésse mesmo ponto, é o que se chama ano anomalístico.

O Ano Sideral — os equinóxios não são pontos fixos no Céu. Por exemplo, o da Primavera tem um movimento oposto ao Sol, que caminha, de alguma sorte, ao seu encontro. O intervalo entre duas coincidencias consecutivas do centro do Sol com a mesma estrela fixa, situado sôbre a sua elíptica, constitue o que se chama "um ano sideral.

Chama-se equinoxio a coincidencia do Sol com o equador. Há dois equinoxios — o da Primavera e o do Outono. Nessa época o Sol nasce para toda a Terra às 6 horas da manhã e põe-se às 6 horas da tarde, e, portanto, o dia é do mesmo tamanho da noite.

Chama-se elíptica de um astro a linha que a sua marcha traça no espaço.

Ano Tropical ou Equinoxial — É o período entre duas coincidencias consecutivas do centro do Sol com o equinoxio da Primavera. Em virtude da mutação aos pontos equinoxiaes, sua retrogradação é — ora acelerada, ora demorada, e, isso faz variar a duração do Ano Tropical. Conta-se, então, pela sua duração média, que é de 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 47 segundos.

Anos bissextos — Os egípcios, no tempo dos Fararós, organizaram o ano civil com 365 dias, terminando-o assim cerca de seis horas, antes do ano verdadeiro. No ano civil dos romanos, estabelecido pelo rei Romulus, perfeiçoado por Numa Pompilius, seu sucessor, e reformado por Cesar, ficou estabelecido que, em 4 anos consecutivos, os 3 primeiros teriam 365 dias e o quarto 366, isto é, mais um dia formado com as 6 horas, que sobravam de cada um dos 4 anos.

Este dia suplementar foi colocado entre o 23.° e o 24.° dia do mez de Fevereiro e como o 24.° dia de Fevereiro chamava-se então sexto calendas, o dia intercalado chamou-se bissexto-calendas e, por isso, o ano se chama bissexto.

Para regularizar a situação no inicio dessa reforma, Cesar foi obrigado a aumentar 85 dias naquele ano, que era o 45 antes de Cristo e chamou-se por isso — ano da confusão.

A igreja adotou, para a vida civil, o ano Juliano, mas complicou-o com o ano lunar para a determinação das festas religiosas.

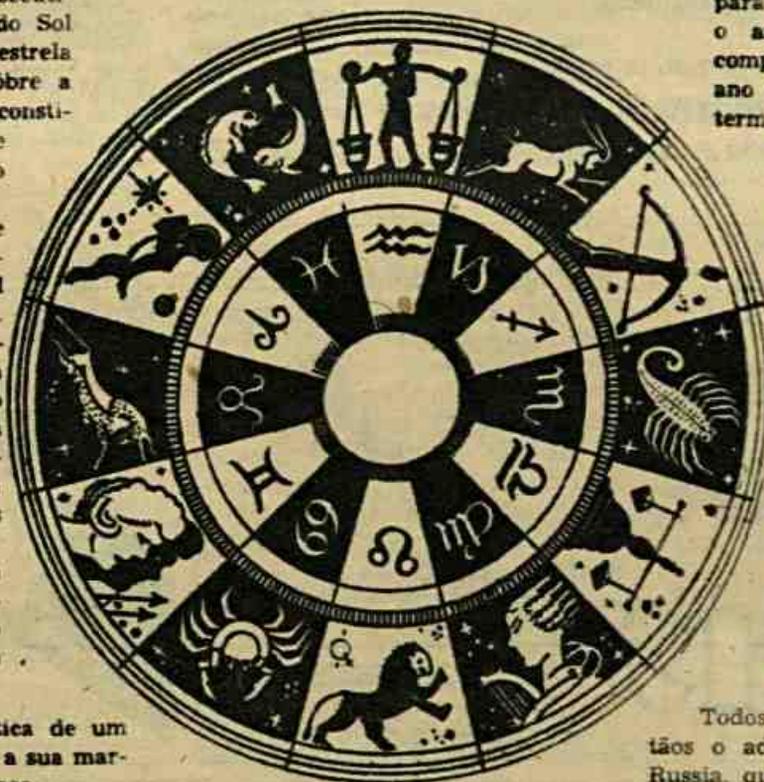
Mas como havia uma discordancia entre os dois calendários, o lunar e o Juliano, o Papa Gregorio XIII reformou-os e, para iguala-los, suprimiu 12 dias no mês de Outubro do ano de 1582. O calendário definitivo, que é o usado ainda, chama-se Calendário Gregoriano.

Todos os países cristãos o adotaram, exceto a Russia, que até hoje se regula pelo calendário Juliano, com 12 dias de atrazo do nosso. Assim, o 1°. de Janeiro na Russia é ainda 19 de Dezembro.

O ano dos gregos era muito complicado, porque era, ao mesmo tempo, solar e lunar.

Desprezando as frações de horas, os gregos criaram uma série de 12 meses, que tinham 29 e 30 dias, o que dava ao ano 354 dias.

Então, para pôr de acordo o movimento do Sol com o da Lua, cada período de 19 anos continha 7 anos de 13 meses.

O ano muçulmano é lunar; se o ano começa antes da lua nova, tem mais um dia.

A BANDEIRA

LEONCIO CORREIA

Sagrado pavilhão de minha Pátria! Canto
Simbólico da Paz! O hino, para saudar-te,
Feito devera ser das bizarras da arte,
Num poema de amor, harmonioso e santo.

Pois que és de um livre povo o pálio, o verbo, o manto
— Na escola, no quartel, no mar, em tôda a parte
Onde sejas erguido, adorado estandarte,
Não te borrife ou manche uma gôta de pranto

Lembras o céu formoso, evocas a grandeza
De tudo quanto traz de esplêndido consigo
A nossa exuberante e linda natureza;

Que da infâmia o Destino amigo te ressalve,
Oh! de ORDEM E PROGRESSO imaculado abrigo,
Sagrado pavilhão de minha Pátria! Salve!

UMA PLANTA QUE FAZ RIR

Na Arábia há uma planta extraordinaria que faz rir imediatamente, logo que se olha para ela.

É de mediana altura e dá umas flôres amareladas em que crescem duas ou três sementes.

Estas são postas a secar ao sol e depois reduzidas a pó, que se usa como rapé.

Quem cheira esse pó sente impressão igual à que produzem os gazes hilariantes e não cabe em si de contente, dançando e cantando.

Pouco depois, à alegria sucede uma reação do organismo que faz cair em sono profundo.

Edulcorar e adoçar...

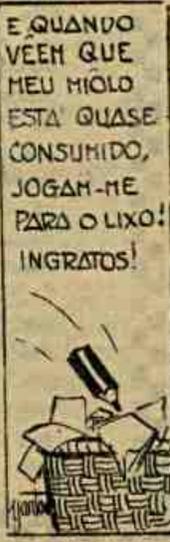
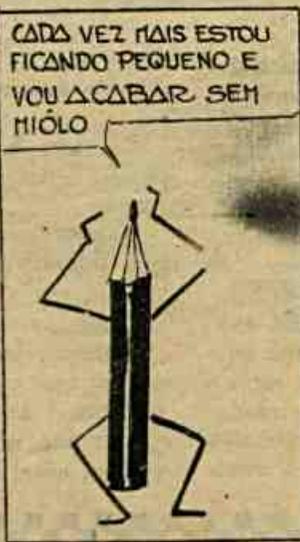
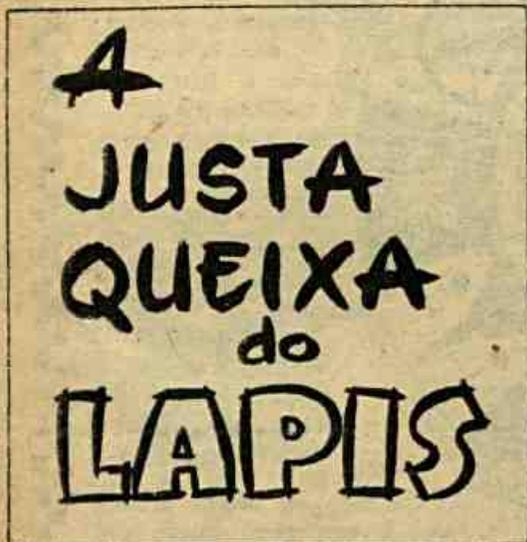
NO seu sentido próprio, estes verbos exprimem a ação de fazer desaparecer o que as coisas tenham de azedo, de rude, de amargo, de excessivamente forte. O primeiro foi importado da química pela medicina, e, daí passado à linguagem usual, para dizer: corrigir em substâncias açucaradas ou sacarinas o que as bebidas tenham de desagradável ao paladar. O segundo termo é de uso comum, e todos lhe conhecem o significado. Um significa atenuar o que nos desagrada, destruir ou enfraquecer o que é menos doce. O outro, quer dizer que torna mais suave aquilo que tem arestas, por exemplo...

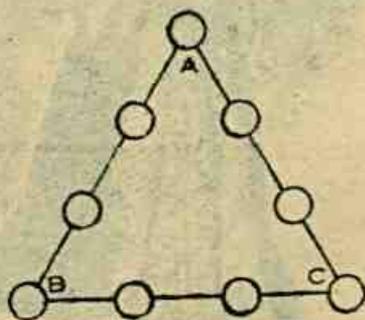
Edulcorar, diz-se dos líquidos e dos sólidos. Dos líquidos, para exprimir que se lhe corrige o saibo forte; dos sólidos, para fazer compreender que pulindo-os se lhes diminuem as asperezas.

Edulcoram-se as tisanas e os apózemas com xaropes; basta o tempo restrito para *adoçar*, com a sua ação a verdura ou o travo de certos vinhos.

Adoça-se um trajecto tornando-o menos penoso, uma encosta diminuindo-lhe o aprumo. *Adoça-se* a temperatura das estações, tomando-se cautela... *Adoçam-se* os sons e as côres.

Edulcorar e *adoçar*, são pois verbos com significados análogos se bem que distintos entre si.

A JUSTA QUEIXA do LAPIS

PASSATEMPOS

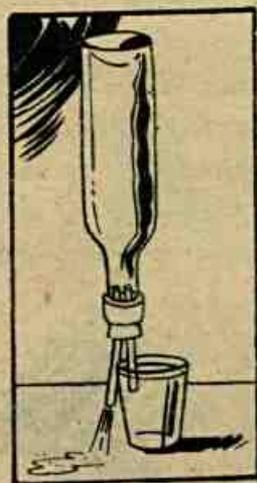
O TRIÂNGULO MISTERIOSO

Aqui têm vocês um triângulo, ABC, no qual foram dispostas nove casas.

Queremos que vocês disponham nessas casas os algarismos 1 a 9, de tal maneira que os totais, sôbre os lados, somados os valores dos algarismos, sejam sempre iguais: 21, isto é, de A a B, de B a C e de A a C.

Não é difícil, creiam.

Tentem fazê-lo e confiram com o resultado, que aparece no fim do Almanaque.

FAÇA ESTA MÁGICA

Você pode conseguir sucesso, realizando esta proeza sensacional: esvasiar um copo por meio de uma garrafa cheia.

Tape a garrafa com uma rolha na qual tenha atravessado dois tubos de metal ou dois canudinhos de refresco, mas tudo muito bem ajustado (a rolha pode ser prèviamente reduzida em seu comprimento).

Pondo a garrafa, que deve estar cheia, como indica o desenho, (por causa da pressão do ar sôbre a água do copo, é a explicação, e pelo princípio dos vasos comunicantes) a mágica se realizará.

ADIVINHAÇÃO COM DADOS

Coloque três dados um em cima do outro. Cinco faces deles ficarão, assim, ocultas: uma sôbre a mesa, duas entre os dois primeiros dados e a de baixo, do que está em cima dos outros dois.

Como fará você para advinhar a soma dos pontos dessas cinco faces, sem levantar os dados?

Proponha essa questão aos seus amigos e ganhe a aposta na certa, dizendo-lhes "exatamente" o número, tendo os dados sido arrumados por êles.

O truque consiste apenas nisto: o total dos pontos de duas faces opostas de todos os dados, é sempre sete (1 e 6, 5 e 2, 4 e 3 etc). Como lidam com três dados, o total de pontos das seis faces "horizontais" deles será 21 (três vezes sete). Basta, portanto, você subtrair de 21 o número de pontos da única face "horizontal" visível, que a de cima de tudo, do último dado, e ficará sabendo o total dos pontos das que estão ocultas...

Se a face de cima tem cinco pontos, tire 5 de 21 e terá 16.

Com êsse truque você bancará o mágico.

CURIOSIDADE NUMÉRICA

Se multiplicarmos por 3 ou um múltiplo de 3, até 27, o número 37, os resultados serão sempre curiosos, como você vê na tabela abaixo:

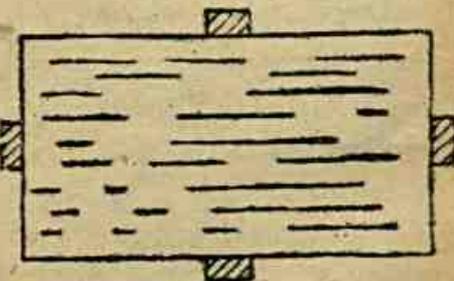
37 × 3 — 111
37 × 6 — 222
37 × 9 — 333
37 × 12 — 444
37 × 15 — 555
37 × 18 — 666
37 × 21 — 777
37 × 24 — 888
37 × 27 — 999

VOCÊ É FORTE EM CIÊNCIAS?

Então responda a estas perguntas:

1 — O camelo tem uma giba?
2 — Os mamutes são elefantes gigantescos que vivem na América?
3 — O tamanduaá tem dentes pontiagudos, com os quais come as formigas?
4 — O coral é um animal que vive no mar?
5 — As girafas dobram o joelho, para dormir?
6 — Nosso organismo contém 5 litros de sangue?
7 — O cachalote é um enorme peixe?
8 — O diafragma é um músculo?
9 — O mento fica no alto do crânio?
10 — Há algum metal liquido?

(Veja, agora, as respostas certas na parte final do Almanaque)

O PROPRIETÁRIO EMBARAÇADO

Um homem possuia um lago, às margens do qual fizera construir barracões, que alugava a pescadores.

Para poderem fazer umas plantações, os locatários foram pedir ao homem que aterrasse um pouco do lago, mas com a condição de que as casas continuassem à margem da água...

Como teria resolvido você o problema do homem, se estivesse no lugar dêle, e não soubesse que a solução está no fim deste Almanaque?

SOLUÇÕES NO FIM DO ALMANAQUE

As Luvas

E TÔDA A SUA HISTÓRIA

QUEM lê a "Odisséia", de Homero, o grande poeta grego, encontra os seguintes versos:

"... no pomar bem plantado, sòzinho,
a mondar ervas em volta de uma árvore,
[estava vestido
com roupas velhas e sujas, e, em tôrno
[das pernas, polainas
de couro grosso de boi, proteção natural
[contra espinhos,
e, nas mãos, luvas também por defesa..."

Isto quer dizer que, já no tempo de Homero, 500 anos antes de Cristo, eram conhecidas as "luvas".

Seu uso também se nota no tempo dos faraós. O par de luvas mais antigo foi encontrado na caixa dos adornos reais, no túmulo de Tut-Ank-Amon.

Contam que as primeiras luvas eram de pele de animais e serviam de proteção contra o frio.

Na antiguidade, tinham as luvas o prestígio de, quando presenteadas, acabar com brigas e fortificar amizades.

Na Idade Média, eram sinal de felicidade, e as dos reis valiam como carta de apresentação. Bastava que fôsse apresentada uma luva real, para que seu portador tivesse livre ingresso em qualquer parte.

Entanto, nem sempre as luvas tiveram êsse caráter de distinção, como agora. Eram de uso dos servos e escravos que não deviam tocar, com as mãos nuas, o que pertencia aos seus senhores e amos, bem como serviam de proteção às mãos nos trabalhos do campo e das oficinas.

Os guerreiros da Idade Média as usavam de ferro, que faziam parte da armadura. Tinham o nome de GUANTES.

No século XVI, havia uma espécie de guante para a mão esquerda, usada nos duelos e encontros.

Pode-se dizer, também, que os guerreiros antiguidade conheciam o guante, mas de couro grosso, reforçado ou não, com anéis ou placas de ferro, varas ou barbatanas de baleia.

Foi o guante que valorizou a luva. O guante era sinal de nobreza, ousadia e fôrça, a luva, prova de distinção e cavalheirismo.

Os reis e imperadores antigos não dispensavam as luvas. Traziam-nas de púrpura, bordadas a ouro, pérolas e pedras preciosas. Essas luvas, porém, não tinham dedos. Eram cópias das dos antigos persas e isso permitia não só a liberdade dos dedos, como a ostentação de grandes e valiosos anéis.

As luvas usadas pelas damas apareceram na França com Henrique III, no século XVI. Nos meiados do século XVIII havia, em París, corpo-

(a e b) Caldeu e dama do século XVI. 1 — luva grega primitiva; 2 — luva romana (coestus); 3 (a e b) luva de couraceiro (sec. XV); 4 — de homem, séc. XVI; 5 — luva escocesa — séc. XVI.

NA OUTRA PAGINA: 6 e 7 — da Igreja Católica na Idade média; 8 — luva de dama do séc. XVII; 9 — idem do séc. XVIII; 10 — de inverno, item; 11 — luva de pele, dos lapões.

rações de artífices só para o fabrico das luvas que não fossem de pano.

Em 1630, no apogêu do Cardial Richelieu, em França, apareceram luvas que traziam o retrato do grande ministro, finamente bordado.

Durante o reinado de Elisabeth I da Inglaterra, era uso mandarem-se luvas como presente de festas. Com Luís XIV surgiram as luvas com canhões franjados, mas, com Luís XVI, elas se tornaram mais simples. Sòmente os militares podiam usar luvas franjadas e bordadas.

No século XVII, os luveiros de França obtiveram o privilégio de perfumistas; pois, tinham, naquela época, as luvas, perfume que os caraterizava. Bastava que se pedisse: "Uma sândalo", ou "almíscar", ou "rosa", ou mesmo "violeta", e a compradora recebia um par de luvas, modernas, finas, delicadamente perfumadas.

Houve, porém, depois, o desprestígio das luvas.

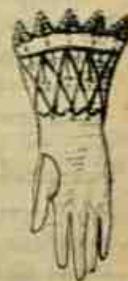
Ninguém devia apresentar-se enluvado em uma cerimônia, nem conservar-se de luvas diante de seu superior. Era prova de descortezia. Também não era polido o estender-se a mão enluvada num cumprimento amigo. Mesmo para uma simples saudação era mister descalçar a luva. Ainda neste século, na sua primeira década, contàm que um advogado de defêsa conseguiu anular a sentença de um seu constituinte, alegando que uma das testemunhas havia feito o juramento com a mão enluvada.

Mas do século XIX para cá a luva recobrou o seu prestígio e, constitui ainda o complemento obrigatório do vestuário, tanto masculino como feminino, nas visitas de cerimônia ou em simples passeio. O povo não deixou de fazer seu jôgo de palavras com a luva. Assim, "atirar a luva" é provocar, bem como aceitá-la é dar por aceito o desafio. Assentar qualquer coisa "como uma luva" é amoldar-se perfeitamente; haver, entre pessoas, combinação de gostos e de gênios...

Os nossos antepassados, para correspondência com as suas namoradas ou prometidas, usavam, além da linguagem das flores e do lenço, a linguagem da luva, tão interessante como as outras. Assim, quando queriam dizer que não tinham mêdo de que a sua querida ficasse zangada com êles, que tinham confiança nela, mostravam-lhe uma luva branca.

Quando foi abolida a escravidão no Brasil, os negros passaram a vestir-se, como era justo, do mesmo modo que os antigos senhores, e usavam também luvas. Não tardou que, dos próprios escravos partisse a crítica:

"Negro de luva,
é sinal de chuva !"

Luva do Século XVIII (homem) e luva do Séc. XVII (mulher).

Guerreiro japones (antigo) calçando a luva.

Dama do Século XVI e cavalheiro do Século XVII.

O Brasil é grande e para conquistá-lo foi preciso suportar muitas lutas.

Hoje, num simples vôo de avião, que engole ràpidamente quilômetros e quilômetros com facilidade, sentimos e avaliamos quanto tiveram de lutar os bandeirantes para, palmo a palmo, tomar conta da terra.

A emprêsa de penetrar um continente desconhecido era ousadia sem conta. Tinham insignificantes petrechos e, sendo pequena a população do litoral, de cultura e comércio pobres, as pedras preciosas e metais que apareciam nas mãos dos autóctones a induzia a partir e procurar minas, descobrir nas areias dos rios as pedras verdes.

De 1580 a 1660 os filhos dos colonizadores traçaram as fronteiras da Pátria.

Organizadas por um chefe, patriarca, as "bandeiras" se deslocaram do planalto de Piratininga para oeste, sul e norte.

Diante da floresta, tentaram atravessá-la numa arrancada.

Desbravando rios em rústicas embarcações, queriam atingir o desconhecido onde dormiam o ouro e pedras preciosas.

Guiados pelos ventos, os cursos dos rios e as estrêlas, seguiam as indicações de índios domesticados.

As correntes dos rios nascidos nas primeiras elevações, em serras próximas do mar, levaram os bandeirantes pela correnteza, em demanda do sertão, sem uma remada.

Sabiam das incertezas da terra: a flecha do índio, as féras, as intempéries e febres dos pântanos opondo-lhes obstáculos.

Descampados de sol inclementes, ingremes faces de rochas, entre penhascos e abismos, insetos venosos, por tôda a parte, desvãos, atalhos, capoeirões bravios, desbravando cipoais cerrados, seriam a estrada que os conduziria ao sonho de esmeralda.

Se lhes faltasse a resistência, seria o fracasso; e no meio do sertão o fracasso é a morte.

Às vezes, depois da luta, recebiam, numa clareira o prêmio dum regato de água límpida e ainda a sombra acolhedora, a ouvir a harmonia de pássaros maravilhosos. À tarde em tons de ouro e cinza vinham os cantos dos pássaros e a treva cheia de piscar de pirilampos e estrêlas, e de coaxar dos sapos e tôda uma fauna noturna.

E a floresta sempre com segredos exigindo mais esforços. Os filhos da terra não deixariam impune o assalto. Nas tocaias as flechas empluмadas varavam o peito forte dos bandeirantes. Embrenhados, faziam os incolas a ronda subtil, quase imperceptível de quem segue o caminhar do inimigo para melhor atacá-lo, ou defender sua propriedade.

Não possuiam, como os brancos, clavinotes, trabucos e espadas de aço para combatê-los; os índios viviam de emboscadas, temendo a arma do aventureiro europeu; atacavam de imprevisto.

Havia a fôrça e a astúcia em todos os choques. Os homens das bandeiras, por onde passavam, procuravam plantar, porque muitas vezes os víveres iam escasseando e salvaram-se comendo palmito e mel. E formavam as primeiras hortas para garantirem as caminhadas. Muitas vezes tinham que recuar ante os imprevistos acidentes do solo.

Depois de muita luta e esforço, encontravam os minérios transbordantes das frinchas das montanhas para as bordas dos rios, derramando-se pelos vales e mostrando as terras gordas. Eldorado !

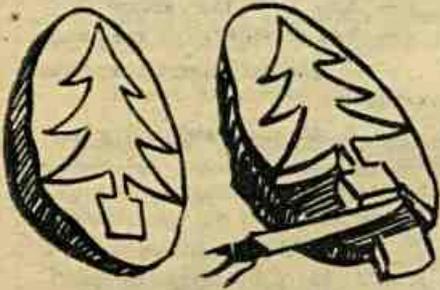
Seguiam pelos sertões de Tapajós, recolhiam esmeraldas de Vapabussú e Sarababussú; atravessando o Ivaturuí, ora paravam nas cabeceiras do Getinha ou Tocantins, ora atingiam Ituverava ou se embrenhavam pelas moitas do Rio das Contas como se pizassem areias das praias vicentinas...

O século XVII foi o século da Tenacidade. Ferindo o solo, peneirando a lama dos córregos, bateiando as arêias dos regatos, abrindo canais, formando reservatórios, desviando cursos de rios, entre cascalhos e pedregulhos achavam riquezas. Mas, por onde passavam, fundavam aldeias e arraiais e apareciam as primeiras plantações de milho, feijão e mandioca. Uns iam até Itiporanga, plantavam searas de trigo, abriam campos de criação; outros iam até Parnaíba, Araçoiaba e Jaguamimbaba, levando bandeiras até o futuro São José do Rio das Mortes onde encontraram *betas* e *veeiros* auríferos. Avançavam pelos chapadões mineiros, goianos e matogrosssenses, formando a América Brasileira.

Ontem — a mata vigem. Hoje — uma clareira, um rancho —o lar. Amanhã — uma aldeia, a família, o povoado; em breve a vila, a cidade E assim começou o engrandecimento da Pátria.

MORTE DE FERNÃO DIAS PAIS LEME, EM PLENO SERTÃO

Um carimbo "batatal"

PODE-SE fabricar, com uma simples batata, um bonito carimbo. O que se deve fazer, de início, é cortar a batata ao meio. Com um lápis se

desenha o "motivo" do carimbo. Vamos dizer que seja uma árvore de Natal!

Faz-se, com o canivete, um contorno, de um centímetro, na figura. Tira-se a parte excedente, e o que foi desejado fica em relevo, formando o carimbo. Antes de usar, deve-se enxugar com um pano. Depois, é só passar a tinta (camada bem leve) e ir enfeitando o que se deseja.

Pergunta: — O que é que toda a gente viu uma vez, mas não tornará mais a ver?

Resposta: — O dia de ontem.

"QUASÍMODO"

"QUASÍMODO" é o nome por que é designado, entre os pastores da Igreja, o primeiro domingo depois da Páscoa. E designam-no assim, em virtude de o introito da missa desse dia começar desta forma: "Quasimodo geniti infantes".

Os gregos denominam este domingo: "dominica nova" — lembrando a vida nova que se deve começar depois da Páscoa, época do ano em que muitos gregos se batisavam.

S. João Crisóstomo e Santo Agostinho ensinaram que a primeira quinzena depois da Páscoa deve ser de festa, ouvindo a palavra de Deus por meio do ofício divino, recebendo o Senhor e praticando ações sãs.

Também os imperadores de então confirmavam os dizeres de Santo Agostinho e S. João Crisóstomo.

COITADO!

— Moro em um apartamento tão pequeno, tão apertado, — dizia o homem — que quando me sento para ler o jornal, na sala, fico com uma perna na cozinha e outra no quarto de dormir. E quando quero ir da sala ao banheiro, fico onde estou, e já fui...

CONFUSÃO!

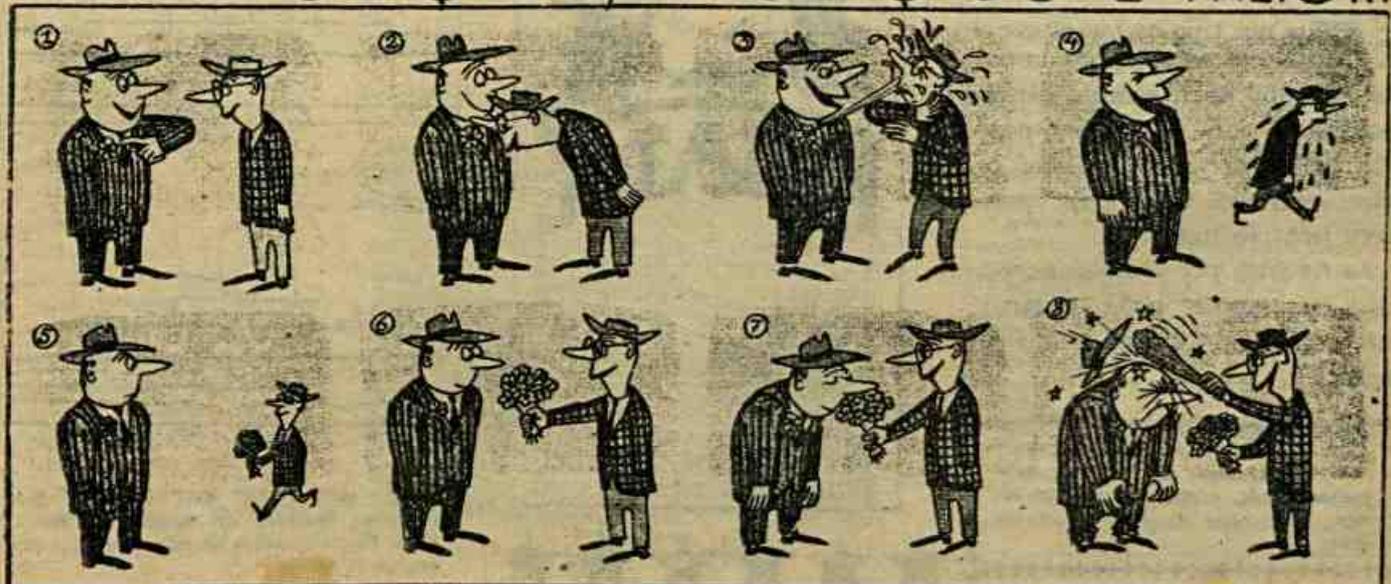
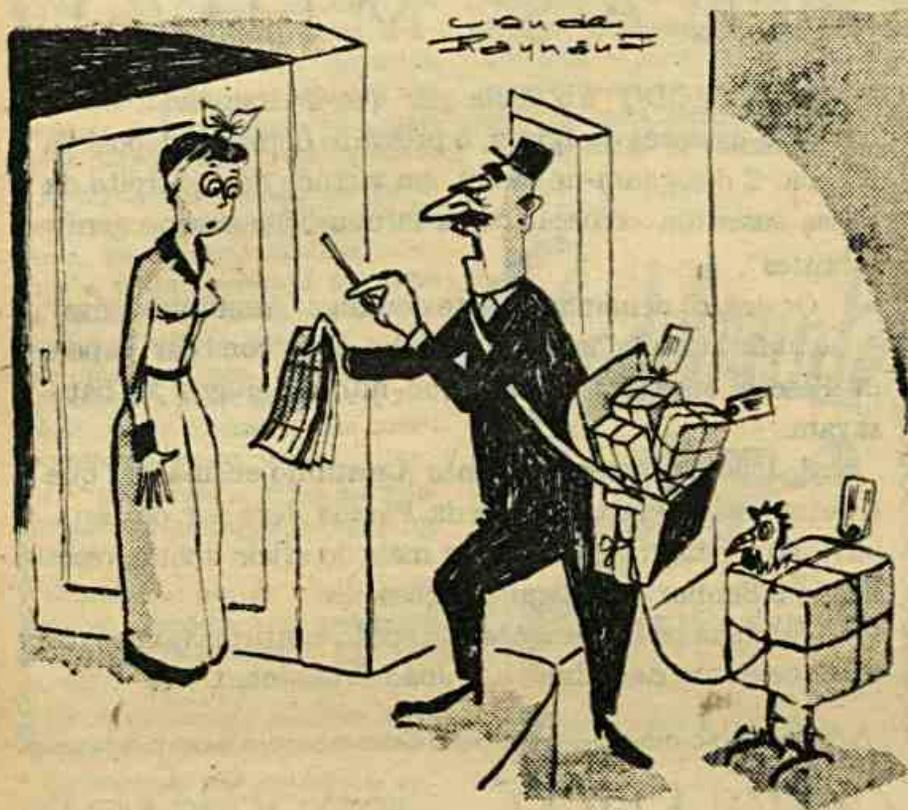
— Boa tarde, Pedro.

— Boa tarde, João.

— Vim pedir que me devolvas o guarda-chuva que te emprestei a semana passada...

— Puxa! Não o tenho! Emprestei-o! Precisas dele?

— Eu, não. Mas o amigo que mo emprestou diz que o dono o está reclamando do camarada a quem êle o tomou emprestado...

PARA ENGRAÇADO, ENGRAÇADO E MEIO...

OLHE O CARTEIRO!

— *Registrado para dona Maria!!*

Ferrolho fechado e aberto

FERROLHO FÁCIL DE OBTER

ÊSTE é um tipo de ferrolho que qualquer pessoa pode improvisar, e que dará sempre ótimos resultados num galinheiro, depósito, portão de jardim, galpão, celeiro, cocheira, etc., cuja porta deva ficar fechada.

As figuras, por si mesmas, dão idéia de como se pode construir, até com arame grosso, o tipo de fecho.

O Alcorão compõe-se de cento e catorze suras, ou capítulos, nada menos. Cada capítulo principia assim: "Em nome de Deus misericordioso...".

DE PERDER A CABEÇA

DIALOGO junto a um "guichet":

— Dê-me um bilhete.

— Para onde ?

— Para o trem.

— Mas, para onde ?

— Para a segunda classe...

— Está bem, mas aonde vai ?

— Vou ao enterro do meu avô.

— O que eu quero dizer é a cidade.

— A do meu avô, ou a minha ?

— Essa onde se faz o entêrro !

— O meu avô não vai para a cidade, vai para jazigo de família...

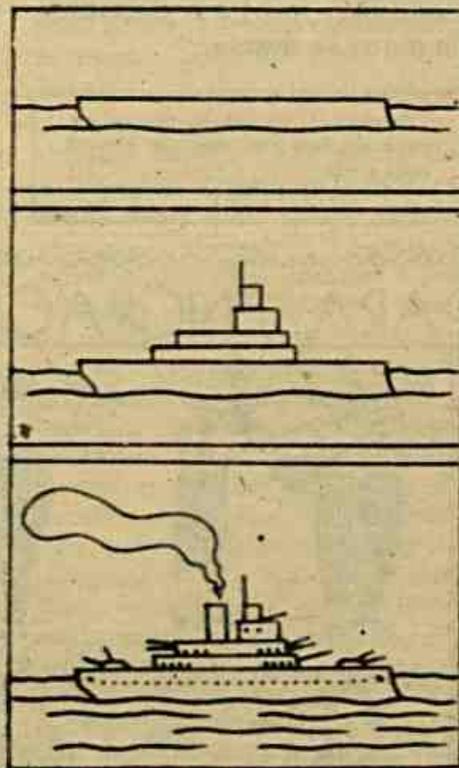
— Não é isso o que eu pergunto; quero saber é o nome da aldeia para onde o senhor vai !

— E' uma cidade, não é uma aldeia !

— E como se chama ?

— Quem ? Eu ?

O empregado desmaiou.

TRÊS TEMPOS PARA DESENHAR UM NAVIO

Aqui estão as três fases em que se divide o ato de desenhar um navio. Veja como é fácil. Procure copiar os três tempos, e fazer um navio igual.

O GRANDE BUFFON E O SEU CRIADO JOSÉ

O génio não é mais do que paciência! — afirmava o grande Buffon a quem exaltava a exaustiva tarefa do sábio magnífico da qual resultou o mais belo livro do Mundo — a "História Natural". E quando lhe perguntavam como conseguira realizar a sua obra monumental — "nada menos de trinta e seis volumes sôbre assuntos que exigiam conhecimentos, leitura, investigações infinitas" — limitava-se a responder na sua cativante simplicidade:

— Fiquei cinquenta anos a fio no meu gabinete!

Realmente, a vida deste homem "verdadeiramente excepcional, que renunciou aos prazeres, votando-se unicamente ao trabalho, é um raro exemplo de tenacidade, de paciência, de coragem e indomável energia, de fé inabalável, sempre guiado por um nobre ideal, que era "fazer com que todos compreendessem, admirassem e amassem o poder e os encantos da Natureza".

Quando, aos trinta e dois anos, assumiu o cargo de intendente do Jardim do Rei, o Jardim das Plantas, de Paris, descobriu que tinha encontrado o seu rumo definitivo ao sentir-se irresistivelmente atraido para a enternecida contemplação e o estudo profundo das maravilhas e dos mistérios da criação.

Começa, então, a epopéia gloriosa do genial investigador, do sábio, do "poeta da própria existência", que ergueu o mais nobre monumento ao saber humano e cantou o hino mais belo da Natureza prodigiosa e, mercê do seu incomparável esfôrço, conquistou a admiração e o comovido respeito da Humanidade agradecida.

Decidido a todos os sacrifícios para se tornar naturalista, "mas naturalista no mais alto e mais amplo sentido da palavra" votou ao completo esquecimento tudo aquilo que de tentador poderia aliciá-lo aos prazeres fictícios das existências despreocupadas e traçou a norma inflexível de uma vida inteiramente dedicada ao trabalho. Começou assim — conta um dos biógrafos — a luta para vencer hesitações e fraquezas que poderiam comprometer o êxito da gigantesca tarefa:

"Buffon tinha um criado de quarto, chamado José, um excelente homem que o serviu sessenta e cinco anos. Descontente consigo mesmo, porque se levantava muito tarde, apesar de mil protestos em contrário, chamou o criado e prometeu dar-lhe três francos por tôdas as vezes que o acordasse antes das seis horas. No dia seguinte, José não faltou à hora aprazada no quarto do seu amo; êste, porem, zangou-se muito insultou-o e ameaçou-o. No outro dia, sucedeu a mesma coisa. "Não ganhaste nada, meu José! — disse Buffon, quando o criado lhe trouxe o almoço — e, eu perdi o meu tempo. De hoje em diante, não penses senão nos três francos e não te importe o meu mau humor".

"Ao terceiro dia, o criado entrou antes das seis horas e disse ao amo que se levantasse. Buffon ocordou, pediu que o deixasse, e depois encolerizou-se, ordenando ao criado que saisse e ameaçando-o de que o despediria. José não se intimidou: puxou para baixo a roupa da cama, despejou um jarro de água no peito de Buffon e saiu do quarto a tôda a pressa. Momentos depois, ouviu tocar a campainha e foi logo à presença do amo. O criado tremia e Buffon, com a maior tranquilidade, disse-lhe: "Dá-me a roupa; e de amanhã em diante, não nos zanguemos mais um com o outro. Aqui tens três francos; hoje ganhaste-os bem" Nos dias seguintes, José não precisou de recorrer a processos tão enérgicos. Depois, contraido o hábito, Buffon dispensou os empurrões de José". O sábio, que manteve sempre carinhosa estima pelo servo dedicado e compreensivel, recordava muitas vezes pela vida fora, com grata satisfação, a história daquele jarro de água, que o libertára do sono preguiçoso e acrescentava como homenagem ao serviçal exemplar: — Devo ao José três ou quatro volumes da "História Natural".

A torre de Buffon em Montbard

JEAN Louis Leclerc (era este o nome do sábio naturalista) nasceu em Montbard, a 7 de Setembro de 1707. O nome de Buffon, com que passou à imortalidade, era o de uma sua propriedade, tornada condado por Luís XV, em homenagem a esse génio portentoso. Ali, onde, decorreu parte da sua juventude "se lhe desenvolveu o gosto pelo campo, pela vida e ocupações rurais, gosto que êle alimentou e conservou até morrer".

Quando o pai, Benjamin Leclerc, se transferia para Dijon, o pequeno Jean entrou num colégio de jesuítas daquela cidade, onde logo revelou extraordinária capacidade para o estudo, um espírito reflexível e curioso, aplicado às ciências interessando-se particularmente pela matemática e atraido, sobretudo, pelos contemplativos deslumbramentos da Natureza.

Morreu o sábio glorioso, com oitenta e um anos, em Paris, a 16 de Fevereiro de 1788, depois de cruel enfermidade, que o torturou, sem lhe abater o ânimo, aguardando, com estoica resignação, o momento supremo.

Momentos antes de expirar, chamando o filho dirigiu-lhe as últimas palavras, que definem o carater de um homem:

"Nunca te apartes do caminho da honra e da virtude; é o único meio de ser feliz".

CURIOSIDADES

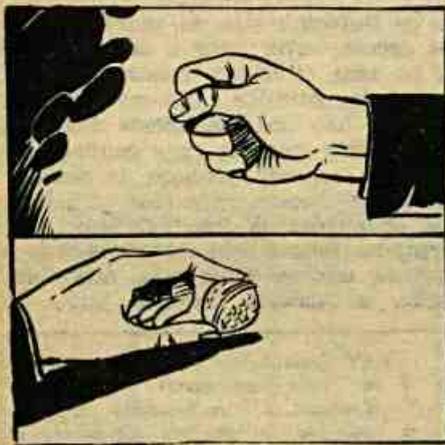
PLANTAS QUE PARECEM PEDRAS

Muitos animais podem, como é sabido, imitar folhas, ramos ou flores, para escapar à vista dos seus inimigos.

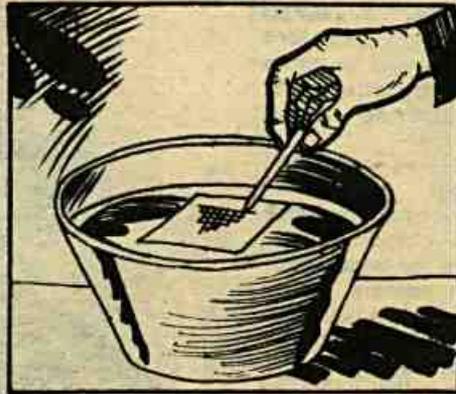
Nas plantas, êste fenômeno imitativo também se dá, mas é muito menos frequente.

Na África austral existem vegetais tão parecidos com as pedras entre as quais crescem, que às vezes se dá o caso do viajante, amador de geologia, os apanhar tomando-os por fragmentos de rocha.

Muitas dessas plantas florescem em determinadas épocas do ano, e as suas flôres costumam apresentar os mais vivos matizes; porém, uma vez passado o tempo da florescência, tornam a tomar o seu aspecto pétreo, de modo que, a certa distância, um macisso destas plantas tem aparência dum terreno estéril.

VAMOS QUEBRAR A NOZ ?

MUITOS se surpreendem com a facilidade com que certas pessoas, com o punho ou com a base da palma da mão, quebram, sôbre a mesa ou no chão, as nozes natalinas.

Mas é fácil reproduzir a proeza. O negócio é conhecer o ardil. Consiste êle em conservar a noz um pouco elevada, com a mão esquerda, acima da tábua, alguns milímetros. Ao descarregar a pancada com a outra mão, a noz sofre um duplo choque ao mesmo tempo e se abre.

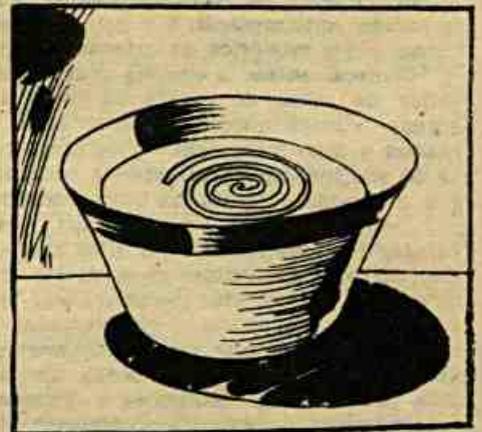
A GÔTA E A GEOMETRIA

FAÇA esta experiência: em um cartão desenhe com lápis molhado uma figura geométrica qualquer, fechada: circulo, triângulo, um poligono qualquer, e faça o cartão flutuar sobre a água de uma vasilha, de modo que não se molhe a face onde está o desenho, que fica para cima.

Agora, com um palito ou um pedacinho de papel enrolado, faça com que tôda a área da figura fique coberta de água, mas que esta não saia além do limite do traço de lápis. (Dá um pouco de trabalho, é logico! E é preciso mão leve, é lógico também ! Mas isto é prova para salão e não para campo de futeból, ora essa ! ! Se você só sabe jógar futebol... não faça a experiência...)

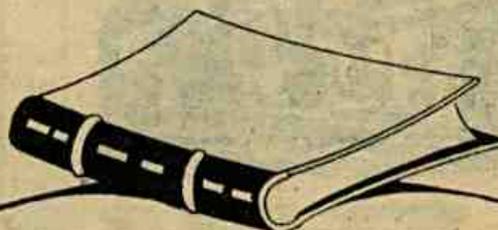
Agora, introduza na grande gota dágua que tem o formato da figura, a ponta de uma agulha, mas apenas tocando a água, não indo até à cartolina. Toque a agulha em uma das margens, longe do centro, e verá como o cartão se move, até que se coloque de jeito que a agulha fique exatamente no centro geométrico da figura que você traçou, e que encheu de água depois.

ESPIRAL MISTERIOSA

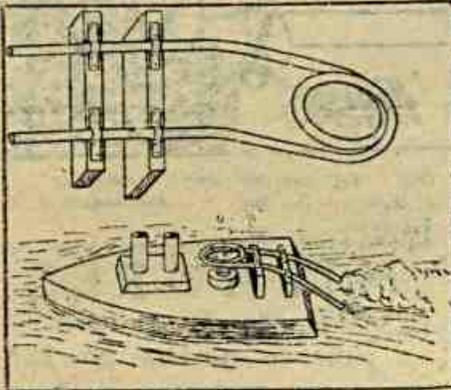
Com um arame fino de ferro, prepare uma espiral de regular tamanho. Passe-lhe qualquer matéria graxa (sêbo, vaselina, azeite ou banha) e coloque-a com cuidado à superfície de uma vasilha com água, para que fique boiando.

Deixando cair, então, no centro dela, uma gota de azeite, ou de água com sabão, ou de álcool, você verá como a espiral começa a girar.

O SAL

O mundo produz mais de 20.000.000 de toneladas de sal por ano. Se o sal não existisse, a vida não seria possível. Na Holanda, durante a Idade Média, castigavam-se os delinquentes, privando-os do sal. Na Suécia, aos condenados à morte, dava-se-lhes a escolher entre a execução ou a privação de sal durante um mês, no fim do qual morriam invariàvelmente. Na Grécia, em Roma e no antigo Egito, o sal era uma das mais preciosas ofertas que se faziam aos deuses. Só uma pessoa que se alimente de carne crua e de leite é que pode prescindir de sal. Na Abissinia e no Tibet o sal circulou como moeda.

A palavra salário deriva da quantia em dinheiro com que se comprava, em Roma, uma medida de sal.

LANCHINHA A MOTOR

PARA executar êste brinquedo, tome um pedaço de tábua plana, de alguns mm. de grossura, cortada dando a idéia de uma prôa de embarcação, como na figura. A pôpa é reta ou levemente arredondada.

A parte principal do "motor" consiste em um tubo de cobre ou de latão que se póde adquirir em qualquer casa de ferragens. Deverá ter

20 centímetros de comprimento e 3 milímetros de diâmetro interior.

Dobra-se o tubo na forma indicada no desenho, parte superior, e essa dobragem tem de ser feita muito lentamente, para não quebrar. O tubo assim dobrado é colocado na tábua da maneira como se vê na figura.

As duas pequenas peças de madeira que lhe servem de apoio estão sujeitas ao casco por meio de preguinhos introduzidos por baixo.

Cada uma dessas peças tem dois cortes, semi-circulares, feitos na parte superior, a fim de prender bem o tubo, que lhes é sujeito por meio de tiras de lata, pregadas com taxinhas.

O tubo deve ficar sòlidamente preso.

A "caldeira" do barco consiste em uma lamparina de álcool, que se consegue com uma tampinha de garrafa de cerveja ou outra bebida, na qual se coloca o álcool, pondo-a sob a parte curva do tubo, de modo que a chama do álcool aqueça o tubo.

Ao acender a lamparina, a temperatura do ar contida no tubo se elevará, e quando estiver quente o ar sairá por uma extremidade do tubo, ao mesmo tempo que a água penetrará pela outra extremidade (as duas extremidades não devem ficar mergulhadas na água, mas sim aflorando a superfície).

A água que entrar, depois de percorrer todo o tubo, será expulsa pela extremidade oposta. Êsse efeito se produz com uma fôrça muito maior do que se supõe. Sendo expulsa a água pela pôpa, o barco avança com uma velocidade considerável, deixando uma esteira branca, fervente e agitada. O barco não deve ser muito pesado, é claro.

O gato e o rato...

ÀS três horas da madrugada ,o telefone retiniu, nervosamente, em casa do dr. Barreiros.

O conceituado clínico sentou-se na cama, esfregou os olhos e pegou no fone:

— Alô?

No outro lado do fio, falou uma voz nervosa de mulher:

— É de casa do sr. dr. Barreiros?

— Sim, senhor !

— Doutor, daqui fala a mulher do Teixeira. Sabe quem é?

— Perfeitamente !

— Doutor, venha, imediatamente, a minha casa !

— Mas de que se trata, minha senhora?

— Uma coisa muito grave doutor: o meu marido estava, como é seu hábito, a dormir com a bôca aberta...

— Perfeitamente. E depois?

— ... e, depois, entrou-lhe um rato pela bôca a dentro ! Doutor, estou aflitíssima !

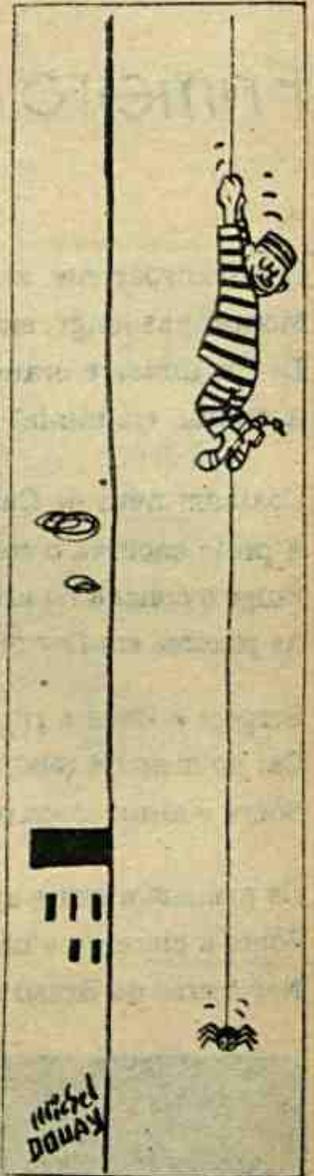
O dr. Barreiros pesou a gravidade do caso e aconselhou:

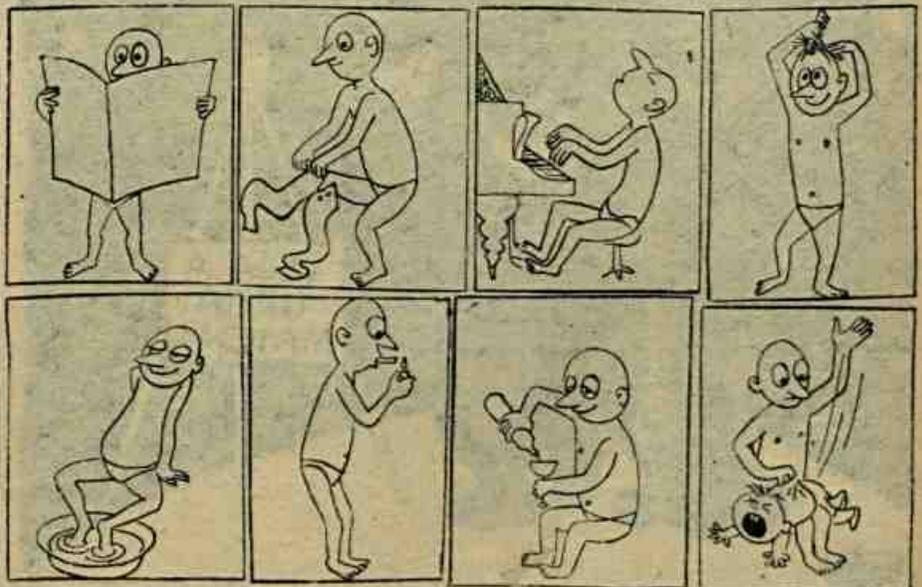
— Isso é grave ! Eu vou já aí ! Mas, enquanto eu não chego, experimente pendurar diante da bôca do seu marido um pedaço de queijo. Pode ser que o rato, sentindo o cheiro do queijo, saia.

Quando o médico chegou, encontrou madame Teixeira a agitar uma sardinha diante de cara do marido, enquanto este dava todos os sinais de estar mais morto do que vivo.

— Minha senhora ! — gritou o médico — Eu falei em queijo e não em peixe !

E a senhora, a desfazer-se em lágrimas:

— Eu sei, doutor, mas é que, antes, temos que fazer sair o gato !...

E agora? Vocês ainda acham que aranha não traz sorte?

QUE SERÁ QUE ELES ESTÃO FAZENDO?

Solução da pergunta feita à página 89

Primeira missa no Brasil

LUIZ DELFINO

Céu transparente, azul, profundo, luminoso;
Montanhas longe, em cima, à esquerda, empoeiradas
De luz úmida e branca; o oceano majestoso
A direita, em miniatura, as vagas aniladas

Coalham naus de Cabral; mexem-se inda ancoradas;
A praia encurva o colo ardente e gracioso;
Fulge a concha na areia a cintilar; grupadas,
As piteiras em flôr dão ao quadro um repouso.

Serpeja a liana a rir; a mata se condensa,
Cai no meio da tela: um povo estranho a eriça;
Sôbre o altar, tôsco pau ergue-se em cruz imensa.

Da armada a gente ajoelha; a luz golfa maciça
Sôbre a clareira, e um frade, ao ar, que a selva incensa,
Nas terras do Brasil reza a primeira missa.

— É bonitinha, é?

EXEMPLO

Oba! Vou comprar agora mesmo, para o Zuléco! Já saiu o "Almanaque de Tiquinho!"

MILAGRES

FORAM seis os prodigios espantosos operados por Moisés, à voz portentosa de Deus. Primeiro, foi a sua passagem do Mar Vermelho — não pela vazante da maré ou servindo-se de qualquer apoio — através das ondas alterosas, que se acalmavam à sua aproximação. Depois, foi a tempestade gigante, incendiando o monte Sinai; a terra fendida aos pés de Coré, de Dathan e de Abiron; a rocha tocada pela sua vara mágica que imediatamente golfa água pura, dessedentando um povo rebelde e ingrato; os prodigios do deserto, todos os dias renovados, durante quarenta anos, e o maná que por tão largo espaço alimentou os hebreus cujas vestes pareciam nunca mais se romperem; a coluna nubiosa que precedia as caravanas, guiando-as dia e noite, com a sua esteira

Tais foram os maiores milagres de Moisés.

NO reinado de Henrique VIII foi cunhada na Inglaterra uma pequenina moeda de prata de pouquissimo valôr, denominada "dandy prat".
Foi depois a palavra "dandy" aplicada aos jovens de aparência brilhante, mas sem mérito algum, na alta sociedade britânica, no século XIX.

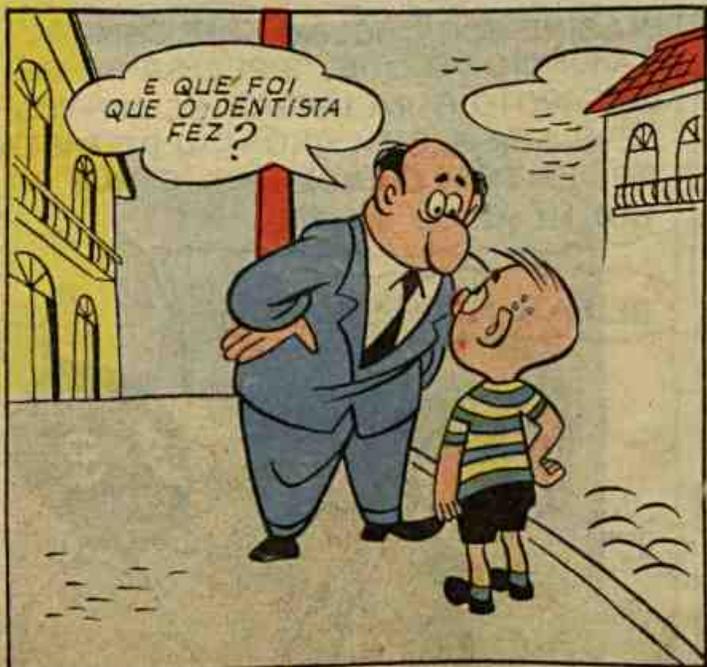
Nescáo é leve e nutritivo
Nescáo é bom e agrada a gente
Gostoso gelado, frio ou quente
Nescáo, Nescáo agrada a gente!
A boa qualidade de NESCÁO... o sabor de NESCÁO... o preço de NESCÁO... e ainda mais... por ser um Produto NESTLÉ, todos preferem NESCÁO!
O bolo, os doces, pudins e sorvetes também ficam muito mais gostosos com NESCÁO. Você não acha?
Saboroso frio ou quente
NESCÁO é preferido pelas crianças e adultos, devido ao seu sabor agradável, e nutritivo, por conter leite, açúcar, farinha de cereais maltada e cacau.
NESCÁO

Assim, até eu!
OLÁ, QUINCAS! QUE É QUE HÁ DE NOVO?

EU VENHO DO DENTISTA.

MUITO BEM! E PORTOU-SE COMO UM MENINO VALENTE?
SIM, SENHOR.

NÃO CHOROU... NÃO GRITOU?
NÃO, SENHOR.

E QUE FOI QUE O DENTISTA FEZ?

ARRANCOU UM DENTE DA MINHA IRMÃ!

RÉCO-RECO, BOLÃO e AZEITONA
por Luiz Sá

VOU DEIXAR DE VADIAGENS. TALVEZ ENCONTRE NESSE JORNAL, O ANÚNCIO DE UM BOM EMPRÊGO
O APITO

OBA! ÊSSE AQUI PARECE QUE SERVE PARA MIM...
APITO

VI NO JORNAL "O APITO" UM ANÚNCIO DE UM EMPRÊGO QUE E' UMA "CANJA", VOU VER SE CONSIGO ARRANJÁ-LO PARA MIM!
ÓTIMO!

ESTOU MUITO SATISFEITO AZEITONA, EM SABER QUE VOCÊ QUER TRABALHAR. EM QUE CONSISTE ÊSSE EMPRÊGO E ONDE FICA?

IMAGINE VOCÊ, BOLÃO, QUE CANJA! O ANÚNCIO DIZ QUE, "PRECISA-SE DE UM GAROTO, PARA LIMPAR OS DENTES." DEVE SER ALGUM ANÚNCIO DE PASTA DE DENTES. O ENDERÊÇO E' RUA DO BOI, NÚMERO VINTE
DE FATO, E' UMA SÔPA!

O AZEITONA VAI FICAR POR CONTA, QUANDO ME ENCONTRAR TRABALHANDO, NO EMPRÊGO QUE ÊLE IA ARRANJAR. O MUNDO É DOS SABIDOS!

E' AQUI, VOU ENTRAR.

O SENHOR AINDA PRECISA DE UM GARÔTO, PARA LIMPAR OS DENTES?
OK!

VOCÊ E' BASTANTE FORTE. VAI SER UMA "SÔPA" PARA VOCÊ.
FORTE?

PEGUE UMA LIXA E COMECE A LIMPAR ÊSSES DENTES DE ELEFANTES
DENTES DE ELEFANTES?

EM CASA, POUCO TEMPO DEPOIS...
COMO E' BOLÃO? VOCÊ AINDA NÃO DEU UM SORRISO, PARA VERMOS SE OS SEUS DENTES ESTÃO BEM LIMPOS.
AZEITONA, VOCÊ NÃO ACHA QUE O BOLÃO SE PARECE UM POUCO, COM UM ELEFANTE?
NÃO AMOLEM

-Quando vocês são picados por um mosquito, já não disseram muitas vêzes: "—Diabo! Por que existe êsse bicho danado?"

Pois a culpa é tôda do sapo...

Vou contar-lhes uma história que explica a existência dos bichos daninhos.

Aconteceu há muito, muito tempo...

No mundo só havia bichos úteis e bons.

Um dia...

Recebi um convite para uma festa no céu! E você?

Eu Também! Todos os bichos foram convidados!

Ei! Êsse "cara" ainda acaba mal!

Seu mal é ser abelhudo, compadre Sapo!

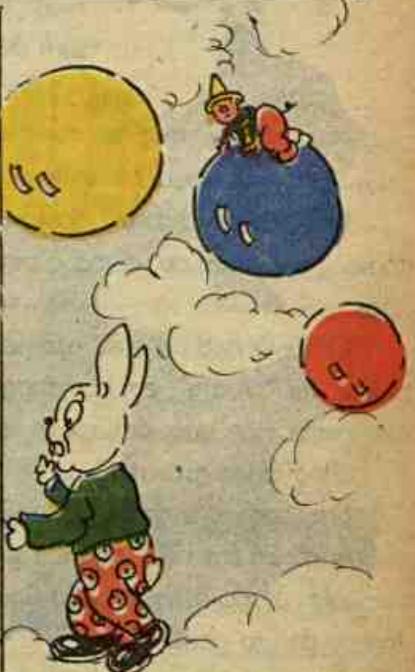
Estou curioso para ver aquilo lá em cima!

-Podem passear à vontade pelos jardins do céu. Apenas não podem mexer nesta arca. Isto pertence ao Demônio e, por engano, veio para aqui.

Não Tocaremos nela, anjo!

Que haverá aí dentro? Não aguento esta dúvida... Vou abrir a arca!

— Que fizeste, sapo curioso? Encheste o mundo de animais daninhos! Por castigo terás de caçá-los tôda a vida e serás atirado daqui lá para baixo!
Ui!

Uai! Vou ficar chato como uma fôlha! Socorro!

...E é por isso que o sapo é achatado dêsse jeito e leva a vida caçando insetos, caracóis e lagartas, para comer...

É muito útil às plantações e muito querido pelos lavradores.
Coitado! Será que algum dia êle ainda consegue comer todos os bichos que soltou?
Duvido!...
Giselda

A Gravata E SUA HISTORIA

NO tempo de Luís XIV, chegou a Paris um regimento de Croatas (povo de um lugar chamado Croácia, na Sérvia). Desfilaram solenemente pelas ruas da capital francesa, ao som de tambores e cornetas.

Para se preservarem do frio, que era intenso, traziam os soldados uma faixa de seda ou musselina branca, em volta do pescoço.

Luís XIV, vendo-os, gostou dêsse envoltório, e adotou-o. Seguiram-no, como é bem de ver, todos os cortezãos.

O nome dado a êsse accessório à indumentária masculina, foi "croate", em homenagem aos soldados da Croácia, nome êsse que, deturpado, passou a crovate, gorvate e... finalidade gravata!

Era, porém, a gravata de uso exclusivo dos nobres e militares. Só em 1789, quando se deu a revolução que teve como resultado a tomada da Bastilha, é que a gravata se tornou de uso geral.

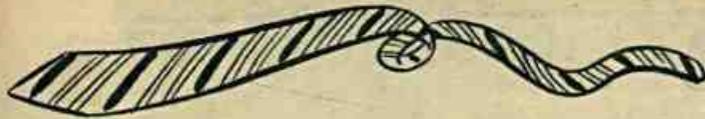
Entanto, é êrro supor-se que a gravata surgiu no século XVIII. Os romanos já a conheciam sob o nome de "focale".

A princípio usada pelos doentes e pessoas débeis, mais tarde era indispensável aos oradores e, em épocas frias, pelos soldados romanos. Não tinham, contudo, como a gravata dos croatas, feitio determinado: Era uma tira de pano, apenas. Depois, foi aumentando e embelezando-se, passando a ser de rendas, pregueada, etc. Mais tarde, essas gravatas rendadas foram sendo usadas pelas damas, passando o homem a usá-la simples, larga esvoaçante.

Depois foi diminuindo e no século XIX era uma fita estreita, negra, em volta do colarinho.

E, acompanhando a moda do vestuário masculino, ela foi crescendo ou diminuindo, conforme a época.

Assim, em pleno século XX, nos seus primeiros anos, rodeava o pescoço, ocultando colarinho e peito, espalhando-se em amplos pregueados. Era uma como re-

miniscência da couraça dos armênios, do século XIV, e chamava-se "plastron".

Os artistas, desde 1830, adotaram uma gravata característica: larga faixa de seda, quase sempre negra, num grande laço de pontas caídas.

Por essa mesma época, usava-se a gravata de laço feito e o fitilho, êste para as solenidades; aquele para uso diário.

Hoje é usada a gravata de laço por fazer, uma peça larga nas pontas, mais estreita no centro, permitindo ao homem enlaçá-la em um nó que exige arte, sem dúvida.

Dizem que a gravata preta usada pelos marinheiros ingleses e espalhada por todos os marinheiros do mundo, não é senão um preito rendido à memória do almirante Nelson, da Marinha britânica.

E' o luto que até hoje perdura pela grande perda que sofreu a Inglaterra com a morte do grande marinheiro.

LEGENDAS EXPLICATIVAS

NA PAGINA ANTERIOR: a) Guerreiro romano usando o "focale". b) Gravata da época do romantismo (1840). 1 — Romano com "focale". 2 — Holandês do século XVII, gravata à la marinière. 3 — Francês, século XVII, gravata por cima da couraça.

NESTA PAGINA: I, II e III — Gravatas do século XVII; IV, V e VI — Gravatas do século XVIII.

Figs. VII e IX: princípio e meados do século XIX.

Figs. VIII e X — princípio do século X.

O «EMBLEMA» DO MANDO...

OS antigos apresentaram-nos o cetro como "emblema" máximo do mando, fazendo no entanto, correr, paralelamente, duas curiosas versões acêrca do mesmo.

Segundo uma delas, o "medo do castigo é o começo da obediência...". Assim, aquêle que tem na mão um pau ou bastão, manda como chefe, quer seja rei, general, chefe de orquestra ou simples pastor...

Segundo outra, a palavra "cetro" significava "bastão sobre o qual se apoia uma pessoa".

Os primeiros a usar bastão foram os chefes idosos, o que provocou a frase da esfinge: "caminham sobre três pernas..."

Foi desse uso dos velhos que nasceu, possivelmente, a "moda" do cetro, emblema do mando.

A forma do cetro tem variado imenso, através de épocas e países.

O cetro dos antigos imperadores do Oriente, e mais tarde dos imperadores de Constantinopla, era coroado por uma águia valiosa.

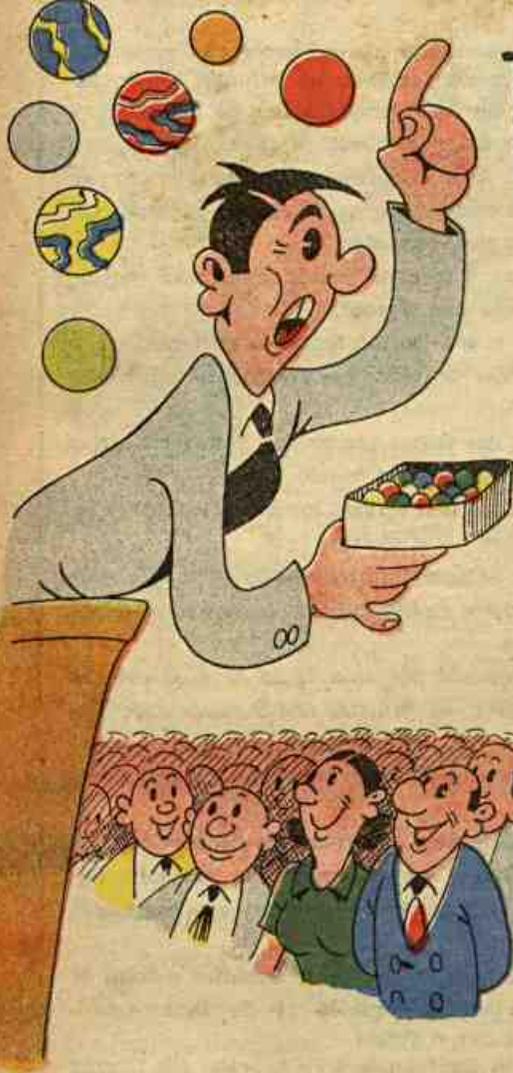
Também foi ornado por uma águia de duas cabeças o cetro da Rússia e da Prússia, assim como o de Napoleão.

Outros eram encimados por uma cruz, ou corôa real (Baden).

O cetro de Dagoberto, e segundo um documento existente em forma do selo que se encontra na Biblioteca Nacional de Paris, era formado por uma delgada haste com vários ramos.

Também no Museu do Louvre se encontra o cetro de Carlos V. Tem a própria efígie do rei. Na Dinamarca o cetro confundia-se com o globo.

Com o decorrer dos tempos, o cetro acaba por figurar apenas como símbolo, em cerimónias de coração e várias solenidades litúrgicas.

BOLINHAS DE VIDRO

UM dia certo fabricante americano de artigos de vidro recebeu um pedido da África do Sul, para remessa urgente, por via aérea, de cem mil bolinhas de vidro, transparentes com listras tricolores. Tinha surgido uma situação difícil no interior do Continente negro: alguns nativos em guerra tinham se apoderado do dinheiro de uma Província, dinheiro que eram... bolinhas. E o novo embarque era indispensável para substituir o antigo meio de intercâmbio.

As bolinhas fabricadas em Virginia fizeram um deputado ganhar a eleição em 1948. Na crença de que o eleitorado, já cansado de que os candidatos tratassem de conquistá-los beijando as crianças, o homenzinho idealizou o sistema de distribuir caixas de bolinhas de vidro com seu nome impresso. Seu nome se fez popular em todos os distritos e o povo se aproximou das tribunas para ouvir seus discursos, querendo cada qual ganhar mais bolinhas para seus filhos. Assim o candidato foi eleito deputado.

Aproximadamente duzentos milhões de bolinhas de vidro sáem das máquinas das cinco fábricas que existem em Clarksburg. E, entretanto, até 1914 era a Alemanha que produzia maior número delas. Quando a primeira guerra mundial interrompeu a produção alemã os norteamericanos criaram sua própria indústria e logo dominaram o mercado. A procura de bolinhas de vidro está em constante aumento, pois elas são empregadas para os fins mais diversos.

Durante a última guerra aperfeiçoaram-se as máquinas para sua fabricação e se obtiveram bolas tão perfeitas que foi possível empregá-las para substituir as bolinhas de aço, nas "corôas de esfera".

Toneladas de bolas de vidro vão hoje para as oficinas de gravura e litografia, onde são empregadas para pulir a superfície da chapa de cobre de impressão. Para êsse fim se fabricam bolinhas especiais, que resistem perfeitamente à ação do pulimento.

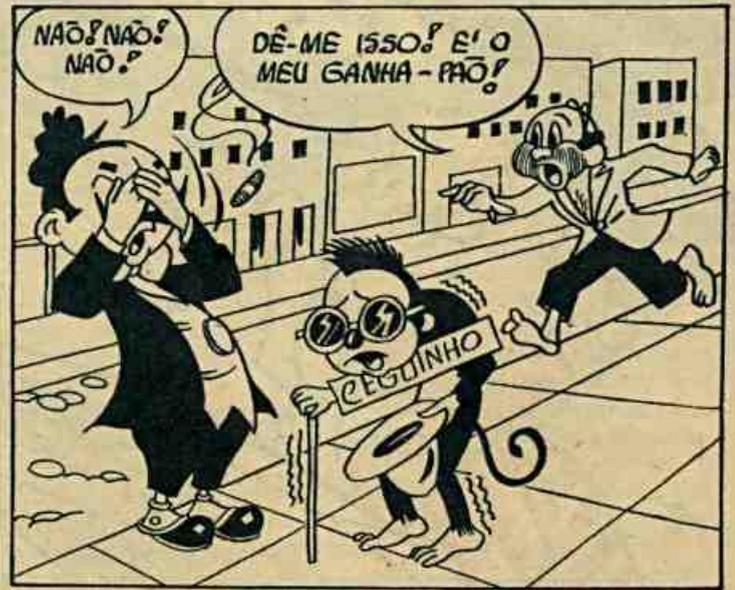
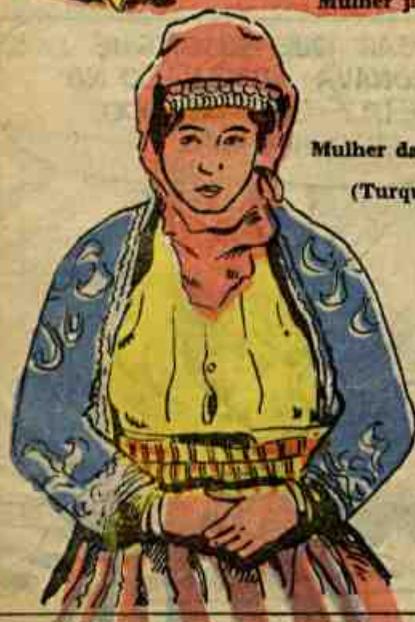
Quem viaja através dos Estados Unidos, não pode deixar de observar os avisos que existem ao longo das estradas. As palavras indicadoras dos letreiros são feitas com bolinhas de vidro que refletem a luz dos faróis dos automóveis a grande distância.

Alguns criadores de peixe costumam colocar bolinhas de vidro nos seus aquários, afirmando que desta forma se obtêm melhores resultados durante a desova.

As grandes fábricas de papel empregam bolinhas de vidro para certo processo de preparação da massa de que o papel é feito.

Nos campos petrolíferos do Texas, todas as refinarias empregam essas mesmas bolinhas como filtros e condensadores. E é uso em certos países, por ocasião dos enterramentos, jogarem uma duzia ou mais, de bolinhas de vidro, no interior da cripta, para sôbre elas deslisar mais fàcilmente o ataúde, até alcançar o lugar que lhe é destinado.

a delicia das CRIANÇAS
GOIABADA
marca PEIXE
UM DOCE SABOROSO E DE ALTO VALOR NUTRITIVO
CARLOS DE BRITO & CIA.-Fabricas em Recife-Bezerros-Arcelas-Pesqueira-Rio-S. Paulo

JOÃO CHARUTO

e o macaquinho endiabrado

TIPOS ASIÁTICOS
Monge do Tibet
Músico do Afganistão
Coolie (Japão)
Camponês da China
Mulher japonesa
Pastor da Palestina
Mulher da Anatolia
(Turquia)
Mulher Kirguize

Dansarino do Sião
Chefe árabe
Mulher da India
Mulher siria
Mulher da Mongolia
Montanhesa de Burma
Coreano em traje de festa
Persas tomando chá.

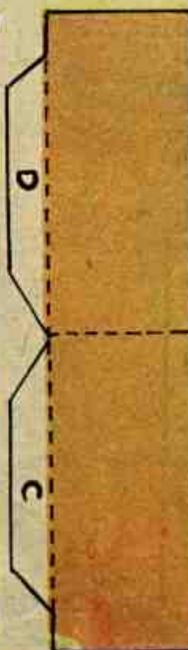
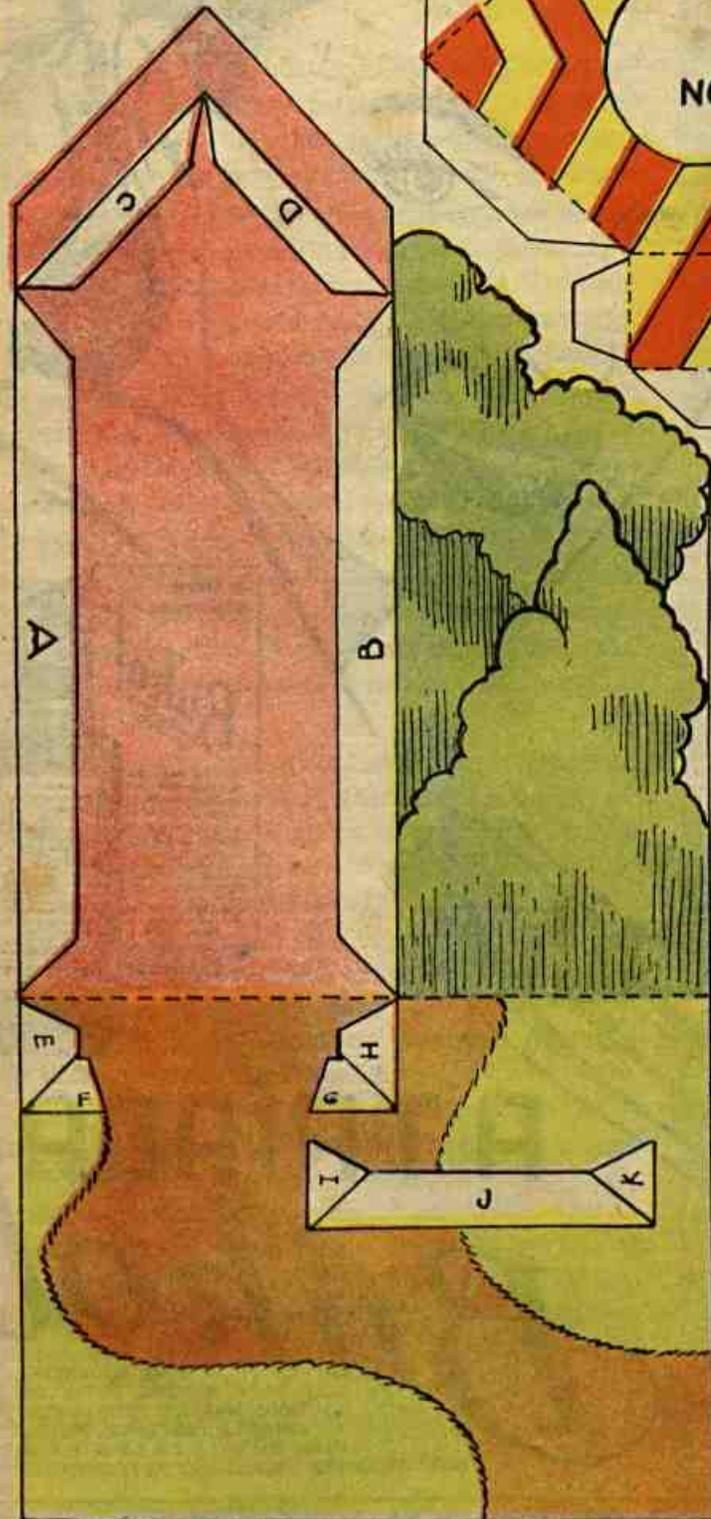
A descoberta do túmulo de TUT-ANK-AMON

O leitor certamente já ouviu falar da história de um arqueólogo que, após abrir o túmulo de um faraó egípcio, foi mordido por um inseto venenoso e morreu como que castigado. Pois bem, esta tolice tem sido repetida por muitos e diz respeito à descoberta da sepultura de Tut-ank-Amon. Tal fato não sucedeu e é mera invencionice.

Vamos contar aqui como Howard Carter, notável arqueólogo, desenterrou a múmia do faraó Tut-ank-Amon. Em 1923, a expedição chefiada por Carter e enviada ao chamado vale dos Faraós, após remover 70.000 toneladas de areia de um dos cantos do já conhecido túmulo de Ramsés VI, atingiu uma ante-sala do jazigo de Tut-ank-Amon. Nesta ante-sala foram achadas cadeiras, vasos, um trôno, etc., sendo tais peças ricamente ornamentadas. Na sala seguinte encontraram o sarcófago do faraó, constituido de três caixões, um dentro do outro. Rica máscara de ouro cobria a cabeça da múmia. Todo o material retirado deste sepúlcro, acha-se no Museu do Cáiro. O sarcófago continúa no seu local de origem, para onde foi levado, novamente, após as devidas investigações arqueológicas. O exame da múmia demonstrou tratar-se de um jovem, morto à idade de, no máximo, 18 anos.

Tut-ank-Amon ou Tut-ank-Amen significa: "Imagem viva de Amon". (Amon era uma das divindades egípcias). Êste faraó era genro do seu antecessor Ikhnaton, casado com a 3.ª filha deste, denominada Enkhosnamon, que significa: "Ela vive por Amon". Seu sogro, Ikhnaton, tentara reformar a religião nacional, substituindo a velha crença egípcia pelo culto monoteísta de Aton. A morte de Ikhnaton favoreceu a reação da classe sacerdotal, a qual forçou o novo faraó, Tut-ank-Amon, (bem jovem ainda), a aceitar a restauração da antiga religião. Êle reinou 6 anos numa época de agitação e anarquia, Sua sepultura foi assaltada logo após a sua morte, mas os ladrões foram apanhados e todos os pertences recolocados. A êste fato devemos o achado do túmulo em estado intacto. Quase todos os demais sepúlcros de faraós, têm sido achados pelo menos parcialmente violados por ladrões que viveram milhares de anos antes de nós e cuja especialidade era o arrombamento de sepulturas.

LUIZ FELIPPE

PARA RECORTAR E ARMAR.
COLAR TODAS AS PEÇAS EM CARTOLINA. DOBRAR EM TODAS AS PARTES PONTILHADAS.
COLAR AS PEÇAS NOS LUGARES CORRESPONDENTES.
B
H
G
F
E
A
C
D
A
B
E
F
H
G
I
J
K
D
C
I
J
K
CALOMBRERO.

A parte da abóbada celeste situada bem acima da cabeça do observador, chama-se zenite. O oposto chama-se nadir, e é a parte da abóbada celeste situada do outro lado da Terra, bem por baixo dos pés do observador.

●

Odres eram bolsas feitas de couro de cabra ou carneiro, que antigamente serviam para guardar liquidos, principalmente vinho e azeite.

●

A palavra trevo deriva de "trifolium", que quer dizer "três fôlhas". Assim, quando dizemos trêvo de quatro fôlhas, estamos dizendo "três fôlhas de quatro fôlhas", o que não deixa de ser engraçado...

●

A uva em estado fresco tem propriedades laxativas e refrescantes.

●

Antigamente a primeira nota chamava-se "ut", nome que foi substituido por "dó", mais eufônico, isto é, que sôa melhor. Na França ainda se usa a forma antiga, empregando-se o "dó" nos solfejos.

●

O nome dado às planicies de grande fertilidade, é varzea. No Rio Grande do Sul há um rio com esse nome.

●

Ladrido é o nome que se dá à voz do cão, que é também conhecida como latido ou ladro.

●

A semelhança de forma, que indica o parentesco entre duas especies animais, chama-se "homofilia". Não confundir com "hemofilia", que é uma doença do sangue.

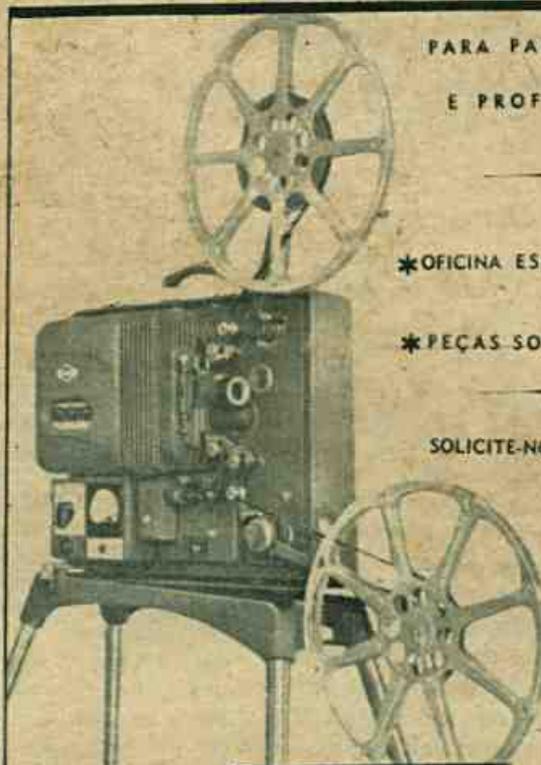
●

Os espinhos pequenos não são chamados de espinhosinhos. Êles têm um nome especial, que é espinula.

●

As radiações emitidas pelos corpos radioativos podem se tornar visiveis, graças ao emprêgo de um aparêlho chamado "espintariscopio", idelisado pelo fisico Croockes, e que, por isso, tem o seu nome.

●

Já ouviram falar em "espirito de vinho"? Sabem o que é? Pois não é outra coisa, senão o alcool comum, cujo nome quimico é alcool etilico, ou etanol.

VEJA SE SABE QUAL E'...

A PALAVRA QUE DEFINE .... 1 { uma fruta / parte da roupa / acessório do candeeiro

A PALAVRA QUE DEFINE .... 2 { utensílio escolar / sentimento humano / ornamento do corpo da ave

A PALAVRA QUE DEFINE .... 3 { um sinal diminuto / um lugar / parte de uma costura

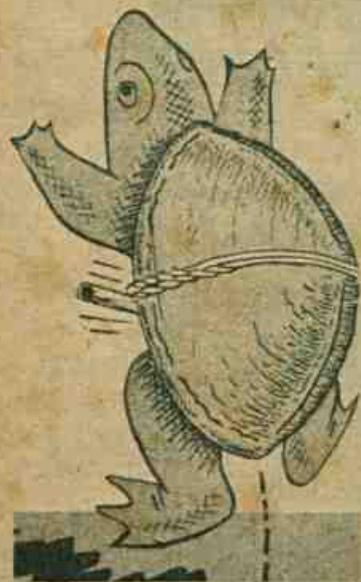
A PALAVRA QUE DEFINE .... 4 { uma ação / um edifício em construção / uma produção literária ou de arte

A PALAVRA QUE DEFINE .... 5 { a parte inferior do pé / um desenho de arquitetura / sêr vivo do reino vegetal.

(Respostas na página 140)

A RÃ SALTADEIRA

Este ano as nozes estão tão caras que além de servir para comer, devem, para compensar o seu preço, servir também para outra coisa qualquer. Para a gente brincar, por exemplo.

Aproveitando uma casca das grandes, a gente a pinta de verde e, em uma cartolina da mesma côr, recorta e desenha uma rã, em tamanho proporcional ao da casca. Passa-se um elástico, ou linha de coser, com um pausinho como indica a fig. de

cima, e enrola-se várias vezes. Cuidadosamente, sem deixar a "armadilha" desenrolar, coloca-se a rã no ponto desejado. Aí, então, a bichinha sairá dando saltos e saltos, até que o fio ou elástico se desenrole completamente.

Há plantas que "dormem", quando anoitece. Suas folhas, à noite, tomam posição diferente da que têm de dia.

A sensitiva é uma dessas plantas.

O "sôno das plantas" obedece a várias causas, entre as quais uma das mais importantes é a luz.

●

Certa vez, num rio, um marinheiro divertia-se a nadar. Pertencia ao brigue chamado "Cacique", sob o comando do tenente Marques, o futuro Tamandaré, patrono de nossa gloriosa Marinha. De repente, surge das águas uma sucurí, e ataca o marinheiro. O tenente Marques não vacila: atira-se à água e mata o monstro, salvando, assim, o seu inferior!

●

A difteria, há alguns anos, quase sempre era fatal entre as crianças, mas graças ao sôro antidiftérico, descoberto por Behring e Roux, tem deixado de constituir um perigo para a infância.

●

Muitas pessoas confundem o significado das palavras derreter e dissolver. Derreter é liquefazer uma coisa sólida, por meio de calor, a manteiga, por exemplo. Dissolver é separar as partículas ou moléculas de um corpo endurecido, por meio de um líquido. Por exemplo, o sal, o açúcar, etc.

DÔCE ILUSÃO

— Aqui estamos em paz . . . Não corremos perigo nenhum . . . Isto é que é lugar para piquenique ! !

CIÊNCIA . . .

A vida americana está cheia de ciência, muita ciência. Ora vejam, por exemplo, esta página arrancada do "diário" íntimo de um americano.

"Segundo as aquisições mais modernas da Ciência americana, nas últimas vinte e quadro horas: — o meu coração bateu 103.339 vezes; respirei 23.040 vezes, inalando 12.400 decímetros cúbicos de ar; o meu sangue percorreu 270 milhões de quilômetros; gerei 460 toneladas de energia; produzi 85,6 graus de calor; transpirei 11,3 decilitros; comi quilo e meio de alimentos; bebi 1 quilo 300 de líquidos; proferi 4.800 palavras; dei trabalho a 7 milhões de células do cérebro; as minhas unhas cresceram 0,0011684 de milímetro; o meu cabelo cresceu, 0,43536 de milímetro; pus em movimento 750 dos músculos mais importantes.

Ora, depois de tudo isto, ninguém pode ter dúvida de que estou exausto.

Hoje ainda não fiz nada, mas já não trabalho mais . . . "

* * *

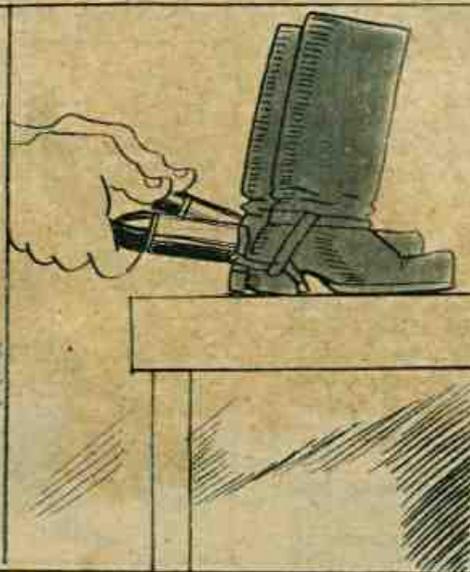
A lâmpada elétrica foi inventada por Tomaz Alva Edison.

* * *

Um dos animais mais fortes em relação ao seu tamanho é o escaravelho. Este inseto pode carregar uma carga 850 vezes maior do que o seu próprio peso.

São Cosme e São Damião eram irmãos. Nasceram na Arábia. Foram médicos e fizeram curas milagrosas. Sua festa é celebrada em 27 de Setembro.

AVENTURAS DE ZÉ MACACO

Zé Macaco, o homem dos mil inventos que acabam em... vento, a fim de dar utilidade a umas velhas...

...botas, idealizou uma coisa sensacional: as botas-foguete. Nos calcanhares das ditas adaptou potentes

... foguetes e, assim preparado, despediu-se de Faustina e se lançou à grande aventura, com os seus esporões atômicos.

Acendeu o primeiro e logo ficou com vontade de correr. Ao acender o segundo, saiu ventando...

... pela porta a fóra, deixando atrás de si uma fumaceira danada, que mais parecia, mal comparando, o não-sei-que-diga...

... (Sabem quem é?). E lá se foi êle, como se viajasse num tapete voador, das histórias de fadas...

... Entretanto, a fôrça de propulsão dos foguetes foi diminuindo, e êle acabou por vir... aterrissar em frente a um bonde. O motorneiro levou um susto... do tamanho do seu bonde, e botou a bôca no mundo!

E Zé Macaco acabou tomando chá de fôlha de laranjeira, pois nunca ficára tão nervoso em sua vida!

— *Mas... será possível? Até esta êles querem levar?*

Todos os soldados do antigo regimento de Patrícios usavam cabelos compridos amarrados formando um rabicho.

●

As águas do lago Titicaca não são muito salgadas e nelas abundam peixes.

●

As dunas são montes de areia que mudam de lugar impelidas pelo vento.

●

A batata, planta americana, só foi conhecida na Europa em 1500.

●

O aipo foi usado inicialmente para fins medicinais.

●

Um bom esquiador pode alcançar uma velocidade de sessenta quilômetros por hora.

●

Os vertebrados dividem-se em cinco classes. As três primeiras, de sangue frio, são: peixes, que sub-dividem em 15 mil espécies; anfíbios com 1.500 espécies; e os répteis com 3.500 espécies. Os de sangue quente são os pássaros, que compreendem 13 mil espécies e os mamíferos — homem, cavalo, macaco, gato, cão etc — com 3.500 espécies.

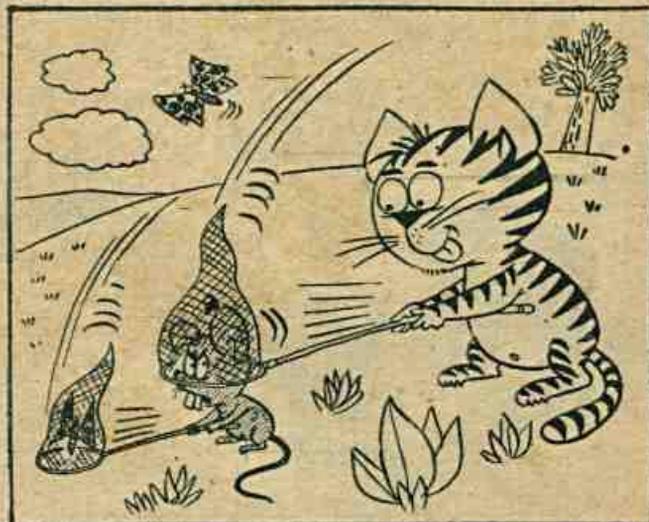
●

No templo de Santa Sofia (Constantinopla, Turquia), há uma pequena porta pela qual, de acôrdo com a tradição, saiu o sacerdote que dizia missa quando a cidade foi tomada pelos turcos, em 1453.

Essa porta foi fechada e só se descerrará para dar ingresso a um sacerdote no dia em que o templo volte a ser católico.

●

Aos antigos piratas escandinavos era dado o nome de vikings.

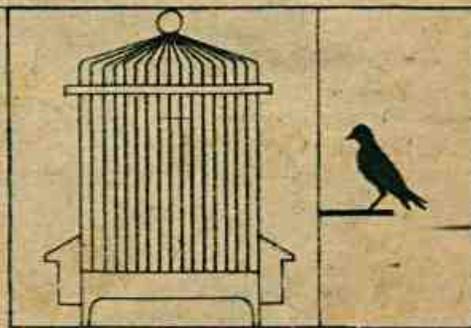
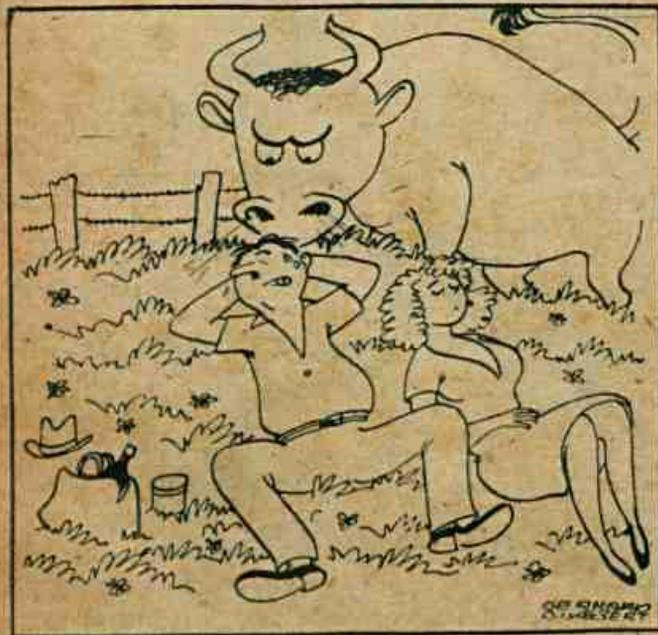
FUGIU DO COMBINADO!

— *Que história é essa? O combinado foi caçar borboletas! Bor-bo-le-tas!!*

UM homem, guiando seu auto, atropelou outro que ia a pé.

Na Delegacia começou a discussão.

— A culpa é dele, sêo delegado — dizia o dono do veículo. — Eu, há 15 anos guio automóvel e nunca atropelei ninguém!

— Quinze anos? Pois olhe — interrompeu a vítima — eu há 40 anos ando a pé e nunca fui atropelado! Tenho muito mais tempo e muito mais prática! A culpa é sua, sim!!

PASSARINHO BEM COMPORTADO

Apanhe um cartão de visita, ou um pedaço de cartolina e coloque com a borda sobre aquela linha vertical, de modo que fique perpendicular à figura, à superfície do papel. Olhe para o passarinho e vá aproximando o rosto do cartão, sem desviar a vista, até tocar a ponta do nariz na outra aresta do cartão. Verá o pássaro entrar na gaiola.

— *Verão danado!! Até o vento está quente!!*

UM TERNO LISTRADO

Quanto pode uma gôta

Dobre ao meio um palito e, depois de o colocar sôbre a bôca de uma garrafa, como na figura,

coloque sôbre êle uma pequena moeda, de 10 centavos, por exemplo.

Aposte então com alguém como, sem tocar na moeda nem no palito, e muito menos na garrafa, conseguirá que a moeda vá para o fundo desta.

Como ? Facílimo !

Com a mão molhada, deixe cair, como na figura, uma gota de água exatamente na dobra do palito. Aos poucos, lentamente, êle se virá destendendo até se abrir de todo o ângulo, e a moeda irá para o fundo da garrafa, como você prometeu.

O INVENTO DA SEDA

Foi o químico francês François Bergniand de Chardonnet quem inventou a seda artificial.

O seu processo era êste: empregar a nitro-celulose sob a forma de um colódio, passando sob pressão numa fieira de ágata.

Todos os variados processos conhecidos até hoje derivam do de Chardonnet e têm igualmente a sua origem na celulose.

Êste químico nasceu em Besançon, e faleceu em Paris em 1824.

A LUA
ESPELHO DA TERRA

Todos os fenômenos que se passam na Lua são já nossos conhecidos de há muito, pois antes de os cientistas penetrarem com a sua sonda de mistérios do astro enigmático, já os poetas lhe acenavam de cá celebrando a triste formosura do nosso pálido e silencioso satélite.

Assim, todos conhecem as regiões ideais naquele mundo de eterna quietude, que podem corresponder a determinados estados de alma ou aos nossos anseios de evasão deste planeta inquieto, cheios de ilusões, como por exemplo: o Mar da Serenidade, o Lago dos Sonhos, a Peninsula das Meditações, etc.

No entanto, ainda se observam ali alguns casos estranhos, por pouco divulgados, que causam angustiosas apreensões naquelas paragens da Terra, onde à luz da ciência ainda não fez evaporar a superstição calamitosa.

Um dêsses fenômenos, que ainda não há muito encheu de pânico as populações do Oeste americano, é a luz de côr amarelo-esverdeado, sem brilho, que a Lua, por vezes, ostenta.

Sucede isso, em certas ocasiões, quando ela passa sôbre o hemisfério ocidental e na sua superficie se refrange à luz verde projetada das vastas selvas tropicais da América.

Afinal, o pânico que vem da Lua não é mais do que o reflexo da própria Terra...

GRANDE INVENTO!

— E' invento meu . . . Assim se toma o autêntico banho de chuva . . . quando chove à hora do banho.

LEIA AQUI A CONCLUSÃO DE...

OS CANÁRIOS

(Ver a página 95)

atraz da minha cadeira. Com cuidado... muito cuidado ! Não levantes a tampa se não êles podem fugir...

Jorginho logo compreendeu e, cheio de alegria, beijou o avô e disse:

— Obrigado, vovôzinho ! O senhor é o melhor dos avós ! Agradeço-lhe por mim e por êles ! Nunca mais farei o que fiz !

Depois, o menino levantou um pouquinho a tampa da caixa, olhou com ternura para os pássaros e foi com alegria que viu o ancião recolocar os canários na gaiola.

NO MESMO LUGAR

Um capitão interroga um aspirante de marinha, a quem procura atrapalhar:

— Se rebentar um temporal a bombordo, o que é que o snr. faz ?

— Lanço uma âncora.

— E se rebentar outro temporal pela prôa ?

— Lanço outra âncora.

— Espere lá — atalhou o capitão — Onde é que o snr. vai buscar tanta âncora ?

— No mesmo lugar, capitão, onde o snr. vai buscar tanto temporal !

OS CHINESES USAM TUDO AO CONTRÁRIO

*** Nós usamos calças e as mulheres tranças; os chineses usam tranças, as mulheres calças. Nas datas, escrevemos primeiro o dia, depois o mês e o ano; os chineses usam o ano, a seguir o mês e o dia. O vinho apreciamo-lo bem gelado; os chineses bebem-no quente. Nós tiramos o chapéu em sinal de respeito; os chineses, pelo contrário, põem-no. As linhas dos livros chineses lêem-se de baixo para cima e da esquerda para a direita e a primeira fôlha do livro chinês corresponde à nossa última.

NO TEMPO DOS FARAÓS...

Podemos bem acreditar que a cirurgia já existia entre os egípcios, nesses remotos tempos, não obstante os papiros que se referem à medicina, nada mencionarem.

Nas clínicas que funcionavam nos templos, os sacerdotes praticavam operações, pois que como prova disso, mais tarde, foram encontrados, entre as ruínas das igrejas, vários aparêlhos de cirúrgia.

Alguns desses aparêlhos, descobertos por arqueólogos nos túmulos de Tebas, supõem-se que pertençam à idade do bronze, remontando a ... 1500 anos antes de Cristo.

Os que se dedicam ao estudo das múmias, têm procurado febrilmente dados sôbre essas operações cirúrgicas, feitas pelos médicos do antigo Egito.

Porém, pouco têm adiantado, além de fraturas na caixa craniana perfeitamente soldadas, atribuindo-se estas fraturas a golpes de espada.

No cemitério de Beni Hassan, que remonta a 3000 anos antes de Cristo ainda hoje se observa um baixo-relêvo em que está toscamente desenhada uma figura de médico, ajoelhado, debruçando-se sôbre outra figura de cabeça volumosa, parecendo empanada.

Certo é pois que, já no tempo dos faraós, as operações eram uma realidade.

A origem do "Jazz-band"

O terno jaz ou jazz-band aplica-se universalmente a grupos orquestrais cujos instrumentos principais, especialmente a bateria, são de criação moderna.

Parece que o jazz teve a sua origem em Chicago no decorrer da 1ª grande guerra, no Café Schiller.

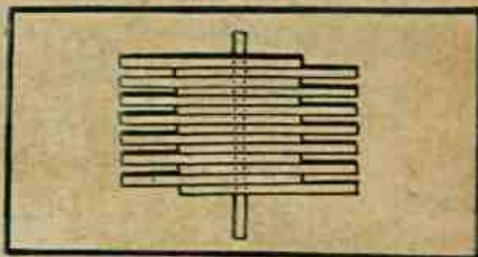
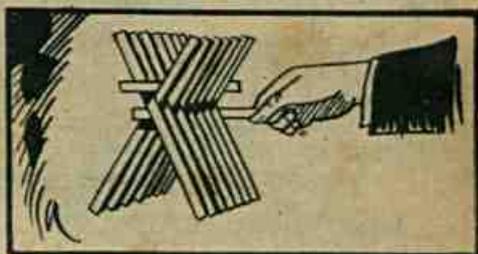
Havia ali um negro que tocava diversos instrumentos interpretando trechos musicais que não tinham sido escritos especialmente para tal conjunto.

Sucedia muitas vezes os frequentadores oferecerem ao negro várias bebidas em voltas seguidas. Então o homem ficava frenético e dava largas à sua fantasia batendo quase que ao mesmo tempo nos seus diversos instrumentos sem ritmo, nem cadência.

Os frequentadores manifestavam grande entusiasmo e encorajavam o executante, chamando-o pelo seu primeiro nome Jazbo.

O diminutivo de Jazbo cedo se transformou em Jazz, que passou a ser a palavra empregada para designar as orquestras do tipo bem conhecido de todos nós.

A música de jazz tem sofrido ultimamente minuciosa evolução, mas isso já é outra história.

QUINZE A UM

Será possível levantar quinze palitos ou fósforos (sem as cabeças), com o auxílio de um fósforo, apenas? Claro que sim. Depende só de paciência para achar a posição de equilíbrio necessária à proeza.

Coloca-se um fósforo por baixo e 14 da maneira como indica a figura de cima. Depois, o 15.º vai colocado por cima do fósforo suporte, paralelo a êle.

Pegando-se nêste, como na figura, (e achado, por tentativas, o ponto de equilíbrio) a mágica está realizada.

— Ah! Vão para Vitória? Então, não me serve... Eu estava indo para Santos, quando naufragámos!

MARÉ VASIA

O vapor fluvial tentava abrir caminho por entre o baixo de areia. Os motores resfolegavam, as rodas de pás andavam dificilmente, e a respiração parou de todos os homens da tripulação, à medida que o barco ia avançando decimetro a decimetro por cima do baixo.

E, assim, pouco a pouco, o perigo estava quase passado e o barco safo...

Um solitário que vivia numa choupana junto à margem escolheu este momento para descer à margem a buscar um balde de água. Quando já ia de volta com o balde a transbordar, o capitão do vapor reparou no que êle tinha ido fazer.

— Eh! — gritou o comandante, irritado — Ponha, já essa água onde estava!!

AQUI ESTÃO AS SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS INTITULADOS ...

QUANTO ANDOU O CACHORRINHO ?

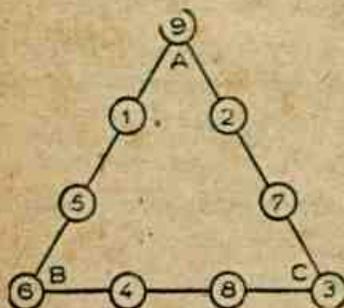
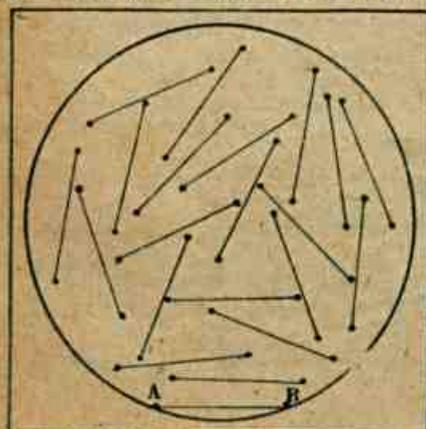
Andou 60 quilômetros. Com efeito, depois de quatro horas de marcha foi que o marido encontrou a mulher (4 x 4 + 8 = 6 x 4). Como o cachorrinho não parou durante todo o tempo, cobriu em idas e vindas 15 x 4 ou seja 60 quilômetros.

PERGUNTAS DE BRINQUEDO

O baralho * O peixe * O Globo ocular * A pergunta é: "— Você está dormindo?". Porque se a pessoa responder afirmativamente, está acordada. Dormindo, ninguém fala... * São Benvindo.

PERGUNTAS A SÉRIO

* A serpente, porque não tem pálpebras. * Monsieur de Villeray, da Academia Francesa, em 1680. * Do livro "O rei se diverte" de Victor Hugo. * Santo Tomás de Aquino. * De couro de castor, ou de *petit-gris*, que em francês se chama *vair*. A pronúncia *vér*, parecida com a de *verre*, que é vidro, tem feito com que se estabeleça confusão, dizendo que o sapatinho era de vidro, mas isto é êrro.

O TRIÂNGULO MISTERIOSO

DE LINHA EM LINHA...

VOCÊ É FORTE EM CIÊNCIAS?

— Não. O camelo tem duas. Quem tem uma é o dromedário.

2 — Não. Viveu na época quaternária.

3 — Não. E' um "desdentado". Apanha as formigas introduzindo a língua, que é longa, no formigueiro.

4 — Sim. Tal como a esponja.

5 — Não. Nem nunca podem dobrar o joelho.

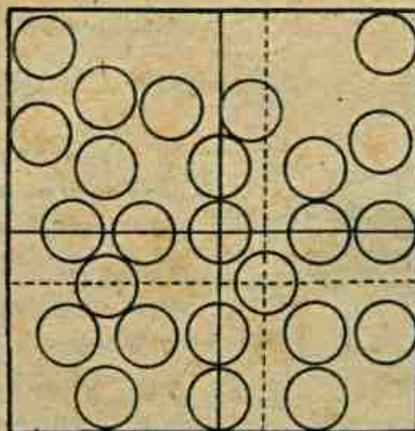
6 — Sim. Contém.

7 — Não. E' um mamífero cetáceo, como a baleia.

8 — Sim. E' um músculo.

9 — Não. E' o maxilar inferior, o que chamamos "queixo".

10 — Sim. Há o mercúrio.

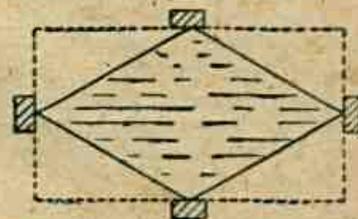
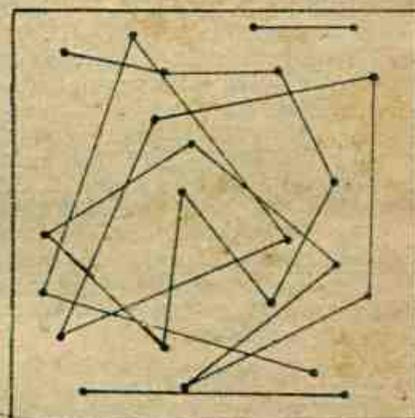
COMO DOBRAR?

Dobrar pelas linhas cheias do centro, para dentro, e rebater a dobra sôbre a linha pontilhada.

O SAPO

Demora 7 dias. Avança 1 m. por dia, pois sobe 3 e desce 2. Na última vez não retrocede, pois não resvala. Sobe, portanto, nêsse dia, 3 metros integrais.

VEJA SE SABE QUAL É ...

1 — Manga; 2 — Pena; 3 — Ponto; 4 — Obra; 5 — Planta.

O PROPRIETÁRIO EMBARAÇADO

ESTE É DIFERENTE

AS BOLINHAS

Tia Zuzú tem 5 sobrinhas. A maior deu à menor 2 a mais, isto é, dividiu com as outras apenas 16 (18-2). Cada uma recebeu mais 4, (ficando com 22) e se as 16 foram dividas entre quatro, e existe mais a sobrinha maior, são 5 as sobrinhas...

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

PREÇO Cr$ 20,00

(46.° ano de publicação)

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DA S. /A. "O MALHO"

Diretor

Antonio A. de Souza e Silva

Rua Senador Dantas, 15

5.° andar

Tel. 22-9675

RIO DE JANEIRO

MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA NOVA FASE • MODA E BORDADO EM SUA
DE Paris PARA VOCÊ...
modelos de vestidos
sugestivos
fascinantes
muito elegantes!
criados pelos mais famosos figurinistas parisienses
COM EXCLUSIVIDADE!
MODA e BORDADO
Simples e prático
MODA e BORDADO
UMA PUBLICAÇÃO DA S. A. O MALHO
RUA SEN. DANTAS, 15 - 5.º ANDAR
Rio de Janeiro
e ainda
conselhos de beleza
receitas culinarias
decorações
e muitas outras
seções uteis!
A REVISTA QUE É UM FIGURINO... O FIGURINO QUE É UMA REVISTA!
A VENDA EM TODAS AS AGENCIAS DE REVISTAS E JORNALEIROS.

TIQUINHO

UMA revista tôda colorida, bonita, alegre, atraente! Lindas páginas cuidadosamente escolhidas para encanto de seu filhinho. Cada número contém 32 páginas em ótimo papel! "TIQUINHO", a revista que é a alegria dos "tiquinhos de gente", circula nos dias 15 de cada mês!

PREÇO DO EXEMPLAR: CR$ 4,00
ASSINATURA: 12 MESES, CR$ 50,00.

CIRANDINHA

AS MENINAS AGORA TÊM A "SUA REVISTA!" Em suas páginas encantadoras "CIRANDINHA", a amiga preferida das meninas na idade em que começam a se interessar por tudo que constitui assuntos estritamente feminino, oferece poesias e contos, ensinamentos e receitas, jogos e brinquedos de armar, canções, curiosidades, modêlos de vestidos e bordados, religião, conselhos, humorismo. Revista mensal totalmente colorida!
EDUCA, DIVERTE, ENSINA!

PREÇO DO EXEMPLAR: CR$ 4,00. — ASSINATURA: 12 MESES CR$ 50,00.

Para as assinaturas das Revistas o pagamento é feito adiantadamente por meio de cheque, vale postal ou registrado com valor declarado. Para os Albuns não aceitamos assinaturas. S. A. "O MALHO" RUA SENADOR DANTAS N.º 15 5.º ANDAR —— RIO DE JANEIRO —— D. FEDERAL

Gráfica Pimenta de Mello Ltda. — RIO.